

IRENE DE ARAÚJO MACHADO

MEMORIAL CIRCUNSTANCIADO

Apresentado à Banca Examinadora do Concurso para Provimento Efetivo de um Cargo de Professor-Doutor junto ao Departamento de Comunicações e Artes, na Área de "Comunicação e Linguagem (Língua Portuguesa, Redação e Expressão I,II e III)".

Universidade de São Paulo

São Paulo
2005



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA**

São Paulo, 20 de janeiro de 2005.

À Banca Examinadora do Departamento de Comunicação e Artes,
Área de Comunicação e Linguagem,
ECA-USP.

Prezados Professores,

O presente Memorial foi especialmente elaborado para reunir documentos comprobatórios de minha produção acadêmica e atividade docente, conforme orientação do Edital n. 52/2004/ECA, publicado no “Diário Oficial do Estado de São Paulo” de 01 de dezembro de 2004, para fins de inscrição ao Concurso para Provimento Efetivo de um Cargo de Professor-Doutor junto ao Departamento de Comunicação e Artes, na Área de “Comunicação e Linguagem (Língua Portuguesa, Redação e Expressão I, II e III”.

Nesse sentido, o memorial apresenta cópias dos documentos referentes à titulação acadêmica, atividades de pesquisa e vínculo empregatício atual. No que concerne à produção, foram adotados os seguintes procedimentos. Foram realizadas cópias das capas de livros, da ficha catalográfica e dados editoriais. Quanto aos artigos de revistas e capítulos de livros, além das capas e registros, foram copiados também os sumários. A mesma estratégia foi adotada com relação às demais publicações.

A opção por apresentar o Currículo Lattes foi realizada para evitar o acúmulo de cópias no que se refere a certificados, sobretudo porque a maioria dos trabalhos apresentados em congressos, cursos e palestras foram transformados em publicação. O mesmo tem acontecido com as publicações em meio digital. O memorial não referencia, contudo, as publicações no prelo.

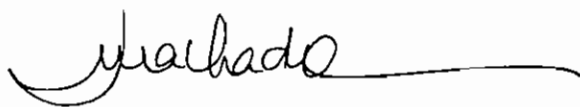
Como se trata de um memorial destinado a um concurso para exercício docente, reservou-se um espaço privilegiado para os

programas dos cursos e disciplinas ministrados ao longo de minha carreira docente, iniciada no ensino médio.

Devido à diversidade dos documentos aqui reunidos, sobretudo para apresentar as cópias diretamente dos originais, tive de numerar as páginas com números manuscritos.

Na esperança de ter encaminhado satisfatoriamente os materiais para análise e julgamento, coloco-me à disposição da Banca Examinadora para quaisquer esclarecimentos.

No aguardo da avaliação e, possivelmente, das etapas ulteriores do concurso, apresento meus cordiais cumprimentos.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Machado', with a long horizontal flourish extending to the right.

Irene de Araújo Machado

Sumário

Parte I – Produção Acadêmica	3
Apresentação	4
1. Diploma de Doutorado.....	5
2. Certificado de Defesa.....	6
3. Histórico Escolar.....	7
4. Diploma de Mestre.....	8
5. Reconhecimento do Título pela USP.....	9
6. Histórico Escolar.....	10
7. Contrato de Trabalho como Professora Assistente-Doutor na PUC-SP.....	11
8. Comprovante da Coordenação do NP Semiótica da Comunicação na Intercom.....	12
9. Comprovante da criação do Projeto Editorial e Editoria Científica de <i>Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura</i>	13
10. Comprovante do registro do Grupo de Pesquisa no CNPq.....	27
11. Comprovante do Projeto de Pesquisa na Incubadora da Fapesp.....	28
Currículo Lattes – CNPq	30
1. Livros publicados.....	48
2. Capítulos publicados em livros.....	54
3. Artigos publicados em revistas científicas.....	73
4. Resenhas de livros.....	99
5. Artigos de divulgação, apresentação etc.....	103
6. Fascículo e suplemento didático.....	118
7. Traduções autorizadas.....	123
Parte II – Percurso da Carreira Docente	127
Principais Etapas da Carreira Docente	128
1. Em Curso de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> (PUC e USP).....	128
2. Em Curso de Pós-Graduação <i>Lato Sensu</i> (UNIP e PUC-COGEAE).....	128
3. Em Cursos de Graduação.....	129
4. Em Oficinas	129
5. Em Curso de Educação à Distância	130
6. Ensino Médio.....	131

Programas de Cursos Ministrados em Pós-Graduação.....132

PEPG em Comunicação e Semiótica – PUC-SP.....133

1. Disciplina: Semiótica da Cultura, Semiosfera e o campo conceitual da semiótica da cultura 133
2. Disciplina de Doutorado: *Design* da Comunicação: quando gêneros e formatos são a mensagem..... 136
3. Disciplina: Semiótica da cultura..... 141
4. Disciplina: Elaboração de Projetos..... 145
5. Seminário de Pesquisa Avançada: Transdisciplinaridade e as conexões semióticas possíveis 149
6. Disciplina: Semiótica da cultura: a perspectiva da semiótica sistêmica 157
7. Seminário de Pesquisa Aplicada: Gêneros na comunicação impressa, audiovisual e eletrônico-digital 161
8. Disciplina: Códigos e gestões culturais 164

PPG em Lingüística – USP167

1. Disciplina: A análise do discurso e a teoria do texto segundo M. Bakhtin 167

Programas de Cursos Ministrados em Graduação.....170

1. Língua Portuguesa para Curso de Comunicação Social (UNIP) 171
2. Língua Portuguesa para o Curso de Letras (UNIP) 174
3. Literatura Portuguesa para o curso de Letras (UNIP) 185

Programas de Cursos Ministrados em Especialização e Formação de Docentes 201

1. Curso de Especialização em Literatura – PUC/COGEAE 202
2. Curso de Especialização e Formação de Docentes – IPBA 207
3. Centro de Estudos da Escola da Vila – Formação de Professores de Primeiro Grau 212
4. Curso de Aperfeiçoamento para Docentes de Segundo Grau (ETFRN) 216
5. Curso de Aperfeiçoamento para Docentes do Curso de Letras (UFMT) 218
6. Interpretação e produção de texto: o texto filosófico (Seminário Provincial Sagrado Coração)
7. Oficina: Texto e textualidade (Secretaria Municipal de São Paulo)..... 220
8. Oficina de triação literária: textos e escritas na comunicação (Secretaria Municipal de São Paulo)221
9. Diálogos Primeiros Passos: Documentos Oficiais (Secretaria Municipal de São Paulo)..... 222

Produção Acadêmica

.....Apresentação

Irene de Araújo Machado

irenemac@uol.com.br

Rua Bergamota, 190, apto. 21-B, Alto de Pinheiros,

05468-000 – São Paulo – SP.

Fone 11.30223459

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (1993)

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP (1985)

Professora no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP (1998-

Coordenadora do NP Semiótica da Comunicação da INTERCOM (1999-

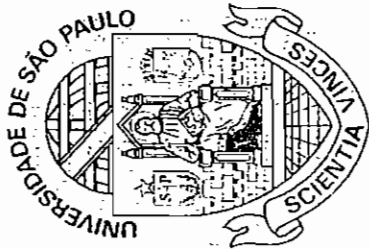
Criadora do Projeto Editorial de *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura* (2001)

Editora Científica de *Galáxia* (de 2001 a 2004)

Fundadora e primeira Presidente da Associação Brasileira de Estudos Semióticos (2001-2003)

Líder do Grupo de Pesquisa para o estudo da Semiosfera (CNPq, 2004-

Coordenadora do Projeto “Semiosfera: Espaços Semióticos Compartilhados” na Incubadora Virtual FAPESP (<http://fapesp.incubadora.br>)



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O Reitor da Universidade de São Paulo confere a

IRENE DE ARAUJO MACHADO

o presente diploma de *Doutor em Letras*

Área de concentração: *Teoria Literária e Literatura Comparada*

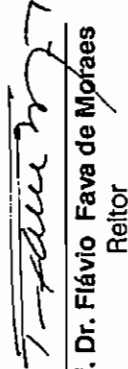
tendo em vista que satisfaz todas as exigências pertinentes a este grau,

estabelecidas no Regulamento dos Cursos de Pós-Graduação da


Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas concedidas pela
legislação vigente.

Reitoria da Universidade de São Paulo, aos 16 de março de 1994.


Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes
Reitor


Prof. Dr. Acipholo José Meffi
Pró-Reitor


Profs. Dra. Lor Cury
Secretária Geral

Nome: IRENE DE ARAUJO MACHADO, brasileira, natural do Estado de São Paulo

Data de Nascimento: 13.03.1954

Cédula de Identidade: R.G.: 6.080.335 - SP

Curso Gradenciado de acordo com o disposto na Portaria CAPES n.º 84, de 22/12/94, DOU de 06/01/95.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Diploma registrado sob n.º 020402
processo n.º 88.1.602.8.5
Em 11 de dezembro de 1995
Latrubion.
Por Delegação da Competência do Ministério da Educação e Cultura (Portarias n.º 726/77, 7177 e 30/79)

CONFERE
Em 13 de dezembro 1995
<i>[Assinatura]</i>
Seção de Registro

DIPLOMA REGISTRADO NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, POR DELEGAÇÃO DE COMPETENCIA DO MINISTERIO DA EDUCACAO E CULTURA.

São Paulo, 13 DEZ 1995

Prof. Dra. LOR CURY
Secretaria Geral

CERTIFICADO DE DEFESA DE TESE

CERTIFICO, para os devidos fins que, aos 26 de fevereiro de 1993.....
nota) Salão Nobre desta Faculdade, realizou-se a Defesa da Tese de Doutorado do(a) Sr(a)
Irene de Araújo Machado
intitulada: " O ROMANCE E A VOZ - A Poética Dialógica de M. Bakhtin".....
.....

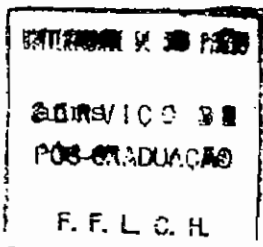
apresentada para obtenção do Título de DOUTOR, junto a Área de Teoria Literária e Literatura
Comparada do Departamento de
Teoria Literária e Literatura Comparada

Terminada as arguições, que se desenvolveram nos termos regimentais, a Banca Examinadora, em ses-
são secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo atribuído a(o) candidato(a) as seguintes notas.

Prof(a) Dr(a)	<u>Haroldo Eurico Browne de Campos</u>	Nota: <u>10,0</u>
Prof(a) Dr(a)	<u>Jerusa de Carvalho Pires Ferreira</u>	Nota: <u>10,0</u>
Prof(a) Dr(a)	<u>Roberto Ventura</u>	Nota: <u>10,0</u>
Prof(a) Dr(a)	<u>Aurora Fornoni Bernardini</u>	Nota: <u>10,0</u>
Prof(a) Dr(a)	<u>João Alexandre Costa Barbosa</u>	Nota: <u>10,0</u>

A média obtida pelo(a) candidato(a) na Defesa de sua Tese foi de 10,0 (dez inteiros)
À vista deste resultado o(a) Sr(a) Irene de Araújo Machado
foi considerado APROVADO(A) "Com Distinção".

Serviço de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo, aos 05 de março de 1993.



Regina Belli Santana
REGINA BELLI SANTANA
Chefe Administrativo de Serviço
Serviço de Pós-Graduação
M.º Func. 157.849

HISTORICO ESCOLAR DE POS-GRADUACAO: DOUTORADO

No USP :8325262

UNIDADE:FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

AREA: Teoria Literaria e Literatura Comparada

NOME: IRENE DE ARAUJO MACHADO

CODIGO	DISCIPLINA OU OUTRA ATIVIDADE PROGRAMADA	FREQ	CRED	NIVEL
*****	PRIMEIRO SEMESTRE DE 1988			
FL0806	Teoria dos Generos: Modos e formas da narrativa em Graciliano Ramos	85	6	A
*****	PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE DE 1989			
	Atividades Programadas: Leituras programadas, fichamentos, levantamento de dados bibliograficos	-	40	-
*****	PRIMEIRO SEMESTRE DE 1989			
FL0843	Literatura Comparada (Dois aspectos na tradicao critica da poesia moderna: Paul Valery e T.S. Eliot)	100	6	A
*****	PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE DE 1990			
	Atividades Programadas: Leituras programadas, fichamentos, leituras de textos teoricos envolvendo as tendencias mais recentes da area	-	30	-
*****	PRIMEIRO E SEGUNDO SEMESTRE DE 1991			
	Atividades Programadas: Leituras programadas, fichamentos, elaboracao do ante-projeto da Tese de Doutorado	-	30	-

OBSERVACAO: * Curso credenciado pelo Conselho Federal de Educacao (Documenta n. 312, pagina n. 192).

Convencoes: A=Excelente, B=Bom, C=Regular, D=Insuficiente, E=Reprovado, I=Incompleto, J=Abandono Justificado, T=Transferencia.

NOTA - A, B, C, com direito a credito. 1 Credito=12horas de atividades.

HISTORICO ESCOLAR DE POS-GRADUACAO: DOUTORADO

No USP :8325262

UNIDADE: FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS

NOME: IRENE DE ARAUJO MACHADO

FILIAÇÃO: Clarício de Araújo

Elvira Noale de Araújo

LOCAL DE NASCIMENTO: São Paulo - SP

DATA DE NASCIMENTO : 13/03/1954 CÉDULA DE IDENTIDADE:RG 6080335 SP

NACIONALIDADE: Brasileira

GRADUAÇÃO: Bacharel e Licenciada em Letras (Português) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo - SP - 1972/1977 respectivamente.

MESTRADO : Mestre em Comunicação e Semiótica* - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP - 1985.

GRAU: Doutor em Letras

ÁREA: Teoria Literária e Literatura Comparada

DATA DA MATRÍCULA: 10/03/1988

ORIENTADOR: Prof.Dr. João Alexandre Costa Barbosa

PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: Espanhol

EXAME DE QUALIFICAÇÃO: 15/10/1992 NÍVEL: A

DEFESA DA TESE: 26/02/1993 MENÇÃO: Distinção

NOTAS DA DEFESA: 10,0 10,0 10,0 10,0 10,0


TÍTULO DA TESE: " O romance e a voz - a poética dialógica de M. Bakhtin "

São Paulo, 27/05/1993


DIRETOR DA UNIDADE

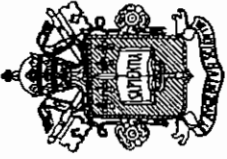
Prof. Dr. ADILSON AVANSI DE ABREU

DIRETOR


PRESIDENTE DA COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃOProf. Dr. João Baptista Borges Pereira
Presidente da Comissão de Pós-Graduação
FFLCH/USP



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



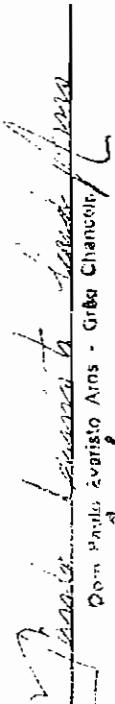
O REITOR DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, com a defesa da dissertação em 18 de novembro de 1985, confere o título de mestre em Comunicação e Semiótica a

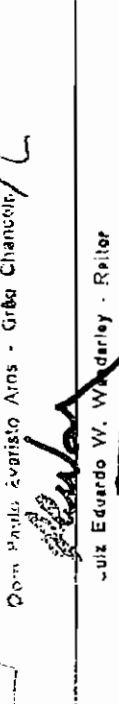
8

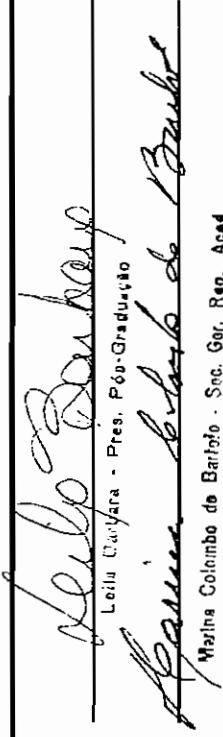
IRENE DE ARAÚJO MACHADO

RG nº 6.080.335 nascida a 13 de março de 1954
natural do Estado de São Paulo nacionalidade Brasileira
; outorga-lhe o presente Diploma a fim de que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas legais.

São Paulo, 26 de dezembro de 1985


Paulo Roberto de Moraes - Pres. Pós-Graduação


Eduardo W. Wanderley - Reitor


Maria Colombo de Barreto - Sec. Ger. Reg. Acad.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
009110

Diploma registrado sob n.º
 no livro 85. Grand. & filha 92
 processo n.º 88.1.4547.1.1
 Em 18 de Setembro de 1988

[Signature]

Por Delegação do Competência do Ministério da Educação
 e Cultura (Portarias N.º 726/77 e 71/77)

CONFERE

Em 19 de Febrero / 19 88

[Signature]

Seção de Registro

DIPLOMA REGISTRADO NA UNIVERSIDADE
 DE SÃO PAULO, POR DELEGAÇÃO DE COM-
 PÉTENCIA DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 E CULTURA.

São Paulo, 19 **FEB** 1988

[Signature]

ANGELA MARIA M. B. DE MIRANDA E SILVA
 Secretária Geral

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Serviço de Pós-Graduação

São Paulo, 15 de julho de 1988

Ilmo.Sr.Prof.Dr.
JOÃO ALEXANDRE COSTA BARBOSA
Depto de Línguas Orientais

O motivo desta é dar ciência a V.Sa. do assunto abaixo descrito, cuja tramitação está encerrada.

- APROVADO - reconhecimento de título de Mestre.

Int: IRENE DE ARAÚJO MACHADO

Sendo o que se apresenta para o momento, subscrevo-me

Atenciosamente,

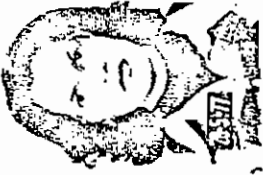
IVANETE MACHADO ROZA
Técnico Administrativo
Serviço de Pós-Graduação
N.º Func. 274.559

EM ANEXO:

9.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO



FICHA HISTÓRICO ESCOLAR

NOME: IRENE DE ARAÚJO MACHADO

CASADA
Estado Civil: XXXXXXXXXX

Nacionalidade: BRAS.

FILIAÇÃO: Clarício Koale de Araújo
(Nome do Pai)

Clarício de Araújo
(Nome da Mãe)

ENDEREÇO: AV. AUGUSTO SEVERO, 19 - CEP. 02232 - S. PAULO - SP - TEL. 201.5094

(Rua, Número, Bairro, Telefone)

CURSO SUPERIOR: LETRAS/USP

Outros Cursos: Cultura Inglesa-Lic. Português

MATRICULADO NO PÓS-GRADUAÇÃO PARA O MESTRADO EM: COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA ORIENTADOR:

DISCIPLINAS	ANO	SEMESTRE	F.	R. L.	SEM.	PROVA	T. A.	M. G.	CRÉDITOS	DATA E ASS. DO PROFESSOR DO CUF
Semiótica Geral	79	1º	96%	-	-	-	-	9,3	-3-A	<i>W. Braga</i>
Teoria da Comunicação	79	2º	96%	-	-	-	-	8,7	-3-B	<i>W. Braga</i>
Sociologia da Comunicação	80	1º	100%	-	-	-	-	9,5	-3-A	<i>Fabio Kothler</i>
Sistemas Intersemióticos I	80	2º	100%	-	-	-	-	10,0	-3-A	<i>Reys</i>
Sistemas Intersemióticos I	81	1º	96%	-	-	-	-	9,6	-3-A	<i>DECIO PIGNATTARI</i>
Sistemas Intersemióticos I	81	2º	100%	-	-	-	-	10,0	-3-A	<i>DECIO PIGNATTARI</i>
Núcleo de Pesquisa	81	2º	100%	-	-	-	-	10,0	-3-A	<i>W. Braga</i>
Estudo de Problemas Brasileiros	82	1º	100%	-	-	-	-	10,0	-1-A	<i>W. Braga</i>
Semiótica da Literatura I	82	2º	100%	-	-	-	-	10,0	-3-A	<i>W. Braga</i>

defesa da dissertação de mestrado em 18/11/85, sendo aprovada com a média 10,0 (dez)

titulo da dissertação: "ANALOGIA DO DISSIMILAR - O LEGADO DIALÓGICO DO FORMALISMO RUSSO ATRAVÉS DE CATEGORIAS DO CÍRCULO DE

BAKHTIN" - orientou: DR. HAROLD DE CAMPOS

(Nome do Orientador)

CONVÊNIO DE BENEFÍCIOS

FUNDO DE CONTRATO DE TRABALHO

19

Empregador MANTENEDORA DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Rua Monte Alegre N.º 984
Município São Paulo Est. SP
Esp. do estabelecimento Escola Superior
Cargo Professora Assistente Docente
art. 97 C.B.O. n.º 1-39.90
Data admissão 01 de Agosto de 1958
Registro n.º Fis/ficha 6538
Remuneração especificada R\$ 2.586,67 (Dois
mil, duzentos e cinquenta e
oito reais e sessenta e
sete centavos) por mês
FUNDAÇÃO SÃO PAULO

1.º

2.º

Data saída de de 19.....


Ass. do empregador ou a rôgo c/ test.

1.º

2.º



SEJA SÓCIO DA INTERCOM FÁLE CONOSCO

A INTERCOM	>
CONGRESSO	>
NÚCLEOS DE PESQUISA	>
PRÊMIOS	>
SIMPÓSIOS	>
COLÓQUIOS	>
REVISTA	>
BANCO DE TEXTOS	
LIVRARIA VIRTUAL	
COMUNICADOS	
LINKS	
PORTCOM	

➤ NÚCLEOS DE PESQUISA

Índices dos NPs: Número | Título | Coordenador | Seções temáticas | Palavras-chav
Normas Regimentais

NPs por coordenadores, em ordem alfabética:

- ☒ **Alexandre Figueirôa**
NP 07 - Comunicação Audiovisual
- ☒ **Aníbal Bragança**
Coordenador geral dos NPs
- ☒ **Denise Cogo**
NP 12 - Comunicação para a Cidadania
- ☒ **Edgard Rebouças**
NP 10 - Políticas e Estratégias de Comunicações
- ☒ **Eduardo Meditsch**
NP 06 - Rádio e Mídia sonora
- ☒ **Fernando de Tacca**
NP 20 - Fotografia: Comunicação e Cultura
- ☒ **Giovandro Marcus Ferreira**
NP 01 - Teorias da Comunicação
- ☒ **Irene Machado**
NP 15 - Semiótica da Comunicação
- ☒ **João José Azevedo Curvello**
NP 05 - Relações Públicas e Comunicação Organizacional
- ☒ **Maria Aparecida Baccega**
NP 11 - Comunicação educativa
- ☒ **Maria das Graças Targino**
NP 09 - Comunicação Científica e Ambiental
- ☒ **Maria Lourdes Motter**
NP 14 - Ficção Seriada
- ☒ **Mariaíva Barbosa**
NP 02 - Jornalismo
- ☒ **Moacy Cirne**
NP 16 - Histórias em Quadrinhos
- ☒ **Neusa Demartini Gomes**
NP 03 - Publicidade, Propaganda e marketing
- ☒ **Raquel Paiva de Araújo Soares**
NP 13 - Comunicação e Cultura das minorias
- ☒ **Sandra Reimão**
NP 04 - Produção Editorial
- ☒ **Sebastião Geraldo Breguez**
NP 17 - Folkcomunicação
- ☒ **Simone Pereira de Sá**
NP 08 - Tecnologias da Informação e da Comunicação
- ☒ **Susana Gastal**
NP 19 - Comunicação, Turismo e Hospitalidade
- ☒ **Vera Regina Toledo Camargo**
NP 18 - Comunicação e Esporte

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO SEMIÓTICA, CULTURA



Catálogo na fonte - Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury / PUC-SP

Galaxia: revista transdisciplinar de comunicação, semiótica, cultura / Programa Pós-Graduado em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. - n. 1 (2001). - São Paulo : EDUC, 2001.

Semestral
ISSN 1519-311X

1. Comunicação e Semiótica - Periódicos I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica.

CDD-302.205

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

COORDENAÇÃO

Arlindo Machado (Doutorado)
Helena Katz (Mestrado)

EDITORA CIENTÍFICA

Irene Machado

EDITORA-ASSISTENTE

Yvana Fechine

PROJETO GRÁFICO

Ricardo Assis

IMAGENS DA CAPA

Medium, fotografias de Carlos Fadon
Vicente (cortesia do artista)

PROJETO GRÁFICO

Ricardo Assis

CONSELHO CIENTÍFICO

Membro honorário: Haroldo de Campos

Albino Rubin (UFBA) • Amâlio Pinheiro (PUC-SP) • Ana Cláudia Mei de Oliveira (PUC-SP) • Ana Maria Goldfarb • André Lemos (UFBA) • André Parente (UFRJ) • Antonio Fausto Neto (UNISINOS-RS) • Arlindo Machado (PUC-SP) • Cesar Guimarães (UFMG-MG) • Diana Luz P. de Barros (USP-SP) • Dulcília Buitoni (USP-SP) • Eduardo P. Cañizal (USP-SP) • Elaine Caramella (UNESP-Bauru-SP) • Eliseo Còlon Zayas (Universidade de Porto Rico) • Eric Landowski (Centre National de la Recherche Scientifique, França) • Étienne Samain (UNICAMP-SP) • Fernão Ramos (UNICAMP-SP) • Floyd Merrel (Purdue University-EUA) • Goren Sonesson (Lund University-Suécia) • Helena Katz (PUC-SP) • Immacolata Lopes Vassalo (USP-SP) • Ione Bentz (UNISINOS-RS) • Ivo A. Ibrí (PUC-SP) • Jerusa P. Ferreira (USP, PUC-SP) • Jesus Martin Barbero (Universidade do México) • João Queiroz (PUC-SP) • José Luiz Fiorin (USP-SP) • José Romero Castilho (Revista *Signa*-Espanha) • Júlio Pinto (UFMG-MG) • Juremir Machado (PUC-RS) • Lauro B. da Silveira (UNESP-Marília-SP) • Lauro Zavalla (Universidad Autonoma Metropolitana-México) • Lúcia Santaella (PUC-SP) • Lúcia Teixeira (UFRJ-RJ) • Lucrecia D'Álessio Ferrara (USP-SP) • Lucrecia Eseudero (Revista *De Signis*) • Marcos Palácios (UFBA-BA) • Muniz Sodré (UFRJ-RJ) • Peeter Torop (Tartu University-Estônia) • Sérgio Porto (UnB-DF) • Sílvia Borelli (PUC-SP) • Solomon Marcus (Romênia) • Sonia Regis (PUC-SP) • Thomas A. Sebrok (Indiana University-EUA) • Vera Chaia (PUC-SP) • Winfried Nöth (Universität Gesamthochschule Kassel-Alemanha).

O surgimento de uma revista científica, via de regra, insere-se num processo de amadurecimento de um domínio do conhecimento.

Galáxia surge num momento particular do desenvolvimento da semiótica: o de revisão de seu próprio estatuto, em função, particularmente, da expansão de seu domínio. Depois do reconhecimento e aprimoramento de diversas linhas teóricas, vivencia-se agora um período de revisão das bases conceituais do signo, das significações e da própria semiose. Não poderia ser outra a situação de uma teoria cujo compromisso é propor formas de pensar até a própria ciência. Nesse sentido, o que a semiótica apresenta para se pensar este momento de domínio da tecnociência na chamada tecnocultura?

Da mesma forma como desvendou caminhos para a análise do signo e das significações, quando as ciências da comunicação e da informação apresentaram seus instrumentos de reflexão sobre a linguagem, a semiótica, hoje, trava um diálogo com as ciências cognitivas e da computação, com a biologia e a física. Ao fazê-lo redimensiona a semiose e a própria ação do signo no que diz respeito à representação. Estamos diante de um conjunto de problemas a reivindicar a revisão dos estatutos da semiótica.

Com isso, as preocupações científicas são paulatinamente deslocadas para espaços de conhecimento com diferentes configurações. Não se trata mais de dimensionar os produtos e processos culturais, arte e ciência, diante da descoberta de que o universo está imerso numa profusão de signos. O desafio que se assoma no ambiente da tecnocultura é o da compreensão das inusitadas relações emergentes entre diferentes sistemas semióticos à luz dos quais são ativadas rotas de significa-

ção é de signos de outra qualidade ou uma proliferação de objetos com função de signos. Como a semiótica contribui para que os próprios regimes de sentido e de interação possam ser repensados? Como redimensionar a semiótica no cenário midiático de relações inacabadas? Esses são outros aspectos que levam a investigação semiótica a rever seus estatutos, ampliando ainda mais a abrangência de seu campo epistemológico.

Para as muitas questões que permanecem difusas nessa nova ordem é que *Galáxia* pretende direcionar seu foco de luz. Esta é a razão de seu aparecimento.

Galáxia é uma revista de confluências e conexões no campo da comunicação e da semiótica. É uma revista dedicada a todos aqueles que adotaram qualquer perspectiva semiótica como um modo de pensar as artes, a ciência, a cultura como fenômenos de comunicação num mundo de relações inacabadas. Também é uma revista para abrir caminhos e construir pensamentos sobre práticas que, sem o saber, cumprem os trâmites do exercício de análise dos signos e das significações. Esse é o modo como *Galáxia* anuncia sua estratégia de intervenção na cultura.

Galáxia é uma revista comprometida com as preocupações mobilizadoras de seu tempo e, conseqüentemente, com a diversidade de focalizações a partir das quais é possível apreender o inacabamento. Surgiu para compreender o trânsito, as transformações, a fluidez dos signos; para mostrar como os discursos e as práticas sociais, as situações e as condições de interação entre sujeitos se inserem, cada vez mais, em ambiente semiótico demandando, por isso mesmo, uma abordagem semiótica. O centrimento nas linguagens da comunicação, das artes, dos sistemas da cultura é estratégia elementar para acompanhar o movimento dos signos dentro de um amplo ecossistema. Por isso, *Galáxia* assume o compromisso para com a defesa da *semiadiversidade*, no sentido formulado pelo poeta Antonio Risério: preservação da diversidade de espécies de signos, de linguagens, de sistemas semióticos em todos os níveis da cultura, entre culturas, nos mais variados reinos e esferas de vida pulsante no planeta.

Galáxia é uma iniciativa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP para divulgação de pesquisas nacionais e internacionais na área de sua competência. Está aberta a diferentes abordagens de feição semiótica, seja no domínio teórico, na pesquisa aplicada, na criação artística, bem como às investigações que operam em regiões fronteiriças. Com isso, procura ven-

EDITORIAL PROJECT

cer o desafio de encaminhar soluções metodológicas dentro de um contexto cujas bases epistemológicas estão igualmente em trânsito.

A escolha do nome da revista reflete, em certa medida, suas pretensões. Embora o nome *Galáxia* represente o compromisso da pesquisa semiótica com a compreensão dos signos e das significações no contexto da comunicação planetária e da tecnocultura, há uma razão mais profunda tal identificação.

O nome *Galáxia* está filiado à tradição semiótico-poética que o poeta, tradutor, ensaísta e professor Haroldo de Campos — hoje professor emérito do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC de São Paulo — criou com seu poema "Galáxias" (1964; 1984), publicado quando muitos dos atuais professores eram ainda seus alunos. Trata-se de uma tradição precursora da questão que nos ocupa ainda hoje: a expansão e a diversidade dos signos e de suas espécies.

Muito antes de as redes de comunicação imprimirem a identidade da tecnocultura, a poesia de Haroldo nos brindava com um poema sobre o enredamento da diversidade lingüística em interação no planeta. "Galáxias" é um poema sobre a grande aventura intersemiótica de signos galácticos, de línguas e linguagens convivendo sobre fronteiras. A revista *Galáxia* tomou essa aventura como paradigma para lidar com os entrecruzamentos das abordagens semióticas, garantindo assim a coexistência da diversidade, tal como no universo-ilha de uma galáxia. A escolha do nome da revista se transformou também numa forma de prestar ao poeta e mestre uma singela homenagem.

...

Para cumprir seus objetivos, o projeto editorial de *Galáxia* foi concebido como espaço de intervenções que serão acolhidas nas seções de modo a proporcionar ao leitor um mínimo de encaminhamento no trânsito das idéias reunidas em cada número. O mesmo é válido para seu projeto gráfico que transita entre objetos, imagens, figurações, enfim, signos com diversos graus de legibilidade e de mobilidade.

Em cada volume, *Galáxia* estará aberta para receber trabalhos que serão abridos, em princípio, nas seguintes seções:

fórum

Seção de caráter temático destinada ao debate do estatuto da semiótica, da comunicação, da cultura. Como desdobramento imediato dessa preocupação, serão privilegiadas as reflexões em torno da natureza e das condições da semiótica examinada sob a forma de temas emergentes nas áreas abrangidas. Os artigos deverão, portanto, ter um caráter ensaístico, fazendo valer o princípio semiótico da transversalidade na manifestação das idéias e dos conceitos.

galáxia | n. 1 | 2001

galáxia | n. 1 | 2001

artigos

Para respeitar a vocação intersemiótica dos estudos sobre as linguagens da comunicação, esta seção abrigará trabalhos de análise aplicada, de discussões com encaminhamento para análises, de crítica das linguagens, dos meios, das mídias e dos sistemas semióticos em geral.

diálogos

Espaço para a reprodução de conversas em diálogo presencial ou daquelas que aconteceram, via Internet, em grupos de discussão. Esta seção foi pensada para valorizar o diálogo de feição socrática e o livre trânsito das idéias que o discurso das redes midiáticas reavivou.

entrevista

Espaço reservado para o diálogo com pesquisadores responsáveis por intervenções significativas para o realinhamento do próprio pensamento e da ação.

notícias

Depoimentos de feição analítica sobre os eventos (congressos, seminários, exposições, feiras, artes, espetáculos, performances etc), nacionais e internacionais, representativos para as áreas abrangidas pela revista. Não se trata de agenda (algo que ficou superado pela comunicação *on line*). Trata-se da avaliação *a posteriori* capaz de atualizar referências bem como encaminhar pontos de vista sobre as questões emergentes nas áreas de interesse.

resenhas (de livros, de teses, de periódicos, de cd áudio, cd-rom, hiperídia etc)

Mais que a necessidade de simples divulgação, essa seção foi pensada como espaço de avaliação de trabalhos segundo diretrizes teóricas. Nesse sentido, espera-se que as contribuições não hesitem em avançar na discussão das idéias e no caráter ensaístico do metadiscorso produzido.

projetos

Esse é um espaço para a experimentação desenvolvida no limite da arte-ciência: arte-tecnologia; arte-mídia; abrigo das suas radicais intervenções. Esses trabalhos devem servir de estímulo à compreensão do papel das artes da comunicação em nosso tempo bem como da eficácia e alcance de suas linguagens.

PROJETO EDITORIAL

EDITORIAL PROJECT

galáxia | 7 | 1 | 2001

galáxia | 7 | 1 | 2001

Evidentemente, essas são as seções já desenhadas. Outras deverão surgir graças à incontrolável proliferação dos signos galácticos desencadeada pela explosão da galáxia de Gutemberg.

Espera-se com isso que *Galáxia* seja não apenas porta-voz das pesquisas científicas, mas também um interlocutor efetivo que chegue aos leitores e os mantenha sempre integrados no diálogo. Nesse sentido, *Galáxia* firma seu compromisso com o ensino da semiótica nos mais variados campos do conhecimento. Esse é um convite para que os pesquisadores se tornem leitores e, conseqüentemente, colaboradores de *Galáxia*. Garantir esse fluxo é o grande desafio para a manutenção dessa linha editorial.

EDITORIAL PROJECT

The appearance of a scientific journal, in general, introduces itself in a maturing process of a domain of knowledge.

Galáxia appears in a particular moment of the development of Semiotics: the review of its own statute. After the acknowledgement and development of various theoretic lines, we now experience a period that reviews the conceptual bases of the sign, significations and semiosis itself. The situation of a knowledge field that has the commitment to suggest ways to think, even about science, could not be any different. In this sense, what does semiotics present so that we may think about this moment of technoscience domain in what is called technoculture?

There is a lot to do in order to answer the questions asked by the cognitive sciences or the computer sciences, by biology and physics, the same way in which semiotics unveiled ways to analyse the sign and significations when the sciences of communication conquered their place in the culture. The one that concern semiotics more directly is the problematic of representation, which questioning fall on the measurement of semiosis itself. That is the context of the review of semiotic statutes, or at least part of it.

The scientific preoccupations are gradually displaced to spaces of knowledge of different configurations. It is no longer a question of measuring products and cultural processes, art and science, before the discovery that the universe is plunged in a profusion of signs. The challenge that emerges in the technoculture environment is the understanding of unusual and emergent relations between different semiotic systems in view of which routes of significations and signs of another quality are activated, or even, as Santo Agostinho would suggest, a proliferation of

objects with a signs' role. In that context, how can semiotics contribute so that we can rethink the rules of sense and those of interaction in this mediatic scenery of unfinished relationship? That is another aspect, which takes semiotic investigation to re-examine its statutes, expanding the extent of its epistemologic field.

Galáxia intends to focus on the many matters which remain diffuse in this new planetary order. That is the reason why it has come.

Galáxia is a journal of confluences and connections in the communication and semiotics fields. It is dedicated to those who have adopted any semiotic perspective as a way to think about art, science, and culture as communication phenomena in a world of unfinished relationships. It is also a journal that opens new paths and creates thoughts about practices that, without knowledge, follow the course of semiotic exercise. That is how *Galáxia* announces its intervention strategy in the culture.

Galáxia is committed to the mobilising preoccupations of its time and, consequently, to the diversity of focuses from which it is possible to seize unfinished semiosis. *Galáxia* appeared to understand the passage, transformations, the fluidity of signs; to show how speech and social practices, the situations and conditions of interaction between subjects, introduce themselves, more and more, in a semiotic environment, demanding thus a semiotic approach. The centring of languages of communication, arts, culture systems is an elementary strategy to confront the movement of signs inside a broad ecosystem. That is why *Galáxia* makes every effort to understand and defend the semiodiversity, in the sense formulated by the poet Antonio Risério: the preservation of signs species, of languages, of sign systems in culture at the most various realms and spheres of pulsatory life on the Planet.

Galáxia is an enterprise of the Post-Graduation Program on Communication and Semiotics – PUC-SP in order to publish both national and international research of its theoretical field. It is open to different approaches of semiotic aspect, either in the theoretic domain, in applied research or in artistic creation. *Galáxia's* great challenge is to establish methodological solutions in a context of which epistemologic bases are equally in transit.

The name of the journal reflects its aspirations, in a certain way. Although the name *Galáxia* clarifies the great preoccupation of semiotic research in repositioning the understanding of signs and significations in the context of planetary communication and technoculture, there is a much deeper reason for this name to identify this moment of semiotic research. The name *Galáxia* is connected to the semiotic tradition which the poet, essayist, translator and professor Haroldo de Campos – honorable professor of the Post-Graduation Program on Communication and Semiotics – PUC-SP – had introduced after creating *Galáxias*, a poem which was

PROJETO EDITORIAL

EDITORIAL PROJETO

published when many of the current professors were still his pupils. That is a tradition that has introduced the problem of the semiotic diversity.

Long before the net of planetary communication gave identity to technoculture, Haroldo had offered a poem for us on the entangling of linguistic diversity in interaction on the planet. Haroldo's poem presents a great intersemiotic adventure of galactic signs, idioms and languages that live over the borderlines. *Galáxia*, the journal, took that adventure as a pattern to deal with the overlapping of semiotic approaches, guaranteeing thus the coexistence of semiotic diversity in a sole system, just as in the universe-island of a galaxy. The journal's name also became a way to render sincere homage to the poet and master.

In order to be spaces that enclose a variable range of interventions, its sections were anticipated to provide the reader with the slightest guidance in the transit of the ideas gathered in each issue. The same counts for its graphic design which passes between objects, images, figures, in short, signs, which have various degrees of legibility.

In every issue, *Galáxia* will be open to receive work which will be then enclosed in sections as follows:

forum

It is a section of thematic character which is intended for the debate of the statute of the semiotics field itself, communication and culture. Special treatment will be accorded to the thought around nature and the conditions of semiosis looked into as emergent themes in the areas involved, as immediate unfolding of this preoccupation. It is a space that is intended to essays which result from theoretica or artistic projects, asserting the semiotic principle of transversality in the manifestation of ideas and concepts.

articles

In order to respect the intersemiotic vocation of the studies on communication languages, this section will gather studies of applied analysis, discussions with guidance to analyses, criticism of languages, means, media and semiotic systems in general

dialogue

Space for the reproduction of conversations in present dialogue or those which happened via Internet, between discussion groups. This section was created to value the dialogue of Socratic aspect and the free transit of ideas which the speech o mediatic nets revived.

galáxia | n. 1 | 2001

galáxia | n. 1 | 2001

interviews

Space that is reserved for the dialogue between researchers who are responsible for significant interventions to the realignment of the thought itself and action.

news

Statements of analytical aspect on events (congresses, seminars, exhibitions, fairs, art, spectacles, performances, etc), national and international, which are significant to the areas that comprehend the revue. It is not a question of agenda (something which was outdone by communication *on line*). It is a question of evaluation *a posteriori*, able to update references as well as guide points of view on emergent matters in different areas of interest.

reviews (Of books, theses, journals, CD-audio, CD-ROM, hypermedia etc)

More than the need for simple publicity, this section was created as a space to evaluate studies according to theoretical rules. In this sense, hopefully, contributions will not hesitate to advance in the discussion of ideas and in the essayistic character of produced metadiscourse.

projects

This is a space for experimentation which has been developed at the limit of art-science; art-technology; art-media; gathering the most radical interventions. These studies should serve as incentive to the understanding of the role of the arts of communication at our times, as well as the effectiveness and embezzlement of its languages.

Evidently, those are the sections which have already been drawn. Others should come thanks to the uncontrollable proliferation of galactic signs after the explosion of the galaxy of Gutemberg.

Hopefully, *Galáxia* will not be a mouthpiece of scientific research only, but also a real interlocutor; one that reaches its readers and always keeps them integrated and active in the dialogic net. In this sense, *Galáxia* sets its commitment to teach semiotics in the various fields of knowledge. That is an invitation, so that researchers become readers, and, consequently, collaborators of *Galáxia*. The great challenge for the support of this editorial protocol is to guarantee this flow.

IRENE MACHADO

Editora Científica/Scientific Editor

EDITORIAL PROJECT
galáxia | n. 1 | 2001

ISSN 1519-311X

galáxia

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

O surgimento de uma revista científica, via de regra, insere-se num processo de amadurecimento de um domínio do conhecimento. galáxia surge num momento particular do desenvolvimento da semiótica: o de revisão de seu próprio estatuto como disciplina, ampliando a abrangência de seu campo epistemológico. Depois do reconhecimento e desenvolvimento de diversas linhas teóricas, a semiótica vivencia agora um período de revisão das bases conceituais do signo, das significações e da própria semiose. Repensa, através de uma efervescente práxis teórica, sua própria metodologia. Os trabalhos publicados aqui refletem, ora de modo mais direto, ora mais indireto, esse contexto.

Com este segundo número, *Galáxia* confirma sua opção pela diversidade explicitando a seus leitores tanto a diversidade que diz respeito à transdisciplinaridade, quanto aquela que acolhe a variedade temática, base da linha editorial que desenhou seu projeto.

Reúne, assim, ensaios sobre a abordagem semiótica da comunicação política; artigos sobre mídias, arte, lingüística examinados sob diferentes perspectivas teóricas; entrevista com Philadelpho Menezes; diálogo online sobre poesia digital; além de introduzir duas novas seções: *Notícias Projeta*. Os trabalhos de cada seção tentam construir um texto que tanto podem ser lidos na seqüência de suas unidades como na transversalidade de seus temas.

galáxia

2

[2001]

galáxia

SEMINAR DE
SEMIÓTICA, CULTURA

ISSN 1519-311X

galá ia 3 [2002]

galá ia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

Uma das bases do pensamento ecológico é, sem dúvida alguma, a defesa da diversidade e das interconexões possíveis de seus diferentes sistemas. Em termos de abordagem semiótica essa é uma clara defesa da semiodiversidade – assunto que orienta essa terceira edição de galáxia em seu segundo ano de vida. Relações e convergências entre arte e ciência ou entre comunicação e ciência organizam os artigos sobre arte transgênica, arte e mente, divulgação da ciência na mídia, comunicação segundo o enfoque da crítica genética e experiências de artemídia, como a televisão de alta definição. Análises da comunicação política na mídia impressa e televisual também têm seu espaço garantido na seção de artigos. Na seção de Projeto, um experiência de fotografia urbana com câmera de orifício. Além disso, notícias e resenhas sobre temas emergentes como novas mídias, matrizes do pensamento e semiótica do espaço configuram a ambiência da diversidade no quadro da abordagem semiótica.

Produtos da cultura midiática podem ser considerados obras de arte? As linguagens da comunicação podem ser linguagens da arte? Afinal, qual é a natureza do diálogo entre arte e mídia em desenvolvimento no mundo contemporâneo? Que espaço é esse onde atravessam relações culturais que desafiam formas mais ou menos estáveis de pensar? Essas são algumas das questões por meio das quais os colaboradores desta edição de *galáxia* convidam o leitor para um diálogo. Numa tentativa de aprimorar e ampliar a proposta de abordagem transdisciplinar, os temas e problemas focalizados nesta edição explicitam não apenas perspectivas teóricas da análise semiótica, como também as linhas de pensamento das abordagens desenvolvidas à luz dos estudos culturais. Com isso, *galáxia* espera compartilhar com seus leitores a busca de caminhos capazes de enfrentar a difícil tarefa de compreensão da semiose na comunicação e na cultura.

galáxia

4

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

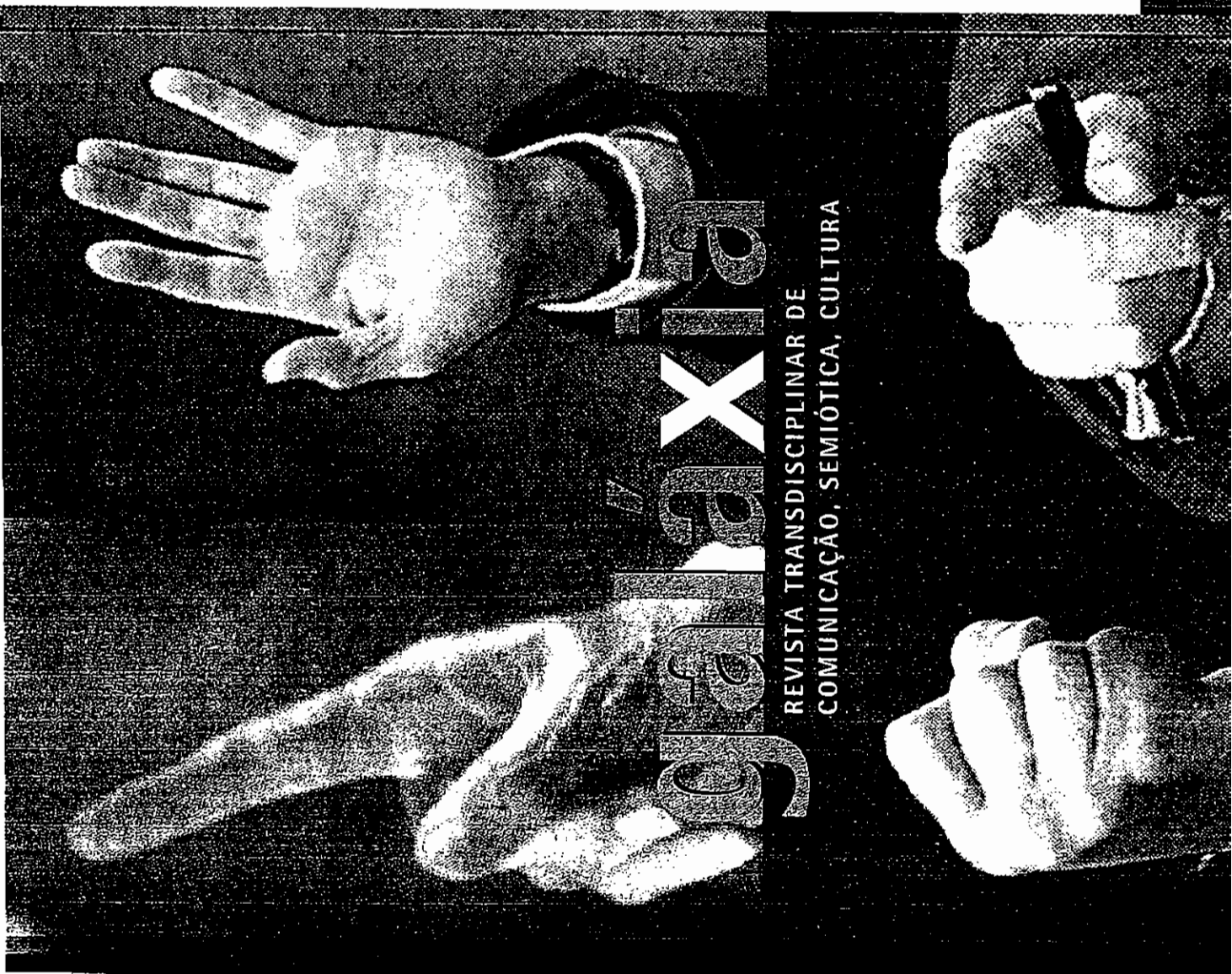
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

23.

Ainda que a noção de que vivemos numa cultura da imagem continue vigorosa no mundo contemporâneo, não se pode ignorar a mudança de rumos no pensamento crítico sobre as imagens em circulação em diferentes mídias. Por um lado, há a reflexão sobre procedimentos construtivos das imagens técnicas nos meios audiovisuais agenciados por mídias diversificadas. Por outro, há as intervenções pontuais que deslçam as produções de um ambiente para outro de modo a obter resultados específicos.

Esse é um caminho possível para se pensar a produção das imagens misturadas bem como a gestualidade das imagens veiculadas na mídia para produzir discurso político – temas privilegiados dessa edição de *Quilixia*. Não apenas o *design* da comunicação exibe outra configuração como também o imaginário da cultura passa por outro tipo de problematização. Embora essa discussão não se esgote aqui, não poderíamos deixar de dar um primeiro passo.



REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

Quilixia [2003]

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

Limite não é condição para os signos da cultura. Se aqueles que tomam por tarefa examiná-los se vêem diante da necessidade de lidar com os mais variados objetos, cada vez mais irreverentes, imagine-se, então, a flexibilidade que deve orientar uma publicação científica como *galáxia*. Nesta edição, a tentativa de garantir tal postura é evidenciada pelo acolhimento que ofereceu aos textos tanto de análise quanto aqueles de experimentação teórica. Contamos assim com o privilégio de publicar uma versão inédita sobre a *Umwelt*, teoria que procura examinar a relação do homem com o ambiente; de entrar no universo de idéias de Vilém Flusser; de refletir sobre design e suas relações com a semiótica; análises de filme, programas de televisão, cenários virtuais, música, games. Essa é a alternativa de liberdade para apresentar pontos de vistas diferenciados sobre mediações não facilmente controláveis.

galáxia

7

2004]

galáxia

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

REVISTA TRANSDISCIPLINAR DE
COMUNICAÇÃO, SEMIÓTICA, CULTURA

MCT

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq
Plataforma Lattes



Relatório gerado pelo Sistema Grupo em 22/10/2004

Grupo de Pesquisa:
**Grupo de Pesquisa para o Estudo da Semiosfera
(Oktiabr)**

Identificação

Recursos Humanos

Linhas de Pesquisa

Empresas

Identificação

Dados básicos

Nome do grupo: Grupo de Pesquisa para o Estudo da Semiosfera (Oktiabr)

Líder do grupo: Irene de Araújo Machado

Ano de formação: 2002

Área predominante: Comunicação

Lotação Institucional - PUC-SP

Órgão: Setor de Pós-Graduação

Unidade: Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica

Endereço

Logradouro: Rua João Ramalho, 182, 4 andar

Bairro: Perdizes

CEP: 05008000

Cidade: Sao Paulo

UF: SP

Telefone: (11) 36728906 Ramal:

Fax: 36728288

Home page: <http://www.pucsp/cos-puc/cultura>

Repercussões

O Grupo de Pesquisa para o Estudo da Semiosfera insere-se na Área de Concentração Signo e Significação nas Mídias e desenvolveu-se no interior da Linha de Pesquisa Fundamentos Conceituais da Comunicação e da Semiótica. Como parte do Projeto de Pesquisa "Negociações Semióticas: o ponto de vista da ecologia da comunicação" foi criado para investigar os códigos culturais, meios e linguagens da comunicação na cultura de mídias. O objetivo elementar é conduzir investigações sobre as linguagens da comunicação (numa perspectiva ecológica) e com a relação entre sistemas culturais (processos de mediação e semiose). Espera-se avançar a tese da semiótica da cultura que entende a comunicação como problema semiótico e a semiótica como base teórica para pensar a epistemologia da comunicação e seus sistemas de signos. O fundamento teórico das pesquisas são o conceito de texto, de sistema modelizante, de dialogia cultural, de recodificação e de transdução entre sistemas, de semiosfera elaborados pela escola de Tártu-Moscou. Os primeiros passos para a formação do grupo foram dados em 1998 com a criação da homepage Semiótica Russa. Semiótica da Cultura www.pucsp/pos/cos/cultura. Depois disso, deu-se início ao estudo de formação teórica e de análise, cujos primeiros resultados foram apresentados em trabalhos por ocasião do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos, realizado de 8 a 11 de outubro de 2003 na UNESP, campos de Araraquara, SP. No ano de 2003, foram organizados, ainda, duas sessões pública de debate: uma por ocasião do livro Escola de Semiótica. A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura (São Paulo: Ateliê Editorial), de minha autoria. O outro debate foi realizado quando da visita do prof. Dr. Serguêi Tchgunnikov, da Universidade de Moscou, sobre Semiótica Russa: Iúri Lotman e a Semiosfera. Em 2004 foi realizado o Workshop preparativo para o Seminário Internacional sobre Semiosfera no CU Belas Artes de São Paulo.



Software/Group

Evitar palavra

Search

Log Out
My Account

Home My Page Project Tree Code Snippets Projectos que Precisam de A

Resumo Admin Página de Entrada Fóruns Tracker Listas Tarefa

**Admin | User Permissions | Edit Public Info | Project History | VHOSTs | Edit/Release F
Admin | Stats**

Misc. Project Information

Group M

Start phone construction.

Short Description: : Trata-se de um projeto concebido para criar um site-referência ou portal que seja um Centro de Referência Compartilhada sobre os Espaços Semióticos da Cultura, valorizando seus códigos, linguagens e sistemas de signos. A base da fundamentação teórica são os estudos da semiótica russa: construtivismo no cinema e nas artes; formalismo crítico-teórico; dialogismo das linguagens da comunicação e os estudos sobre a semiosfera da escola de Tártu-Moscou. Além de formular conteúdos digitais sobre os sistemas semióticos da cultura, o projeto prevê a troca compartilhada de informações. Nesse sentido, "espaço semiótico compartilhado" é objeto de estudo, quando pensado em relação aos sistemas semióticos da cultura, e lugar de troca, quando os conteúdos digitais tornam-se matéria do Centro de Referência no Ciberespaço. Esse projeto pretende ser uma expansão da homepage Semiótica Russa/Semiótica da Cultura, www.pucsp.br/pos/cos/cultura, criada em 1998 e desde então tornada referência para os estudiosos da semiótica da cultura.

- Iren
- Nei
- Hek
- Alex
- Pau
- Deb
- mir
- car
- fati
- Jeov
- Rog
- Pau
- Al.

Homepage Link: : semiosfera.incubadora.fapesp.br

Unix Nar

Send a bit of money... Plus

Content Type: **portal**

Developer Description: **O Grupo de Pesquisa para o Estudo da Semiosfera surgiu de um Grupo de Estudos auto-denominado Oktiabr, que começou a se reunir em outubro de 1998 para estudar semiótica da cultura e desenvolver conteúdos digitais sobre o tema. O objetivo maior de sua atividade é o desenvolvimento de pesquisa integrada: ao mesmo tempo em que investiga problemas de seu campo conceitual, pensa a linguagem para a web para a implementação do conteúdo. O grupo é coordenado pela profa. Irene de Araújo Machado (PUCSP) e pelos pesquisadores: Mirna Feitoza Pereira (PUC-SP) Jeová Rocha de Mendonça (UFPB) Carmen Luísa Chaves Cavalcante (UNIFOR) Neide Jallageas (CU Belas Artes; PUCSP) Regiane Cammini Pereira (CU Anhembi-Morumbi; PUCSP) Regiane Miranda Oliveira Nakagawa (PUCSP) Adriana Vaz Ramos (PUCSP) Fabio Sadao Nakagawa (PUCSP) Débora Cristine Rocha (PUCSP)**

File Rele

Package

semiosfer

http://incubadora.fapesp.br/project/admin/?group_id=117

12/01/05

Fátina Aparecida dos Santos (CU Votuporanga; PUCSP) Luíza Epaminondas Barros (PUCSP) Paulo Mattos Angerami (CU Belas Artes; PUCSP) Raquel Rennó Nunes (PUCSP) Vinícius del Fiol (PUCSP) Reúne pesquisadores das mídias, artes, literatura e dos mais distintos sistemas da cultura que encontraram na semiótica russa instrumentos de análise capazes de explicitar a natureza e o funcionamento dos processos comunicacionais agenciados pela interação viva da dinâmica cultural. O termo semiosfera foi proposto pelo semioticista estoniano Iúri Lótman (1984) como conceito-chave para a compreensão das linhas de força interativa, cada vez mais intensas, entre os sistemas definidores da diversidade sígnica no espaço semiótico da cultura planetária, bem como de suas linguagens.

[Download Your Nightly CVS Tree Farball]

Trove Categorization: : [Edit]

Tool Admin

Tracker Admin
[no Admin] quer admin
M...
[no Admin]
[no Admin]
[no Admin]



Currículo Lattes

Curriculum Vitae - CNPq

Janeiro/2005

Dados Pessoais

Nome Irene de Araújo Machado
 Filiação Clarício de Araújo e Elvira Noalé de Araújo
 Nascimento 13/03/1954 - São Paulo/SP - Brasil
 Carteira de Identidade 6080335 SSP-SP - SP - 04/02/1981
 CPF 77019644872
 Endereço residencial Rua Bergamota 190 aptº 21-B
 Alto de Pinheiros - Sao Paulo
 05468000, SP - Brasil
 Telefone: 11 30223459
 E-mail: irenemac@uol.com.br

Endereço profissional Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Setor de Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica
 Rua João Ramalho 182 - 4º andar
 Perdizes - Sao Paulo
 05008-000, SP - Brasil
 Telefone: 11 36728906
 E-mail: irenemac@uol.com.br

Formação Acadêmica/Titulação

- 1987 - Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada).
 1993 Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil
 Título: O ROMANCE E A VOZ. A POÉTICA DIALÓGICA DE MIKHAIL BAKHTIN., Ano de obtenção: 1993
 Orientador: Prof Dr. João Alexandre Costa Barbosa
- 1979 - Mestrado em Comunicação e Semiótica.
 1985 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil
 Título: Analogia do dissimilar. O legado dialógico do Formalismo Russo diante de algumas categorias do Círculo de Bakhtin., Ano de obtenção: 1985
 Orientador: Prof Dr. Haroldo Browne de Campos
- 1972 - Graduação em Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas.
 1977 Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil

Atuação Profissional**1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP**

Vínculo institucional

1998 - Vínculo: Celetista , Enquadramento funcional: Professor Assistente Doutor , Carga horária: 40, Regime : Integral

Atividades

8/1998 - Atual Pós-graduação

http://p1sql1.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

12/01/05

1. Semiótica da Cultura
2. Sistemas Intersemióticos
3. Seminário de Pesquisa Aplicada
4. Códigos Intersemióticos
5. Códigos Verbais

8/1998 - Atual

Pós-graduação

1. Semiótica da Cultura
2. Semiótica das Mídias
3. Sistemas Intersemióticos
4. Seminário de Pesquisa Aplicada

Áreas de atuação

- 1 Teoria da Comunicação
- 2 Comunicação
- 3 Processos da Comunicação
- 4 Teoria Geral da Informação
- 5 Representação da Informação

Idiomas

Entende Espanhol (Bem) , Francês (Bem) , Inglês (Bem) , Italiano (Razoável)
 Fala Espanhol (Pouco) , Francês (Pouco) , Inglês (Razoavelmente) , Italiano (Pouco)
 Lê Espanhol (Bem) , Francês (Bem) , Inglês (Bem) , Italiano (Bem)
 Escreve Espanhol (Pouco) , Francês (Pouco) , Inglês (Bem) , Italiano (Pouco)

Trabalhos completos publicados em anais de evento

1.
MACHADO, Irene.
Ah! se não fosse McLuhan... In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre.
Comunicação, acontecimento e memória. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004.
2.
MACHADO, Irene.
Gestões semióticas do conhecimento In: I Congresso Internacional de História das Mídias, 2004, São Paulo.
Mídia: multiplicação e convergências. São Paulo: Senac, 2004.
3.
MACHADO, Irene.
As mídias e seus precursóres In: XII Reunião anual da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2003, Recife - PE.
XII Reunião da Compós. Recife: COMPÓS, 2003.
4.
MACHADO, Irene.
Design da comunicação no jornalismo de guerra In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação,

2003, Belo Horizonte - MG.

Intercom 2003. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação, 2003.

5.

MACHADO, Irene.

Cultura e liminaridade: princípios de uma relação sistêmica In: IV Congresso de la Federacion Latinoamericana de Semiotica, 1999, La Coruna.

Fin de siglo. Fin de Milenio.. La Coruna: Federacion Latinoamericana de Semiotica, 2002.

6.

MACHADO, Irene.

Ecologia da comunicação: a ação subversiva dos códigos na cultura contemporânea In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador.

XXV Congresso da Intercom. São Paulo: Sociedade Brasileira das Ciências da Comunicação, 2002.

7.

MACHADO, Irene.

Comunicação, um problema semiótico? In: X Reunião da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. COMPOS, 2001, Brasília.

X Reunião da Compós.. Brasília: COMPOS, 2001.

8.

MACHADO, Irene.

Semiótica da comunicação: reordenamento cognitivo dos sistemas semióticos In: XXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Ciências da Informação, 2001, Campo Grande.

Congresso da Intercom. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ciências da Comunicação, 2001.

9.

MACHADO, Irene.

Para além do multiculturalismo. Argumentos em defesa da semiodiversidade In: XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2000, Manaus.

XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. XI Encontro dos Grupos de Trabalho da Intercom. São Paulo: Sociedade Brasileira de Ciências da Informação, 2000.

10.

MACHADO, Irene.

Impacto ou explosão? Cultura tecnológica e metáfora balística. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Informação, 1999, Rio de Janeiro.

Anais do XXII Congresso de Ciências da Informação. X Encontro dos Grupos de Trabalho da Intercom.. São Paulo: INTERCOM, 1999.

11.

MACHADO, Irene.

O jogo das citações: a encenação estético discursiva nos sermões do Pe. Antonio Vieira In: Congresso Internacional de Lusitanistas, 1996, Oxford.

Actas do Quinto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Oxford: Universidade de Oxford, 1998. v.1.

12.

MACHADO, Irene.

A língua entre as linguagens: a expansão da escrita no confronto de múltiplas escrituras In: XI Encontro Nacional de Professores de Português das ETF e CEFET., 1996, Natal.

A língua portuguesa e a literatura brasileira diante dos avanços tecnológicos. Natal: Escola Técnica Federal de Natal, 1996. p.46 - 61

13.

MACHADO, Irene.

Oralidade viva e oralidade escrita no texto In: XIXth Triennial Congress of the International Federation for Modern Languages and Literatures, 1996, Brasília.

Language and Literature Today. Brasília: Universidade de Brasília, 1996. v.3. p.1146 - 1149

Trabalhos resumidos publicados em anais de evento

1.
MACHADO, Irene.
História dos meios e das mídias segundo códigos agenciados pela mente da cultura In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre.
Comunicação, acontecimento, memória. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004.
2.
MACHADO, Irene.
Limites da teoria dos gêneros para o tratamento dos formatos eletrônico-digitais In: Seminário Internacional: Literatura, técnica & outras artes, 2004, Rio de Janeiro.
Literatura, técnica & outras artes. Inter-mídia e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.
3.
MACHADO, Irene.
~Mídias como expansão dos códigos culturais: a história da cultura segundo McLuhan In: I Congresso Internacional de História das Mídias, 2004, São Paulo.
História das mídias: multiplicação e convergências. São Paulo: Senac, 2004.
4.
MACHADO, Irene.
Apuntes para la diversidad: aspectos semióticos del multiculturalismo In: Congreso Internacional de Semiótica en Homenaje a Tzvetan Todorov, 2002, Guadalajara, México.
Discurso y Cultura. Guadalajara: Universidad de Guadalajara, 2002. p.13 - 13
5.
MACHADO, Irene.
Mídias e mediações: mutações no algoritmo fundamental da semiótica In: V Congreso Internacional de la Federación Latinoamericana de Semiótica, 2002, Buenos Aires.
Semiótica de la vida cotidiana. Buenos Aires: FELIS, 2002. p.113 - 113

Artigos completos publicados em periódicos

1.
MACHADO, Irene.
As mídias e seus precursores: emergência das mediações como campo de idéias científicas.. Significação. Revista Brasileira de Semiótica.. Curitiba: , n.17, p.9 - 26, 2003.
2.
MACHADO, Irene.
Infojornalismo: uma mídia expandida. Revista fronteira. UNISINOS, São Leopoldo: , v.5, n.1, p.97 - 111, 2003.
3.
MACHADO, Irene.
Multiculturalismo em perspectiva semiótica: o ponto de vista de programas para a televisão. Ícone. Recife - PE: , v.1, n.6, p.79 - 105, 2003.
4.
MACHADO, Irene.
Impacto ou explosão? Cultura tecnológica e metáfora balística.. Revisão. Comunicação, cultura e linguagens intersemióticas. Universidade Católica Dom Bosc: , v.1, n.1, p.7 - 18, 2001.

5.
MACHADO, Irene.
Liminalidad e intervalo: la semiosis de los espacios culturales. Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica. Facultad de Filología: , v.10, p.19 - 40, 2001.
6.
MACHADO, Irene.
Linguagem e militância: o cine-documentário de Dziga Viértov. Olhar.. São Carlos - SP: , v.03, n.5-6, p.13 - 23, 2001.
7.
MACHADO, Irene.
Por que se ocupar dos gêneros. Revista Symposium. Recife: , v.5, p.5 - 13, 2001.
8.
MACHADO, Irene.
Projections: Semiotics of culture in Brazil. Sign Systems Studies. University of Tartu: , v.29, n.2, p.463 - 477, 2001.
9.
MACHADO, Irene.
Cinema como literatura. Procedimentos e teorias à maneira dos russos. Estudos de Cinema. São Paulo: , v.2, p.193 - 212, 1999.
10.
MACHADO, Irene.
A representação da oralidade na prosa da ficção brasileira. Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões. Universidade Estadual Santa Cr: , p.145 - 169, 1998.
11.
MACHADO, Irene.
Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica. Itinerários. Araraquara: , v.12, p.33 - 46, 1998.
12.
MACHADO, Irene.
O sermão como gênero oral: a performance discursiva do Pe. Antonio Vieira. Quinto Imperio - Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa. Salvador, Bahia: , v.1, p.113 - 130, 1998.
13.
MACHADO, Irene.
Dialogia entre arte e vida. A estética da responsabilidade de Mikhail Bakhtin. Papéis Revista de Letras da Ufms. Campo Grande, MS: , v.1, n.1, p.7 - 13, 1997.
14.
MACHADO, Irene.
Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. Língua e Literatura. São Paulo: , v.22, p.89 - 105, 1996.
15.
MACHADO, Irene.
Bakhtin e o legado dialógico do formalismo russo. Revista de Semiótica e Comunicação. São Paulo: , v.1, n.2, p.37 - 50, 1988.

Livros publicados

1.

http://plsql1.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

12/01/05

MACHADO, Irene.

Escola de semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo : Ateliê Editorial, 2003, v.1. p.192.

2.

MACHADO, Irene.

Expressão científica: arte e ciência. São Paulo : Escolas Associadas Domus, 2003 p.32.

3.

MACHADO, Irene.

Roteiro de leitura: Inocência de Visconde de Taunay.. São Paulo : Atica, 1997, v.1. p.144.

4.

MACHADO, Irene

O romance e a voz: A prosaica dialogica de Mikhail Bakhtin . Rio de Janeiro : Imago, 1995, v.1. p.349

5.

MACHADO, Irene.

Literatura e redação. Gêneros literários e tradição oral. São Paulo : Scipione, 1994, v.1. p.271.

6.

MACHADO, Irene

Analogia do missítil: Bakhtin e o formalismo russo. São Paulo : Perspectiva, 1989, v.1. p.215

Capítulos de livros publicados

1.

MACHADO, Irene.

O ponto de vista semiótico **In:** Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências.3 ed.Petrópolis : Vozes, 2003, p. 279-309.

2.

MACHADO, Irene.

Gêneros no contexto digital **In:** Interlab. Labirintos do pensamento contemporâneo ed.São Paulo : Iluminuras-Fapesp, 2002, p. 211-234.

3.

MACHADO, Irene

Teorias da comunicação: um diálogo entre Teoria e prática. São Paulo : Iluminuras-Fapesp, 2002, p. 233-234

4.

MACHADO, Irene.

Comunicação e estudos enunciativos: a contribuição de Roman Jakobson **In:** Estudos enunciativos no Brasil. História e Perspectivas ed.Campinas : Pontes, 2001, p. 87-106.

5.

MACHADO, Irene.

Corpo e voz na imagem grotesca: a poesia de João Cabral de Melo Neto **In:** Imagens do Brasil ed.São Paulo : EDUC, 2000

6.

MACHADO, Irene.

Redescoberta do sensorium: rumos críticos das linguagens interagentes **In:** Outras leituras. Literatura, Televisão, Jomalismo de arte e cultura. Linguagens interagentes. ed.São Paulo : Senac, 2000, p. 73-93.

7.

MACHADO, Irene.

El texto como objeto de estudio em la unidad dialógica de las culturas. In: Lecturas simultaneas. La enseñanza de lengua y literatura con especial atención al cuento ultracorto. ed.Mexico : Universidad Autonoma de Mexico, 1999, p. 15-39.

8.

MACHADO, Irene.

Texto & gêneros: fronteiras In: Espaços da linguagem na comunicação ed.São Paulo : Humanitas, 1999, p. 41-62.

9.

MACHADO, Irene.

Voz e valor na construção da textualidade In: Oralidade em tempo & espaço:colóquio Paul Zumthor ed.São Paulo : Educ, 1999, p. 61-74.

10.

MACHADO, Irene.

Os gêneros e o corpo do acabamento estético In: Bakhtin, dialogismo e construção do sentido ed.Campinas : Editora da Unicamp, 1997, p. 141-158.

11.

MACHADO, Irene.

Os gêneros e a ciência dialógica do texto In: Diálogos com Bakhtin ed.Curitiba : Editora UFPR, 1996, p. 225-271.

Livros organizados

1.

MACHADO, Irene., SANTAELLA, L.

Caos e Ordem na mídia, cultura e sociedade. São Paulo : Educ, 1999, v.1. p.318.

Artigos em jornal de notícias

1.

MACHADO, Irene.

Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça. mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, p.10 - 11, 2003.

2.

MACHADO, Irene.

Força e mistério das palavras. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1994.

3.

MACHADO, Irene.

A escrita surgiu para facilitar o comércio. Folha de S. Paulo. São Paulo, 1993.

4.

MACHADO, Irene.

Voz medieval no sertão. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1993.

Artigos em revistas (Magazine)

1.

MACHADO, Irene.

Oralidade e literariedade: a poética da tradição popular. Revista USP. São Paulo, v.11, p.162 - 165, 1991.

2.
MACHADO, Irene.
Wellek e a ousadia na crítica literária. Cadernos de Leitura- Edusp. São Paulo, 1991.

3.
MACHADO, Irene.
A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin. Revista USP. São Paulo, p.135 - 142, 1990.

Outras produções bibliográficas

1.
MACHADO, Irene.
Banco de dados como gênero das novas mídias. São Paulo:EDU, 2002. (Artigo,Tradução)

2.
MACHADO, Irene.
GFP Bunny: a coelhinha transgênica. São Paulo:EDUC, 2002. (Artigo,Tradução)

3.
MACHADO, Irene.
Máquinas semióticas. São Paulo:EDUC, 2001. (Artigo,Tradução)

4.
MACHADO, Irene.
Palavras entre cores e linhas. São Paulo:Musa, 2002. (Apresentação,Prefácio, Posfácio)

5.
MACHADO, Irene.
Utopia revisitada. São Paulo:Musa, 1999. (Apresentação,Prefácio, Posfácio)

6.
MACHADO, Irene.
Especulações sobre o código genético do cinema: sem cortes. Revista Científica. São Paulo:EDUC, 2003.
(Outra produção bibliográfica,Outra produção bibliográfica)

7.
MACHADO, Irene.
Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura. Revista Científica. São Paulo:EDUC, 2003. (Outra produção bibliográfica,Outra produção bibliográfica)

8.
MACHADO, Irene.
O que há de novo no século XX? Sobre o curso Arqueologia das mídias.. Revista Científica. São Paulo:EDUC, 2002. (Outra produção bibliográfica,Outra produção bibliográfica)

9.
MACHADO, Irene.
Tudo o que você queria saber sobre as novas mídias e não teria coragem de perguntar a Dziga Vertov. Revista Científica. São Paulo:EDU, 2002. (Outra produção bibliográfica,Outra produção bibliográfica)

10.
MACHADO, Irene
Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação Semiótica Cultura Revista Científica. São Paulo:EDUC, 2003. (Outra produção bibliográfica,Outra produção bibliográfica)

Orientações concluídas

Dissertações de mestrado : orientador principal Orientações concluídas

1.
Luíza Epaminondas Barros. **Documentário como gênero de fronteiras**. 2004. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
2.
Debora Cristine Rocha. **O museu da pessoa: a tradição oral como acervo digital**. 2004. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
3.
Vinícius del Fiol. **O samba como meio e a música por mensagem**. 2004. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
4.
Allan Kozlakowski. **A metáfora da imagem na interface**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
5.
Andreia Curry Carneiro. **A reportagem: uma construção compartilhada**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
6.
Maria Emília Pelisson Manente. **O texto de C & T nos magazines semanais: uma análise semiótico-discursiva**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
7.
Norma Leonor Hall Freire. **Projeto Navigatio. Roteiro para um seriado de TV**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
8.
Lucio Olivo Rosas. **Regimes de verdade e a defesa do consumidor: bases semióticas para defesa do consumidor**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
9.
Ana Paula Olivero Marques Gomes da Cruz. **Absorção do léxico inglês no uso do português**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
10.
Benedito Rostan Martins. **Alô! Alô! Amazônia: a oralidade mediada pelo rádio**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
11.
Fátima Aparecida dos Santos. **As linguagens do web design**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
12.
Rosangela Bressan Buosi. **O brincar como processo de comunicação e linguagem do tecido social**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
13.
Jorge Viana Santos. **O ponto de vista semiótico na fotografia de Aleksandr Ródtchenko**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- 14.

Rogério Silva de Magalhães. **Ritual fúnebre carnavalizado em New Orleans**. 2002. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

15.

Ana Paula Machado Velho. **A infografia como instrumento do jornalismo científico: uma análise semiótica**. 2001. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

16.

Luis Sergio Leonardi Filho. **A semiótica como fundamentação do jurídico**. 2001. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

17.

Djalma Luis Benette. **Em branco não sai. Um olhar semiótico sobre o jornal impresso diário.**. 2001. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

18.

Armando Sergio dos Prazeres. **Galáxia Albina e Galáxia dark: uma inscrição poética da palavra no cenário eletrônico**. 2001. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

19.

Maria de Lourde Aguiar de Moraes. **Processamento e produção de textos jornalísticos na escola**. 2001. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Teses de doutorado : orientador principal Orientações concluídas

1.

Elinês de Albuquerque Vasconcelos e Oliveira. **Na ilumiar semiótica: o trânsito do gênero sério-cômico na cultura brasileira.**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2.

Maria Angela Coelho Mirault Pinto. **Gestão da comunicação dirigida face a interferência da cultura nos ambientes sistêmicos-organizacionais.**. 2002. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

3.

Marcia Reami Pechula. **Os signos mítico-sagrados no discurso científico. Análise da divulgação científica nos meios de comunicação de massas**. 2001. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Demais Trabalhos

1.

MACHADO, Irene.
Semiótica russa. Semiótica da cultura, 1999.

Participação em banca de trabalhos de conclusão

Mestrado

1.

MACHADO, Irene.
Participação em banca de Deborah Lopes Pennachin. **Signos subversivos: uma leitura semiótica de grafismos urbanos**, 2004

http://p1sq11.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

19/01/05

(Comunicação Social)Universidade Federal de Minas Gerais

2.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Mauricio Antonio Martins Ventura Magalhães.**A marca como mito e o mito na marca**, 2003

(Comunicação e Mercado)Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero

3.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Cristine Maria Albuquerque de Bem e Canto.**Realidades construídas: estudo da imagem fotográfica.**, 2003

(Ciências da Comunicação)Universidade de São Paulo

4.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Regiane Camini Pereira da Silva.**O ator televisual nos trânsitos do tecido cultural-midiático**, 2002

(PEPg em Comunicação e Semiótica)Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

5.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Fernando A Ferreira.**O filme em cartaz. Estudos sobre o cartaz de cinema**, 2002

(Artes)Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

6.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Adriana da Silva Martins.**Processo de criação em televisão regional.**, 2002

(PEPg em Comunicação e Semiótica)Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

7.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Neide Jallageas de Lima.**Vestígios. A leitura fotografada**, 2002

(Ciências da Comunicação)Universidade de São Paulo

8.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Silnei Scharfen Soares.**A formação de conceitos e o discurso interior em Eisenstein e Vigótski**, 2001

(Comunicação e Informação)Universidade Federal do Rio Grande do Sul

9.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Valmir José da Costa.**Repórter eros: o sexo no jornalismo de revistas masculinas, femininas e gays**, 2001

(Ciências da Comunicação)Universidade de São Paulo

10.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Marco Antonio Bin.**A São Paulo de Person.Uma análise socio-espacial do filme São Paulo S.A.**, 1999

(PEPg em Comunicação e Semiótica)Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

11.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de João Angelo Fantini.**Pulp Fiction: o cinema e ironia nos anos 90.**, 1999

(PEPg em Comunicação e Semiótica)Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

12.

MACHADO, Irene.

Participação em banca de Elke Beatriz Riedel.**O gesto vocal na poesia sonora em performance**, 1997

http://p1sql1.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

19/01/05

(PEPg em Comunicação e Semiótica) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

13.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Geraldo Tadeu de Souza. **Introdução à teoria do enunciado concreto**, 1996
(Linguística) Universidade de São Paulo

14.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Maria Angela Silva Bacelar. **A chave**, 1995
(Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo

Doutorado

1.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Renata Viana de Barros Thomé. **Caleidiscópios em ponto de fuga: Gilberto Freyre e Cândido Portinari**, 2002
(Educação) Universidade de São Paulo

2.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Ana Helena B de Souza. **Do original às traduções: abordagem da obra de Samuel Becket através de Como é**, 2001
(Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada)) Universidade de São Paulo

3.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Amador Ribeiro Neto. **Caetano Veloso: compositor neobarroco**, 2000
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

4.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Sonia Maria de Melo Queiroz. **Transcrição e escritura: metamorfoses do conto oral no Brasil**, 2000
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Exame de qualificação de doutorado

1.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Joana Belarmino de Sousa. **A escrita Braille como sistema modelizante**, 2002
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Sandra Regina Moura. **O processo de investigação do jornalista Caco Barcelos**, 2002
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

3.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Afonso Medeiros. **A escrita ideográfica**, 2000
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

4.

http://plsq11.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

19/01/05

MACHADO, Irene.
Participação em banca de Marco Antonio de Carvalho Bonetti. **A percepção semiótica na reportagem jornalística**, 2000
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

5.
MACHADO, Irene.
Participação em banca de Elizabeth Grillo. **Projetos arquitetônicos**, 2000
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Participação em eventos

1.
MACHADO, Irene.
Ah, se não fosse McLuhan, 2004. (Congresso, Participações em eventos)

2.
MACHADO, Irene.
Gestões semióticas do conhecimento, 2004. (Congresso, Participações em eventos)

3.
MACHADO, Irene.
Hibridismo ou semiodiversidade?, 2004. (Encontro, Participações em eventos)

4.
MACHADO, Irene.
História dos meios e das mídias secundocódigos agenciados pela mente da cultura, 2004.
(Congresso, Participações em eventos)

5.
MACHADO, Irene.
Limites da teoria dos gêneros para o tratamento dos formatos eletrônico-digitais, 2004.
(Seminário, Participações em eventos)

6.
MACHADO, Irene.
Mídias como expansão dos códigos culturais: a história da cultura segundo McLuhan, 2004.
(Congresso, Participações em eventos)

7.
MACHADO, Irene.
As mídias e seus precursores: emergência das mediações como campo de idéias científicas, 2003.
(Congresso, Participações em eventos)

8.
MACHADO, Irene.
Design da comunicação na cobertura da guerra, 2003. (Congresso, Participações em eventos)

9.
MACHADO, Irene.
Negociações semióticas no cinema, 2003. (Congresso, Participações em eventos)

10.
MACHADO, Irene.
Apuntamientos para la diversidad: aspectos semioticos del multiculturalismo, 2002.
(Congresso, Participações em eventos)

11.

MACHADO, Irene.

Ecologia da comunicação: a ação subversiva dos códigos e das mídias., 2002. (Congresso, Participações em eventos)

12.

MACHADO, Irene.

Mídias e mediações: mutações no algoritmo fundamental da semiose., 2002. (Congresso, Participações em eventos)

13.

MACHADO, Irene.

Semiodiversidade: a ação subversiva da semiose nos sistemas de cultura., 2002. (Encontro, Participações em eventos)

14.

MACHADO, Irene.

Comunicação nas mídias digitais, 2001. (Encontro, Participações em eventos)

15.

MACHADO, Irene.

Digitalização. Linguagem. Discurso. As mediações semióticas possíveis, 2001. (Encontro, Participações em eventos)

16.

MACHADO, Irene.

Estatuto da Smiótica no mundo contemporâneo, 2001. (Congresso, Participações em eventos)

17.

MACHADO, Irene.

Processo de produção de textos na revista Galáxia, 2001. (Encontro, Participações em eventos)

18.

MACHADO, Irene.

Semiótica como teoria da comunicação: o reordenamento cognitivo dos sistemas semióticos, 2001. (Seminário, Participações em eventos)

19.

MACHADO, Irene.

Semiótica da comunicação, 2001. (Congresso, Participações em eventos)

20.

MACHADO, Irene.

X Comunicação, um problema semiótica?, 2001. (Encontro, Participações em eventos)

21.

MACHADO, Irene.

Para além do multiculturalismo. Argumentos em defesa da semiodiversidade, 2000. (Congresso, Participações em eventos)

22.

MACHADO, Irene.

Cultura e liminaridade: princípios de uma relação sistêmica, 1999. (Congresso, Participações em eventos)

23.

MACHADO, Irene.

Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica, 1999. (Encontro, Participações em eventos)

24.

MACHADO, Irene.

Impacto ou explosão? Cultura tecnológica e metáfora balística., 1999. (Congresso, Participações em eventos)

http://p1sql1.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

19/01/05

25.
MACHADO, Irene.
A representação da oralidade na prosa de ficção brasileira: a diversidade dialógica dos espaços culturais, 1998. (Seminário, Participações em eventos)
26.
MACHADO, Irene.
Fantástico ou irônico? E experiência de limites em Guimarães Rosa, 1998. (Seminário, Participações em eventos)
27.
MACHADO, Irene.
Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica, 1997. (Encontro, Participações em eventos)
28.
MACHADO, Irene.
A língua entre as linguagens: a expansão da escrita no confronto de múltiplas escrituras, 1996. (Encontro, Participações em eventos)
29.
MACHADO, Irene.
O corpo grotesco na poesia de João Cabral, 1996. (Congresso, Participações em eventos)
30.
MACHADO, Irene.
O jogo das citações: encenação estético-discursivas nos sermões de Pe. Antonio-Vieira, 1996. (Congresso, Participações em eventos)
31.
MACHADO, Irene.
Cultura literária no Brasil: a contribuição da prosaica para o estudo do romance, 1995. (Encontro, Participações em eventos)
32.
MACHADO, Irene.
Os gêneros e o corpo do acabamento estético, 1995. (Encontro, Participações em eventos)
33.
MACHADO, Irene.
Oralidade viva e oralidade escrita no texto, 1993. (Congresso, Participações em eventos)
34.
MACHADO, Irene.
A teoria do romance de M. Bakhtin nos quadros da poética da oralidade, 1992. (Encontro, Participações em eventos)
35.
MACHADO, Irene.
A teoria do dialogismo de Bakhtin e a poética da oralidade, 1990. (Congresso, Participações em eventos)

Orientações em andamento

Dissertações de mestrado : orientador principal Orientações em andamento

1.
Paulo Mattos Angerami. **Fotografia panorâmica**. 2003. Dissertação (PEPg em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Teses de doutorado : orientador principal Orientações em andamento

1.
Adriana Vaz Ramos. **Espetáculos mediados: a caracterização estética de personagens**. 2004. Tese (PEPG em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2.
Ana Paula Machado Velho. **A comunicação científica no rádio**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

3.
Maria de Fátima Ramos de Andrade. **Alfabetização semiótica e cinema de animação**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

4.
Fátima Aparecida dos Santos. **Design da comunicação sonora na web**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

5.
Carmen Luisa Chaves Cavalcante. **Ficção científica e a modelização no Vale do Amanhecer**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

6.
Mirna Feitoza Pereira. **Linguagens do entretenimento**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

7.
Jeová Rocha de Mendonça. **Modelização de Salomé na cultura**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

8.
Luiz Sergio Leonardí Filho. **O signo jurídico**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

9.
Neide Jallageas de Lima. **Performances e fotografia**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

10.
Regiane Caminni Pereira da Silva. **Personagens nas mídias ou performers?**. 2003. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

11.
Jorge Luis Antonio. **A poesia no computador**. 2001. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Indicadores de produção

Produção bibliográfica

Artigos publicados em periódicos 15

 Completos 15

http://p1sql1.cnpq.br/curriculo/gn_imprime.trata

19/01/05

Trabalhos publicados em anais de eventos	18
Completos	13
Resumos	5
Livros ou capítulos de livros	18
Livros publicados	6
Capítulos de livros publicados	11
Livros organizados ou edições	1
Textos em jornais ou revistas	7
Jornais de Notícias	4
Revistas (Magazines)	3
Demais tipos de produção bibliográfica	3
Artigos	3
Demais tipos de produção bibliográfica	2
Apresentações	2
Demais tipos de produção bibliográfica	5
Produção técnica	
Demais tipos de produção técnica (Cursos de curta duração ministrados)	5
Extensões	1
Aperfeiçoamentos	4
Demais tipos de produção técnica (Apresentações de Trabalhos)	13
Comunicações	1
Conferências	2
Congressos	5
Seminários	5
Orientação concluída	
Dissertações de mestrado	19
Teses de doutorado	3
Demais trabalhos relevantes	1
Informações complementares	
Participações em banca de trabalhos de conclusão	23
Participações em eventos	35
Orientações em andamento	12

Outras informações relevantes

- 1 Realização do V Congresso Brasileiro de Semiótica. São Paulo, Faculdade de Belas Artes, de 19 a 22 de setembro de 2001. Apoio financeiro da PAPESP.

.....**Livros Publicados**

Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura. São Paulo: Ateliê Editorial; FAPESP, 2003, 187p.

O romance e a voz - a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin, Rio de Janeiro, Imago, 1995, 347p.

Analogia do dissimilar. Bakhtin e o Formalismo Russo, São Paulo, Perspectiva, 1989, 215p.

Roteiros de Leitura: Inocência, Visconde de Taunay. São Paulo, Editora Ática, 1997, 144p.

Literatura e Redação - gêneros literários e tradição oral, São Paulo, Scipione, 1994, 271p.

Qual seria o sentido de uma disciplina teórica para o estudo da cultura se nela não estivesse pressuposta uma estratégia conceitual diferenciada daquela praticada pela antropologia? Se essa não foi uma preocupação dos semióticos russos ao traçarem os rumos da abordagem semiótica da cultura, sem dúvida foi uma questão que esteve presente ao situarem, no centro dessa investigação, não a cultura propriamente dita, mas sim seus sistemas de signos. Ou, para ser mais preciso, as relações estabelecidas entre diferentes sistemas culturais: dos mitos às religiões; da literatura ao cinema; das artes plásticas às artes cênicas; da magia aos sistemas biológicos; dos comportamentos às máquinas; enfim, da linguagem natural às linguagens criadas para fins específicos. Com isso, a semiótica da cultura entende que nenhum sistema semiótico é dado: todos resultam de construção a partir de diferentes processos de codificação. Graças ao código o sistema é modelizado numa das linguagens da comunicação e, por conseguinte, pode ser lido como texto da cultura.

A concepção da cultura como sistema modelizante não foi apenas uma noção que levou os semióticos russos a definir a cultura como texto. Trata-se de uma formulação que orientou o pensamento formador da disciplina teórica que floresceu na Rússia a partir dos anos 50 e que ficou conhecida como Escola de Tártu-Moscou. Contudo, não é apenas a riqueza dos conceitos que consagraram e propagaram as discussões de Tártu. É preciso reconhecer a atualidade desse pensamento semiótico. Compreender a cultura como texto tornou-se o grande imperativo nesse momento em que a tecnologia dos sistemas comunicacionais e, conseqüentemente, a expansão de seus códigos e de suas linguagens estão diretamente relacionadas às diferentes formas de modelização de

ESCOLA DE SEMIÓTICA

Irene Machado
A Experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura

ESCOLA DE SEMIÓTICA Irene Machado

AE
FAPESP

AE

Copyright © 2003 by Irene Machado

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.98.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito da editora.

ISBN 85-7480-117-8

Direitos reservados à

АТНЛЕ ЕДИТОРИАЛ

Rua Manoel Pereira Leite, 15

06709-280 – Granja Vianna – Colina – SP

Telefax (11) 4612 9666

www.atlele.com.br / atlele_editorial@uol.com.br
2003

Foi feito depósito legal

Agradço ao professor Peter Tarop, do Departamento de Semiótica da Universidade de Tártu, Estônia, a concessão dos textos russos bem como o direito para a publicação em português.

O ROMANCE E A VOZ Irene A. Machado

O teórico russo Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975), sempre retratado como "um incansável escritor de textos", uma vez afirmou que o grande problema da crítica literária contemporânea era "o medo de levantar hipóteses". Para ele, a falta de "audácia científica e investigadora" tornava impossível "elevantar-se às alturas" ou "descer às profundidades" do objeto em estudo.

Em *O Romance e a Voz*, Irene Machado toma para si o desafio de propor hipóteses provocantes ao refletir sobre a obra do próprio Bakhtin, pois trata-se aqui de um livro sobre a teoria do romance elaborada pelo estudioso russo, à luz do sistema teórico que lhe permitiu pensar as manifestações da linguagem e da cultura de modo geral — o dialogismo.

Ao conceber o romance como expressão do relacionamento inter-humano através da linguagem, Bakhtin criou um conceito de romance enquanto gênero híbrido capaz de representar a *imagem do homem na linguagem*. E voltando-se para o romance, para estudá-lo como signo cultural, ele não particularizou o literário propriamente dito, mas seu foco de interesse foi direcionado para a fala do discurso social comunicativo e do discurso individual especulativo que o romance representa.

Irene Machado valoriza a teoria de Bakhtin como um instrumental de análise da cul-

O ROMANCE E A VOZ



IRENE A. MACHADO

A prosaica dialógica
de Mikhail Bakhtin

O ROMANCE E A VOZ

IRENE A. MACHADO



Imago FAPESP

© 1995 Irene A. Machado

Reservados todos os direitos.
Nenhuma parte desta obra poderá ser
reproduzida por fotocópia, microfilme,
processo fotomecânico ou eletrônico
sem permissão expressa
da Editora.

Capa:
VISIVA COMUNICAÇÃO E DESIGN

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ.

M131r
Machado, Irene A.
O romance e a voz: a prosaica dialógica de M.
Bakhtin/Irene A. Machado. — Rio de Janeiro:
Imago Ed., São Paulo: FAPESP, 1995.
340p. (Série Diversos)

Inclui bibliografia e índices
ISBN 85-312-0402-X

1. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhaïlovitch), 1895-1975 — Crítica
e interpretação. 2. Ficção. 3. Literatura — Estética. I. Fundação de
Amparo à Pesquisa de São Paulo. II. Título. III. Série.

CDD — 891.7
801.953
CDU — 882
82.0-31

94-1405

1995

IMAGO EDITORA LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio
20250-430 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (021) 293-1092

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Próximo lançamento
Jazz ao Vivo
Carlos Calado

ANALOGIA DO DISSIMILAR

Renegados, condenados, expurgados pelo dogmatismo ideológico do chamado realismo proletário ou socialista, os princípios poéticos elaborados pelo Formalismo Russo impuseram-se à exegese em nossos dias. São testemunhos disso as teorias da literariedade e as atividades críticas fulcradas nas pesquisas de linguagem, que se constituíram partes relevantes do debate literário da atualidade.

O propósito de Analogia do Dissimilar, de Irene A. Machado, não é, porém, reavivar questões polémicas. O que se busca neste trabalho é a coerência histórica das concepções formalistas, entendidas como uma poética de resistência. Mesmo nos seus momentos mais radicais, o Formalismo Russo criou instrumental teórico imprescindível para a leitura da produção artístico-cultural. Neste sentido, a contribuição formalista é considerada aqui no contexto crítico-criativo da vanguarda que lhe era contemporânea. Assim, as formulações teóricas de V. Chklóvski, B. Eikhenbaum, I. Tinianov, R. Jakobson, O. Brik são examinadas no contexto do teatro de Meyerhold, da poesia de Malakóvski, da fotografia de Ródtchenko, do cinema do grupo FEKS, enfim, das manifestações da vanguarda construtivista russa dos anos 20. Mas é no confronto do Formalismo Russo com as posições defendidas pelo Círculo de Bakhtin que a coerência histórica ganha um contorno mais preciso. Alguns estudos formalistas, como por exemplo sobre a paródia, a estilização e o skaz, tornaram-se fundamentais para um estudo sobre as contribuições significativas que tanto o Formalismo Russo quanto o Círculo de Bakhtin trouxeram para a compreensão das diferentes representações signícas na Arte, inclusive na Literatura.

irene a. machado
**ANALOGIA DO
DISSIMILAR**

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Irene A.
Analogia do dissimular / Irene A. Machado. —
São Paulo : Perspectiva : Secretaria de Estado de Cultura,
1989. — (Debates ; v. 226)

Bibliografia
ISBN 85-273-0022-2

1. Construtivismo (Arte) – União Soviética
2. Formalismo (Análise literária) – União Soviética
3. Semiótica e artes I. Título. II. Série.

CDD-891.709
-701.48
-709.47
89-1808

Índices para catálogo sistemático:

1. Construtivismo russo : Artes 709.47
2. Formalismo : Literatura russa : História e crítica 891.709
3. Semiótica da arte 701.48

Direitos reservados à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.
Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401 – São Paulo – SP – Brasil
Telefones: 885-8388/885-6878
1989

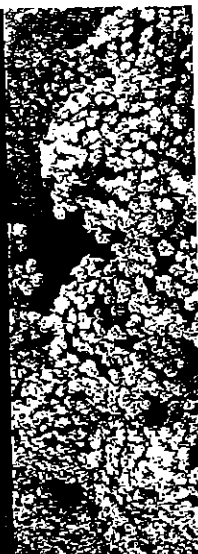
SUMÁRIO

Apresentação – Boris Schnaiderman	13
1. O Formalismo Russo: das Contradições Periféricas à Questão Fundamental	17
2. Desdobramento da Radicalidade Formalista	31
3. A Jussão da Narrativa Oral: Enfoque Lingüístico e Metalingüístico	43
4. O Autor e o Outro: Presença e Ausência de I. Ti- nianov	49
5. Diálogo e Polêmica. Estranhamento e Carnavalização	63
6. Historicidade e Dialética das Formas Composi- cionais	83
7. Por um <i>Epos</i> Moderno, Ativo e Tendencioso: a Des- construção do Épico em <i>Mistério-Bufo</i> de Maiakovski	95
8. A Estética Idealista Contra a Estética Material	117
9. Literariedade e Cinematicidade. Dialogia e Discurso Interior	143
10. Imagem e Palavra: o Movimento Dialógico das Metá- foras Fotopoeéticas	173
Bibliografia	201
Índice	209

ROTEIRO DE LEITURA: *Inocência* DE VISCONDE DE TAUNAY



IRENE A. MACHADO



ROTEIRO DE LETURA: *Inocência* DE VISCONDE DE TAUNAY | IRENE A. MACHADO

O colorido lingüístico, a elegância na técnica de estruturação dos capítulos, a variedade de sentidos que valdquirindo o espaço, a armadilha temporal que surpreende o leitor ao final da narrativa, a habilidade com que o autor reverte o enfoque dos personagens são alguns dos aspectos analisados por Irene A. Machado da perspectiva do gênero regionalista, que vão conduzindo nossa reflexão para os temas e idéias fundamentais do romance.


editora ática

IRENE A. MACHADO

Doutora em Teoria Literária e
Literatura Comparada pela USP
Professora da Escola Técnica Federal de São Paulo

EDITORA

Sandra Alameda

COORDENADORA DA COLEÇÃO

Márcia Lígia Guídim

EDITORA ASSISTENTE

Sueli Campopiano

REVISÃO

Cecília Deus

Célia da Silva Carvalho

Elhana Antonioli (coord.)

Luiza Eliana Luchini

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Emporium Brasilis Memória e Produção Cultural

Vladimir Sacchetta (coordenação)

Merci Ferrari (pesquisa)

Estúdio Renget (reproduções fotográficas)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Honnam de Melo & Trina Design

1997

Todos os direitos reservados pela

Editora Ática

Rua Barão de Iguape, 110 — CEP 01507-900

Caixa Postal 8656 — CEP 01065-970

São Paulo — SP

Tel.: (011) 278-9322 — Fax: (011) 277-4146

Internet: <http://www.atica.com.br>

e-mail: editora@atica.com.br

**ROTEIRO
DE LEITURA:
Inocência**
**DE
VISCÔNDE
DE TAUNAY**

IRENE A. MACHADO


editora ática

Série Didática - Classes de 1º ao 5º ano

CONTEÚDO E METODOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

LITERATURA E REDAÇÃO

IRENE A MACHADO



CONTEÚDO E METODOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
LITERATURA E REDAÇÃO
IRENE A MACHADO

LITERATURA E REDAÇÃO

CONTEÚDO E METODOLOGIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA

IRENE A MACHADO

editora scipione

DIRETORES

Luz Esteves Salim
Maurício Fernandes Dias
Vicente Paz Fernandez
Patrícia Fernandes Dias
José Gallatassi Filho
Antonio Nicolau Youssef
Joaquim Nascimento

• GERÊNCIA EDITORIAL
Aurelio Gonçalves Filho

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Lidia Melo Chalh

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Cláudio Espósito Godoy

REVISÃO

chela - Sâmnia Rios
assistência - Roberto Bezerra de Albuquerque
preparação - Lidia Toshie Tamazato
revisão - Roberto Belli e Roberto Homem de Mello

ARTE

chela - Antonio Tadeu Damiani
coordenação - Maria do Céu Pires Passuello
assistência - Yong Lee Kim e Sueli Ribas Loça
capa - Mariana Moreau
ilustrações - Cor e Forma Studio de Artes e
Sueli Ribas Loça
pesquisa iconográfica - Alice Reiko Haga
lojots - Laurenti Fochetto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

José Antonio Ferraz

COMPOSIÇÃO E ARTE-FINAL

Diarle Editora e Comercial de Livros
coordenação geral - Nelson S. Urra
coordenação de arte-final - Silvio Vivian
coord. de composição - Armando F. Tomiyoshi
composição - Rodinei Roberto Pressi
arte-final - Rogério Sardella e Jorge L. Barrunuevo

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica Editora Hamburg Ltda.

Editora Scipione Ltda.

MATRIZ

Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP

DIVULGAÇÃO

Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011) 239 1700
Telex (11) 26732
Caixa Postal 65131

.....Capítulos Publicados em Livros

“O ponto de vista semiótico”. *Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências* (3ed.). (Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino e Vera Veiga França, orgs.). Rio de Janeiro: Vozes, 2003, pp. 279-309.

“Semiótica como teoria da comunicação”. *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação* (M. Helena Weber; Ione Bentz; Antonio Hohlfeldt, orgs.). Porto Alegre: Sulina; COMPOS, 2002, pp. 209-234.

“Gêneros no contexto digital”. *Interlab. Labirintos do pensamento contemporâneo* (Lúcia Leão, org.). São Paulo; Fapesp/Iluminuras, pp. 71-82.

“Comunicação e estudos enunciativos: a contribuição de Roman Jakobson”. In *Estudos enunciativos no Brasil. História e Perspectivas* (org. Beth Brait). São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2001, pp. 87-106.

“Corpo e voz na imagem grotesca: a poesia de João Cabral de Melo”. In *Imagens do Brasil* (orgs. Beth Brait & Neusa Bastos). São Paulo: EDUC.

“Redescoberta do *sensorium*: rumos críticos das linguagens interagentes”. In *Outras leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagens interagentes* (Maria Helena Martins, org.). São Paulo: Editora SENAC; Itaú Cultural, pp. 73-93.

“El texto como objeto de estudio em la unidad dialógica de las culturas”. *Lecturas simultâneas: La enseñanza de lengua y literatura con especial atención al cuento ultracorto* (org. Lauro Zavala). Mexico, Universidad Autonoma Metropolitana, 1999, pp. 15-39.

“Texto & Gêneros: fronteiras”. *Espaços da linguagem na educação* (org. Mary J. Dietzsch, org.). São Paulo: Humanitas, 1999.

“Os gêneros e a ciência dialógica do texto”. *Diálogos com Bakhtin*. (Carlos Alberto Faraco e outros, orgs.). Curitiba, Editora UFPR, 1996, pp. 225-271.

“Voz e valor na constituição da textualidade”. *Oralidade em tempo & espaço: Colóquio Paul Zumthor* (Jerusa P. Ferreira, org.). São Paulo: EDUC-FAPESP, 1999.

“Os gêneros e o corpo do acabamento estético”. *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido* (Beth Brait, org.). Campinas, Editora da UNICAMP, 1997, pp. 141-158.

Conceitos, escolas e tendências

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

3ª EDIÇÃO



Antonio Hohlfeldt
Luiz C. Martino
Vera Veiga França
(Co-organizadores)

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino
Vera Veiga França



TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

é um livro pioneiro e inusitado. Escrito por nove professores oriundos de cinco diferentes universidades brasileiras, é o primeiro livro brasileiro sobre a matéria, destinado a professores, alunos e pessoas interessadas no tema.

O livro pretende quebrar o tabu de que teoria é sempre uma leitura insossa e difícil. Com linguagem acessível, ainda que cientificamente correta, os autores procuram conduzir o leitor através dos diferentes e labirínticos territórios da Teoria da Comunicação, tanto sob a perspectiva da aventura da descoberta quanto do fabuloso campo de conhecimento que é a Teoria da Comunicação.

capa: Marta Braiman



www.vozes.com.br



Uma vida pelo bom livro
E-mail: vendas@vozes.com.br

Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino e Vera Veiga França
(organizadores)

TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

Conceitos, escolas e tendências

3ª Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Teorias da comunicação : conceitos, escolas e tendências
(organizadores) Antonio Hohlfeldt, Luiz C. Martino,
Vera Veiga França. Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.

ISBN 85.326.2615-7

1. Comunicação I. Hohlfeldt, Antonio II. Martino,
Luiz C. III. França, Vera Veiga.

01.3139

CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Comunicação : Teoria : Sociologia 302.2
2. Teoria da comunicação : Sociologia 302.2

 EDITORA
VOZES

Petrópolis
2003

Graduação Mestrado Especialização

Associação de Faculdades
Bragança Paulista
Av. São Francisco
do Assis, 218
(11) 4004-6000

Biologia da Saúde
Gerais
Jurídicas
Exatas e Tecnológicas
Humanas e Sociais

Associação de Faculdades
Itaíba
R. Alexandre
Rodrigues Barbosa, 45
Paris
(11) 4534-8000

Associação de Faculdades
São Paulo
R. Hannemann, 352
Paris
(11) 3315-2000

Associação de Faculdades
Ciências Farmacêuticas
Educação
Psicologia
Engenharia e
Ciência dos Materiais

Associação de Faculdades
Gestão Financeira
Gestão de Negócios
Marketing
Desenvolvimento Gerencial

Bragança Paulista
Av. São Francisco
do Assis, 218
(11) 4004-6000

Itaíba
R. Alexandre
Rodrigues Barbosa, 45
Paris
(11) 4534-8000

São Paulo
R. Hannemann, 352
Paris
(11) 3315-2000

UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO

W W W . S A O F R A N C I S C O . E D U . B R

© 2001, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
Internet: <http://www.vozes.com.br>
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Editoração e org. literária: Renato Kirchner

ISBN 85.326.2615-7

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda.

SUMÁRIO

Introdução, 7

PARTE I: EPISTEMOLOGIA E ORIGENS HISTÓRICAS DO FENÔMENO

1. De qual comunicação estamos falando?, 11

Luiz C. Martino

2. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação, 27

Luiz C. Martino

3. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto, 39

Vera Veiga França

4. As origens antigas: A comunicação e as civilizações, 61

Antonio Hohlfeldt

5. As origens recentes: os meios de comunicação pelo viés do paradigma da sociedade de massa, 99

Giovandro Marcus Ferreira

PARTE II: CORRENTES TEÓRICAS, PARADIGMAS E TENDÊNCIAS

1. A pesquisa norte-americana, 119

Carlos Alberto Araújo

2. A Escola de Frankfurt, 131

Francisco Rüdiger

3. Os estudos culturais, 151
Ana Carolina Escosteguy
4. O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação, 171
Juremir Machado da Silva
5. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação, 187
Antonio Hohlfeldt
6. A pesquisa em comunicação na América Latina, 241
Christa Berger
7. O ponto de vista semiótico, 279
Irene Machado

INTRODUÇÃO

O leitor terá, neste volume, um livro praticamente pioneiro no Brasil, e pioneiro sob diversos aspectos.

O primeiro pioneirismo é que ele é feito em equipe. Nasceu de uma idéia, há três anos, de vários professores da disciplina de Teoria da Comunicação que, reunidos em diferentes momentos, em encontros da COMPOS – entidade que reúne os Programas de Pós-Graduação em Comunicação Social, descobriram que desenvolviam com muita semelhança seus programas em sala de aula. Resolveram então viver a aventura de compor um livro que pudesse, eventualmente, servir a todos eles e, certamente, a seus alunos.

O segundo pioneirismo é que este é o primeiro livro de Teoria da Comunicação, em sentido estrito, destinado a professores e alunos de Teoria da Comunicação, em nível de graduação. Não se trata, no entanto, de um livro didático, na acepção geral do termo, porque não pretendeu seguir os moldes dos livros didáticos de 1º e 2º graus. Nem se trata de um livro de ensaios, no sentido amplo da palavra. Na verdade, cada autor escolheu os temas de sua especialização ou preferência, e os desenvolveu tal como o faz em sua sala de aula. A coordenação editorial buscou compatibilizar os temas, os enfoques e assim completar o conjunto de conteúdos colocados à disposição do leitor. Não pretendemos que seja um *livro de sala de aula*, mas um *livro para pesquisa em sala de aula*, de modo que permita ampliar, aprofundar ou abrir novos enfoques para os diferentes momentos da disciplina.

7. O PONTO DE VISTA SEMIÓTICO

Irene Machado

A produção de linguagem

Existem, evidentemente, muitas possibilidades de estudo da comunicação, de seus processos, de seus objetos. As várias teorias, desenvolvidas em campos precisos do conhecimento – antropologia, biologia, filosofia, lingüística, sociologia, cibernética –, se voltaram para o fenômeno da troca entendendo-o como compartilhamento de mensagens em diferentes contextos. As ciências humanas interessou, basicamente, a troca de mensagens em processos de interação social; as ciências biológicas, as neurociências e ciências da mente tomaram para si a tarefa de examinar as trocas de mensagens processadas no interior de organismos e de sistemas vivos; as ciências duras, por sua vez, se voltaram para as trocas de mensagens em circuitos e dispositivos tecnológicos. Em todos esses campos, o estudo das mensagens como fenômeno de troca visa uma maior compreensão do modo como acontecem as interações por meio da linguagem. Emissores e recepção, canais de transmissão, códigos que organizam as informações em mensagem centralizam grande parte dessas abordagens. A partir delas se consagrou a noção de troca como transporte ponto-a-ponto, criadora de um modelo unidirecional de transmissão.

Há, também, uma outra possibilidade de se entender a comunicação valorizando, não a troca como transporte, mas a dinâmica dialógica transformadora da informação em lin-

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Responsável: Grammaire Lima J. Pinto CRB 11/1204

1312: Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação/ organização Maria Helena Weber, Ione Bentz e Antonio Hohlfeldt. – Porto Alegre : Sulina, 2002. 296 p.

ISBN: 85-205-0306-3

1. Comunicação social. 2. Meios de comunicação. 3. Teoria da comunicação. 4. Jornalismo. I. Weber, Maria Helena II. Bentz, Ione III. Hohlfeldt, Antonio VI. Título

CDU: 301.14



Editora Sulina

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Te/Fax: (0xx51) 3333-3345/3311-4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: ed.sulina@vix-rs.net

Junho/2002

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Apresentação 9

PARTE 1 - CAMPOS

A pesquisa vista "de dentro de casa" 21
ANTÔNIO FAUSTO NETO

Objetos de pesquisa e campo comunicacional 36
BERNARDO ISSLER

Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil 52
CÍCILIA M. KROHLING-PERUZZO

Paradigmas de construção do campo comunicacional 73
MARIALVA BARBOSA

PARTE 2 - MEIOS

O campo da comunicação e a experiência estética 83
CÉSAR GERALDO GUIMARÃES

Pesquisa em multimeios: sons e imagens na encruzilhada das artes e das ciências 101
MARCUS FREIRE

Mídia convergente enquanto meio e objeto de estudo 117
MOHAMMED ELHAJI

Jornalismo na comunicação 137

CHRISTA BERGER

A experiência na escritura:
uma estória e um impasse 164

DENILSON LOPES

PARTE 3 - TEORIAS

Comunicação: objeto, objetivos, objeções 177

DÉCIO PIGNATARI

A desintegração historial do objeto
vis-à-vis à emergência da cibercultura
e do pensamento comunicacional 181

FRANCISCO RÜDIGER

Semiótica como teoria da comunicação 209

IRENE MACHADO

Da decifração à experiência da
significação: os percursos da
linguagem nas teorias da comunicação 235

JOSE BENJAMIM PICADO

PARTE 4 - ANÁLISES

ANTÔNIO ALBINO CANELAS RUBIM 251

JOSÉ LUZ BRAGA 257

JUREMIR MACHADO DA SILVA 271

MARIA IMMACOLATA VASSALLO LOPES 277

VÍRA FRANÇA 286

Eis um espaço aberto a pesquisadores atentos aos fenômenos comunicacionais e aos métodos para abordá-los, instigados, permanentemente, pelas complexas relações entre sujeitos, mídias, tecnologia e pensamento. Este volume amplia tal perspectiva, na medida em que é constituído por várias iniciativas e premissas resultantes de um conjunto de debates sobre os objetos de pesquisa em comunicação, ocorridos no âmbito do II Seminário Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação, realizado em Porto Alegre, de 2 a 3 de outubro de 2001, promovido pela COMPOs – Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação. A realização do Seminário teve o concurso da PUCRS – Programa de Pós-graduação em Comunicação, da UFRGS – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação e da UNISINOS – Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, com o apoio do CNPq, FAPERGS e o trabalho de Alexandre Leboutte da Fonseca, André I. Rodrigues, Flávio Meurer, Geder Parzianello Jamile Dalpiaz, Luz Monica Marquez, Manoella Neves, Rosa Nívea Pedroso, Sandro Galarça e Vanessa Pereira. Foram reunidos nesse evento, pelo menos três diferentes gerações de professores, pensadores e técnicos da comunicação que nos conduziram, com naturalidade, a uma riqueza multiplicada pelas diferentes óticas e práticas comunicacionais, totalizando um público de 90 inscritos e 18 palestrantes convidados.

Pensar as tensões e perspectivas da pesquisa em comunicação, nesse evento, foi tarefa desenvolvida pelos representantes de cada um dos Programas, ampliando o quadro de reflexão epistemológica, não só para o campo da comunicação, como também para todas as áreas das ciências sociais e humanas. Pode-se entender isto como parte de um processo intermiente de produção

- Tofts, Darren e McKeigh, Peter. *Memory Trade*. North Rude: Interface, 1997.
- Trivinho, Eugênio. *O Mal-estar na teoria*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- Wiener, Norbert. *Cibernética*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- Winograd, Terry. *Heidegger and the design of computer systems*. In Feenberg, A. & Hannay, A. *Technology and the politics of knowledge*. Bloomington (IN): Indiana Univ. Press, 1995.

Semiótica como teoria da comunicação

Irene Machado*

Indagações preliminares

Em meados de junho de 2001, os assinantes da lista de discussão semióticos¹, coordenada pelo professor argentino Juan Margulíons de Moretin², foram surpreendidos com a pergunta "para que serve a *semiótica*?". Como era de se esperar, a lista rapidamente se transformou numa tribuna atravessada pelos mais diferentes pronunciamentos. Até onde pode acompanhar o debate, não houve nenhuma insinuação quanto à impropriedade da pergunta. Pelo contrário. Todos aqueles que tomaram a palavra defenderam a legitimidade da reflexão sobre uma área do conhecimento cujos domínios têm se ampliado muito nos últimos anos. Como se sabe, o campo dos estudos semióticos cresceu consideravelmente na segunda metade do século XX: de teoria geral dos signos e da significação, partiu-se para uma compreensão semiótica, estabelecendo-se as bases da semiótica aplicada. Contrariamente ao que se costuma supor, esse movimento não corresponde a uma expansão aleatória, mas sim a um crescimento circunstanciado pelo aumento de problemas semióticos advindos, não apenas do reconhecimento da semi-diversidade (Risério: 1999) reinante no planeta, como também da necessidade de sua permanência como garantia da vida que o anima. O grande mérito da pergunta lançada por Moretin não foi apenas a possibilidade de manifestação dos pontos de vista formulados pelas várias linhas semióticas. O saldo positivo foi o

* Professor e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo ... PUC/SP.

LABIRINTOS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

organização
Lucia Leão

Lucia Leão

LABIRINTOS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

al,
des,
al, rea-
rtificial, bi-
eb arte, etc.
um momento
es científicas e
em uma velocidade
om elas vemos prolife-
ermos e conceitos. Neste
as idéias de pensadores
ntes áreas de conhecimento.

Copyright © desta edição:
Editora Iluminuras Ltda.

Capa:
Fê

Tradução
Renata Cordeiro

Revisão da tradução
Nadine Fajerman

Revisão técnica:
Lucia Leão

Revisão:
Ana Teixeira
Maria Estela de Alcântara

Filmes de capa:
Fast Film - Editora e Fotolitos

Composição e filmes de miolo:
Iluminuras

ISBN: 85-7321-148-2

SUMÁRIO

PENSANDO O MUNDO DIGITAL

Sete itens sobre a net 11
Siegfried Zielinski

Labirintos e mapas do ciberespaço 15
Lucia Leão

A arquitetura da cibercepção 31
Roy Ascott

Vistas prazerosas: os jardins do hipertexto 39
Mark Bernstein

Formas de futuro 47
Michael Joyce

A estrutura da atividade hipertextual 57
Jim Rosenberg

Gêneros no contexto digital 71
Irene A. Machado

Padrões do hipertexto 83
Mark Bernstein

PENSANDO A ARTE E A INTERATIVIDADE

O tempo real nos dispositivos artísticos 101
Edmond Couchot

Novos rumos na arte interativa 107
Eduardo Kac

Experimentações artísticas em redes temáticas e web 115
Gilberto Prado

Uma viagem da imagem pelo espaço 125
Milton Sogabe

2002

EDITORA ILUMINURAS LTDA.

Rua Oscar Freire, 1233 - 01426-001 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (0xx11)3068-9433 / Fax: (0xx11)3082-5317

iluminur@iluminuras.com.br

- NANARD, Jocelyne e NANARD, Marc (1991). "Using structured types to incorporate knowledge in hypertext", *Proceedings of Hypertext'91*. New York: ACM.
- _____. (1993). "Should anchors be typed too? An experiment with MacWeb", *Hypertext'93 Proceedings*. Nova Iorque: ACM.
- PARUNAK, H. Van Dyke (1991). "Don't link me in: set based hypermedia for taxonomic reasoning", *Proceedings of Hypertext'91*. New York: ACM.
- ROSENBERG, Jim (1993). *Intergrams*. Watertown MA: Eastgate Systems.
- _____. *Diffractions through: thirst weep ransack (trality) veer tide elegy*. Watertown MA: Eastgate Systems, no prelo.
- _____. (1994). "Navigating nowhere/hypertext infrawher", *SIGLINK Newsletter* 3. 3 de dezembro. <http://www.well.com/user/jer/NNH1.html>.
- _____. "Making way for making way: co-striation act topographer of the mingle scriptoid transform dance", *SIGLINK Newsletter*. No prelo.
- STOTTS, P. David e FURUTA, Richard (1989). "Peiri-net based hypertext: document structure with browsing semantics", *ACM Trans. Inf. Syst.*, 7 de Janeiro.
- STREITZ, Norbert, HAAKE, Jörg, HANNEMANN, Jörg, LEMKE, Andreas, SCHULER, Wolfgang, SCHÜTT, Helge e THÜRING, Manfred (1992). "SEPIA: a cooperative hypermedia authoring environment", *ECHT'92 Proceedings of the ACM Conference on Hypertext*. New York: ACM.
- TOULMIN, S. (1959). *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZELLWEGGER, Polle T. (1989). "Scripted documents: a hypermedia path mechanism", *Hypertext'89 Proceedings*. New York: ACM.

GÊNEROS NO CONTEXTO DIGITAL

Irene A. Machado

GÊNEROS. MÍDIAS. CULTURA

Em tempos de mídias eletrónico-digitais, de proliferação de linguagens artificiais e de comunidades virtuais, nada pode parecer mais anacrónico do que recorrer ao conceito de género para a análise do processo de transmissão das mensagens e da organização textual na cultura. Se, por um lado, género recorda a clássica teoria poética fundada por Aristóteles, por outro val de encontro às classificações que delimitam o carácter das obras da cultura literária que parecem, cada vez mais, "coisas do passado". Tanto os gêneros poéticos, derivados da hierarquia no uso da voz, quanto os gêneros literários, direcionados para a classificação das produções da *littera*, se ocuparam das formas fixas e imutáveis. Ressuscitar tal conceito em meio à explosão dos sistemas de escrita e, conseqüentemente, de sua expansão para fora da *littera* não seria um anacronismo? As profundas transformações do processo comunicativo e a diversidade provocada pela migração de formas discursivas e de meios parecem afirmar o contrário. O estudo dos gêneros se tornou uma necessidade sobretudo porque as mídias eletrónico-digitais da cultura contemporânea são formas de comunicação mediada e, por isso mesmo, são *linguagens*. A idéia de que a linguagem apresenta esteras diferenciadas de uso, quer dizer, de gêneros, não é nova (ver Bakhtin, 1986). A novidade é sua extensão ao conjunto da comunicação mediada por processos eletrónico-digitais. Este é o foco da retomada dos gêneros no presente momento.

Na cultura das mídias eletrônicas e digitais, as transmissões não se realizam apenas por meio da linguagem natural, da palavra gerada pela voz ou registrada pela letra impressa. Imagens em movimento e um complexo campo de linguagens artificiais mobilizam infinitas interações comunicativas imprimindo na cultura um hibridismo inusitado. A comunicação mediada (por rádios, satélites, redes de computadores) continua produzindo *discursos* e, por isso mesmo, as mensagens resultam num determinado modo de organização, num *texto*. O texto, não se pode deixar de lembrar, é a unidade da cultura ou de tudo que o homem produziu através da linguagem natural e também das inúmeras linguagens artificiais, com o objetivo de armazenar e difundir informação e produzir comunicação.

Contrariamente ao que se poderia supor, o reposicionamento do estudo dos gêneros não se limita a uma mera reflexão acadêmica. Na verdade, constitui um inquérito sobre os mecanismos mobilizadores da cultura em suas diferentes gestões culturais que suportam hoje esse híbrido que é a cultura não só de meios, mas de múltiplas mediações — a "cultura das mídias" como tem definido a semiótica Lúcia Santaella (1996). O hibridismo dos sistemas comunicativos que interfere na definição de cultura atua também sobre os gêneros. Quando se trata de considerar a cultura de um ponto de vista semiótico,

"Aceitando com Voltaire que um livro só é *desculpável na medida em que ensina alguma coisa*, parece que este tem um lugar garantido, dado o empenho com que os autores dos textos tentaram, com evidente rigor, colocar algumas balizas nos estudos enunciativos, levando em conta alguns percursos históricos que dão forma a esse paradigma das pesquisas lingüísticas e, também, as perspectivas aí contidas."



ISBN 85-711-3155-4

Beth Brito (Org.)

Estudos Enunciativos no Brasil

Estudos Enunciativos no Brasil

Histórias e Perspectivas

Pontes

Pontes



SUMÁRIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas / Beth Brait: (Org.). -- Campinas, SP: Pontes: São Paulo: Fapesp, 2001.	CDD-401.41
Vários autores.	
Bibliografia.	
ISBN 85-7113-155-4	
1. Análise do discurso 2. Linguística	
3. Semiótica I. Brait, Beth.	
01-5147	

Índice para catálogo sistemático:

- 1. Enunciação : Discurso : Linguística 401.41
- 2. Estudos enunciativos : Discurso : Linguística 401.41

PONTES EDITORES

Rua Maria Monteiro, 1635
13025-152 Campinas SP Brasil
Fone (019) 3252.6011
Fax (019) 3253.0769
E-mail: ponteseditor@lexxa.com.br

2001
Impresso no Brasil

Apresentação	05
Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo <i>Beth Brait</i>	07
Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas <i>Carlos Alberto Faraco</i>	27
O sujeito e os estudos da significação na década de 70 no Brasil <i>Eduardo Guimarães</i>	39
Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo <i>Helena H. Nagamine Braidão</i>	59
Linguística textual: retrospecto e perspectivas <i>Ingedore G. Villaça Koch</i>	71
Comunicação e estudos enunciativos: a contribuição de Roman Jakobson <i>Irene A. Machado</i>	87
Categorias da enunciação e efeitos de sentido <i>José Luiz Fiorin</i>	107
Estudos enunciativos: atividades de linguagem em situação de trabalho <i>Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva</i>	131

WUNDERLICH, D. 1968. Pragmatische Sprechsituation. Deixis. In: *Linguistik* 9, Universität Stuttgart.

_____. (1976). *Studien zur Sprachkritiktheorie*. Frankfurt:

Suhrkamp.

_____. (1985). Raum, Zeit und das Lexikon. In: *Sprache und*

Raum, p. 66-89.

COMUNICAÇÃO E ESTUDOS ENUNCIATIVOS: A CONTRIBUIÇÃO DE ROMAN JAKOBSON

IRENE A. MACIARDO

GÊNEROS E FUNÇÕES

Para aqueles que encerraram a obra de Roman Jakobson (1896-1982) nos limites do estruturalismo ou do formalismo, avaliar suas contribuições para os estudos enunciativos talvez possa ~~ser~~ como uma tentativa forçada ou mesmo uma "idéia fora de lugar". Contudo, aqueles que se derem ao trabalho de apenas considerar (não estou falando ler) as duas centenas de textos que Jakobson escreveu em russo, alemão, francês, inglês e em outros idiomas, publicados nos mais diversos países do mundo, certamente irão encontrar razões de sobra para esta inserção. Jakobson conviveu com várias culturas, aprendeu inúmeras línguas, exercitou-se em vários campos do conhecimento: da poética à linguística, desta à biologia e à neurolinguística; da etnografia e antropologia à teoria da informação e comunicação; da semiótica à cibernética. O motivo que o levou a tantos deslocamentos foi um só: *necessidade de compreender a linguagem em toda sua extensão*. O estudo da língua entre as línguas tornou-se o objeto único de sua paixão teórica. Seria muito ingênuo acreditar que um pesquisador desse porte *nada* teria a dizer sobre a enunciação. Não será exagero afirmar que *não* existe um tema linguístico que não tenha sido alvo de seu interesse. Como ele costumava dizer, parafraseando o poeta cômico latino Terêncio (185-159 a.C.): *Linguista sum: linguistici nihil me alienum putio* ("Sou linguista: nada do que diz respeito à linguagem me pode ficar alheio") (Jakobson, 1971: 17).

Descendente de uma linhagem de linguistas ilustres, Filip F. Fortunatov (1848-1914), Jan Baudouin de Courtenay (1845-1929), Lev V. Chcherba

BETH BRAIT E NEUSA BASTOS
ORGANIZADORAS

IMAGENS DO BRASIL: 500 ANOS

BETH BRAIT E NEUSA BASTOS (ORGS.)

IMAGENS DO BRASIL: 500 ANOS

83-0227-X

FEIRA

SCA

LOJA

PASSETEI

65. VA

OTTA

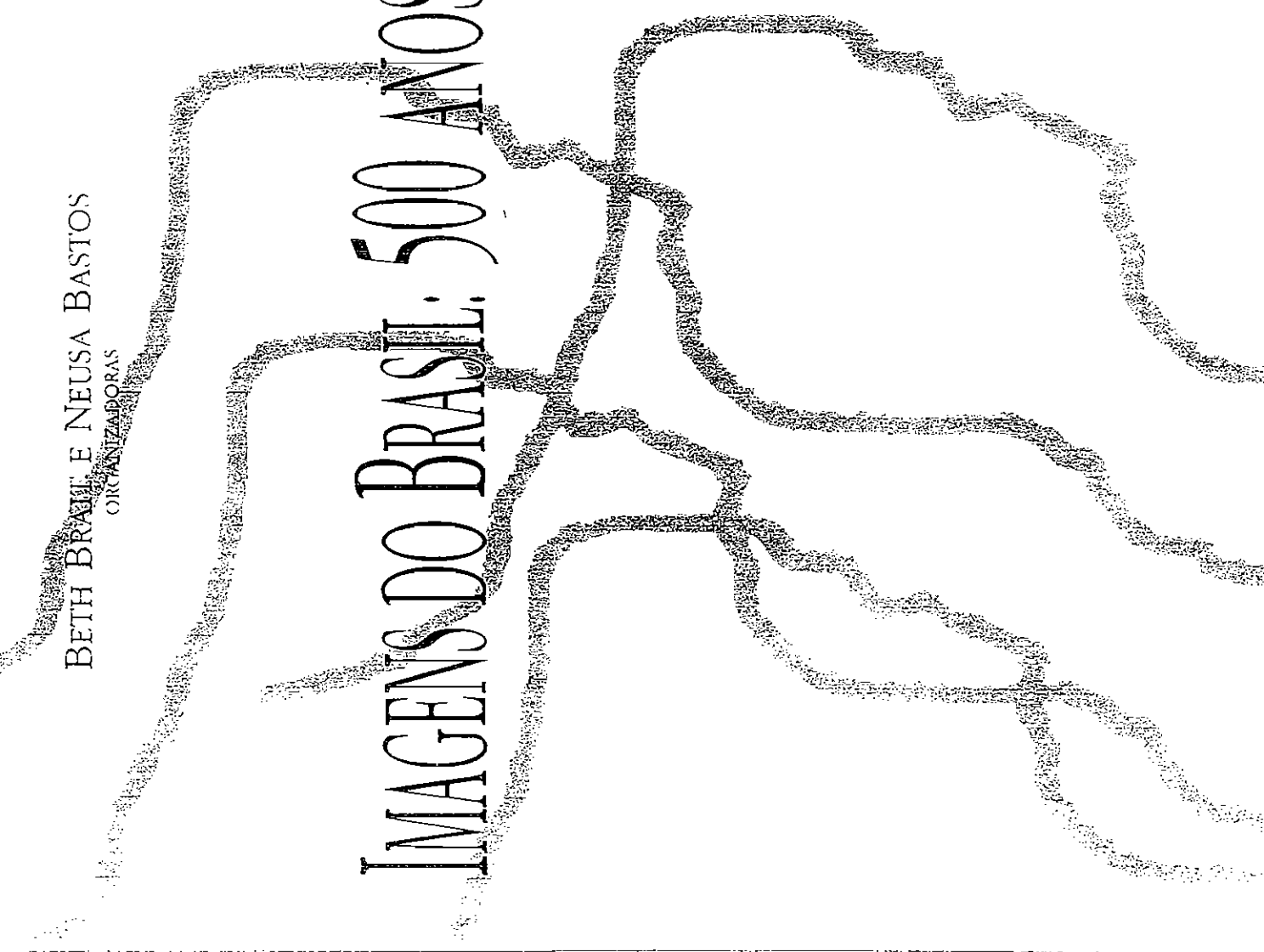
ANDERLEY

BA CELANI

MATOS

MARINO ANTUNES

GADELHA



Imagens do Brasil: 500 anos / orgs. Beth Brati; Neusa Bastos. - São Paulo :
EDUC, 2000.
312 p. : 23 cm (Edições comemorativas)

ISBN 85-283-0227-X

1. Brasil - História - Descobrimento. I. Brati, Beth. II. Bastos, Neusa.

CDD 981.01

IC - Editora da PUC-SP

vão

Maria do Carmo Guedes

Maria Elza Mazzilli Pereira

ução Editorial

Equipe Educ

aração e Revisão

Paulo Sergio de Carvalho

ração Eletrônica

ArISOft Informática

1

Sara Rosa

Realização: *Waldir Antonio Alves*

U

Ministro Godói, 1213

05015-001, São Paulo, SP

fax: (011) 3873-3359 / 3672-6003

ail: educ@puccsp.br

APRESENTAÇÃO

Beth Brati e Neusa Bastos

7

MALRITSTAD E VISÕES BRASILEIRAS: AOS EUROPEUS,

O ALÉM MAR E AOS BRASILEIROS, UMA OUTRA HISTÓRIA

Ana Cláudia de Oliveira

9

EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA EM MANOEL BOMFIM (1868-1932)

Antonio Carlos Ronca

Misuko Aparecida Mabino Antunes

31

DO JETTO QUE FUI SÓ

Beth Brati

51

POR UM NOVO DESCOBRIMENTO:

EM BUSCA DA MEMÓRIA COMUM AFRO-LUSO-BRASILEIRA

Carlos Guilherme Mota

73

PAPAGIENOS TROPICAIS

Dorivalba Voegeli Passelli

97

QUINHENTOS ANOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA: A ALTRUIZIDADE
COMO NEGAÇÃO DA IDENTIDADE NA COLONIZAÇÃO BRASILEIRA

Douglas Santos

Jorge Luiz B. da Silva

Vera Lucia Vieira

115

VOZ COMO CORPO GROTESCO:

A POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Irene Machado

127

DESCOBRIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA

José Luiz Fiorin

153

UM RISO AZUL CLARO. PEQUENO EXERCÍCIO CRÍTICO

EM TORNO DE MACHADO DE ASSIS INSÓLITO

Leda Tenório da Motta

177

Dai porque o sertanejo fala pouco:
as palavras de pedra ulceram a boca
e no idioma pedra se fala doloroso;
o natural desse idioma fala à força.

Dai também porque ele fala devagar:
tem de pegar as palavras com cuidado,
confeitá-las na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho.

O sertanejo falando. João Cabral de Melo Neto

VOZ COMO CORPO GROTESCO
A POESIA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

RUMOS LITERATURA

OUTRAS LEITURAS

LITERATURA
TELEVISÃO
JORNALISMO DE ARTE E CULTURA
LINGUAGENS INTERAGENTES

Maria Helena Martins (org.)

Flávio Aguiar

Maria Aparecida Baccega

Dulcília Buitoni

Irene Machado

OUTRAS LEITURA

LITERATURA
TELEVISÃO
JORNALISMO DE ARTE E CULTURA
LINGUAGENS INTERAGENTES

Maria Helena Martins (org.)

Flávio Aguiar

Maria Aparecida Baccega

Dulcília Buitoni

Irene Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Quatro leituras: literatura, televisão, jornalismo de arte e cultura, linguagem interagente / Maria Helena Martins (organizadora). - São Paulo : Editora SENAC São Paulo : Itaú Cultural, 2000.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 857450-163-3 (SENAC)

1. Crítica de arte. 2. Cultura. 3. Jornalismo
4. Literatura. 5. Televisão. I. Martins, Maria Helena.

00-3959 CDD-070.4497

Índices para catálogo sistemáticos:

1. Jornalismo de arte e cultura 070.4497

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora SENAC São Paulo

Rua Teixeira da Silva, 531 - CEP 04002-032

Caixa Postal 3595 - CEP 01060-970 - São Paulo - SP

Tels. (11) 3884-8122 / 3884-6575 / 3889-9294

Fax (11) 3887-2136

E-mail: eds@sp.senac.br

Home page: <http://www.sp.senac.br>

c. 00

Itaú Cultural

Av. Paulista, 149

CEP 01311-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 238-1700

Home page: <http://www.itaucultural.org.br>

© 2000, dos autores



Itaú
cultural

LEILA
INCIDENTE
A CULTURA
MINISTÉRIO
DA CULTURA

VALHEIRO FILHO, Roberto Dante. *A música na planta jornalística do Estado de São Paulo: 1947-1968*. São Paulo: ECA/USP, 1996. (Dissertação de mestrado em Ciências da Comunicação.)

SNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia Letras/Círculo do Livro, 1989. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VIER, Ismael N. (org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro, Graal/Embrafilme, 1991. (Arte e Cultura, 5.) (2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991).

Redescoberta do *sensorium*:

rumos críticos das linguagens interagentes

Irene Machado

O que mais importa agora é redescobrir nossos sentidos. Devemos aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais. Nossa tarefa não é prostrar o máximo de conteúdo numa obra de arte, menos ainda extrair de uma obra de arte um conteúdo maior do que aquele que está lá. Nossa tarefa é eliminar o conteúdo de modo que seja possível ver a coisa em si. O objetivo de todo comentário sobre arte deveria ser fazer as obras de arte — e, por analogia, nossa própria experiência — mais, e não menos, reais para nós. A função da crítica deveria ser mostrar como é que é, ou mesmo o que é que é, e não mostrar o que significa. (...) Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte.

Susan Sontag¹

Contaminação entre linguagens

O primeiro samba gravado no Brasil, maior sucesso do Carnaval de 1917, tem sido lembrado como a canção que reuniu aspectos preciosos do que seria, num futuro não muito distante, nossa música popular: uma farta combinação de discursos e ritmos de exuberantes tonalidades — lirismo, deboche, crítica, prosa de botequim, ironia, reflexão filosófica; marchinha, embolada, samba; música instrumental, canção, dança, rito, festa. "Pelo telefone", fruto da parceria entre Donga (Ernesto Joaquim Maria dos Santos, 1890-1974) e Mauro de Almeida (1882-1956), pode ser lembrado também como um exemplo de criação predisposta ao contágio de descobertas que agitaram o ambiente cultural da época. O samba de Donga faz uma saudação ao telefone, ao construir uma letra muito próxima do diálogo que

temas universitarios

Lauro Zavala
(Compilador)

Lecturas simultáneas:

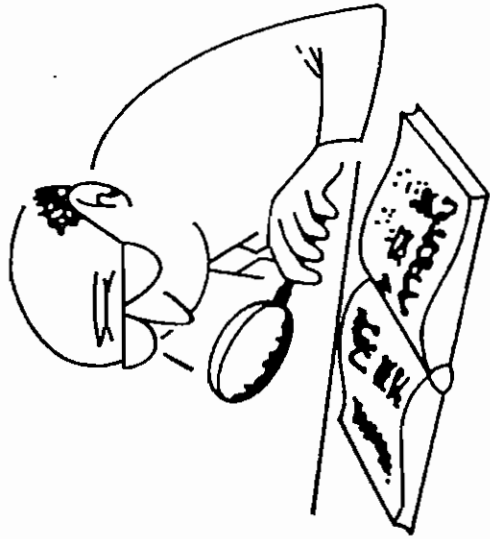
La enseñanza de lengua y literatura con especial atención al cuento ultracorto

Lecturas simultáneas

Lauro Zavala

En *Lecturas simultáneas* se han reunido trabajos de investigación acerca de las estrategias didácticas que pueden adoptarse para la enseñanza de lengua y literatura. Los métodos propuestos ponen el énfasis en la utilidad que tiene la *lectura simultánea* de textos efectuada por profesores y alumnos durante el desarrollo de la clase, ya sea en cursos de redacción, lenguas extranjeras o teoría y análisis literario.

En la mayor parte de estos trabajos se reconoce la riqueza pedagógica del cuento, y muy especialmente de la *minificción*, entendida como la narrativa literaria cuya extensión es menor a las 200 palabras. Este volumen constituye entonces una invitación para continuar el estudio de este género proleico, cuya fuerza de secuestración rebasa con mucho el salón de clases.



JAM - X
FECHA 15/MAR/06



PREC. LISTA \$45.00
LECTURAS SIMULTÁNEAS

Dr. José Luis Gázquez Mateos

Rector General

Lic. Edmundo Jacobo Molina

Secretario General

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA METROPOLITANA

UNIDAD XOCHIMILCO

Dra. Patricia Aceves Pastrana

Rectora de la Unidad

Dr. Ernesto Soto Reyes Garmendia

Secretario de la Unidad

COORDINACIÓN DE EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Lic. René Avilés Fabila

Coordinador

David Gutiérrez Fuentes

Jefe de Producción Editorial

Lourdes Gómez Voguel

Cuidado de la Edición

Imagen de portada: Carol B. Grafton, ed.: *Old Fashioned Illustrations of Books, Reading & Writing*. Dover, Toronto, 1992, 26.

Colección Temas Universitarios

ISBN 970-654-343-0

Primera edición: 1999

© Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco

Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Xochimilco

Calz. del Hueso 1100, Col. Villa Quietud

04960 México, D.F.

Lauro Zavala: zavala@cucyatl.uam.mx

Coordinación de Extensión Universitaria: exuni@cucyatl.uam.mx

Editado e impreso en México / *Made and bound in Mexico*

Presentación.....7

Lauro Zavala

PRIMERA PARTE

ENSEÑANZA DE LENGUA Y LITERATURA

Una aproximación dialógica a la enseñanza de lengua y literatura

El texto como objeto de estudio en la unidad dialógica de las culturas.....15

Irene A. Machado (Brasil)

La literatura en la enseñanza de lenguas extranjeras

Literatura, pilar básico en la enseñanza de la lengua.....43

Lady Rojas-Trempe (Canadá)

La lectura como arte de *performance*.....53

Margaret Lee Zoreda (México)

El cuento en la enseñanza de literatura

Entre el afecto y el intelecto: Un recorrido didáctico por el cuento.....71

Monique Lebrun (Canadá)

EL TEXTO COMO OBJETO DE ESTUDIO EN LA UNIDAD DIALÓGICA DE LAS CULTURAS*

Irene A. Machado**

El texto y su espacio dialógico

No fue para crear desajustes ni polémicas con la ciencia del lenguaje de su tiempo que M. M. Bajtin planteó las teorías para establecer lo que hoy denominamos *ciencia del discurso*. Sin duda, imperó la necesidad de valorizar en el lenguaje las formaciones socio-discursivas creadoras de los eslabones responsables por el movimiento de las significaciones en la cadena cultural a las que apropiadamente denominó *texto*. Hacia el mundo de los signos creados por el hombre se dirigió la mirada de este inquieto teórico. Gracias a esa mirada capaz de aprehender las más complejas correlaciones entre los fenómenos de la cultura, Bajtin pudo concebir las manifestaciones del lenguaje en su realidad cronotópica y en su condición signica. Al centrarse en los aspectos más diversos de la enunciación, Bajtin no sólo definió su objeto —las relaciones que el hombre mantiene con el mundo a través del lenguaje— sino que también aclaró cuál es el *lugar* donde se mueven las relaciones complejas de la cultura concebidas como texto. En definitiva, para Bajtin, todo lo que se dice está determinado por el lugar desde donde se dice. En ese sentido, el interés de Bajtin por el texto se puede entender como interés por las manifestaciones

* Traducción de Graciela Foglia.

** Universidad de São Paulo, Brasil.

Mikhail Bakhtin é um dos mais fascinantes acontecimentos das Ciências Humanas deste século.

Abordando temas fulcrais para todo o estudo das realidades humanas – a

linguagem e, por meio dela, o sujeito, as relações sujeito/sociedade, a estética e a ética – constitui uma revolução epistemológica cujos contornos e consequências não foram ainda percebidos.

Editora
UNFE

SÉRIE
INVESTIGADA

Diálogos com Bakhtin

Bakhtin

ISBN 85-7335-008-3

Diálogos com Bakhtin

Beth Braft

Diana Luz Pessoa de Barros

Irene A. Machado

José Luiz Florin

Maria Teresa de Assunção Freitas

Marilene Weinhardt

Paulo Venturelli

Rosse Marye Bernardi

Solange Jobim e Souza

Sonia Kramer

Editora
UNFE

Universidade Federal do Paraná

© Copyright by Carlos Alberto Faraco, Gilberto de Castro,
Cristovão Tezza (orgs.)

Direitos desta Edição

Editora da Universidade Federal do Paraná

Director da Editora da UFPR

Roberto Gomes

Conselho Editorial: Nivaldo E. Rizzi, Cloris D. Faraco, Maria Luiza P. Emler, Edith S. E. Fanta, Francisco M. Paz, Fábio D. Scatolin, Paulo A. Soethe, Norton E. Dudgeon, Thelma S. P. Fernandes, André V. L. Bitencourt, Francisco J. F. Ferreira e Iv. A. Hummelgen.

Editoração de texto: Marildes Rocio Aruigas Santos

Revisão: Edison Saldanha, Marianne Nigro, Silvana Seffrin,

Renato Bitencourt Gomes

Editoração Eletrônica: Jefferson Schneider, Rachel Cristina Pavin

Capa: Studi'oduo design gráfico

Série Pesquisa, n. 32

FICHA CATALOGráfICA

Catalogação na Fonte: Biblioteca Central

Diálogos com Bakhtin / Carlos Alberto Faraco, Cristovão Tezza, Gilberto de Castro (orgs.); Beth Brant... et al. -- : Ed. da UFPR, 1996. 365 p.

1. Bakhtin, Mikhail, 1895-1975 - Crítica e interpretação. 2. Literatura - estética. I. Faraco, Carlos Alberto. II. Tezza, Cristovão. III. Castro, Gilberto de. IV. Brant, Beth.

CDD 809.89.47
CDDU 82.C9.882

ISBN - 85-7335-008-3

Ref. 188

Editora da UFPR

Rua Amintas de Barros, 333

Fone: (041) 362-3038 R. 5304/5307 - Fone/Fax: 263-4171

80060-200 - Curitiba - Paraná - Brasil
1996

Sumário

- 7 Apresentação
- 21 Contribuições de Bakhtin às teorias do texto
e do discurso
Dianna Luz Pessoa de Barros
- 43 Uma leitura bakhtiniana de Vidas emoções e
pensamentos imperfeitos, de Rubem Fonseca
Rosse-Marye Bernardi
- 69 A natureza dialógica da linguagem: formas e graus
de representação dessa dimensão constitutiva
Beth Brant
- 93 Os apontamentos de Bakhtin: uma profissão
tentativa
Gilberto de Castro
- 113 O dialogismo como chave de uma antropologia
filosófica
Carlos Alberto Faraco
- 127 O romance e a representação da heterogeneidade
constitutiva
José Luiz Fiorin

Apresentação

- 165 *Bakhtin e a psicologia*
Maria Teresa de Assunção Freitas
- 189 *Leitura: entre o mágico e o profano. Os caminhos cruzados de Bakhtin, Benjamin e Calvino*
Solange Jobim e Souza
- 207 *Linguagem e tradução: um diálogo com Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin*
Sonia Kramer
- 225 *Os gêneros e a ciência dialógica do texto*
Irene A. Machado
- 273 *Sobre o autor e o herói - um roteiro de leitura*
Cristovão Tezza
- 305 *Deus e o diabo no corpo dos meninos - sexualidade, ideologia e literatura: diálogos*
Paulo Venturelli
- 337 *As vozes documentais no discurso romanesco*
Marilene Weinhardt
- 361 *Os autores*

Carlos Alberto Faraco
Gilberto de Castro
Cristovão Tezza

O PENSADOR RUSSO MIKHAIL BAKHTIN (1895-1975) É CERTAMENTE um dos mais fascinantes acontecimentos das ciências humanas deste século. O conjunto de suas idéias – abordando temas fulcrais para todo o estudo das realidades humanas (a linguagem e, por meio dela, o sujeito, as relações sujeito/sociedade, a estética e a ética) – constitui uma revolução epistemológica de grande porte, cujos contornos e cujas consequências não foram ainda de todo percebidos.

As circunstâncias históricas pregaram várias peças nas relações do mundo acadêmico com Bakhtin. Primeiro, as trevas stalinistas o condenaram ao ostracismo. Alguns dados bibliográficos: um exílio no Cazaquistão de 1929 às vésperas da segunda guerra e, depois de um emprego de professor de russo numa pequena cidade a 100 km de Moscou, uma posição docente numa inexpressiva instituição universitária na distante Saransk, da qual se aposentou em 1961, permanecendo, porém, na cidade até 1969, quando, em precário estado de saúde, foi autorizado a se mudar para Moscou. Em decorrência, Bakhtin vive um silêncio de 34 anos – o longo período que vai da publicação de seu livro sobre

- KRAMER, S. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- PESSOA, F. *Seleção poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.
- SCHNAIDERMANN, B. *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1983.
- SOUZA, S. J. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin*. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. KRAMER, S. *Histórias de Professores*. São Paulo: Ed. Ática (no prelo), 1992.
- STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- TEZZA, C. *Sobre "o autor e o herói"* (neste volume).
- TODOROV, T. *Mikhail Bakhtin: the dialogical principle*. 3. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1988.
- _____. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 1 - 21.
- ZIMA, P. L'ambivalence dialectique: entre Benjamin et Bakhtine. (tradução feita para uso didático). *Revue D'Esthétique*, nova série, n. 1, 1981, p. 131-140.

Os gêneros e a ciência dialógica do texto

Irene A. Machado

A construção do ponto de vista

O jardim de camélias que se bifurcava é uma enorme charada, ou parábola, cujo tema é o tempo; essa recoberta pralhe-lhe a menção desse nome.

João Luís Borges

NUM MOMENTO DE GRANDE MADUREZA TEÓRICA, M. Bakhtin concebeu o ato dialógico como um evento que acontece na unidade espaço-tempo da comunicação social interativa, sendo por ela determinado. Com isso, Bakhtin passa a entender tudo o que é dito como determinação rigorosa do lugar de onde se diz. E, por determinação, entende todo posicionamento elaborado pela mente que, em vez de tornar a ação absoluta, relativiza-a. Determinar é mostrar como cada enunciado ocupa um espaço único e singular na existência. Desse lugar, somente uma única visão de mundo e um único ponto de vista podem ser projetados; nele, igualmente, cabe um único ser. O *locus* privilegiado de cada

.....Artigos Publicados em Revistas Científicas

“As mídias e seus precursores: emergência das mediações como campo de idéias científicas”. *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*. São Paulo: Annablume, n. 20, 2003, pp. 9-26.

“Multiculturalismo em perspectiva semiótica: o ponto de vista de programas para a televisão”. *Ícone. Revista do PPGCOM – UFPE*, ano 5, n. 6, 2003, pp. 79-105.

“Infojornalismo: uma mídia expandida”. *Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos*. PPG em Ciências da Comunicação, UNISINOS, vol 5. N. 1, 2003, pp. 97-112.

“Linguagem e militância: o cine-documentário de Dziga-Viértov”. *Olhar*. Centro de Educação e Ciências Humanas da UF de São Carlos (no prelo vol. 3).

“Projections: Semiotics of culture in Brazil”. *Σημειωτική. Systems Studies*, Tartu University (Estonia), n. 29.2, 2001, pp. 463-477.

“Liminalidad e intervalo: La semiosis de los espacios culturales”. *Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*, 2001 (10): 19-40.

“Cinema como literatura – procedimentos e teorias à maneira dos russos”. *Estudos de Cinema*, n. 2 (1999): 193-210. Centro de Estudos de Cinema – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. São Paulo: EDUC-FAPESP.

“A representação da oralidade na prosa da ficção brasileira: a diversidade dialógica dos espaços culturais”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Universidade Estadual de Santa Cruz, Departamentode Letras e Artes - n. 1, pp. 145-169. Ilhéus: Editus, 1998.

“O sermão como gênero oral: a performance discursiva do Pe. Antonio Vieira”. *Quinto Império. Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa*. Gabinete Português de Leitura. Centro de Estudos Portugueses. Casa Fernando Pessoa. No. 10 (1998): 113-130.

“Narrativa e combinatória dos gêneros prosaicos: a textualização dialógica”. *Itinerários* (UNESP. Faculdade de Ciências e Letras. Pós-Graduação em Letras). N. 12, 1998: 33-46,

“Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin”. *Língua e Literatura* (Departamento de Letras, USP), n. 22, 89-105, 1996.

“Bakhtin e o legado dialógico do Formalismo Russo”. *Face: Revista de Semiótica e Comunicação*, 1(2), jul.dez., 1988: 37-50 (PUC-SP).

As mídias e seus precursores:
emergência das mediações como
campo de idéias científicas

**EDUARDO PEÑUELA
CANIZAL**

La sigilosa sonoridad de un texto plástico:
Frida Kahlo en el cine y en su pintura

**GERALDO CARLOS DO
NASCIMENTO**

Presença de uma ausência: leitura
de uma foto jornalística

GÖRAN SONESSON

La fotografía: entre el dibujo
y la virtualidad

**KATI ELIANA CAETANO
E OSVALDO SANTOS
LIMA**

A questão do referente em alguns
fotógrafos contemporâneos

PERE SALABERT

Joan Miró: pequena semiótica
do excremento

**LÚCRÉCIA D'ALESSIO
FERRARA**

Circular / Comunicar / Contatar -
o espaço público como índice de
transformação da cidade

**ARLENE LOPES
SANT'ANNA**

A marca símbolo da campanha
de prevenção às drogas

**FERNANDO
MASCARELLO**

O pampa vai virar mar



Centro de Pesquisa em Poética da Imagem / CEPPI
CTR-ECA/USP
Eduardo Peñuela Cañizal (Coordenador)

Apoio
Universidade Tuiuti do Paraná

Agradecimento
Aos pareceristas que colaboraram com este número

SIGNIFICAÇÃO - REVISTA BRASILEIRA DE SEMIÓTICA
é uma publicação do Centro de Pesquisa em
Poética da Imagem / CEPPI
Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 - CTR
CEP: 05508-900 - Cidade Universitária
São Paulo - SP - Brasil


ANNABLUME

Conselho Editorial

Eduardo Peñuela Cañizal
Norval Buitello Junior
Márcia Odília Leite da Silva Dias
Gilberto Mendonça Teles
Márcia de Lourdes Sockeff
Cecília Almeida Sülles
Pedro Jacobi
Gilberto Pinheiro Passos
Eduardo Alcântara de Vasconcellos

Coordenação editorial
Joaquim Antonio Pereira

Impressão: novembro de 2003

ANNABLUME editora . comunicação

Rua Padre Carvalho, 275 . Pinheiros
05427-100 . São Paulo . SP . Brasil
Tel. e Fax: 11 3812-6764 . Televeritas: 3031-9727
<http://www.annablume.com.br>

Sumário

- 07 Apresentação
09 As mídias e seus precursores: emergência das mediações como campo de idéias científicas
IRENE MACHADO
27 La sigilosa sonoridad de un texto plástico: Frida Kahlo en el cine y en su pintura
EDUARDO PEÑUELA CAÑIZAL
65 Presença de uma ausência: leitura de uma foto jornalística
GERALDO CARLOS DO NASCIMENTO
81 La fotografía: entre el dibujo y la virtualidad
GÖRAN SÖNNESSON
133 A questão do referente em alguns fotografos contemporâneos
KATI ELIANA CAETANO E OSVALDO SANTOS LIMA
153 Joan Miró: pequena semiótica do excremento
PERE SALABERT
189 Circular / comunicar / contactar - o espaço público como índice de transformação da cidade
LUCRÉCIA D'ALESSIO FERRARA
205 A marca símbolo da campanha de prevenção às drogas
ARLENE LOPES SANT'ANNA
221 O pampa vai virar mar
FERNANDO MASCARELLO
243 Normas para publicação

Resumo

Existem muitos argumentos conflitantes no emprego da palavra *mídias* como substantivo plural para designar as novas relações instauradas entre os meios e, conseqüentemente, os produtos dos novos processos de mediação. Por um lado, há a resistência daqueles que advogam a idéia de que tudo aquilo que é novo tem de ser, obrigatoriamente, batizado com uma nova terminologia sem a qual a novidade pode não passar de uma falácia. Por outro, a herança do pensamento de Marshall McLuhan sobre os meios (*medium/media*) como extensão. Esse artigo examina uma outra hipótese: a compreensão das mídias não apenas como meios, isto é, veículos de extensão, mas sobretudo como ambientes informacionais onde acontecem mediações de uma outra natureza.

Palavras-chave

mídias, mediação, ambientes, ecologia da comunicação, semióse

Abstract

There are so many arguments, in Portuguese Language, to neglect the use of the word *mídias* as a noun to designate the new relationships presented in the new media and new mediated process products. By one hand, there is the opposition of the ones who defend the idea that everything new has to be designated by a new terminology. By the other hand, there is the heritage of Marshall McLuhan's thought on media as extension. In this paper we analyse the hypothesis on *mídias* not only as media, that is, as extension, but specially as information environment where another kind of mediations happen.

Key words

mídias, media, mediation, ecology of communication, semiosis

Mídias como emergência de formas culturais

A foto que abre esse artigo não é uma mera ilustração de fotojornalismo: trata-se de uma foto conceitual que servirá de partida para minha reflexão sobre o estatuto epistemológico das mídias na comunicação sócio-cultural tendo em vista o aprimoramento que temos hoje das potencialidades semióticas do fenômeno das mediações.



Folha de S. Paulo, 17 de janeiro de 1999, p. 21.

Também não é bem a imagem o que serviu de foco para constituição do caso, mas sim o questionamento que ela coloca. Afinal, em tempos de jornalismo radiofônico, audiovisual, eletrônico-digital e *on line*; de satélites e de agências internacionais móveis nos quatro cantos do planeta, como é possível imaginar um vendedor de

vista do

está morto, viva
": a
J Don
y re

musica

Reitor:

Geraldo Pereira

Pró-Reitor de Pesquisa e Graduação:

Paulo Roberto Freire Cunha

Diretora do Centro de Artes e Comunicação:

Gilda Maria Lins de Araújo

Chefe do Departamento de Comunicação Social:

Luiz Anastácio Momesso

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação:

Ângela Freire Prysthon

Editoras:

Ângela Freire Prysthon e Isallina Mello Gomes

Conselho Editorial: Alfredo Vizeu (UFPE), Ângela Freire Prysthon (UFPE), Ângelo Brás Fernandes Calou (UFRPE), Bernard McGuirk (Universidade de Northingham), Célio Borba (UFPE), Dacier Barros (UFPE), Dirceu Tavares (UFPE), Eugênio Trvinho (USP), Francisco José Pauluelo Pimenta (UFPE), Isallina Mello Gomes (UFPE), José Marques de Mello (UMESP), Luiz Anastácio Momesso (UFPE), Magnólia Rejane Andrade dos Santos (UFAL), Marcos Palácios (UFBA), Mariana Luiza Nóbrega de Moraes (UFPE), Mark Millington (Universidade de Northingham), Nenivania Bezerra da Silva (UFPE), Paulo C. Cunha Filho (UFPE), Tamízia Meira (UFPE), Wilma Moraes (UFPE).

Diagramação e Projeto Gráfico: João Luiz Momesso

Fotografia de Capa: José Afonso

Ícone/Universidade Federal de Pernambuco.
Departamento de Comunicação Social. Programa
de Pós-Graduação em Comunicação.— Vol. 1, nº
6 (Mai. 2003) — 151 p. — Recife: Ed. Otto de Março,
1995 —
v.: il.: 21, 50 cm.

Anual
Responsabilidade anterior: Programa de Pós-
Graduação em Comunicação e Informação da
UFPE.
ISSN 1516-6082

Editorial

Dando prosseguimento ao propósito de estimular a produção científica área da Comunicação, a Ícone, revista do Programa de pós-graduação em Comunicação UFPE, apresenta sua sexta edição. Neste número, percebe-se o amadurecimento revisita como veículo de disseminação científica, principalmente porque, desde a última edição, procura refletir a diversidade da produção intelectual em Comunicação país.

Em termos de estudos sobre cultura temos o artigo de João Freire Filho, que discute o conceito de autenticidade na crítica cultural contemporânea, enfocan principalmente o campo da música popular. Simone Sá aborda questões relativas a nexos entre identidade, música e novas tecnologias da comunicação. Para discuti assunto, Sá toma como foco o DJ Dolores, cuja, íônica é o desenvolvimento de u música eletrônica com timbre brasileiro. Já Denilson Lopes procura pontuar como foi constituindo a estética da comunicação, tomando como ponto de partida recuperação da estética através da aproximação da arte e do cotidiano. Carlos Albe Messeder Pereira e Micael Henschmann avaliam as dimensões dramáticas e trágicas espetáculo contemporâneo e seu impacto sobre a vida social. Irene Machado r brinda com um artigo que nos leva a pensar instrumentos teóricos alternativos p compreender o multiculturalismo, não como especificidade de uma época ou u cultura, mas como condição do processo cultural que se desdobra por um gran tempo.

Partindo para um campo mais pragmático, o artigo de Alfredo Vizeu ava como as rotinas produtivas dos editores de texto no telejornalismo influenciar processo de construção da notícia. Marco Bonetti discute a fotografia no Journalism Elic resgata os conceitos de alma em Platão, Walter Benjamin e Roland Barthes p argumentar que a tese do descolamento da alma do ser que se deixa fotografar car uma espécie de anestesia na percepção do homem contemporâneo quando este obser imagens do outro. Por fim, Ana Carolina Escosteguy e sua bolsista de Iniciação Científ, Mariana Pires, mostram no artigo *Dados para uma Radiografia dos Estudos Brasileir de Recepção* os primeiros resultados de uma pesquisa que pretende traçar um per dos estudos brasileiros de recepção.

Agradecemos aos autores, pareceristas e conselheiros que tornaram possí a edição deste número.

Marco Antonio Bonetti
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC de
São Paulo e professor Adjunto da Universidade Federal de
Pernambuco nos cursos de graduação e mestrado.

ALMA E FOTOGRAFIA.....	5
<i>Marco Antonio Bonetti</i>	
"O ESPETÁCULO CONTEMPORÂNEO - ENTRE O DRAMÁTICO E O TRÁGICO".....	23
<i>Carlos Alberto Messeder Pereira</i> <i>Miguel Herschmann</i>	
POR UMA ESTÉTICA DA COMUNICAÇÃO.....	37
<i>Demilson Lopes</i>	
"O ROCK ESTÁ MORTO, VIVA O RAP! O RAP MORREU...": A NOSTALGIA DA AUTENTICIDADE NA CRÍTICA CULTURAL CONTEMPORÂNEA.....	47
<i>João Freire Filho</i>	
MULTICULTURALISMO EM PERSPECTIVA SEMIÓTICA: O PONTO DE VISTA DE PROGRAMAS PARA A TELEVISÃO.....	79
<i>Irene Machado</i>	
NAS TRAMAS DA IDENTIDADE MUSICAL BRASILEIRA COM DJ DOLORES E GILBERTO FREYRE.....	107
<i>Simone Pereira de Sá</i>	
DADOS PARA UMA RADIOGRAFIA DOS ESTUDOS BRASILEIROS DE RECEPÇÃO.....	123
<i>Ana Carolina D. Escosteguy</i> <i>Mariana Pires</i>	
AS ROTINAS PRODUTIVAS DOS EDITORES DE TEXTO NO TELEJORNALISMO: DECIDINDO O QUE É NOTÍCIA.....	139
<i>Alfredo Eurico Vizen Pereira Junior</i>	
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA ÍCONE.....	151

Resumo

O artigo resgata os conceitos de alma em Platão. Walter Benjamin e Roland Barthes para argumentar que a tese do descolamento da alma do ser que se deixa fotografar, surgida da análise da relação entre o tempo congelado da fotografia e o tempo contínuo da realidade, causa uma espécie de anestesia na percepção do homem contemporâneo quando ele observa imagens (sejam fotográficas, televisivas ou visuais) do outro. Esse tipo de relação com a imagem propicia ao homem contemporâneo conviver tranqüilamente com a perversa realidade que essas imagens denunciam, como a guerra, a pobreza, a fome, a criminalidade.

Palavras-chave: fotografia, teoria da imagem, reprodução técnica, semiologia

A dificuldade em definir o que é alma, ou mesmo em saber se ela existe, não foi suficiente para fazer o espírito humano se despreocupar da reflexão a seu respeito desde tempos remotos. O diálogo Fédon, em que Platão narra o discurso derradeiro de Sócrates antes de tomar a cicuta que lhe tiraria a vida, não é simplesmente um diálogo sobre a morte, antes, é um diálogo sobre a alma. Segundo o texto, a morte "hada mais é do que a separação da alma e do corpo... Estar morto consiste nisto: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma".¹ Para Sócrates, essa separação, contudo, não é ruim para ambos os lados. Se o corpo simplesmente apodrece e some, para a alma, em especial a alma do filósofo, ao contrário, somente separada do corpo ela é capaz de definitivamente se aproximar da sabedoria. "Se, com efeito, é impossível, enquanto perdura a união com o corpo, obter qualquer conhecimento puro,

¹ PLATÃO. *Platão*. Col. Pensadores. 2. ed. Paulo: Abril Cul 1979, p. 65.

Multiculturalismo em perspectiva semiótica: o ponto de vista de programas para a televisão¹

Irene Machado

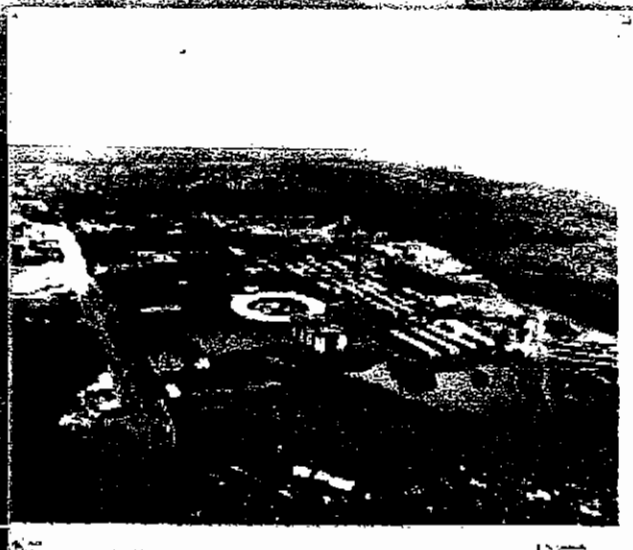
Professora no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil); Editora Científica de *Cialaxia, Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura* e Presidente da recém fundada Associação Brasileira de Estudos Semióticos. O centro de sua pesquisa é ocupado por temas da semiótica russa e da semiótica da cultura. Publicou, dentre outros, os livros: *Analogia do dissimilar: Bakhtin e Formalismo Russo*, São Paulo: Perspectiva, 1989; *O romance e a vez. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*, Rio de Janeiro: Imago, 1995; *Escola de Semiótica e de Cultura: a experiência de Taru-Voskou para os estudos da cultura*, São Paulo: Alciê Editorial (no prelo).

Resumo

Esse artigo apresenta uma tentativa de pensar instrumentos teóricos alternativos para compreender o multiculturalismo, não como especificidade de uma época ou uma cultura, mas como condição do processo cultural que se desdobra por um grande tempo. Entendo que toda cultura é, por natureza, manifestação de pluralidade no tempo e no espaço. Acontece que nem sempre as abordagens conseguem abarcá-la. Daí a necessidade de valorizar aquilo que me parece ser seu traço fundamental: a semiodiversidade cronológica. Esse é o problema central de uma abordagem semiótica que procuro entender a partir de três programas realizados para a televisão: o talk show com o poeta Octavio Paz, a série de documentários apresentados pelo escritor Carlos Fuentes e os documentários realizados por Belisário França.

Palavras chave: semiodiversidade, cronotopia, hibridismo, diálogo, mestiçagem, policentrismo.

¹ O arbilhongo teórico desse artigo foi apresentado em palestra proferida no CONGRESSO INTERNACIONAL DE SEMIÓTICA. HOMENAJE A TZVETAN TODOROV, Universidad de Guadalajara, México, 22 de março de 2002 cujo tema foi "Discurso y Cultura".



Revista
Fronteiras
Estudos midiáticos

Sumário

1

Artigos

- O homem na lua: a construção do modelo narrativo cerimonial da televisão brasileira e os gestos do público
 Marialva Barbosa..... 11
- El gobierno de las voces
 Mónica Maronna e Rosario Sánchez Vilela..... 25
- Terra brasilis* em Terra Estrangeira: ensaio sobre identidade I
 Janaína Cordeiro Freire..... 45
- Três filmes em busca de um país
 Darién J. Davis..... 57
- Os desafios metodológicos da leitura de imagens: um exame crítico da semiologia visual
 José Benjamim Picado..... 71
- Foucault e o jornalismo
 Beatriz Marocco..... 91
- Infojornalismo: uma mídia expandida
 Irene Machado..... 103
- A linguagem gráfico-visual dos jornais brasileiros
 José Ferreira Júnior..... 119
- A cartografia de processo de escrita: uma experiência com a metodologia da sensibilidade
 Maria Luiza Cardinale Baptista..... 131

2

Autor Convidado

- Guerra e Democracia
 Vicent Colapietro 145

3

Entrevista

- Nelson Traquina..... 161

4

Resenha

- Nísia Martins do Rosário..... 169

Infojornalismo: uma mídia expandida

Irene Machado*

O objetivo desse artigo é discutir como estratégias gráficas, surgidas no interior da mídia impressa para evitar o ruído na transmissão de mensagens, fomentaram o desenvolvimento de gêneros discursivos constituídos pela interação entre diferentes sistemas semióticos. Trataremos aqui do infojornalismo como uma configuração que, ao incorporar e propagar linguagens gráficas de diferentes mídias, se apresenta como uma autêntica mídia expandida potencializadora de gêneros discursivos que organizam fluxos contínuos e renovados de informações. Para isso, parte-se da hipótese de que a expansão resulta da semiose da enunciação jornalística sensível a modificações e atenta às possibilidades enunciativas não apenas do meio impresso mas, sobretudo, da linguagem gráfica desenvolvida pelas mídias audiovisuais e digitais. Nesse caso, a expansão não se limita a um movimento de dentro para fora mas acolhe operações dialógicas de convergência, contaminação e, particularmente, de modelização de diferentes códigos e linguagens.

The aim of this article is to provide discussion about how graphic strategies that emerged from print media in order to avoid "noise" in the message transmission have promoted the development of discursive genres made up of the interaction among different semiotic systems. Infojournalism is approached here as a configuration which, while incorporating and generating graphic languages from different media, manifests itself like a genuine expanded empowering media of discursive genres that organizes continuous and renewed flows of information. To this end, the article takes as given the hypothesis that the expansion results from the semiosis of journalistic enunciation sensitive to modification and alert to enunciative possibilities not only of the printed medium but also, above all, to the graphic languages developed by audiovisual and digital media. In such a case, the expansion does not limit itself to a movement from within outward but also takes in dialogical operations of convergence, contamination and in particular, the modeling of different codes and languages.

El objetivo de este artículo es discutir cómo estrategias gráficas, surgidas para evitar el ruido en la transmisión de mensajes en el interior de los media impresos, fomentaron el desarrollo de géneros discursivos constituídos por la interacción entre diferentes sistemas semióticos. Trataremos aquí del info periodismo como una configuración que, al incorporar y propagar lenguajes gráficos de diferentes medios, se presenta como un auténtico media expandido, potencializador de géneros discursivos que organizan flujos continuos y renovados de informaciones. Para ello se parte de la hipótesis de que la expansión resulta de la semiosis de la enunciação periodística, sensible a modificaciones y atenta a las posibilidades enunciativas, no apenas del medio impreso pero, sobre todo, del lenguaje gráfico desarrollado por los media audiovisuales y digitales. En ese caso, la expansión no se limita a un movimiento de adentro hacia afuera, sino que acoge operaciones dialógicas de convergencia, contaminación y, particularmente, de modelado de diferentes códigos y lenguajes.

* Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orbita

UMA PUBLICAÇÃO DAS ÁREAS DE ARTES E HUMANIDADES DO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFSCAR

ISSN 1517-0845

Ortho

UMA PUBLICAÇÃO DAS ÁREAS DE ARTES E HUMANIDADES DO
CENTRO DE CIÊNCIAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFSCAR

ISSN 1517-0845

Cinema

- 13 **Linguagem e militância: o cine-documentário de Dziga Vertov** por Irene Machado
- 116 **As marcas surrealistas no cinema de David Lynch** por Rogério Ferraraz

Política

- 107 **A revista Veja e o obstáculo da censura** por Juliana Gazzotti

Poética

- 91 **Poesia** por Leca

Idéia

- 24 **A cadeia e a guirlanda (Diderot e a arte de seu tempo)** por Franklin Matos

Sociologia

- 81 **Doenças do espírito** por Carmem Junqueira

Crônica

- 102 **Projeto MK639** por Henrique Ribeiro Lacerda

Psicologia

- 124 **Violência fatal contra a mulher** por Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Arte

- 70 **O menino amarelo** por Marco Aurélio Lucchetti
- 75 **O aspecto Barroco das festas populares** por Marcia Maluf
- 87 **Artaud e a nostalgia do rito** por Cassiano Sydow Quilici
- 134 **A parceria Cortez/Lucchetti** por Rubens F. Lucchetti

Psicanálise

- 94 **A complexa relação entre a psicanálise e o marxismo** por Sérgio Augusto Franco Fernandes

Literatura

- 28 **O Olhar de Capitu e a patografia de Bento** por Adalberto Tripicchio e Ana Cecília Tripicchio
- 98 **O texto realista e suas correlações** por Guacira Marcondes Machado

Memória

- 57 **A memória do olhar**

Linguagem e Militância: o cine-documentário de Dziga Vertov



Dziga Vertov/Kino-Eye

Por Irene Machado*

Montagem e militância: por uma síntese do projeto semiótico construtivista

Sempre que o assunto é cinema construtivista russo, duas são as referências obrigatórias: a escola da montagem e o cinema militante. De um lado, costuma-se situar o construtivismo “formalista” comprometido com as experiências das vanguardas artísticas de outro, o compromisso com a construção da sociedade socialista e industrial do período pós-revolucionário. Serão essas referências conceituais suficientes para dar conta do projeto político e cultural que norteou as experiências revolucionárias do cinema? Serão essas referências capazes de garantir às novas gerações de estudiosos do cinema o que foi a construção de uma linguagem e o conseqüente processo de alfabetização na mídia que gerou essa linguagem?

Ainda que respostas a essas perguntas sejam sempre positivas, permanecem intocáveis algumas simplificações que impedem a compreensão da *montagem* e da *militância* como programa de duas diferentes esferas de atividades culturais na Rússia dos anos 20 convergentes, contudo, para um único objetivo: *a inserção dos indivíduos numa ordem cultural: apenas letrada mas audiovisual*. Ou, como se afirmava na época, *inserção em uma cultura material*. Esse passo inegável para a compreensão do que hoje chamamos cultura tecnológica. Por trás de uma abordagem simplificadora existe todo um projeto semiótico que se mostrou capaz de dar a luz a uma linguagem levando o processo comunicacional para um domínio de códigos de uma ordem cultural tecnológica. Para esse projeto contribuiu o documentário do cinema militante e as premissas da escola de montagem que teve em Dziga Vertov um grande ativista.

De saída há algumas noções que merecem revisão cuidadosa. Em primeiro lugar aquela segundo a qual os princípios da escola da montagem se tornaram armas estratégicas para a propaganda política do regime soviético; em segundo, a tão polêmica idéia de que o cinema construtivista reproduzia tão-somente a tendência auto-centrada das vanguardas e sua capacidade de *refletir* sobre seus próprios meios, preparando caminho para a “profecia de McLuhan do meio como mensagem”. No calor das reflexões extremistas, não há espaço para considerar o fato de o cinema construtivista russo se inserir numa ordem cultural fundada pela comunicação mediada, onde cinema é meio cujo potencial semiótico reivindica o conhecimento de linguagens que não se limitam ao código verbal nem à interação face a face. Longe do esteticismo e do ideologismo, trata-se de compreender a comunicação cinematográfica e suas intervenções na cultura do século 20. A inserção do cinema e de sua linguagem no contexto comunicacional de uma ampla comunidade coloca um desafio à compreensão da comunicação política como modo de intervenção em prol do desenvolvimento de capacidades intelectuais. Como finalidade imediata tem-se o alcance da própria cultura como intelecto, como pensamento, e não como depositária de realizações.

University of Tartu

Σημειωτική

82.

Sign
Systems
Studies
29.2

Тартуский университет
Tartu Ülikool

University of Tartu

Труды по знаковым системам

Sign Systems Studies

Tööd märgisüsteemide alalt

volume 29.2

29.2

Editors: Peeter Torop
Mihhail Lotman
Kalevi Kull



Tарту — Tartu
2001

Tartu 2001

Sign Systems Studies is an international journal of semiotics and sign processes in culture and nature
 Periodicity: one volume (two issues) per year
 Official languages: English and Russian; Estonian for abstracts

Established in 1964

Address of the editorial office:

Department of Semiotics, University of Tartu
 Tüügi St. 78, Tartu 50410, Estonia
 e-mail: semiotics@ut.ee

Information and subscription: <http://www.ut.ee/SOSE/sss.htm>

Assistant editor: *Silvi Salupere*

International editorial board:

Umberto Eco (Bologna, Italy)
Vyacheslav V. Ivanov (Los Angeles, USA, and Moscow, Russia)
Julia Kristeva (Paris, France)
Winfried Nöth (Kassel, Germany, and São Paulo, Brazil)
Roland Posner (Berlin, Germany)
Thomas A. Sebeok (Bloomington, USA)
Eero Tarasti (Helsinki, Finland)
Thure von Uexküll (Freiburg, Germany)
Boris Uspenskij (Napoli, Italy)

Irina Avramets (Tartu, Estonia)

Jelena Grigorjeva (Tartu, Estonia)

Ülle Pärtli (Tartu, Estonia)

Anti Randviir (Tartu, Estonia)

© University of Tartu, 2001

ISSN 1406-4243

ISBN 9985-56-622-X

Tartu University Press

Tüügi 78, Tartu 50410, Estonia

Table of contents

Semiotics of culture

Floyd Merrell

Lotman's semiosphere, Peirce's categories, and cultural forms of life	385
Семносфера Лотмана, категории Пирса и жизненные формы культуры. Резюме	414
Lotmani semiosfäär, Peirce'i kategooriad ja kultuuri eluvormid. Kokkuvõte	415

Mikhail Lotman

Страх: семиотика культуры и феноменология (к постановке проблемы)	417
The semiotics of culture and the phenomenology of fear. Abstract	417
Kultuurisemiootika ja hirmu fenomenoloogia. Kokkuvõte	439

Ivan Mladenov

Unlimited semiosis and heteroglossia (C. S. Peirce and M. M. Bakhtin)	441
Безграничный семиозис и многоголосие (Ч. С. Пирс и М. М. Бахтин). Резюме	460
Piiritu semioosis ja heteroglossia (C. S. Peirce ja M. M. Bahtin). Kokkuvõte	461

Irene Machado

Projections: Semiotics of culture in Brazil	463
Проекции: семиотика культуры в Бразилии. Резюме	476
Projektsioonid: kultuurisemiootika Brasiilias. Kokkuvõte	477

Projections: Semiotics of culture in Brazil

Irene Machado

Rua Bergamota 190, apto. 21-B, 05458-000 São Paulo, Brazil

e-mail: irenemac@uol.com.br

Abstract. *Projection* is a dialogical mechanism that concerns the relationship among things in the world or in various systems, both in nature and culture. Instead of isolating these systems, projection creates an ecosystem without borderline. Projection is a way to comprehend how different cultures can link, enrich and develop one another by understanding the relationship among different sign systems. From this central point of semiotics of culture, different cultural traditions can be related to one another by considering the nature of their sign systems. That is why it is that the object of semiotics of culture is not culture but its sign systems. That is why we understand the nature of relationship among sign systems as *projection*. In this article, we are interested in a particular kind of projection: that one in which the formulations of semiotics of culture of Slavic tradition project themselves onto the Brazilian culture. The conceptual field of Russian semiotics — dialogism, carnivalization, hybridity, border, outsideness, heteroglossia, textuality and modelling semiotic sign systems — projects itself on the equally defining aspects of the semiotic identity of the Brazilian culture. I will refer here to two sets of projections: the concept of *textual history*, as a possibility to reach internal displacement within the culture, and the notion of semiodiversity produced by the meeting of different sign systems.

If it is true that semiotics of culture was born as an applied theory, the importance played by the cultures with long semiotics tradition in the consolidation of that approach cannot be less true. We know that, in the so-called semiotic cultures, the intensity of the expansion process of sign systems is related to their capacity to answer internally to the manifestations and impulses that come from the outside. The applied character, seen from this vantage point, can be understood thanks to

SIGNA



REVISTA DE LA ASOCIACIÓN
ESPAÑOLA DE SEMIÓTICA

2001

10

INSTITUTO DE SEMIÓTICA LITERARIA, TEATRAL
Y NUEVAS TECNOLOGÍAS
DEPARTAMENTOS DE LITERATURA ESPAÑOLA
Y TEORÍA DE LA LITERATURA Y FILOLOGÍA FRANCESA

UNED

SECRETARIO
MARIO GARCÍA-PAGE SANCHEZ

COMITÉ DE REDACCIÓN

Antonio Sánchez Trigueros (Presidente de AES), Francisco Abad Nebot (UNED), José Domínguez Caparrós (UNED), Antonio Domínguez Rey (UNED), Alicia Yllera (UNED) y M.^a Angeles Grande Rosales (Secretaria de AES).

PATROCINADA POR LA JUNTA DIRECTIVA DE AES
Alicia YLLERA (Fundadora)

Redacción: *Signa*. Revista de la Asociación Española de Semiótica.

Secretario: Mario García-Page Sánchez
Facultad de Filología
Despacho 714
UNED

c/ Senda del Rey, s/n
28040 MADRID
Fax: 91 398 66 74

Suscripción

Distribución: LIBRERÍA DE LA UNED

c/ Bravo Murillo, 38
28015 MADRID
Tel. 91 398 75 60
Fax: 91 398 75 27
E-mail: libreria@adm.uned.es

UNIVERSIDAD NACIONAL
DE EDUCACIÓN A DISTANCIA

Reservados todos los derechos
y prohibida su reproducción total o parcial

ISSN: 1133-3634
Depósito legal: M. 34032-1992

Impreso en España - Printed in Spain
Imprime: LERKO PRINT, S.A.

Paseo de la Castellana, 121. 28046 Madrid
Ilustración de Julio Romero de Torres, *La sista* (1900)

ÍNDICE

ESTADO DE LA CUESTIÓN I: Sobre la semiótica en Brasil.	
José ROMERA CASTILLO: Presentación.	
Irene MACHADO: <i>Liminalidad e intervalo: la semiótica de espacios culturales</i>	
Milton José PINTO: <i>Retórica y análisis de discursos</i>	
Ione M. G. BENTZ: <i>Semiótica y comunicación: ensayo de sin</i>	
Ana Claudia MEI ALVES DE OLIVEIRA: <i>Mauritsstad e Imág. brasileira: a los europeos, el más allá de los mares y a brasileños, otra historia</i>	
Lúcia SANTAELLA: <i>Tres matrices del lenguaje-pensamiento</i>	
Arlindo MACHADO: <i>La fotografía como expresión del concepto</i>	
Eduardo PEÑUELA CANIZAL: <i>El exirraño encanto de la in textualidad</i>	
Priscila FARIAS y João QUEIROZ: <i>Sign-design: nuevas estrategias para modelar procesos y estructuras signicas</i>	
Elizabeth BASTOS DUARTE: <i>Reflexiones sobre el texto televisivo</i>	
Luiz Carlos Assis IASBECK: <i>Los rumores más allá y más acá la noticia (versiones no autorizadas de la realidad)</i>	
José Luiz MARTÍNEZ: <i>Semiótica de la música: una teoría basada en Peirce</i>	
Eufrasio PRATES: <i>Música holofractal: una conexión semiótica entre la música y la física contemporáneas</i>	
Gerson TENÓRIO DOS SANTOS: <i>Immortalidad y sineguismo: hac una semiótica de los sistemas religiosos</i>	

itinoamericana de Semiótica —que actualmente preside
lla—, sino también a través de diversos Congresos,
entíficos y publicaciones. La revista *Signa* se congratu-
presa que, de momento, cierra estos estados de la cues-
semiótica en el ámbito iberoamericano, que esperamos
utilidad.

jromera@flog.uned.es

LIMINALIDAD E INTERVALO: LA SEMIOSIS DE LOS ESPACIOS CULTURALES

Irene Machado

Pontificia Universidad Católica de São Paulo

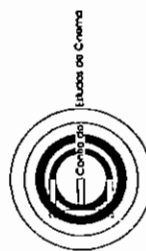
1. INTRODUCCIÓN

Cuando se trata de comprender el estatuto de las producciones en la cultura contemporánea, el pensamiento teórico de las más variadas tendencias no necesita indicar el hibridismo como constituyente imprescindible de la definición. La proliferación de híbridos viene siendo atribuida a las mezclas entre manifestaciones que, en otros momentos históricos, estarían ubicadas en lugares específicos sin la menor posibilidad de intercambio. Entre otras, se encuentran las mezclas que la tradición declaró inmiscuibles, como por ejemplo, la mezcla de géneros en las artes plásticas, musicales, escénicas y en las narrativas producidas por los más variados medios de comunicación: palabra, película, televisión, medios digitales. O más todavía, la mezcla de códigos cuyos límites siempre fueron rigurosamente preservados



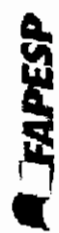
Estudos de Cinema

n. 2



PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA - PUC-SP

educ



SÃO PAULO
1999

Estudos de cinema / Centro de Estudos de Cinema – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP – n. 2 (1999). – São Paulo : EDUE, 1998 – Contém bibliografias.

ISSN 1415-5907

1. Cinema – Periódicos. I. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. CDD 791.4305

Estudos de Cinema

Editora Científica

Lucia Nagib

Editora Executiva

Almir Rosa

Conselho Editorial

Almir Rosa, Afrânio Machado, Celo Plessmann de Castro, Fêrnio Pessoa Ramos, Lucia Nagib, Marcelo Garrard de Araújo, Maria Lucia Santachi e Tara Amaral.

Educ – Editora da PUC

Direção

Marta do Carmo Guedes

Maria Eliza Mazzilli Pereira

Coordenação Editorial

Magali Oliveira Fernandes

Preparação

Sonia Katschl

Revisão dos Textos em Português

Sonia Katschl

Lidia Silva Pereira

Revisão dos Textos em Inglês

Carol Penneido Siqueira

Educação Especialista

Waldir Antonio Alves

Projeto Gráfico e Capa

Sara Rosa

Paço da sede: Vera Bungearen / Divulgação

Logomarca do Centro de Estudos de Cinema

Almas Beat/2k Design

edue

Rua Ministro Godói, 1213

05015-001 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 5875-5559

EDITORIAL

A revista *Estudos de cinema* chega à seu número dois com boas notícias. A mais importante delas, a resposta excelente para o número um, já esgotado, do público cinéfilo, que vem demonstrando um particular interesse no debate sobre cinema brasileiro atual.

A assim chamada “retomada do cinema brasileiro”, enquanto dá seus melhores frutos, enfrenta a grave contradição da ausência de uma política segura de distribuição e exibição de filmes. A experiência do cinema no Brasil: este tema, devido à sua urgência, ocupou boa parte dos eventos realizados pelo Centro de Estudos de Cinema, do COS-PUC, São Paulo.

Estudos de cinema reflete esse debate em seu segundo número, especialmente na seção de depoimentos. Dentre eles, não podia faltar a visão de Walter Salles, diretor de *Central do Brasil* filme que se tornou um fenômeno em todos os sentidos: quase dois milhões de espectadores no Brasil, prêmios em vários festivais distribuição comercial com ótimo retorno em dezenas de países do mundo, a crítica mais favorável que um filme brasileiro já teve na última década. Em “Que país é este?”, Salles, em longo depoimento colhido durante evento organizado pelo CEC, descreve sua fascinação trajetória na redescoberta de um país, entre os filme *Terra estrangeira* e *Central do Brasil*, um percurso que, em seu desenvolvimento, rendeu homenagem a outros momentos marcantes da filmografia brasileira, como as obras semanais de Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha.

O lado mais sinuoso e complexo de nossa cinematografia que é o da produção, é comentado por Renato Bulcão, produtor que tem estado por trás de inúmeros dos novos filmes brasileiros

Cinema como literatura – procedimentos e teorias à maneira dos russos

Irene A. Machado

Resumo

Filmar *O capote* à maneira de Gógol não constituiu uma mera adaptação do conto homônimo do escritor. No contexto do criticismo literário russo, trata-se de um ponto de partida para o estudo das relações semióticas entre literatura e cinema como um problema de recodificação no interior da cultura.

Dois conceitos básicos são discutidos: *skaz* e entonação. Enquanto o primeiro tentou traduzir o estilo do narrador oral, o segundo tentou entender como os acentos do discurso podem enfatizar os eventos dramáticos numa seqüência. Trauberg-Kozintsev e Eisenstein mostram duas abordagens do filme à maneira de Gógol. Trata-se de duas contribuições para o uso da literatura do ponto de vista do cinema. A literatura é introduzida no cinema não através do enredo, mas por meio das representações entre oralidade e escritura.

Abstract

The tale *Overcoat*, shot in the style of Gogol, is not a mere adaptation of Gogol's novel of the same title. In the context of Russian literary criticism this is the starting point in the study of the semiotic relationship between literature and cinema as a problem of code-switching inside a culture.

Two basic concepts are discussed here: *skaz* and intonation. While the first one aims to translate the oral storyteller's style, the second tries to convey how speech accents can emphasize dramatic events in a sequence. Trauberg-Kozintsev and Eisenstein show two different approaches when shooting a film in the style of Gogol. Thus they contribute to the understanding of how literature can be used from the cinematic point of view. Literature makes its way into cinema not through the plot, but through the representation of the interface between the oral and the written word.

Person & Person.....	153
<i>Person & Person</i> Marco Bin	
Retratos do cinema japonês.....	169
<i>Portraits of the Japanese cinema</i> Donald Richie	
TEORIA	
Cinema como literatura – procedimentos e teorias à maneira dos russos.....	193
<i>Cinema as literature – procedures and theories in the Russian way</i> Irene A. Machado	
RESENHA	
Um Truffaut.....	213
<i>A Truffaut</i> Tiago Mara Machado	
IMAGEM transforma-se em I.M.A.G.E.M.....	223
<i>Image turns into I.M.A.G.E.</i> Milton Sogabe	
OS AUTORES.....	227

DEPOIMENTO

revista do centro de estudos
portugueses hélio simões

com os Anais do IV Seminário
Internacional de Literaturas
de Língua Portuguesa

1988

Universidade Estadual de Santa Cruz

revista do centro de estudos portugueses hélio simões
com os Anais do IV Seminário Internacional de Literaturas de Língua Portuguesa

Departamento de Letras e Art

SUMÁRIO

- 07** Apresentação
- 09** Memória : breve história do CEPHS
- 12** Uma biblioteca setorial
- 15** ARTIGOS
- Liame e liberdade nos entrelaços da língua de João Vêncio :
- Luandino Vieira à luz de Nietzsche
- Graça Andrade
- 25** Vanguarda e utopia - surrealismo e modernismo no Brasil
- Carlos Lima
- TRADUÇÃO
- Canções e a Europa, de Eduardo Lourenço
- Jane Badaró Voisin
- FICÇÃO
- Ficar aqui sem ser ouvido por ninguém
- António Júnior
- ANAIS DO IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LINGUAGENS
DE LÍNGUA PORTUGUESA / 97
- 85** A questão do imaginário regional
- 88** Programa
- 92** Abertura
- Palavra da Reitora
- 94** Palavra da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP
- CONFERÊNCIAS
- Literatura e referente : o problema do espaço ou O preso que voa
- Rui Zink
- 106** Regional/universal, provinciano/mundano : eixos cruzados de uma

APRESENTAÇÃO

questão equívoca

- Ruy Duarte de Carvalho

1 19 A literatura da Região Cacauzeira baiana: questão identitária

- Maria de Lourdes Netto Simões

1 29 A transfiguração poética do elemento local

- Pedro Lyra

1 45 A representação da oralidade na prosa da ficção brasileira:

a diversidade dialógica dos espaços culturais

- Irene Machado

1 68 A literatura moçambicana hoje - breve panorama

- Suleyman Cassamo

1 75 Literatura e identidade

- Esméria Leal Cunha

PAINEL DE ESCRITORES:

Literatura e compromisso estético-histórico-social

1 92 Rui Zink : A escrita egoísta

1 95 Mictel Vale de Almeida : A força da narrativa

1 98 Suleyman Cassamo : Metáfora e contexto

2 01 Ruy Duarte de Carvalho : As vozes da poesia

2 04 Pedro Lyra : O valor da obra

2 07 Carlos Lima : A poesia da perversão

2 09 Caro de Mattos : O universal no regional

2 12 Ruy Póvoas : A antena do mundo

2 16 Gervásio de Mattos : A arte de combater

2 19 Ericudes Neto : Literatura para o povo

RÉCITA : Fragmentos de escritas

JORNAL DO SEMINÁRIO

PROGRAMAÇÃO/98

Este número inicial da Revista CEPHS representa o primeiro passo na concretização de um projeto proposto no início de 1997, no plano geral de atividades do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, em sintonia com a política de estímulo a publicações científicas setoriais adotada pela Reitoria da UESC através de sua editora — a Editus.

Assim, cria-se um novo instrumento de incentivo à produção resultante da pesquisa e reflexão sobre questões referentes ao universo literário e cultural de língua portuguesa, que toma uma importância particular nesse momento em que as nações lusófonas se reaproximam e começam as celebrações em torno do quinto centenário das extraordinárias viagens ultramarinas portuguesas da virada do século XV para o XVI, dentre as quais a que resultou nos contatos de navegantes lusos com o povo e as terras do Brasil.

Os espaços e grupos humanos alcançados naquela época se configuram, hoje, como países independentes, com suas culturas próprias e efervescentes — embora ligadas entre si pela matriz portuguesa. Interessamos-nos, então, acolher manifestações desse mundo unido pela língua de Camões, como mais um veículo de divulgação do conhecimento produzido em torno desses povos.

E, para que o intercâmbio de informações e troca de idéias se estabeleçam, esta revista abre suas páginas para trabalhos não apenas de docentes, pes-

O CEPHS figura como um órgão do Departamento de Letras e Artes do UESC, vinculando-se a órgãos diplomáticos e culturais nacionais e internacionais.

A representação da oralidade na prosa da ficção brasileira:

a diversidade dialógica dos espaços culturais

Irene A. Machado

referência geográfica. Antero de Quental é por acaso apenas açoriano? Ele é um açoriano escritor, não um escritor açoriano. Picasso é por acaso apenas catalão? Ele é um catalão pintor, não um pintor catalão. Agora vejam a ironia: não se pode fazer esta sutil distinção em inglês ou francês - a gramática deles não permite. Por aqui é que ainda temos e sofremos esta aberração. Vejam que apresentar alguém como escritor baiano ou cearense não é a mesma coisa que apresentar alguém como escritor paulista ou carioca. Aliás, não se apresenta alguém como escritor paulista ou carioca. É, ao apresentar como baiano ou cearense, está-se - conscientemente ou não, intencionalmente ou não - implicando, pejorativamente, maliciosamente, preconceituosamente: só é re/conhecido em ou só serve para a Bahia ou para o Ceará.

Pois porque isto é falso, temos que lutar contra isto e acabar com isto.

Todo leitor de romances sabe que não existe narrativa sem deslocamento. Houve épocas em que as narrativas eram dominadas por heróis que se deslocavam com rapidez e bravura de uma região a outra, enfrentando monstros, transpondo abismos e oceanos. Nosso século explorou outro tipo de deslocamento. O romance e sua linguagem se deslocaram dos vilarejos alemães, dos castelos ingleses, dos salões franceses para as movimentadas e ruidosas cidades americanas, para as fantásticas cidades invisíveis, Petersburgo, para as fantásticas cidades invisíveis, para o infinito sertão brasileiro, para o espaço da mente fecundante. Nesse deslocamento o romance entrou em contato com a expansão das línguas que povoam o mundo neste milênio, como bem anotou Italo Calvino.

Observando as transformações do gênero romanesco fora do continente europeu, o romancista mexicano Carlos Fuentes elaborou uma outra *geografia do romance*, valorizando exatamente a história de seus deslocamentos. Reconheceu que o estágio atual do romance define-se pela *estética de la encruzijada*, ou seja, pelo "encontro de línguas, de tempos históricos e de civilizações, em que nenhum tempo tem o monopólio da verdade ou a posição privilegiada do discurso". (FUENTES, 1993:26-27). O que mostra o romance em pleno exercício de

Pedro Lyra é poeta,
ensaísta, professor
aposentado de
Poética da
Universidade
Federal do Rio de
Janeiro e atual
visitante/titular da
Universidade
Federal do Ceará.
Cf. outros dados e
obras n. 205-206

Este estudo reúne
trabalhos realizados
anteriormente, citados
no bibliográfico.

Universidade Estadual de Santa Cruz

Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões -CEPHS/ UESC

Km. 16, Rodovia Ilhéus-Itabuna - CEP 450650-000 Ilhéus-Bahia-Brasil

Tel. (073) 680-5087 - Fax (073) 689-1126

E-mail : cephs@faccranda.uescbn.com.br

<http://www.uescbn.com.br>

Reitora :

Renée Albagli Xogueira

Vice-Reitora :

Margarida Cordeiro Fajal

Departamento de Letras e Artes

Diretora : Lúcia Neto (1997) / Raídes Pereira dos Santos (1998)

Coord. da Área de Literatura : Reheniget Rehem (1997) /

Ana Paula Matos Fonseca (1998)

Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões

Coordenadora : Jane Badaró Voisin (1997) / Graça Andrade (1998)

Assessor Técnico: Marcos Aurélio dos Santos

Escrivãs : Sílvia Smith, Lúcia Lavo, Mônica Cristina (1997) / Andréa Marques de

Almeida, Gilnara Santana, Marianne Christensen (1998)

Revisita CEPHS

Concepção, edição, preparação dos originais, redação : Jane Badaró Voisin

Conselho editorial : Margarida Cordeiro Fajal, Maria de Lourdes Neto Simões,

Reheniget Rehem, Jane Badaró Voisin

Realização : Editoras - Editora da UESC

Diretora : Maria Luíza Nora

Revisão : Maria Luíza Nora, Graça Andrade,

Marcos Aurélio dos Santos, Jane Badaró Voisin

Design gráfico e Diagramação: George Pellegrini

Capa: George Pellegrini, a partir de ilustração de Almada Negreiros (Portugal)

R454

Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões/Universidade

Estadual de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes - N° 1

(1997/1998) — Ilhéus : Edilus, 1998.

254 p.

Annual

1. Literatura portuguesa - Periódicos. 2. Literatura brasileira.

3. Literaturas africanas. 4. Literatura comparada. 5. Regionalismo literário. 6. Literatura do cacau. I. Centro de Estudos

Portugueses.

CDD 869.05

QVINTO IMPÉRIO

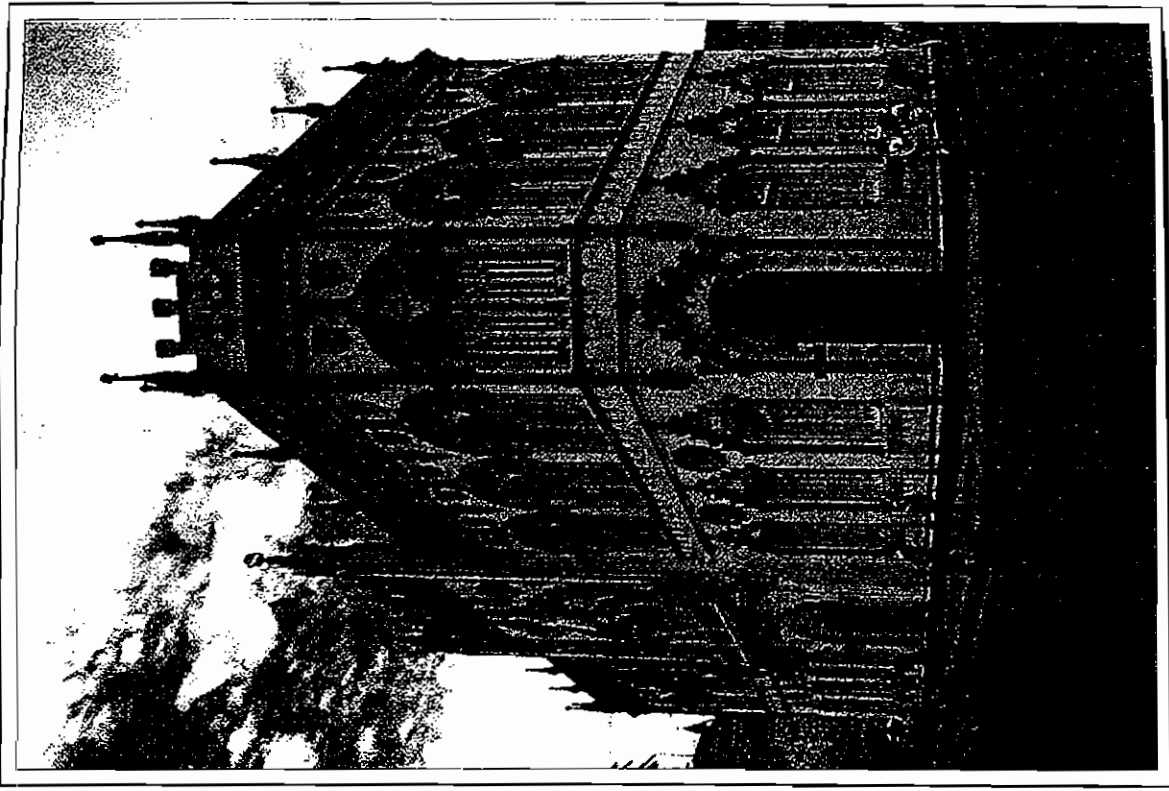
Revista de Cultura
e Literaturas de Língua Portuguesa



Nº 10 – Dezembro/1998

QVINTO IMPÉRIO • Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa • 1998

Edifício Sede
do
Gabinete Português de Leitura



ISSN 1415 – 1758

QVINTO IMPÉRIO

Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa

Qvinto Império: Revista de Cultura e Literaturas de Língua Portuguesa/
Gabinete Português de Leitura – Centro de Estudos Portugueses –
Casa Fernando Pessoa. – n.º 1, jun. 1986 – . – Salvador: Empresa
Gráfica da Bahia, 1986 –
– v.: 21 cm
Semestral

I. Literatura-Periódicos I. Gabinete Português de Leitura-Centro de
Estudos Portugueses-Casa Fernando Pessoa II. Título

ISSN 1415 – 1758
CDU 8(05)
CDU 869.0(05)

Fecha catalográfica: Maria Verónica C. Oliveira

Qvinto Império	Salvador	v. 1	p. 1-196	1998
----------------	----------	------	----------	------

SUMÁRIO

- 09 **Editorial/A Crônica do Gabinete Português de Leitura**
Artur José R. Rangel
- 15 **A forma improvável**
João Carlos S. Pires da Silva
- 27 **Dois poetas brasileiros entre extremos de Sá de Miranda**
Márcia Maria de Arruda Franco
- 37 **Prosa em tempo de poesia: uma leitura especular de Partes de África, de Hélder Macedo**
Maria Fernanda P. de Souza Oliveira
- 53 **O Vão do Pincel**
Annabela Rita
- 69 **“O povo mais ou menos miúdo”, sua economia e sua educação**
Silvestre Teixeira
- 93 **Ao exilado Jorge de Sena, vinte anos depois de sua morte**
Gilda da Conceição Santos
- 101 **Do Flâneur ao Zappeur: as técnicas de reprodução e produção de imagens em João do Rio e João Gilberto Noll**
Alexandre Faria
- 113 **O sermão como gênero oral: a performance discursiva do Pe. Antonio Vieira**
Irene A. Machado

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	0
AS LENTES DE RUBEM FONSECA E DE TOLEDO MALTA SURPREENDENDO RIO E SÃO PAULO <i>Belh Brail</i>	1
O MATADOR DE PATRÍCIA MELO: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA <i>Carlos Alberto Faraco</i>	2
NARRATIVA E COMBINATÓRIA DOS GÊNEROS PROSAICOS: A TEXTUALIZAÇÃO DIALÓGICA <i>Irene A. Machado</i>	3
A NARRATIVA NO TEATRO <i>João Roberto Faria</i>	4
ESPAÇO E EXPERIÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DO AFETO NAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA <i>Joaquim Alves de Aguiar</i>	5
NARRATIVA, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO <i>José Eduardo Vendramini</i>	6
CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO ESCRITO NAS NARRATIVAS ORAIS DE FIÇÃO DE UMA MULHER BRASILEIRA ANALFABETA <i>Leda Verdiani Tjouni</i>	7
FINGIMENTO REDUPLICADO E VALORIZAÇÃO DA ALTERIDADE: PEQUENOS BURGUESES, DE CARLOS DE OLIVEIRA <i>Lélia Parreira Duarte</i>	9
O ESPAÇO DA NARRATIVA NO TEATRO <i>Lidia Fachin</i>	10
OS MÚLTIPLOS DA ALMA: UM INVENTÁRIO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS WAPISHANA <i>Nádia Farage</i>	11

CONSELHO EDITORIAL

Ignácio Assis da Silva
Lidia Fachin
Maria Célia de Moraes Leonel
Sylvia Helena Telarolli

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO

Edna Maria dos Santos Nascimento
Guacira Marcondes Machado
Sidney Barbosa
Sylvia Helena Telarolli

ASSESSORIA TÉCNICA

Cristina Aurora B. G. Santos

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA

Ivan Renato Albino - Área de Extensão/FCL

CAPA

Jefferson L. Canargo

ITINERÁRIOS (UNESP, Faculdade de Ciências e Letras,

Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários)

ARARAQUARA, SP - Brasil, 1998

ISSN 0103-815X CDD - 809

NARRATIVA E COMBINATÓRIA DOS GÊNEROS PROSAICOS: A TEXTUALIZAÇÃO DIALÓGICA

Irene A. MACHADO*

I. NARRATIVA E NOÇÃO DIALÓGICA DO TEMPO

O tempo não é constituinte estrutural da narrativa nem seu agente organizador; a narrativa é que é insidiosa de representação do tempo.

Mikhail Bakhtin é considerado um dos mais criteriosos dentre os teóricos da narrativa. Tal mérito se deve ao tratamento que suas formulações dedicaram, sobretudo, à percepção do *tempo* na criação verbal. Sabemos que nos estudos sobre narrativa, o tempo sempre ocupou a esfera da maior importância. Afinal, tanto a experiência como a criação são manifestações marcadas pela temporalidade. Apesar da importância do tema, não é de modo sistemático que se pode ter acesso às formulações de Bakhtin sobre o assunto, visto estas se encontram disseminadas ao longo de seus estudos sobre os gêneros, o cronotopo, a polifonia. A falta de sistematização, contudo, não é fortuita. O *tempo* na teoria do dialogismo não é um constituinte estrutural da narrativa, pelo contrário, a narrativa e, conseqüentemente, os gêneros, são instâncias estéticas de representação do tempo. Visto por esse viés, a noção de tempo distancia-se das abordagens mais divulgadas sobre o assunto, sobretudo porque desconhece as fronteiras entre a ética e a estética.

Enquanto muitos teóricos definem o tempo na literatura com base num sistema de oposição — tempo na literatura *versus* tempo real; tempo da escritura *versus* tempo da diegese — Bakhtin buscou outra solução. A noção de tempo como movimento unidirecional, seqüencial, isto é, que parte do

* PUC-SP. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica.

Língua e Literatura

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

HOMENAGEM

Lafetá — Meu amigo mineiro
 Elisa Guimarães
 Lições de Lafetá
 Irene A. Machado

ARTIGOS

"Não diferem o historiador e o poeta..." O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho
 Angélica Chiappetta

A exatidão imprecisa: Um ensaio sobre interdisciplinaridade, discurso e texto
 Antonio Vicente Marafioti Garnica

O texto em aula de Língua Portuguesa

Elisa Guimarães

Um olhar "baxhtiniano" sobre o carnaval na canção "Vai passar" (Francis Hime e Chico Buarque)
 Elizabeth Harkot La Taille

Pesquisando o complexo ato de ler em língua estrangeira — Instrumentos de pesquisa

Eliana Rosa Langer

Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin

Irene A. Machado

Na consciência de um soneto, o imaginário cavaleiresco português

Lênia Márcia Mongelli

Representação das linguagens sociais no romance: Desencontro cultural e ideológico em *São Bernardo*, de Graciliano Ramos

Maria Celina Novaes Marinho

O lirismo de Caio Valério Catulo. Uma leitura de seu poema sobre um barco (carm. iv)

Maria da Glória Novak

A lira esfacelada do poeta (Uma interpretação dos desdobramentos do tema da viola quebrada na obra de Mário de Andrade)

Simone Rossinetti Rúfinoni

Palavra de jornal — A linguagem intermediária

Thais Montenegro Chinellato

CONFERÊNCIAS

Reflexões sobre os estudos do texto e do discurso

Diana Luz Pessoa de Barros

A literatura como visão do novo mundo

Roberto de Oliveira Brandão

REIMPRESSÃO

DEPARTAMENTOS DE LETRAS • UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
 N. 22 1996

UNIVERSIDADE DE SAO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Flávio Fava de Moraes

Vice-Reitores: Prof. Dr. Myriam Krastichik

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. João Baptista Borges Pereira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

Chefe: Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS

Chefe: Prof. Dr. Sandra G. Teixeira Vasconcelos

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ORIENTAIS

Chefe: Prof. Dr. Aida Ramezã Hanania

DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA

Chefe: Prof. Dr. Elisabeth Brait

DEPARTAMENTO DE TEORIA LINGÜÍSTICA E LIT. COMPARADA

Chefe: Prof. Dr. Sandra Margarida Nitri

LÍNGUA E LITERATURA

Comissão Editorial:

Ivone Daré Rabello (DTLE)

Maria Elisa Cevasso (DLM)

Marirosaria Fabris (DLM)

Zenir Campos Reis (DLCV)

Flávio Wolf de Aguiar (DLCV)

Zélia de Almeida Cardoso (DLCV)

Oswaldo Ceschin (DLCV)

Aida Ramezã Hanania (DLO)

Salete de Almeida Cara (DL)

Beth Brait (DL)

Endereço para correspondência

Comissão Editorial

LÍNGUA E LITERATURA - FFLCH/USP

Cx. Postal 8105

05508-900 - São Paulo, SP - Brasil

e-mail: lch@org.usp.br

Compras e assinaturas

Seção de Publicações

Rua do Lago, 717 - Cid. Universitária

05508-900 - São Paulo, SP - Brasil

Tel (011) 818-4593 / Fax(011) 211-6281

e-mail: pubflch@edu.usp.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 5

HOMENAGEM

Lafeta - Meu amigo mineiro

Elisa Guimarães 9

Lições de Lafeta

Irene A. Machado 11

ARTIGOS

"Não diferem o historiador e o poeta..." *O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho*

Angélica Chiappetta 15

A exatidão imprecisa: Um ensaio sobre interdisciplinaridade, discurso e texto

Antonio Vicente Marafioti Garnica 35

O texto em aula de Língua Portuguesa

Elisa Guimarães 49

Um olhar "bachtiniano" sobre o carnaval na canção "Vai passar" (Francis Hime e Chico Buarque)

Elizabeth Harkot La Taille 61

Pesquisando o complexo ato de ler em língua estrangeira - Instrumentos de pesquisa

Eliana Rosa Langer 75

Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin

Irene A. Machado 89

Na concisão de um soneto, o imaginário cavaleiresco português

Lênia Márcia Mongelli 107

CAVARES, K.C.A.. *O uso da introspecção: da técnica de pesquisa para o ensino de leitura*. Dissertação de mestrado em letras anglo-germânicas. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de letras, 1993.

FEIRA, J.R.. *Leitura de metáfora, ensino de leitura e formação de professores de língua estrangeira*. Projeto de pesquisa para qualificação no doutorado em lingüística aplicada da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

ABSTRACT: This work is a reflection on reading research. Considering that reading a text is an act that uses mentalistic operations, the tools for reading research must be appropriate. We present therefore, the tools available for this purpose. We analyse the introspective methods, as we find it to be the most appropriate for our task.

Key- words: Reading research, research tool, introspection.

96.

TEXTO COMO ENUNCIÇÃO. A ABORDAGEM DE MIKHAIL BAKHTIN*

Irene A. Machado**

Resumo: Guiando-se pela noção de que no texto estão constituídos aspectos do mundo verbal e do contexto sócio-cultural, o presente estudo discute como a abordagem dialógica de Mikhail Bakhtin trata dessas relações. Privilegia-se a noção de gênero como síntese da dimensão cronotópica do texto como enunciação.

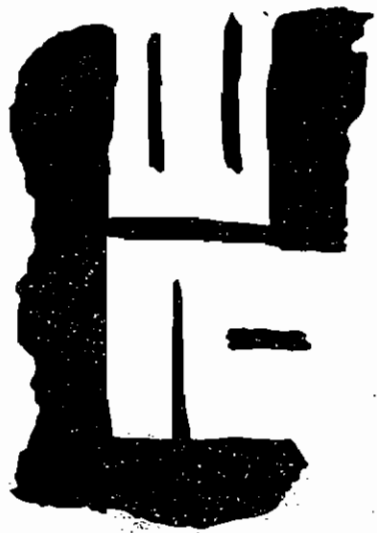
Palavras-chave: Enunciação, enunciado, signo, texto, ciência do discurso, metalingüística, gêneros discursivos, gêneros literários.

O TEXTO E SEU ESPAÇO DIALÓGICO

Não foi para criar desajustes e polêmicas com a ciência da língua de seu tempo que Mikhail Bakhtin formulou teorias com vistas à constituição do que conhecemos, hoje, por *ciência do discurso*. O imperativo maior, sem dúvida, foi a necessidade de valorizar as formações sócio-discursivas como *elos* da cadeia cultural, responsáveis pelo movimento das significações no processo comunicativo. Para o mundo dos signos criados pelo homem, fonte dos mais variados textos da cultura, se dirigiu o olhar desse inquieto teórico. Talvez seu grande trunfo tenha sido a descoberta de algumas fragilidades da investigação lingüística, carente, até o momento de suas investigações, de instrumentos capazes de dar conta das manifestações do mundo verbal em sua realidade textual cronotópica. Ao voltar-se para os mais diversos aspectos da *enunciação*, Bakhtin não só definiu seu

* Esse texto é versão modificada de um fragmento de *Os gêneros e a ciência dialógica do texto*, no prelo na edição comemorativa aos cem anos de Mikhail Bakhtin pela editora da Universidade Federal do Paraná.

** Professora convidada do Departamento de Lingüística da FFLCH/USP.



ANTONIO GOMEZ-MORIANA
ELISEO COLON ZAYAS
IRENE A. MACHADO
MARIA DA GRAÇA KRIEGER
SILVIA SIMONE ANSPACH

97

A ampliação do conceito de fetiche; a passagem do nominalismo ao realismo em Peirce; os confrontos entre o formalismo russo e Bakhtin; a construção semiótica da persuasão na publicidade; as relações entre a autobiografia e a história; a pluralidade de signos do teatro: de algum modo, cada ensaio escava um certo movimento político das linguagens, que produz efeitos diversos conforme o arranjo de suas partes, na direção do seu usuário. Do teatro dos objetos cotidianos ao palco do teatro, passando pela arquitetura e pela venda de idéias, este pequeno roteiro da intrusão semiótica parece nos dizer que nenhum ato que envolva nosso sistema de percepções é gratuito ou inofensivo. E que cada modo de montar sílabas, gestos, linguagens ou o próprio pensamento é um modo de organizar o mundo.

ISSN 0103-1582
FACE REVISTA DE SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO
Volume 1 Número 2 Julho / dezembro de 1988

edue
editora do puc-sp

Judith Zuguim e Roberta Azzi

Summary

Projeto Gráfico

Lourdes Gabrielli e Wilton Azevedo
Aplicação : Suely Fragoso

Composição

Edna Maria da Silva Nascimento
Jussara R. Gomes

Editorial Editorial

Artigos Articles

Thomas A. Sebeok 11
*Fetichismo
Fetish*

Ursula Niklas 27
*Sobre o teórico e o prático em Charles Sanders Peirce
On the practical and theoretical in Charles Sanders Peirce*

Irene A. Machado 37
*Bakhtin e o legado dialógico do Formalismo Russo
Bakhtin and the dialogic legacy of Russian Formalism*

Eliseo Colón Zayas 51
*La imagen fija en la publicidad
Static image in advertising*

Antonio Gómez - Moriana 67
*Narración y argumentación en el relato autobiográfico
Narrative and argumentative processes in autobiographical reports*

Maria da Graça Krieger 81
*Narratividade e estruturas argumentativas
'Narrativity' and argumentative structures*

Silvia Simone Anspach 91
*Teatro: domínio da Interssemiose
Theatre: province 'par excellence' of Interssemiosis*

Resenhas de Livros 103
Book Reviews

Resenhas de Teses e Dissertações 119
Dissertation and Thesis Reviews

Notícias 127
News



EDUE - EDITORA DA PUC-SP
Rua Monte Alegre, 984, São Paulo, 05014, São Paulo
Telefones: 62-0280 ou 263-0211, ramais 300 e 350

Assinaturas e vendas avulsas:

PUCSP LIVRARIA UNIVERSITÁRIA (também por reembolso)
Rua Monte Alegre, 984, Térreo, São Paulo, CEP 05014, SP.

LIVRARIA BELAS ARTES - Alameda Lorena, 1326, CEP 01424 e
Avenida Paulista, 2448, CEP 01310, São Paulo, SP.

**Bakhtin e o legado dialógico
do Formalismo Russo**

Irene A. Machado

Resumo

Leitura crítica dos princípios mais polêmicos do Formalismo Russo, e de sua ambiência poética, através da contribuição que o pensamento de Mikhail Bakhtin trouxe à crítica literária.

Abstract

A critical review of the most polemic principles of Russian Formalism and its poetic environment through the great contribution of Mikhail Bakhtin to literary criticism.

"Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça". *Mais! Folha de S. Paulo*, 21 de setembro de 2003, p. 10. (Sobre os livros: *Fotografia e Viagem* de Antonio Fatorelli; *Labirinto e identidades* de Rubens Fernandes Jr.; *O espírito dos lugares* de Eduardo Muylaert).

"Especulações sobre o código genético do cinema – sem cortes". *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 5, 2003, pp. 243-52.

"Tudo que você queria saber sobre as novas mídias mas não teria coragem de perguntar a Dziga Viértov". *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 3, 2002, pp. 219-26.

"Força e mistério das palavras". *Jornal do Brasil (Idéias/Livros)*, 26 de novembro de 1994. (Resenha do livro *Poe e Rosa à luz da cabala* de Monique Balbuena. Rio de Janeiro, Imago, 1994.)

"Voz medieval no sertão". *Jornal do Brasil (Idéias/Livros)*, 31 de dezembro de 1993. (Resenha do livro *Cavalaria em cordel: o passo das águas mortas*, de Jerusa P. Ferreira. Hucitec, 1993.)

"Wellek e a ousadia na crítica literária". *Cadernos de Leitura*. São Paulo, EDUSP, n. 1, out. 1992: 14-5. (Resenha do livro *A History of Modern Criticism (1750-1950)*, de René Wellek. Yale, Yale University Press, 1991, 460p., vol. 7.)

"Oralidade e literariedade: a poética da tradição popular". *Revista USP*, n. 11, set.out.nov., 1991: 162-5. (Resenha do livro *Armadilhas da memória*, de Jerusa P. Ferreira. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.)

"A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin". *Revista USP*, n. 5, mar.abr.maio; 1990: 135-142. (Resenha do livro *Questões de Literatura e de Estética: A teoria do romance*, de Mikhail M. Bakhtin. São Paulo, Hucitec, 1988.)

+ **l i v r o s**

Com enfoques distintos, três estudos discutem a crescente interação da fotografia brasileira com as outras artes, como cinema e mídias digitais, no século 20

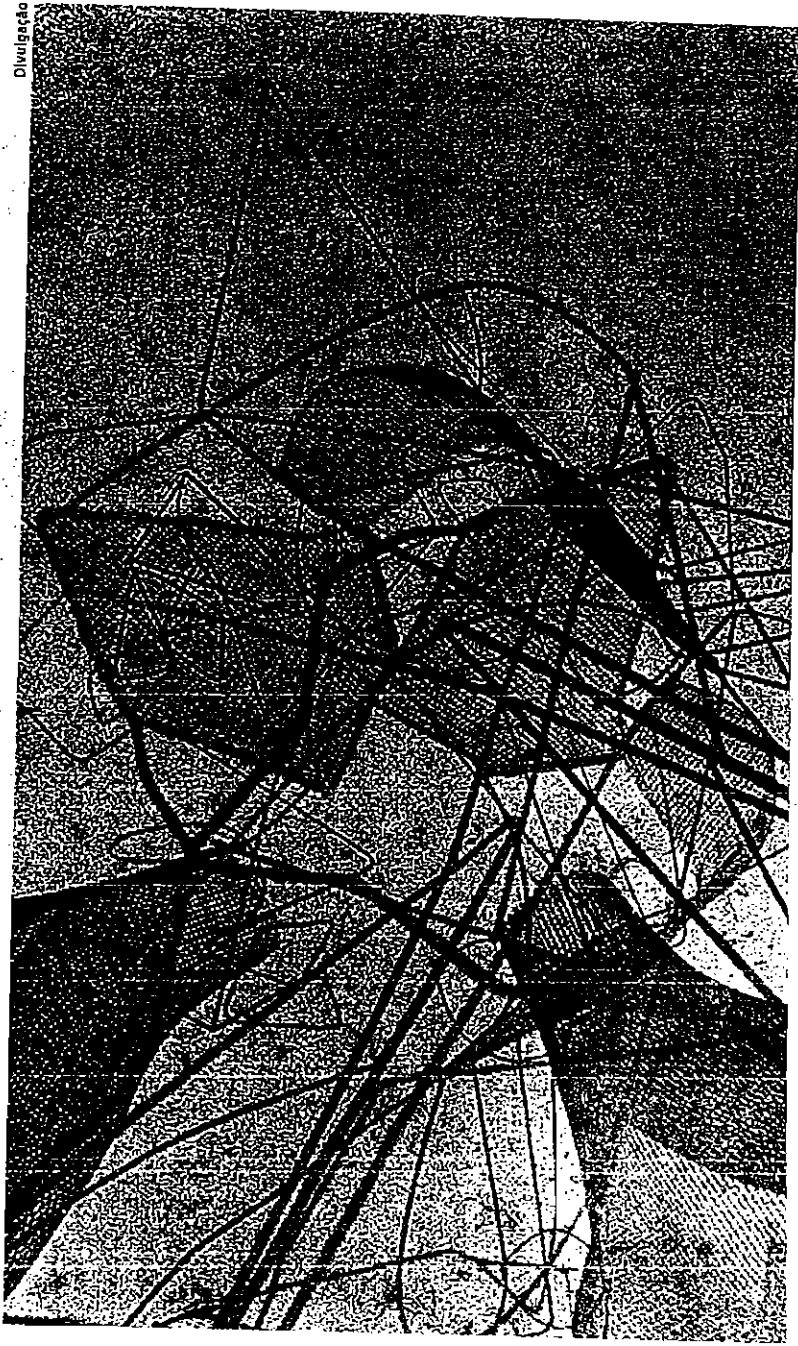
Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça

Irene Machado

especial para a Folha

Ninguém duvida de que a fotografia tenha inaugurado o estágio de produção técnica da imagem na cultura. O duro é reconhecer que esse empreendimento não livrou as imagens fotográficas das ameaças trazidas por dispositivos culturais de outra natureza, caso do cinema, dos meios eletrônicos audiovisuais e das mídias digitais. Como a fotografia sobreviveu a tudo isso e quais foram suas estratégias de sobrevivência nesse contexto? Essa é uma pergunta que tem despertado diferentes respostas.

Um rápido olhar sobre a produção do século 20 parece indicar que a fotografia conseguiu sobreviver graças à capacidade de superação dos limites de sua própria condição técnica, expandindo o raio de sua ação para além das possibilidades previstas pelo meio. Quer dizer, o que temos hoje são fotografias.



Teoria, história, criação De um modo bastante genérico, esse é o eixo teórico que orienta três publicações recentes sobre o assunto: "Fotografia e Viagem - Entre a Natureza e o Artificio", de Antonio Fatorelli, "Labirinto e Identidades - Panorama da Fotografia no Brasil (1946-98)", de Rubens Fernandes Junior, e "O Espírito dos Lugares", de Eduardo Muiyaert.

Três ensaios que discutem a produção da imagem bem como o pensamento sobre ela a partir de enfoques diferenciados. Fatorelli situa-se numa perspectiva teórico-analítica. Fernandes Junior investe no realinhamento histórico e Muiyaert executa o ensaio criativo.

Em seu trabalho de sistematização crítica, Fatorelli acolhe tanto as experiências de artistas que exploraram as possibilidades técnicas do meio quanto as intervenções que extrapolam tais contextos. Examina os procedimentos que colocam a fotografia no contexto mais amplo das artes visuais e também das técnicas de observação não limitadas à percepção de um campo visual geométrica e configurado. Valoriza, assim, as interferências sobre a materialidade da fotografia, que, em muitos casos, tangenciam campos sensoriais muito mais pró-

"Sem Título" (Belo Horizonte, 1957), detalhe de trabalho de Geraldo de Barros extraído do livro "Labirintos e Identidades"

Fotografia e Viagem

180 págs., R\$ 38,00

de Antonio Fatorelli. Ed. Relume-Dumará (travessa Juaci, 37, CEP 21020-220, Rio de Janeiro, RJ, tel. 0/xx/21/2564-6869).

Labirinto e Identidades

232 págs., R\$ 69,00

de Rubens Fernandes Junior. Centro Universitário Maria Antonial/ed. Cosac & Naify Jr. General Jardim, 770, 2ª andar, CEP 01223-010, SP, tel. 0/xx/11/3218-1444).

O Espírito dos Lugares

200 págs., R\$ 80,00

de Eduardo Muiyaert. Ed. Terceiro Nome (r. João Felipe Silva, 52, CEP 04658-030, SP, tel. 0/xx/11/5044-5540).

ximos do tato do que da visão.

Considera muito positivamente as experiências que forçam a máquina a desempenhar tarefas para as quais não fora prevista ou aqueles atos de radicalidade em que a intermediação da câmera é simplesmente descartada. Chega assim a alguns aspectos que podem ser entendidos como balizas da produção de fotografias na contemporaneidade: descenramento, desconexão com o aqui e agora, intercâmbio com outros suportes e, finalmente, tendência à virtualização.

Panorama modelar

Dá para perceber que Fatorelli não se intimida em criticar o pensamento que concebeu a linguagem fotográfica como invariável, determinada pelo dispositivo, pelo processamento técnico, advindo do modelo geométrico e óptico da câmera e por um tipo de percepção perspectivada. Pena que ele não tenha se preocupado em limpar de seu texto as referências que serviriam de fundamento teórico a sua tese acadêmica, mas que são dispensáveis ao exercício de leitura das fotografias e de

sua prática.

Reforçando a idéia de que o pensamento contemporâneo não está voltado para a fotografia, mas para fotografias, Fernandes Junior enfrenta o desafio de mapear a produção brasileira de modo a compor um panorama modelar de nossas identidades. Embora a estratégia básica seja a reunião dos trabalhos produzidos em períodos historicamente determinados, o mapeamento propõe um desenho em que as linhas produtivas de diferentes gerações de fotógrafos sejam fundamentais para a configuração de nossas etnias e paisagens.

Se a idéia era explorar os vínculos da fotografia com as artes — intenção reforçada nas análises dos trabalhos selecionados para a edição —, o resultado foi o predomínio do fotojornalismo com seus flagrantes e da fotografia social de caráter documental. Arte e reportagem fotográfica receberam o mesmo grau de importância. Com isso, os trabalhos de intervenção nos códigos, sobre a materialidade da foto e as instalações, acabam se acomodando muito mal no conjunto

Especulações sobre o código genético do cinema – sem cortes

IRENE MACHADO

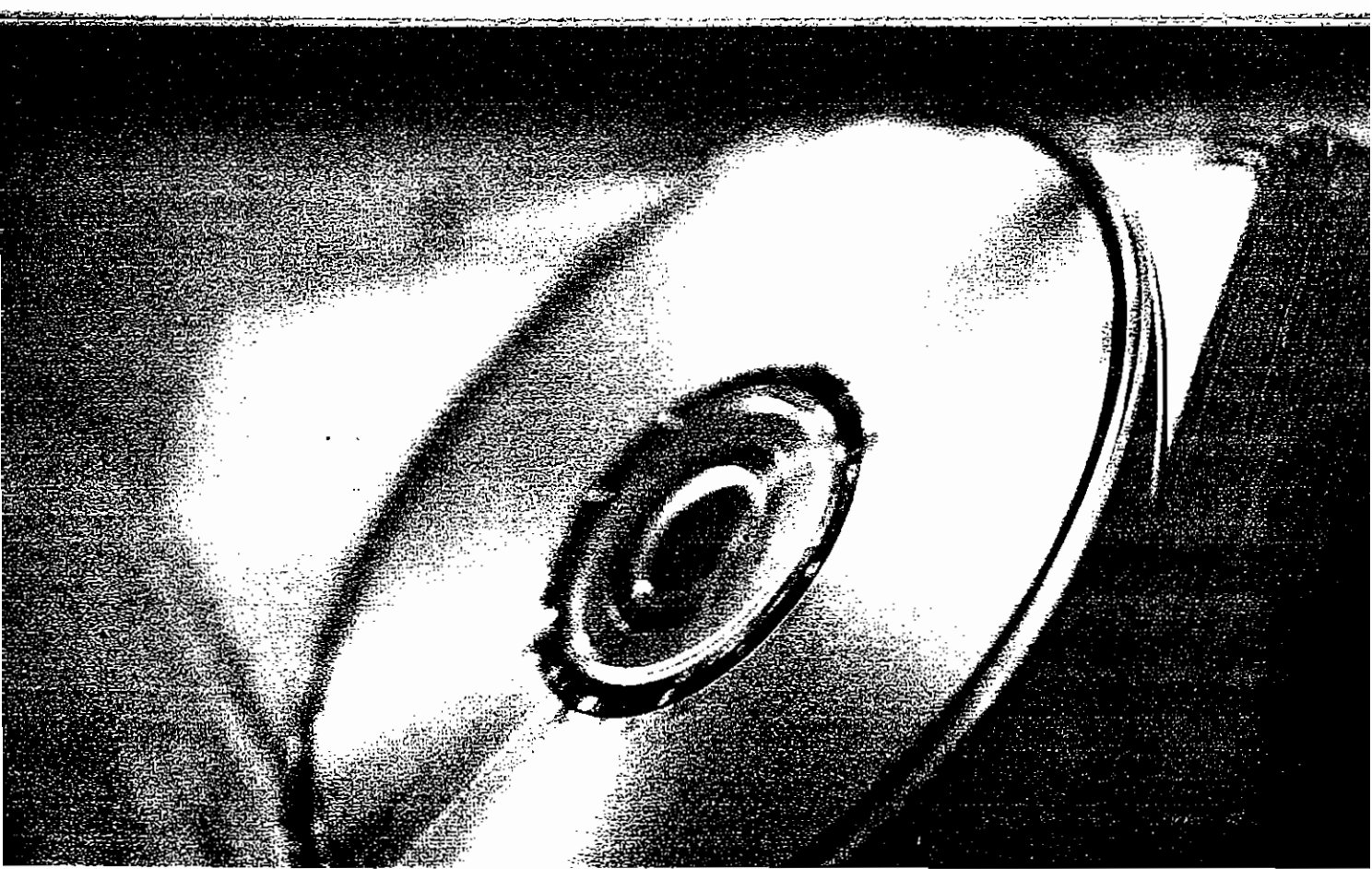
Aleksánder Sokúrov (Álvaro Machado, org.). São Paulo: Cosac & Naify, 2002, 127pp.

Resumo Além de apresentar o cinema do cineasta russo Aleksánder Sokúrov como uma obra espiritualista da era pré-glasnost, os ensaios do livro traçam um panorama das características estéticas de um cinema que revela, ao questionar, um conceito de montagem diferente daquele praticado pela geração da escola da montagem, fundado, sobretudo, na composição. Esse é o assunto fundamental analisado nessa resenha.

Palavras-chave composição, cinema-pintura, plano-sequência, montagem

Abstract Alexander Sokurov's cinema is usually understood as a typical manifestation of the spiritualistic reflection of the pre-glasnost era. The essays of this book design a different approach by showing a specific notion of montage, far from that one practiced by montage school. In Sokurov's films montage is composition. This is the main subject discussed in this review.

Key words composition, picture-film, sequence long shot, montage



"Tudo o que você queria saber sobre as novas mídias mas não teria coragem de perguntar a Dziga Vertov"

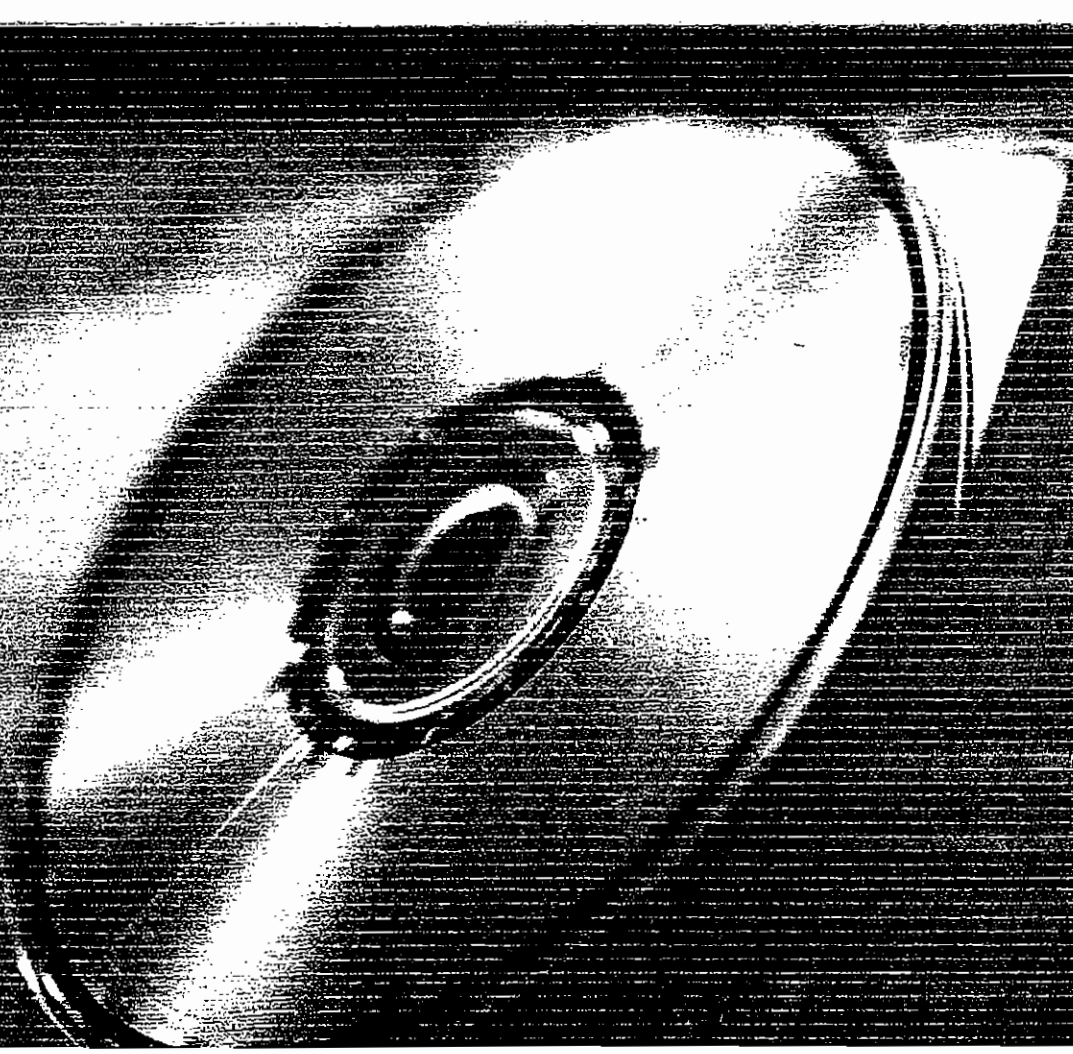
IRENE MACHADO

The Language of New Media de Lev Manovich. Cambridge: The MIT Press, 2000, 354p.

As novas gerações de aficionados pelo cinema assistem ao filme *O homem da câmera* que o cineasta russo Dziga Vertov produziu em 1924, como se fosse um videoclipe. O dinamismo da montagem ditado pelo arranjo musical, escrito pelo próprio Vertov, é o principal responsável por essa leitura e também pela atração de jovens para um filme marco da história do cinema. É como se as imagens em branco e preto fossem geradas pelo cromatismo frenético da música. Por isso é muito difícil para essas gerações entender que o filme de Vertov foi concebido numa época em que o cinema ainda não dispunha de recursos para o registro óptico do som: a música era tão somente parte da performance da exibição e era executada como acompanhamento ao longo da projeção.

A primeira cena do filme de Vertov é exatamente a performance da orquestra na sala de exibição, marcando a *mise-en-scene* e o compasso rítmico das tomadas. Somente depois, Yuri Tsivian agregou a música ao filme, e hoje ninguém pode imaginar esse filme senão como uma produção radicalmente audiovisual e, por que não?, musical. Não é à toa que para os jovens *O homem da câmera* é um clipe de "longa duração" até mesmo com imagens digitalizadas!

Seria Vertov não só um pioneiro do documentário como gênero mas também precursor desse gênero da mídia audiovisual, particularmente da televisão e do mercado fonográfico, e dos processos de digitalização inaugurado pelas novas mídias? Talvez. Ninguém duvida da genialidade do cineasta russo. Contudo, tomar



.....**Artigos de divulgação, apresentação etc.**

“Exposição MAC - U Ura Muta Uê”. www.demsemilam.art.br/uramutae

“Editorial”. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica.

n. 1, abril 2001; n. 2, outubro 2001; n. 3, abril 2002; n. 4, outubro 2002; n. 5, abril 2003; n. 6, outubro 2003; n. 7, abril 2004.

“Semiótica no Planalto: Conferência Brasileira de Semiótica”. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 4, 2002, pp. 311-6.

“Palavras entre cores e linhas”. *Cores, forma, luz, movimento: a poesia de Cesário Verde*, Jorge Luís Antonio. São Paulo: Musa/Fapesp, 2002 (orelha).

“O que existe de novo no século XX? Sobre o curso Arqueologia das mídias de Ziegfried Zielinski”. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 3, 2002, pp. 201-6.

“Semiótica e representação: inventariando para reinventar”. V Congresso Brasileiro de Semiótica. Caderno de Resumos. São Paulo, Centro Universitário Belas Artes, 2001.

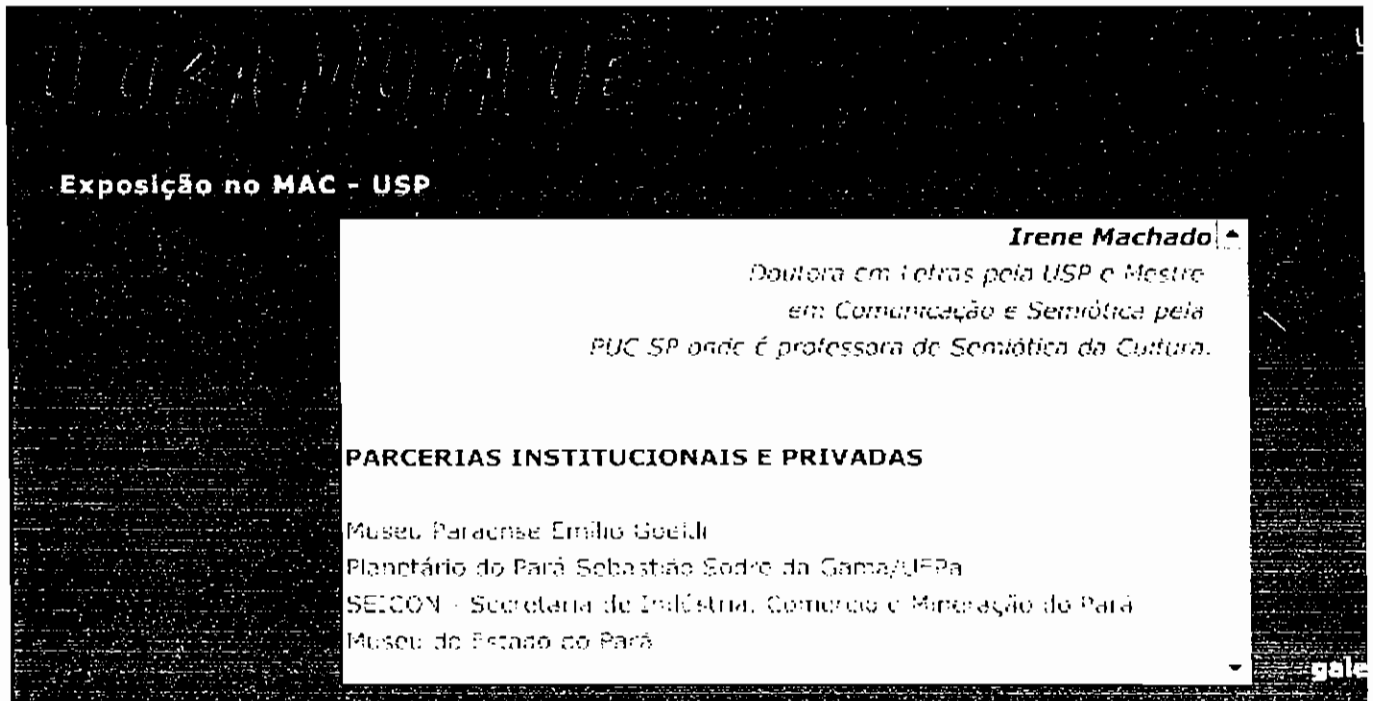
“Semiótica e representação. O V Congresso Brasileiro de Semiótica” (notícia). *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 3, 2002, pp. 187-90.

“Por que se ocupar dos gêneros”. *Symposium* (Gêneros e Comunicação). Ciências, Humanidades e Letras. UNICAP, Recife, 2001, pp. 5-13.

“Utopia revisitada”. *Mistério-Bufo*, Vladímir Maiakóvski (trad.Dmitri Beliaev). São Paulo: Musa Editora, 2001.

“Apresentação”. *Caos e Ordem na Mídia, Cultura e Sociedade* (Lucia Santaella & Irene Machado, orgs.). São Paulo: Face/FAPESP, 1999.

“Escrita surgiu para facilitar o comércio”. *Folhinha. Folha de S. Paulo*, 29 de maio de 1993.



Exposição no MAC - USP

Irene Machado ▲

Doutora em Letras pela USP e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC SP onde é professora de Semiótica da Cultura.

PARCERIAS INSTITUCIONAIS E PRIVADAS

Museu Paraense Emílio Goeldi
Planetário do Pará Sebastião Sodré da Gama/UFPA
SEICON - Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração do Pará
Museu do Estado do Pará ▼

gale

Semiótica e representação

V Congresso Brasileiro de Semiótica

IRENE MACHADO

Com o apoio financeiro da FAPESP, o V Congresso Brasileiro de Semiótica ocorreu em São Paulo, no período de 19 a 22 de setembro de 2001, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo, que não apenas sediou o Congresso como ofereceu toda a infra-estrutura laboratorial para a apresentação dos trabalhos. Reuniu por volta de 200 pesquisadores das várias regiões do país.

A participação de pesquisadores que atuam nas universidades brasileiras em diferentes áreas forneceu um quadro bastante diversificado da pesquisa semiótica que se realiza hoje. Semiótica visual (artes, design, arquitetura, webdesign, artemídia); semiótica discursiva (lingüística, análise do discurso, literatura, poesia); semiótica da música; semiótica das mídias (mídia impressa, publicidade, televisão, rádio, fotografia, vídeo, cinema, comunicação digital e redes); semiótica da cultura (rituais, moda, organizações, leis); semiótica cognitiva (comunicação, corpo, dança); semiótica e política foram os campos que se destacaram com maior número de trabalhos.

A sessão de abertura contou com a presença de homenageados: Lucia Santaella, Lucrecia D'Aléssio Ferrara, José Luis Fiorin, Diana Luz, Ione Bentz, Ana Cláudia Oliveira, Elizabeth Bastos Duarte, Immacolata Vassallo, Arlindo Machado, Elaine Caramela. Esse foi um momento de encontro em que os pesquisadores puderam dividir suas ricas experiências com as novas gerações. Na palestra de abertura, Lucia Santaella apresentou sua pesquisa sobre "A semiósfera como síntese entre a fisiologia, eco e tecnosferas".

Foram realizadas seis plenárias e uma mesa redonda, com a participação efetiva de todos os convidados. Isso permitiu que todos os temas propostos pudessem ser debatidos.

O que há de novo no século XX?

Sobre o curso "Arqueologia das mídias"

IRENE MACHADO

Nada de novo foi inventado no século XX. Tudo o que aconteceu foram explorações encadeadas de vários focos de descobertas que se reportam a rotas de conquistas científico-tecnológicas e da aventura do conhecimento ao longo de toda a história humana. Se há algo de novo no século XX, certamente é a redescoberta da subjetividade mediada pelas tecnologias da comunicação.

Por mais questionável que seja o posicionamento apresentado, não foi com o objetivo de polemizar que o professor Ziegfried Zielinski, do Kunsthochschule für Medien Köln (Academia de Artes e Mídia) de Colônia, exprimiu sua visão sobre a cultura do século XX na abertura de seu curso "Arqueologia das Mídias", oferecido aos pesquisadores do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP no mês de agosto de 2001. Na verdade, esse posicionamento serviu como mote para a introdução das idéias que o levaram a uma investigação que implica uma série de dobramentos que Zielinski denominou "arqueologia das mídias". Evidentemente, não cabe no espaço dessa notícia discorrer sobre a diversidade e riqueza da abordagem apresentada. Tampouco é possível recuperar o farto material que serviu de análise durante o curso: mídias; obras artísticas realizadas nos mais variados suportes; produções de mapas e diagramas; experimentos com máquinas, lentes, espelhos, vídeos, instrumentos musicais, equipamentos audiovisuais, digitais, de telecomunicações, filmes, poesia. Ficarei satisfeita se conseguir traduzir as linhas básicas da investigação de Zielinski, que parecem inaugurar uma nova área de pesquisa no estudo da comunicação mediada e das artes que se servem das mídias para a experimentação de idéias ou para a intervenção. Por isso, vou me limitar a situar as coordenadas básicas que foram apresentadas como fontes da "arqueologia das mídias".

da comunicação", organizado por Antonio Hohlfeldt, Ione Bentz e Maria Weber (Porto Alegre: Sulina, 2002). Em um ano particularmente produtivo, se refere às publicações capitaneadas pela direção da COMPÓS, foi lançado a coletânea *Estratégias e Culturas da Comunicação*, organizado por Luiz Maria Helena Weber, Raquel Paiva e Vera Franca (Brasília: Ed. UnB, 2000). Como ocorre a cada ano, desde 1993, o livro reúne os dez melhores trabalhos entre os 120 artigos, apresentados no encontro anterior. O melhor trabalho de cada ano é indicado pelos próprios participantes do grupo para fazer parte da coletânea anual da COMPÓS.

A COMPÓS foi fundada em Belo Horizonte, em junho de 1991. Seus encontros anuais, anualmente, uma média de 500 pesquisadores. Além dos livros-coletâneas, tornou-se também uma tradição a edição, a cada encontro, de um CD-ROM com todos os trabalhos expostos nos grupos temáticos. Este 11º Encontro Anual da COMPÓS, sediado pela ECO:UFRJ, marcou também o início de uma nova década para a entidade que teve o seu primeiro evento realizado justamente na cidade do Rio de Janeiro e pela mesma universidade. Dez anos depois, o compromisso da ECO:UFRJ com a COMPÓS mostrou-se o mesmo e materializou-se no novo trabalho na organização e na criatividade do material editorial do encontro por uma equipe de professores e bolsistas dirigida por Liv Sovik e Raquel Paiva, sob a supervisão de Muniz Sodré.

Além dos encontros da Compós foram realizados em: Salvador, (1993); Camargo, (1994); Brasília, (1995); São Paulo, (1996); São Leopoldo, Rio Grande do Sul, (1997); São Paulo, PUCSP (1998); Belo Horizonte, (1999); Porto Alegre, (2000) e, recentemente, Brasília, UnB (2001). Em junho de 2003, o encontro da COMPÓS será realizado em Recife, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Todas as informações sobre as datas e formas de participação nos eventos e GTs da COMPÓS permanecem disponíveis no site da entidade: www.compos.org.br

YVANA FECHINE é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUCSP, professora da Universidade Católica de Pernambuco e pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (PUCSP-CNRS-USP). Atualmente, coordena o GT produção de Sentido nas Mídias da COMPÓS.

yvanafechine@hotmail.com

Semiótica no planalto: I Conferência Brasileira de Semiótica

IRENE MACHADO

Brasília não é apenas uma cidade que já despertou diferentes interpretações semióticas desde sua inauguração. Lá também floresceu uma investigação que tem mantido a persistência no estudo e consolidação da semiótica como disciplina no campo das artes, da literatura, da comunicação.

Além das publicações, a exemplo da revista eletrônica *Teia*, o grupo que assumiu a retomada dos estudos de semiótica no planalto partiu esse ano para a realização de seu primeiro evento científico. Entre os dias 05 e 07 de julho a Associação Brasileira de Comunicação e Semiótica — em parceria com o Instituto de Artes da Universidade de Brasília e com apoio de diversas instituições de ensino locais — realizou a I Conferência Brasileira de Semiótica, contando com a participação de estudiosos da linguagem, seja na perspectiva das artes seja no vasto campo da comunicação. Tudo isso graças à persistência e coragem de Eufrasio Prates e de Luiz Carlos Lasbeck. Há cinco anos esses dois semioticistas atuam na diretoria da associação para garantir a disseminação do debate semiótico. A contar pelas discussões e ações que acontecem nos grupos de discussão da ABSB, o trabalho de Prates, Lasbeck e evidentemente de seus colegas já assumiu o perfil de uma verdadeira prática militante que não hesita em noticiar eventos nacionais e internacionais, incentivar a participação, apresentar trabalhos e cobrir os eventos como, por exemplo, as valiosas sínteses que Eufrasio Prates já realizou dos congressos de semiótica de La Coruña e Dresden (2000), do V Congresso Brasileiro (2001). Já estava na hora de a entidade vir a público e compartilhar com os demais pesquisadores os trabalhos que vem desenvolvendo.

V Congresso Brasileiro de Semiótica
Semiótica e Representação

INVENTAR PARA INVENTAR

19 a 22 de setembro de 2001
Faculdade de Belas Artes de São Paulo

V Congresso Brasileiro de Semiótica
SEMIÓTICA E REPRESENTAÇÃO
Inventariando para reinventar

Há mais de um século a semiótica vem se constituindo não apenas como teoria geral dos signos mas como campo de investigação científica de caráter transdisciplinar para compreensão de todo e qualquer processamento de signos e das significações. Ao longo do século XX, os estudos semióticos consolidaram muitos dos pressupostos teóricos que propõem estratégias de abordagem para enfrentamento de desafios surgidos com o aumento da diversidade e complexidade, não apenas dos signos como também das relações signílicas e, conseqüentemente, da própria semiose. São visíveis o aumento e a diversificação das linhas teóricas do ciclo semiótico em função da necessidade de realinhar a investigação de fenômenos emergentes que crescem em regiões fronteiriças da chamada tecnocultura.

Até onde é lícito supor, desde que as tecnologias de comunicação tornaram-se a perspectiva através das quais é possível produzir os mais variados discursos sobre o mundo, parece ganhar relevo a noção de que deixamos de viver num ambiente natural para viver num ambiente tecnológico. Contudo, em vez de pólos precisos de configuração, assiste-se a um apagamento das demarcações e, cada vez mais, as relações entre natureza e cultura parecem solidárias para convivência em regime de liminaridade e de convergência. As noções desenhadas no campo da tecnociência, dos espaços informacionais ou organizacionais, dos sistemas cognitivos e computacionais são indicadores desse ambiente em formação. Sob o regime da liminaridade os mais diferentes pontos de vista ocupam o cenário do pensamento teórico-crítico.

Tendências que tendem a vislumbrar um panorama de crise convivem com aquelas que apostam no aumento de complexidade. Grosso modo, esse é um cenário das questões que têm ocupado a mente dos pesquisadores no limiar do século.

As consideráveis transformações geradas pela velocidade das conquistas tecnológicas, sem dúvida alguma, trouxeram inúmeros desafios para os diversos setores da vida. Um dos mais perturbadores para as abordagens semióticas é a problemática da representação. Não se pode ignorar que *representação* é instância da base conceitual do signo e da semiose. Nesse sentido, revela-se eixo fundamental de articulação do estatuto da própria semiótica.

Não só os objetos cumprem diferentes deslocamentos, como os próprios fenômenos se realinham deixando perplexo o signo que deve nomeá-los, circunscrevê-los e revelá-los. Talvez por isso, paradigmas nos quais se assentaram precárias certezas sejam tão rigorosamente questionados. O indiscreto desconforto, que nos assoma ao percebermos a falta de espontaneidade de certos arranjos que pretendem analisar/criticar objetos e fenômenos da natureza e da cultura, da ciência e da arte, está a exigir profundas e corajosas revisões das bases de suas próprias convicções. Em que medida propor uma revisão de pressupostos, sejam eles quais forem, não significa repositonar o próprio estatuto da semiótica no mundo contemporâneo?

Para discutir essa e muitas outras questões emergentes no domínio semiótico, convocamos pesquisadores e estudiosos a discutirem, examinarem, apresentarem rumos para a questão da REPRESENTAÇÃO num fórum acadêmico de dupla e convergente significação.

O V Congresso Brasileiro de Semiótica, ao propor a reinvenção de algumas bases semióticas, a partir de um inventário da herança que recebemos dos autores por nós mesmos consagrados, tem por objetivo ressuscitar a Associação Brasileira de Semiótica - ABS como lugar privilegiado de discussão dos problemas que gravitam em torno do campo semiótico. Espera-se com isso injetar energia a projetos e pesquisas que não encontram hoje, no País, ambientes adequados ao seu desenvolvimento.

O V CONGRESSO BRASILEIRO DE SEMIÓTICA acolheu algumas das preocupações de semioticistas e as colocou na pauta dos trabalhos que pretende desenvolver.

Irene Machado
Presidente

Comissão Organizadora

Presidente

Irene Machado

Coordenadores da Secretaria Geral

Ane Shyrlei de Araújo

Elaine Caramella

Eufrásio Prates

Mônica Bueno

Silvia Laurentiz

Tesoureiros

Gerson Tenório dos Santos

Lutz Carlos Lasbeck

Comissão Científica

Ana Claudia Mel de Oliveira

Ane Shyrlei de Araújo

Eduardo Penuela Cantzai

Elaine Caramella

Irene Machado

João Queiroz

José Lutz Aídar Prado

Lutz Carlos Lasbeck

Mônica Bueno

Silvia Laurentiz

Promoção

Associação Brasileira de Semiótica

Pós-Graduação da Faculdade de Belas Artes de São Paulo

Centro de Pesquisa em Poética da Imagem - Pós-Graduação em Ciências da Comunicação ECA-USP

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica - PUC-SP

Pós-Graduação em Comunicação e Poéticas Visuais - UNESP - Bauru

Apoio

Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP

Design Gráfico: S. Laurentiz

PALAVRAS ENTRE CORES E LINHAS

Desmanchar classificações sobre as manifestações literárias de modo a criar condições de perceber os movimentos diferenciadores de sua construção não tem sido uma prática comum na tradição dos estudos poéticos. De um lado, há o limite da classificação histórica de autor, o da codificação da linguagem. Assim, o fenômeno literário não apenas é entendido em relação ao seu presente como também nos limites de uma única dimensão de linguagem, vale dizer, como manifestação de língua. Embora ninguém negue que o habitat da poesia seja o som, a música e até mesmo a dança, não é como manifestação oral aural e performática que os estudos poéticos consagraram sua abordagem. O mesmo é possível dizer da prosa, cujo caráter dialógico só recentemente mereceu estudos teóricos mais consequentes.

Não tenho dúvidas de que esse raciocínio corre o risco de simplificar questões complexas. Contudo é o risco que assumo em nome do desenvolvimento de um olhar transversalizado para as produções de linguagem criadora de objetos artísticos. Um olhar capaz de apreender a criação no limiar de relação entre os signos na cultura. Esse me parece o leito Jorge Luis Antonio a questionar alguns posicionamentos já consagrados em torno da produção poética do poeta português Cesário Verde. Ao fazê-lo redimensiona a potencialidade da palavra que oferece a poesia com um outro alinhamento de sensorialidades que se mesclou em busca do vertical, do atrelado, do vinculado - palavras em carne e osso ansiosas para ocupar o espaço e criar paisagens maridas pela dinâmica de códigos diferenciados.

FAPESP

MUSA
EDITORA

INTO

DIAS
FOLH

A Poesia de Cesário Verde

A Poesia de Cesário Verde

acompanhando toda a síntese do movimento dos arranjos sonoros e da composição verbal na expressão escrita do poeta português, Jorge Luiz Antonio encontra seu leito e descansa no góssimo da Ilúvora e nos leva a compreender exercícios poéticos onde a palavra é signo de percepções sensoriais de luz, cores, traços e formas. Assim o impressionismo da poesia se revela como forte estímulo ao exercício do olhar e do ouvir que não sempre são captados pela visão ou pelo ouvido ótico. Sonoridade do verso que salta da linha para o espaço e rebate nos traços pictóricos, seja de um quadro, de uma fotografia ou uma paisagem interior: É tu poeta para quem a palavra não é tão somente literatura, mas fotografamas e até mesmo tomadas cinematográficas.

Seducido pela palavra potentemente sinéctica, Jorge Luiz Antonio abre um diálogo poético com a poesia de Cesário Verde e se lança em experiências ousadas: a poesia criada em ambiente digital. Nesse ambiente a palavra poética é liberta do góssimo da Ilúvora e assume configurações dinâmicas de imagens de uma linguagem matizada pela visualidade de uma outra configuração. A poesia digital mostra assim que, pela primeira vez, o poeta produz suas imagens interagindo no código do suporte digital. O código da poesia cria a palavra mas não está mais restrito apenas à letra.


Esse é o refinado exercício de análise da obra de Cesário Verde acompanhado por uma ampla revisão do legado crítico teórico no contexto das práticas poéticas com os quais a poeta dialoga sem se encerrar em nenhuma delas. A dinâmica de um laboratório poético que tomou a diversidade como matéria prima construtiva tornou-se, igualmente, a coordenada básica do exercício de rigor que Jorge Luiz Antonio tomou para si para realizar sua pesquisa.

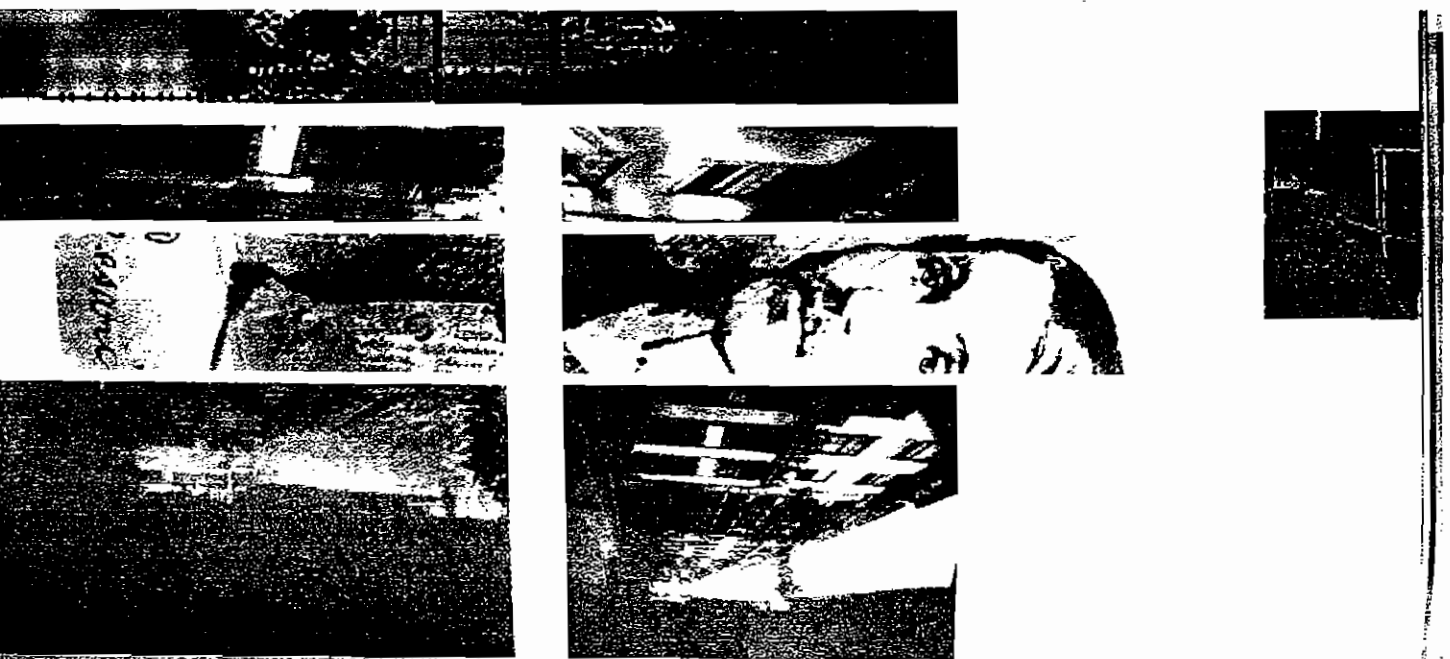
Isone Aluchalo

ISBN 85-85653-58-2



 9 788585 653583

 **FAPESP**


 EDITORA



Jorge Luiz Antonio  A Poesia de Cesário Verde 

 **CORES** 

APOL

SUMÁRIO

3

Gêneros e comunicação: nota introdutória

5

Por que se ocupar dos gêneros?

Prof^a Irene Machado

14

Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos

Prof^a Yvana Fachine

27

O título como gênero discursivo nos romances de José Saramago

Prof^a Mirian Rodrigues Braga

37

Do feixe ao diagrama

Prof. Djalma Luiz Benette

45

Gêneros jornalísticos: repensando a questão

Prof. Jorge Lellis Bonfim Medina

56

O *chat* como gênero digital

Prof^a Maria do Carmo Martins Fontes

65

O gênero poesia digital

Prof. Jorge Luiz Antônio

82

Gêneros da comunicação impressa, audiovisual e eletrônico-digital: uma bibliografia complementar

Prof^a Irene Machado

Por que se ocupar dos gêneros?

Irene Machado *

Resumo

Este artigo parte de uma questão que diz respeito às possibilidades de organização das mensagens em processos comunicativos mediados. Diferentemente das culturas fundadas na predominância da palavra oral ou escrita, a cultura de mídias conta com linguagens cujos códigos são processados por meios técnicos. Como se organizam as mensagens neles produzidas? Existe ou não organização nesse tipo de mensagem?

Palavras-chave: organização, mensagem, discurso, mídia, narrativa

Abstract

The departure point of this article is a question concerned with the possibilities of the messages organizations in the mediated communication process. In a different way respecting to literacy culture of the oral and writing word, media culture developed so many languages which codes are processed by technical media. How messages organize themselves in such media? There is some kind of organization in this kind of message?

Key words: organization, message, discourse, media, narrative

* Doutora em Letras pelo Departamento de Teoria Literária da FFLCH-USP e professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUCSP, onde é responsável pelas disciplinas sobre semiótica da cultura e pela home page "sobre semiótica russa (www.pucsp.br/~cos-puc/cultura/ijdesz.html). É autora, entre outros, dos livros *Roteiro de leitura: Inocência, de Visconde de Taunay* (São Paulo, Ática, 1997), *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin* (São Paulo, Imago/FAPESP, 1995), *Literatura e redação: gêneros literários e a tradição oral* (São Paulo, Scipione, 1994) e *Analogia do dissimilar: Bakhtin e o formalismo russo* (São Paulo, Perspectiva, 1989). Atualmente, coordena o Núcleo de Pesquisa "Semiótica da Comunicação" da INTERCOM e é editora científica de *Galáxia – Revista Transdisciplinar de Semiótica, Comunicação, Cultura, entre outras atividades*.

Gênero como instrumento para o estudo das mensagens

Em tempos de mídias eletrônico-digitais, de redes telemáticas, de proliferação de linguagens artificiais e de comunidades virtuais, nada pode parecer mais anacrônico do que recorrer ao conceito de gênero para a análise do processo de transmissão das mensagens e das propriedades discursivas que contribuem para a organização textual na cultura. O próprio T. Todorov, uma das maiores autoridades teóricas no que diz respeito ao estudo dos gêneros, dizia, ainda nos anos 70, que "*persistir em se ocupar de gêneros pode parecer hoje em dia passatempo ocioso, senão anacrônico*". Com essa frase, abre seu estudo sobre a origem dos gêneros (TODOROV, 1981, p. 45). Que dirão os nossos críticos diante de nossa persistência em encaminhar o estudo dos gêneros na comunicação impressa, audiovisual ou digital? Anacronismo ou inadequação? Argumentos contrários a nossos propósitos não faltam.

Se, por um lado, gênero recorda a clássica teoria poética fundada por Aristóteles, por outro vai de encontro às classificações que delimitam o caráter das obras da cultura literária que muitos tendem a classificar como "coisas do passado". Dentro da tradição literária, tanto os gêneros poéticos, derivados da hierarquia no uso da voz, quanto os gêneros literários, direcionados para a classificação das produções da *littera*, foram tratados como formas fixas e imutáveis como produtos acabados. Daí a idéia de que cada mensagem se produz dentro de um gênero que tem, assim, o poder de regra. Ressuscitar tal conceito em meio à explosão dos sistemas de escrita e, conseqüentemente, deslocá-lo para o processo de expansão para fora da *littera* não seria uma anacronismo?

As profundas transformações do processo comunicativo e a diversidade provocada pela migração de formas discursivas e de meios parecem afirmar o contrário do anacronismo. De fato, vivemos num tempo em que as formas de comunicação, em vez de serem fixas e fechadas, são anárquicas e inacabadas. Contudo tal desorganização

ВЛАДИМИР
МАЯКОВСКИЙ

МИСТЕРИЯ-БУФФ

VLADIMIR

MAIAKÓVSKI

MTSTÉRIO-BUFO

MUSA



Utopia revisitada

Apesar das previsões que anunciaram o fim das utopias, parece que muitas delas resistem. Se assim não fosse, qual seria o sentido de se continuar cultivando e editando obras de grandes utopistas de nosso século?

Não foi sem surpresa que recebi a notícia da tradução do russo de *Mistério-Bufo*, uma das mais ardorosas proclamações utópicas do poeta Vladimir Maiakóvski. Surpresa que explodiu em satisfação uma vez que vem ao encontro de uma outra utopia do poeta: o sonho de ver seus poemas dramáticos constantemente atualizados em montagens e linguagens que ele jamais poderia prever.

Ler *Mistério-Bufo* em português brasileiro chega a ser uma "utopia" para quem, nos anos 80, se aventurou a estudar a vertiginosa experimentação teórico-criativa dos russos. Quando preparava minha dissertação de mestrado sobre o diálogo entre formalismo russo, construtivismo e teoria do diálogo, o grande desafio era o acesso aos textos: poemas, filmes, fotografias — quase desconhecidos no ocidente. E, no entanto, era necessário tratar de *Mistério-Bufo*. Seu espírito e estrutura já haviam contaminado um dos trabalhos mais férteis de nosso teatro: *O homem e o cavalo* de Oswald de Andrade. Com muita dificuldade, o trabalho foi feito. Por isso o lançamento dessa peça em português e no limiar do século XXI deve ser motivo de júbilo e de comemoração. Trata-se da possibilidade de alimentar as novas gerações com sonhos, desejos, esperanças e, por que não?, utopia.

Mistério-Bufo é um poema dramático sobre o tempo futuro preparado pelas transformações da sociedade socialista industrial desencadada pela Revolução de Outubro. Tempo em que as máquinas, em vez de serem adversárias dos homens, seriam seus pares complementares, ou melhor, suas extensões inseparáveis. O enredo assim definido foi objeto de dúvidas, afinal por que poema dramático se tudo caminha para um projeto épico?

O objetivo fundamental de Maiakóvski nessa peça era experimentar idéias estéticas e éticas. Para isso construiu uma representação paródico-satírica de toda tradição institucionalizada. Somente assim lhe foi possível abrir espaço para o tratamento de suas utopias, na verdade compartilhadas por todo o construtivismo russo: as questões sociais emergentes através de formas da cultura dita



158N 85-8553-22-X
 4786585053231

Popina. Em vez do alusivo póluco petrificado em fórmulas
 conyugais, vemos enfiados no picadeiro de um circo.
 Em *Marte-Balpo* os personagens-palhaços vestiam trajes
 angulosos, ao coré e estampas geométricas exibiam o
 requinte do *Zaïm* de 1917 dos artistas construtivistas, cuja
 réplica é possível conferir nos desenhos que compõem a
 capa de edição brasileira. Com essas vestimentas se
 preparam para a grande peregrinação pelo Inferno e
 Paraíso ruído. Terra-Pomênda "espaço cênico tomado
 por globos, ónus, sinais luminosos.

Os epítetos, alinhavados em forma de *reelch*, contudo,
 não são mero enfeiteamento. Em nenhum momento se
 perde o alvo: a experimentação das idéias. Assim
 Maikovsky convida seus leitores a mergulharem na utopia
 mas sem abrir mão do espírito crítico. Para isso é preciso
 apenas um pouco de malabarismo para alcançar os
 travessamentos e aliterações das idéias que pedem para
 ser lidas, compreendidas, respondidas.

Irene Machado
 Professora de semiótica russa do Programa de Comunicação e Semiótica
 da PUC-SP e autora de *Análise do Ilustrador* (Perspectiva, 1989) e *O rumo
 da arte* (Perspectiva, 1994).

Musa
Teatro
volume 1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maiakóvski, Vladimir

Mistério Bufo : um retrato heróico, épico e
saurico da nossa época / Vladimir

Maiakóvski ; tradução de Dmitri Beliaev . - São
Paulo : Musa Editora, 1998 . - (Musa . Teatro ; 01)

ISBN 85-85653-23-X

1. Teatro Russo I. Título . II. Série .

98-3276

CDD-891.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Teatro russo : Literatura russa 891.72

M

MIST

épico e

tr

Lucia Santaella e Irene Machado (orgs.)

OS ORDENS DA Cultura e



FACE

FAPESP

Edição especial (nº 3) da revista *Face*

Consultoria Editorial desta edição
José Luiz Aidar Prado

FACE

Conselho Editorial

Amálio Pinheiro; Ana Maria Goldfarb; Arlindo Machado; Aurora Bernardini;
Boris Schnaiderman; Diana Luz Pessoa de Barros; Eric Landowski; Fernando
Segolin; Haroldo de Campos; Harry Polkinhorn; Ivan Bystrina

Editoria científica
Lucia Santaella

Direção editorial
Philadelpho Menezes

Capa
Sílvia Laurentiz

Editoração Eletrônica
Fabiane Villela Marroni

Revisão
Mariangela Paganini/Eugênio Vinci de Moraes

(c) by Autores

Catálogo na Fonte - Biblioteca Monte Alegre/ PUC-SP

Face / Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo. - Vol.1 nº1 (1998) - São Paulo:EDUC, 1988 -

ISSN 0105 - 1562

1988-1990 1-3
1992 4(1)
1995 4(2)
1996 5(1)
1998 (versão eletrônica)
1999 nºs especiais 2,3,4. (temática Caos e ordem).

Publicação do Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica -
PUC-SP - Rua João Ramalho, 182 - 4º andar - Perdizes CEP 05008-000 -
São Paulo - SP - Fone: 11-2628906; 2624441 Fax: 11-3865-1374

www.pucsp.br/~cos-puc

FACE versão eletrônica: www.pucsp.br/~cos-puc/face

1999

APRESENTAÇÃO

Irene Machado

PAOTI

MEANS OF ORIENTATION IN A CHAOTIC
OBJECTS AND THEIR REPRESENTATION

Roland Posner and Dagmar ...

ORDEN Y CAOS: LUCES Y SOMBRAS
Amalia Carrique

TYPOGRAPHY AND CHAOS
Priscila Farias

IMAGENS ANIMADAS - UMA ANÁLISE
Sílvia Laurentiz

LA REPRESENTACIÓN VISUAL DEL CAOS
A TRAVÉS DE LA SEMIOSIS

José Luis Caivano

OS SISTEMAS HIPERMIDIÁTICOS
Lucia Isaltina C. Leão

VIOLENCE AND/VERSUS ORDER
RELATION IN THE MOVIES

Gloria Withalm

CUERPOS PERDIDOS/CUERPOS EN
EN EL CINE CONTEMPORÁNEO

Gustavo Costantini

LA PINTURA Y LOS PINTORES
DE LO ARTÍSTICO COMO DISCURSO

Daniela Koldobsky

APRESENTAÇÃO

Irene Machado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

No início do século XX, o interesse pela sistematização de uma teoria geral dos signos, aplicada a diferentes sistemas comunicativos, definiu as bases da semiótica moderna. Quanto mais as pesquisas semióticas avançavam, mais ganhava evidência a idéia de que os mecanismos semióticos não se restringiam apenas à comunicação humana. Comunicação animal, mecânica, biológica, sistemas informativos de modo geral apresentavam diferentes níveis de semioses. Com isso, não foi apenas o campo da investigação semiótica que se expandiu ao longo do século mas também a própria noção de linguagem. Ao processo de transmissão de mensagens acrescentou-se a noção de organização. O pensamento semiótico volta-se, agora, para a dinâmica da organização dos mais variados sistemas. Cada vez mais a semiótica se ocupa da linguagem em toda sua extensão, ou melhor, procura entender a linguagem em sua luta contra a confusão.

Atribuir à linguagem função organizadora do mundo por meio de signos é pressupor mecanismos de passagem de uma classe de fenômenos a outra; não se trata de elaborar tipologia. Ao se concentrar no exame desses mecanismos, a semiótica, nesse final de século, se defrontou com grandes desafios. Percebeu que a linguagem, a organização, a ordem dos sistemas sígnicos, emerge em meio a formações híbridas, anárquicas, estabelecendo uma relação complementar entre classes de oposições só aparentemente irreconciliáveis. Dentre tais classes, situam-se o caos e a ordem. Eis o desafio que, na verdade, realfirma a vocação peirceana para a compreensão das oposições como fenômenos complementares onde o termo não existe sem seu reverso. Logo, caos & ordem são os opostos complementares que definem a natureza semiótica das organizações e dos fenômenos.

O percurso que marca a passagem da consolidação teórica para a percepção e tratamento de problemas complexos aproxima a pesquisa sobre os sistemas semióticos da análise de fenômenos que se revelam à ciência como sistemas caóticos. Estamos nos referindo particularmente às

BEABA

Escrita surgiu para facilitar comércio

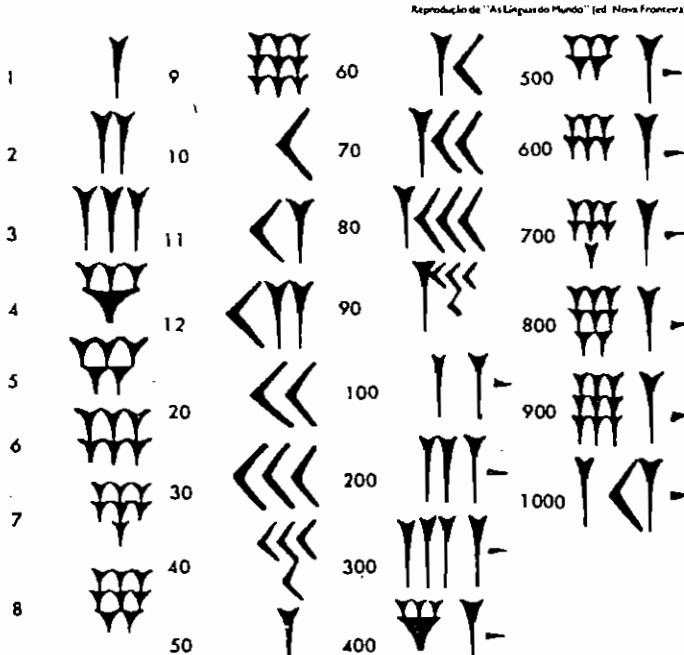
IRENE MACHADO

Especial para a Folhinha

Quem poderia imaginar que um código inventado por comerciantes iria dar início à escrita? Isso aconteceu quando os sumérios criaram sinais gráficos para facilitar o comércio na Mesopotâmia (hoje, Irã e Iraque). Essa escrita foi chamada de "cuneiforme". Os sinais tinham a forma de cunha, eram feitos com barro úmido. Ela combinava figuras e sílabas e não servia para as pessoas se comunicarem, era para fazer listas de objetos.

Com a escrita, surgiu outro tipo de comunicação entre as pessoas. Começou também a época de armazenamento de informações. A escrita sempre esteve ligada ao imaginário: representa a capacidade criativa dos homens. Uma lenda conta que Deus criou as letras do alfabeto antes de criar o mundo. Para os egípcios, a escrita era invenção do deus Thot, e devia ser praticada longe das pessoas, como atividade sagrada.

IRENE MACHADO, 39, é professora de literatura e redatora da Escola Técnica Federal (SP).



Sistema numérico 'cuneiforme', do livro 'As Línguas do Mundo'



Ideograma da palavra 'poder'

Ideogramas

Existiram também as escritas que combinavam traços geométricos, figuras, os chamados "ideogramas" ou "escritas ideográficas". As mais importantes são a egípcia (hieroglífica), a chinesa e a japonesa.

O ideograma é a escrita que representa alguma coisa pela combinação de outros ideogramas. Em chinês, por exemplo, a palavra "poder" é uma combinação de "boca" e "gancho". "Poder" = "boca dentro do gancho". O ideograma sugere sempre a imagem do objeto a que se refere. Para os chineses, a China é "meio do mundo", e eles representam assim: "中", que quer dizer "centro, meio China".



Ideograma em 'letra' infantil



'Cleópatra', em hieroglifo

O que é hieroglifo

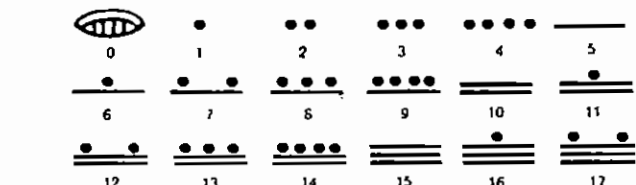
O hieroglifo é a escrita pictográfica dos egípcios antigos. Teve longa vida porque era gravada em monumentos que duraram no tempo. Representava animais e objetos. Quando os escribas transportaram essa escrita para o papiro (tipo de papel), criou-se a escrita cursiva (linear).



Árabes escrevem na 'contramão'

A escrita alfabética é linear: escrevemos da esquerda para a direita e do alto para baixo. Nas escritas anteriores, não havia uma única direção. Iniciava-se na direita em direção à esquerda. Na linha seguinte, continuava-se da esquerda para a direita, invertendo a direção das letras. Essa é

a escrita "bustrofédica". Os árabes conservam a escrita da direita para a esquerda e de cima para baixo. Os chineses também. Mas o chinês escreve em colunas. Para se usar o alfabeto, foi necessário fixar uma direção. Criaram a ortografia e a pontuação para ajudar a fazer isso.



Numeração maia ('As Línguas do Mundo', de Charles Berlitz)

Antigamente se escrevia com desenho

O que os povos antigos chamavam de "escrita" era, na verdade, desenho, ou "escrita pictográfica". Cada desenho significava uma coisa e era uma palavra. Foram muitos os

sistemas de escrita que usavam desenhos. Nem todas as escritas pictográficas podem ser lidas. Por exemplo, a dos maias. Hoje, marcas de carros são um tipo de pictograma.



Os alfabetos hebraico, grego e russo (de cima para baixo)

Primeiro alfabeto era de consoantes

O alfabeto surgiu quando o homem tentou desenhar as sílabas e letras não mais através de figuras, mas através de traços e símbolos. O primeiro alfabeto apareceu na Fenícia, em 1500 a.C. (antes do nascimento de Cristo). Tinha letras só para consoantes. Os gregos adaptaram o alfabeto fenício e introduziram vogais. A consoante "aleph"

("w" em escrita fenícia; "alpha" em grego) se transformou em "a". Quando dizemos "alfabeto", estamos pronunciando duas letras do alfabeto grego: "alfa" e "beta". A escrita alfabética tem de 28 a 30 letras. Segundo alguns linguistas, o alfabeto corresponde a um ciclo da Lua de 28 dias. O português tem 23 letras. O russo tem 32.

.....**Fascículo e Suplemento didático**

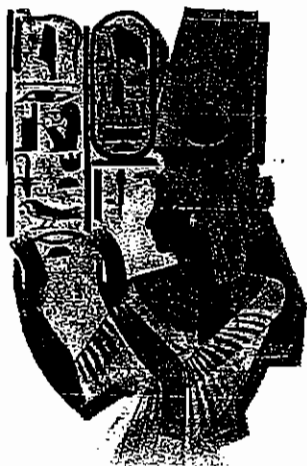
“Expressão científica: arte e ciência”. *Linguagens e códigos* (coord. Editorial Beth Brait). São Paulo: Escolas Associadas Domuns, 2003.

“Suplemento de Apoio para *O homem do boné cinzento e outras histórias*, de Murilo Rubião”. São Paulo, Ática, 1990.

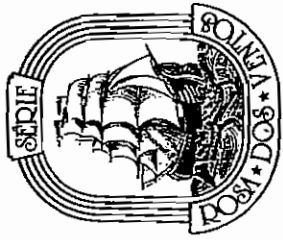
COLLEGIOS
N
E
C
O
N
G
R
E
S
S
O
S

Expressão científica:
arte e ciência

• Irene Machado



ESCOLAS ASSOCIADAS



Quem embarca
nas palavras
viaja com
a imaginação

Murilo Rubião

O HOMEM
DO BONÊ
CINZENTO

OUTRAS HISTÓRIAS
&



TEXTOS

Coordenação editorial
Fernando Paixão
Assistente editorial
Carmen Lucia Campos
Preparação dos originais
Denise Azevedo de Faria
Suplemento de apoio
Irene Machado



ARTE

Editor

Ary A. Normanha

Capa e diagramação

Ary A. Normanha

Arte-final

Fukuko Saito

Coordenação de composição

(paginação em vídeo)

Neide Hiromi Toyola

Dircé Ribeiro de Araújo

TUDO É PROFUNDAMENTE REAL

Murilo, como foi que você iniciou a sua carreira literária?

Enquanto jovem, eu iniciei um trabalho no jornal e isso me proporcionou um contato com outros escritores. O ambiente de casa também foi sempre um ambiente de escritores: meu avô paterno escrevia, os primos escreviam. Eu nasci no meio de livros e escritores. Então, esse conhecimento foi se aprimorando através do trabalho junto a Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e o Hélio Pellegrino. Também tive contato com a geração anterior: Emílio Moura e Cyro dos Anjos. Isso também contribuiu para a minha formação.

Seu primeiro livro, *O ex-mágico*, foi publicado em



1947. Você se lembra do que sentiu naquela ocasião?

*Olha, eu fiz uma coisa que muita gente já deve ter feito: eu coloquei o livro até debaixo do travessão. É uma emoção violenta o primeiro livro. Com *O ex-mágico* eu saí correndo feito doido atrás dos amigos, para autografar os*

ISBN 85 08 03634 5

1990

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Rua Barão de Iguape, 110 — Tel.: PABX 278-9322
Caixa Postal 8656 — Emd. Telefônico "Bomlivro" — São Paulo

SUPLEMENTO DE APOIO

O homem do boné cinzento e outras histórias, de Murilo Rubião

Nome

Série

Grau

Estabelecimento

Depois da leitura das histórias intrigantes de Murilo Rubião, conheça melhor esse importante autor e sua literatura fantástica.



QUEM É

Murilo Rubião

Murilo Eugênio Rubião é mineiro, nascido na cidade de Carmo de Minas, em 1916. Ainda criança, mudou-se com a família para Belo Horizonte, onde concluiu os primeiros estudos e se bacharelou em Direito, em 1942. No serviço público, exerceu cargos importantes, como, por exemplo, chefe de gabinete do então governador Juscelino Kubitschek (1951), diretor da Imprensa Oficial de Minas Gerais (1978-1986), presidente da Associação Brasileira de Escritores (seção mineira). Além disso, foi um dos criadores e o primeiro editor do Suplemento Literário do Minas Gerais, jornal que divulgou a produção literária de toda uma geração de novos escritores. Embora tenha sido adido cultural em Madri (1956), nunca mais quis sair de Minas, onde vive até hoje. Seu primeiro livro de contos, O ex-mágico, foi publicado em 1947. Daí para fren-

“Máquinas semióticas”, Winfried Nöth. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 1, 2001, pp. 51-73.

“GPF Bunny: a coelhinha transgênica”, Eduardo Kac. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 3, 2002, pp. 35-58.

“Banco de dados como gênero na linguagem das novas mídias: as formulações de Lev Manovich”. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; PEPG em Comunicação e Semiótica, n. 3, 2002, pp. 167-77.

Máquinas semióticas

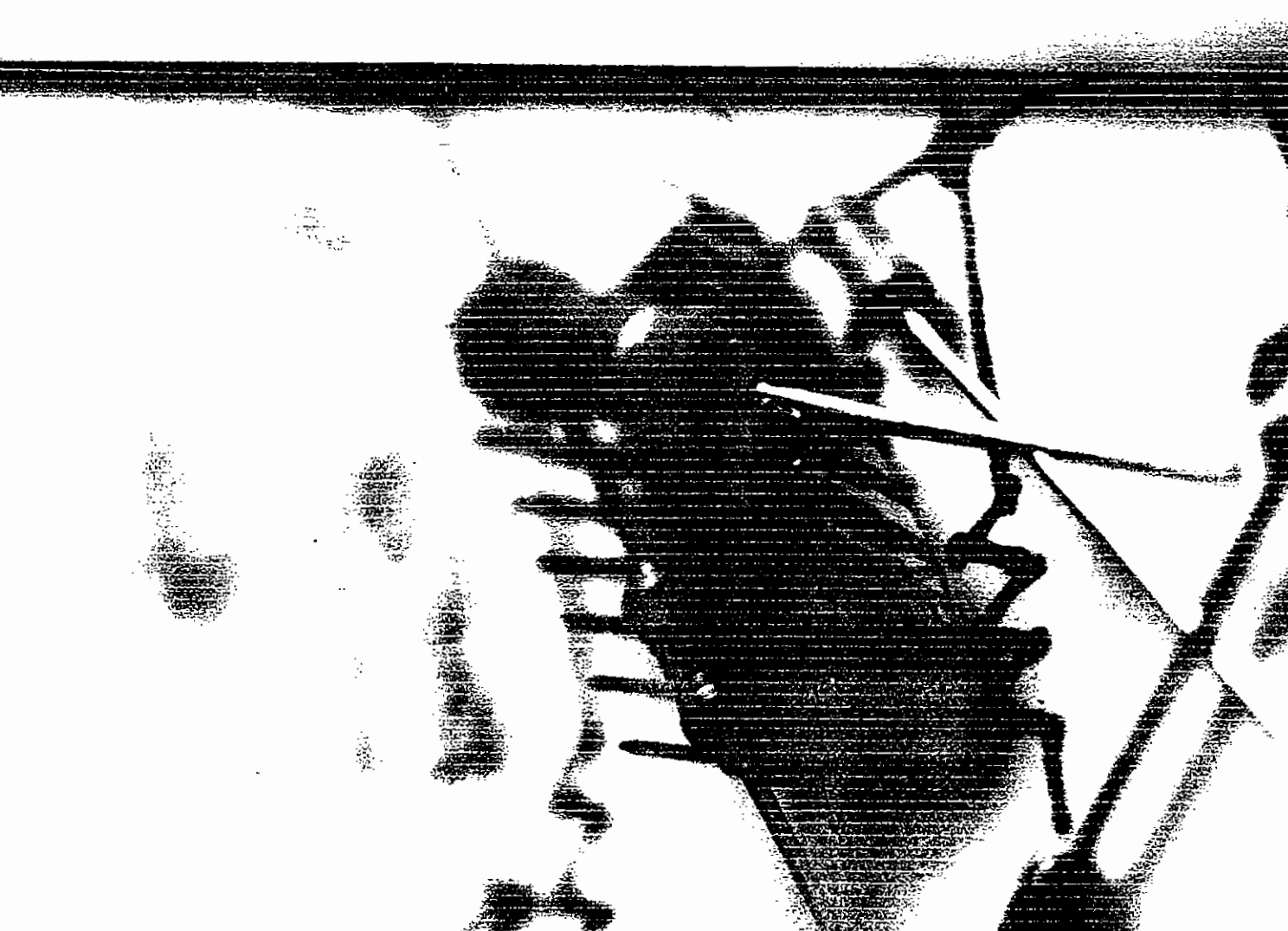
WINFRIED NÖTH

Resumo Todas as máquinas podem ser consideradas máquinas semióticas ou apenas aquelas que processam símbolos podem ser denominadas assim? Quando a semiótica geral se voltou para a análise das máquinas e sua capacidade de produzir signos, uma de suas primeiras tarefas foi elucidar o conceito de máquina semiótica. Um conjunto de questões passou a ocupar o primeiro plano da reflexão. Autonomia, controle, capacidade de auto-geração, raciocínio e o complexo relacionamento entre máquina e mente foram alguns desafios que, colocados naquele momento, mostraram-se longe de uma conclusão. Contribuir para esse debate à luz das formulações semióticas de Charles Sanders Peirce é um objetivo desse artigo.

Palavras-chave máquinas semióticas, semiose, autopoiesis, mente, sinequismo.

Abstract Can all machines be seen as semiotic machines or only processing symbol machines can be named as that? When general semiotics started thinking about machines and their possibilities in sign producing, its first task was explain what a semiotic machine is. Some questions came to the first level of discussion. Autonomy, control, self-generation, reasoning and the hard relationship between mind and machine were some challenges to be discussed at that time. This debate hasn't been finished yet. The aim of this article is to bring some contribution to this debate with the orientation of semiotics by Charles Sanders Peirce.

Key words semiotics machines, semiosis, autopoiesis, mind, synechism.



FERÊNCIAS

DERSEN, Peter, Bogh et al. (1997). Machine semiosis. In Posner, Roland, et al., eds. *Semiotics: Ein Handbuch zu den zeichentheoretischen Grundlagen von Natur und Kultur*, Bd. 1. Berlin: de Gruyter, 548-571.

RIANI, Peter (1999). Towards an evolutionary semiotics: The emergence of new sign-functions in organisms and devices. In Gerrrudis van de Vijver et al., eds. *Evolutionary Systems: Biological and Epistemological Perspectives on Selection and Self-Organization*. Dordrecht: Kluwer, 359-376.

MECHE, Claus (1994). *The Garden in the Machine: The Emerging Science of Artificial Life*. Princeton: Univ. Press. — Transl. Das lebende Spiel. Reinbek: Rowohlt.

(EBERRIA, Arantza et BANEZ, Jesus (1999). Semiotics of the artificial: The 'self' of self-reproducing systems in cellular automata. *Semiotics* 127.

ZER, James H. (1990). *Artificial Intelligence: Its Scope and Limits*. Dordrecht: Kluwer.

SCHWIND, Norman (1982). Specialization of the human brain. In William S.-Y. Wang, ed., *Human Communication: Language and its Psychological Bases*. (=Readings from Scientific American). San Francisco: W. H. Freeman, 110-119.

SEPHSON John R. et JOSEPHSON, Susan, eds. (1994). *Abductive Inference*. Cambridge: Univ. Press.

WADE, Yoshimi (1999). The two foal of biology: Matter and sign. *Semiotica* 127: 369-384.

NER, Kenneth Laine (1988). Peirce and Turing: Comparisons and conjectures. *Semiotica* 68: 33-61.

NER, Kenneth Laine et STEWART, Arthur F. (1984). The early history of computer design: Charles Sanders Peirce and Marquand's logical machines. *The Princeton University Library Chronicle* 45:3: 187-211.

ÄMER, Sjöllie (1988). *Symbolische Maschinen*. Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft.

IO-GOURHAN, André (1964-65) 1988. *Hand und Wort: Die Evolution von Technik, Sprache und Kunst*. Frankfurt/Main: Suhrkamp.

KE, Frieder (1992). Informatik und die Maschinisierung von Kopfarbeit. In Wolfgang Coy, ed. *Sichtweisen der Informatik*. Braunschweig: Vieweg, 181-207.

(1997). Der semiotische Charakter der informatischen Gegenstände. *Semiosis* 85-90: 24-35.

(1998). Schwierigkeiten beim semiotischen Blick auf die Informationsgesellschaft. In Harald W. Zimmermann et Volker Schramm, eds. *Knowledge Management und Kommunikationssysteme*. Konstanz: Universitätsverlag, 455-468.

UMANN, John von (1966). *The Theory of Self-Reproducing Automata*, ed. Arthur W. Burks. Urbana: Illinois Univ. Press.

WELL, Allen (1980). Physical symbol system. *Cognitive Science* 4: 135-183.

(1990). *Unified Theories of Cognition*. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press.

TH, Winfried (1997). Representation in semiotics and in computer science. *Semiotica* 115: 203-213.

(2000a). *Handbuch der Semiotik*, 2. Aufl. Stuttgart: Metzler.

(2000b). Selbstreferenz in systemtheoretischer und in semiotischer Sicht. To appear in *Festschrift S. J. Schmidt*.

(2001). SemioGenesis in the evolution from nature to culture. In Patrizia Volli, ed. *Origin of Semiosis*. Turnhout: Brepols.

PE, Helmut (1993). Final causality in Peirce's semiotics. *Transactions of the Charles S. Peirce Society* 29: 581-607.

WINFRIED NÖTH

MAQUINAS SEMIÓTICAS

PATTEE, Howard H. (1997). The physics of symbols and the evolution of semiotic controls. In Michael COOMBS et Mark Sulcoski, eds. *Control Mechanisms for Complex Systems*. Albuquerque: Univ. of New Mexico Press, 9-25.

PEIRCE, Charles Sanders (1887). Logical machines. *American Journal of Psychology* 1.1: 165-170. [Also in: C. S. Peirce, 2000. *Writings*, vol. 6, ed. N. Houser et al., Bloomington: Indiana Univ. Press, 65-72.0000000]

(1931-1958). *Collected Papers*, Vols. 1-6, eds. C. Harshorne et R. Weiss, vols. 7-8, ed. A. W. Burks. Cambridge, Mass.: Harvard Univ. Press. (Quoted as CP)

POPPER, Karl (1972). *Objective Knowledge*. Oxford: Univ. Press.

(1994). Peirce's broad concept of mind. *S. European Journal for Semiotic Studies* 6: 389-411.

(1998). Der Computer als semiotisches Medium. In Winfried Nöth et Karin Wenz, eds. *Medientheorie und die digitalen Medien*. Kassel: Univ. Press, 121-158.

(1999). A new causality for the understanding of the living. *Semiotica* 127: 497-518.

SCHMIDT, Siegfried J. 1987. Der radikale Konstruktivismus. In: S. J. Schmidt, ed. *Der Diskurs des radikalen Konstruktivismus*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 11-88.

SEARLE, John. 1980. Minds, brains, and programs. *Behavioral and Brain Sciences* 3: 417-457.

SKAGSTAD, Peter. 1993. Thinking with machines: Intelligence augmentation, evolutionary epistemology, and semiotic. *Journal of Social and Evolutionary Systems* 16.2: 157-180.

(1999). Peirce's inkstand as an external embodiment of mind. *Transactions of the Charles S. Peirce Society* 35: 551-561.

TIERCELIN, Claudine. 1993. *Le pensée signe: Études sur C.S. Peirce*. Nîmes: J. Chambon.

WINOGRAD, Terry et FLORES, Fernando (1986). *Understanding Computers and Cognition*. Norwood, N. J.: Ablex.

WINFRIED NÖTH é professor titular de linguística e semiótica na Universidade de Kassel, Alemanha, e professor convidado do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Publicou, dentre inúmeros livros em língua inglesa e alemã, obras fundamentais como o *Handbook of Semiotics* e *Semiotics of the Media*. Publicou em português: *Semiótica de Platão e Peirce* e *Panorama da semiótica no século XX* (São Paulo: Anna Blume).

Tradução autorizada de Irene Machado

galaxia | n. 1 | 2001

galaxia | n. 1 | 2001

Banco de dados como gênero das novas mídias

As formulações de Lev Manovich

Lev Manovich é um artista e um dos mais originais teóricos das novas mídias. Nascido na Rússia, onde estudou artes plásticas, arquitetura e ciências da computação, migrou para os Estados Unidos onde obteve o título de M.A. em Psicologia Experimental pela New York University (1988) e o Ph.D. em Estudos Culturais e Visuais pela Rochester University (1992). Atualmente ensina no Departamento de Artes Visuais da Universidade de São Diego, Califórnia.

Como um digno representante da tradição crítico-teórica que se desenvolveu na Rússia dos anos 20, Manovich não hesitou em levar adiante o estudo sobre as linguagens das artes e da comunicação que se tornaram marca registrada dos russos ao longo do século. A pesquisa teórico-experimental de Manovich pode ser colocada na continuidade das investigações de linguistas como Roman Jakobson, teóricos da literatura como Mikhail Bakhtin, poetas como Vladimir Maiakóvski, artistas multimídia como Alexander Ródchenko; cineastas da envergadura de Serguei Eisenstein e Dziga Viertov e semiotistas como Iuri Lotman. Essas e outras áreas do conhecimento se tornaram fontes elementares de seus estudos.

Trabalhando com computação gráfica, cinema e fotografia digital e multimídia interativa, acumulou experiências fundamentais para uma profunda compreensão das linguagens modelizadas pelas mídias eletrônico-digitais da cultura contemporânea. Tendo tomado o cinema como ponto de partida para suas investigações, desenvolveu um pensamento sobre essas linguagens que está muito longe do descritivismo técnico que via de regra caracteriza os estudos na área. Sua postura teórica não nega o aprendizado com cineastas como Serguei Eisenstein e Dziga Viertov. Na

superação de raízes e tradições, o espaço onde tudo pode ser convertido em nos de dinheiro, do mesmo modo que um computador pode converter tudo em s. Por isso nós, no ocidente, não devemos esperar arte específica culturalmente la Internet, não devemos esperar por dialetos na Internet, por alguma escola nacional de net arte. Isso poderia ser simplesmente uma contradição de termos. Esper que diferentes países criem suas próprias escolas nacionais de artistas da net é o ismo que esperar deles a criação de seus próprios ramos de produção de Coca-la. O único sentido da Coca-Cola, sua função única, é que ela é a mesma em alquer lugar. A net é um agente de modernização assim como uma perfeita me-ora dela. Ela é um correio, um telefone, um carro, um avião levado ao extremo, sim, não devemos nos surpreender que um projeto típico de net arte, seja feito Seattle ou em Bucharest, em Berlin ou em Odessa, é sobre a própria comunica-o, é sobre Internet. Projetos de arte net são materializações de redes sociais. Esses objetos fazem a rede visível ao mesmo tempo em que a cria. É o modo como os rens em Oslo e Varsóvia, em Belgrado e Glasgow entram na modernidade e tor-m-se seu agente para o resto da sociedade. E como seria ingênuo levar a sério "a te de uma estação de gás" (embora, é claro, possamos imaginar algum museu rio exibindo a imagem de uma estação de gás numa pintura de paisagem moder-e mesmo arte densa [no sentido de erudita, sofisticada] histórica ou monografia topológica sobre o assunto), a categoria "arte net" pode ser um equívoco. Os objetos denominados arte net são simplesmente manifestações de redes sociais, gísticas e psicológicas criadas ou, no mínimo, tornadas visíveis por esses proje-s de pessoas entrando no espaço da modernidade, o espaço onde velhas cidades gam o preço por entrar na economia globalizada "disneyficando" a si próprias. Ide todos pagam o mesmo preço: trocando a comunicação interpessoal pela co-uniciação virtual (telefone, fax, Internet), trocando grupos fechados por comuni-des virtuais disseminadas que mais do que nunca são como estações de trem, m todos indo e vindo em vez de um café fechado da velha vanguarda; trocando mbientes decadentes, mas calorosos, por ambientes reluzentes e brilhantes, mas- períficas frias. Em síntese, troca da luz de um candelabro pela luz de uma lâmpa- elétrica com todas as consequências que essa troca envolve.

Enquanto estivermos no campo da arte net, eu gostaria de acrescentar uma itra crítica a esse conceito. Como o próprio termo afirma, essa é uma arte defini-ri pelo seu meio (quer dizer a net). Mas isso é uma lógica fora de moda do moder-smo. Durante o modernismo, toda arte tentou achar sua linguagem única e defi-r as propriedades essenciais de seu meio. Finalmente, desde os anos 60 (concei-alismo etc), a arte se moveu para além das fronteiras do meio específico. Assim

dessa perspectiva, arte net é um passo atrás, não à frente. E o que é específico da net como meio, como foi definido pelos projetos de arte net? Por um lado, esses projetos colocam em primeiro plano materiais e propriedades lógicas da web e web navegadores: hiperlinks, camadas, código HTML, a habilidade de renovar conteúdo etc. Por outro, a especificidade da net como um meio significa que os websites nunca existem isoladamente mas sempre em relação (lógica, fenomenológica e material) com todos os outros websites. Em outras palavras, se uma pintura modernista "cor-reta" é concebida para ser completamente auto-suficiente, um projeto de net arte, "correto" deve estar comprometido com a natureza aberta da web. Continuando essa linha de raciocínio, qual seria a especificidade de um banco de dados? Isso é algo que os artistas devem descobrir dentro de um contexto que eu insisto ser o da escala, complexidade, dimensão e densidade a que me referi anteriormente. Para mim, a diferença essencial entre um banco de dados de computador e as formas similares mais remotas para a organização de dados, tais como o álbum de pinturas, catálogos, arquivos, bibliotecas e enciclopédias, é que as formas remotas ainda pre-servam a escala humana. Elas contêm um número limitado de registros que um usuário pode acessar diretamente. Podemos virar a página de um álbum, andar den-tro de um arquivo, navegar pelo interior de uma biblioteca. Em outras palavras, o corpo humano é ainda a contrapartida única da interface. Uma vez diante de mi-lhares de registros, nós não podemos vê-los de uma vez com nossos olhos nem po-demos encontrar facilmente um registro particular tão somente usando as mãos. Temos de usar técnicas de computação de busca, de combinação e de seleção. Por exemplo, nós colocamos alguns termos num campo de busca e esperamos que o computador encontre os registros adequados. Um banco de dados é tão amplo que ele não pode ser disponibilizado de uma vez, ele existe além da escala da percepção e cognição humanas. Para mim, essa nova escala "não-humana" representa uma qualidade "essencial" de um banco de dados e algo que eu gostaria de ver como fonte de exploração pelos artistas.

*Tradução autorizada de Irene Machado
Notas de Arlindo Machado*

Artigo recebido em dezembro de 2001

SMYTHE, R.H. (1975). *Vision in the Animal World*. New York: St. Martin's Press.

SCHUSTERMAN, R. J.; THOMAS, J. A.; WOOD, F. G. (Eds.) (1986). *Dolphin Cognition and Behavior: A comparative Approach*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.

SKUTCH, A. F. (1996). *The Minds of Birds*. College Station, TX: Texas A. & M. University Press.

THEUNISSEN, Michael (1984). *The Other: Studies in the Social Ontology of Husserl, Heidegger, Sartre, and Buber* (trans. Christopher Macann). Cambridge, MA: MIT Press.

UEKKULL, Jacob von (1984). *Mondes animaux et monde humain : suivi de théorie de la signification*. Paris: Denoël.

YANG, Te-Tuan et al. (1998). Improved fluorescence and dual color detection with enhanced blue and green variants of the green fluorescent protein. *The Journal of Biological Chemistry* 273 (14): 8212.

WAAL, F. M. de (1997). *Banobos: The Forgotten Ape*. Berkeley, CA: University of California Press.

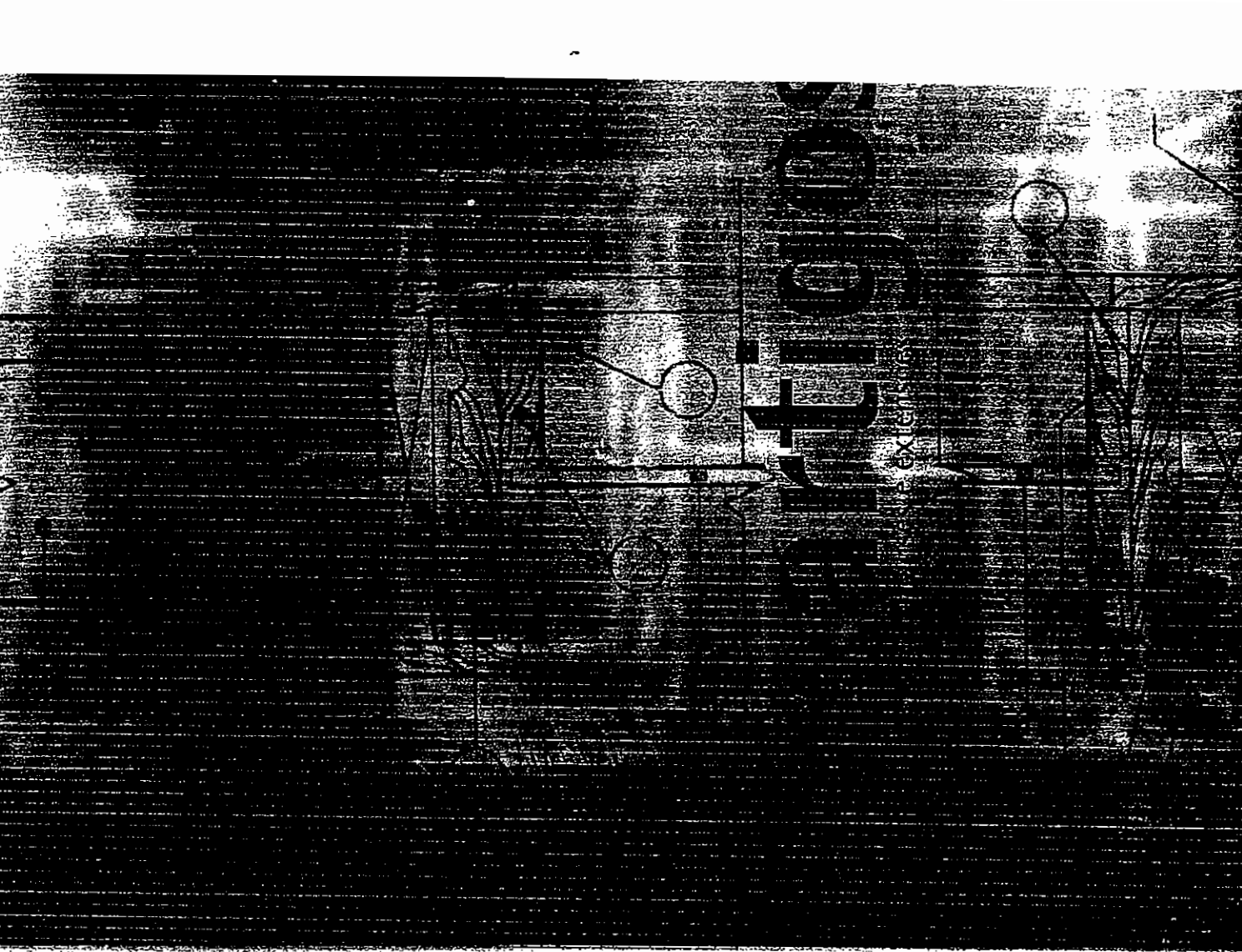
ZUTPHEN, L.F.M. van & MEER, M. van der (Eds.) (1997). *Welfare Aspects of Transgenic Animals*. New York: Springer.

ZEUNER, F. Everard (1963). *A History of Domesticated Animals*. New York: Harper & Row.

EDUARDO KAC é artista brasileiro radicado em Chicago, EUA. Obteve o título de mestre em artes plásticas na The School of the Art Institute of Chicago, onde é professor de arte eletrônica. Atualmente realiza seu doutorado no Center for Advanced Inquiry in the Interactive Arts, University of Wales College, Newport, Reino Unido. Kac concebeu e desenvolveu a holopoesia, a partir de 1983, e a arte da telepresença, a partir de 1986, que ganhou projeção internacional com o projeto "Ornitórrinco", desenvolvido a partir de 1989. Ao longo da década de 90, Kac introduziu conceitos (e produziu obras baseadas nestes conceitos) como biotelemática (acoplamento da biologia com a telemática) e a biorrobótica (integração da biologia com a robótica). Em texto publicado em 1998 na revista *Leonardo*, Kac propôs a arte transgênica. Suas obras transgênicas receberam atenção global, com destaque na primeira página de jornais como *Le Monde* e *Boston Globe*, e transmissões televisivas como "ABC News - World News Tonight with Peter Jennings". Em dezembro de 2001, Kac foi considerado pela revista *ARTnews*, de Nova York, como uma das dez pessoas redefinindo a arte contemporânea. Nos últimos anos Kac apresentou em São Paulo duas obras "Time Capsule" (1997, exibida no Centro Cultural Casa das Rosas) e "Genesis" (1999; exibida em 2000 no Itaú Cultural). Kac é autor, dentre outros, de *Telepresence*, *Biotelematics*, *and Transgenic Art* (Maribor, Slovenia; Kibla, 2000). Em fevereiro de 2002 artigos sobre sua obra apareceram nas revistas *Artpress* (França), *Kunstforum* (Alemanha), e *Parachute* (Canadá). Ele é representado por Julia Friedman Gallery, Chicago. No Brasil, Kac é representado por Galeria Nara Roesler. Sua obra está documentada em oito idiomas na Internet: <http://www.ekac.org>. ekac@artie.cdu

Tradução autorizada de Irene Machado

Artigo recebido em outubro de 2001



GFP Bunny: a coelhinha transgênica¹

EDUARDO KAC

Resumo GFP Bunny é um trabalho de arte transgênica que compreende a criação de um coelho verde fluorescente por meio da proteína que lhe confere essa cor, o diálogo público gerado pelo projeto e a integração social da coelha. GFP Bunny foi realizado em 2000 e apresentado publicamente pela primeira vez em Avignon, França. Esse trabalho foi proposto como uma nova forma de arte decorrente do uso de engenharia genética na transferência de genes naturais ou sintéticos para um organismo com o objetivo de criar seres vivos únicos. Um trabalho que requer o máximo de cuidado, de consciência do grau de complexidade das questões que ele provoca e, acima de tudo, de compromisso para respeitar, cuidar e amar a vida criada.

Palavras-chave arte transgênica, engenharia genética, biotecnologia, evolução de coelhos, etologia.

Abstract GFP Bunny is a trasgenic artwork comprises the creation of a green fluorescent rabbit, its social integration, and the ensuing public debate. GFP Bunny was realized in 2000 and first presented publicly in Avignon, France. This work was proposed as a new art form based on the use of genetic engineering to transfer natural or synthetic genes to an organism, to create unique living beings. This must be done with great care, with acknowledgment of the complex issues thus raised and, above all, with a commitment to respect, nurture, and love the life thus created.

Key words transgenic art, genetic engineering, biotechnology, rabbit evolution, ethology.

Percurso da Carreira Docente

.....Principais Etapas da Carreira Docente

1. Em Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

1.1. PEPG em Comunicação e Semiótica – PUC-SP

- Disciplina: Semiótica da Cultura: Semiosfera e o campo conceitual da semiótica da cultura
- Disciplina de Doutorado: *Design* da Comunicação: quando gêneros e formatos são a mensagem
- Disciplina: Semiótica da cultura
- Disciplina: Semiótica da Cultura
- Disciplina: Elaboração de Projetos
- Seminário de Pesquisa Avançada: Transdisciplinaridade e as conexões semióticas possíveis
- Disciplina: Semiótica da cultura: a perspectiva da semiótica sistêmica
- Disciplina: Semiótica da cultura: semiótica das mídias
- Seminário de Pesquisa Aplicada: Gêneros na comunicação impressa, audiovisual e eletrônico-digital
- Disciplina: Códigos e gestões culturais

1.2. Departamento de Lingüística – FFLCH – USP

Disciplina: Lingüística Textual

- A análise do discurso e a teoria do texto segundo M. Bakhtin: contribuições para a textualização contemporânea (credenciada pela Câmara de Pós Graduação da FFLCH-USP, segundo semestre de 1995). Departamento de Lingüística da FFLCH - USP, duração 12 semanas.

2. Em Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*

Curso de Letras - Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura - Universidade Paulista - UNIP, 2º semestre de 1997, 9 semanas.

Disciplina: Análise e interpretação do texto literário II.

Pós-Graduação em Literatura, PUC-SP-COGEAE, 1º semestre de 1994.

Disciplina: Teoria literária

- A palavra como objeto de exercício teórico-criativo (de Aristóteles ao Formalismo Russo).

Pós-Graduação em Literatura, PUC-SP-COGEAE, 1º semestre de 1995

Disciplina: Literatura Comparada

- Dialogismo e os temas da Poética Histórica no estudo de Literatura Comparada..

Pós-Graduação em Literatura, PUC-SP-COGAE, 1º semestre de 1995.

Disciplina: Prática de Ensino de Literatura no Ensino Superior

→ O discurso oral em sala de aula: a dialogia dos textos-leitura e O texto como unidade de ensino: gêneros e história textual.

3. Em Cursos de Graduação

3.1. Área de Teoria Literária

→ Teoria da Poesia

UNIP, Curso de Letras, 3º Período, de 1986 a 1990.

Faculdades Tibiriçá, Curso de Letras, 2º semestre de 1986

→ Teoria da Narrativa

UNIP, Curso de Letras, 4º Período, de 1986 a 1990.

Faculdades Tibiriçá, 2º semestre de 1986

3.2. Área de Literatura Portuguesa

→ Literatura Portuguesa I e II

UNIP, Curso de Letras, 3º e 4º Períodos, de 1984 a 1990.

3.3. Área de Língua Portuguesa

→ Língua Portuguesa I e II

UNIP, Curso de Letras, de 1984 a 1986.

→ Língua Portuguesa

UNIP, Curso de Comunicação Social, 1984 e 1985.

4. Em Oficinas

→ Narrativa e interatividade dos códigos culturais. Itaú Cultural, Projeto Rumos Literatura, Agosto de 2000.

→ Crítica das linguagens Interagentes. Itaú Cultural, Projeto Rumos Literatura, Julho de 1999.

→ Texto e textualidade, Oficinas de Criação Literária: Narrativa em prosa, poesia e outros gêneros. Núcleo de Literatura e Criação Literária. Biblioteca Circulante. Rua da Consolação, 1024. Outubro-Novembro, 1998.

→ O que é Redação? Diálogos: Primeiros Passos, Casa de Cultura Salvador Ligabue, Freguesia do Ó, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, de 04 de setembro a 08 de outubro de 1998, 15 horas.

→ O que é Redação? Diálogos: Primeiros Passos, Casa de Cultura Raul Seixas, Itaquera, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, de 08 de maio a 06 de junho de 1998, 15 horas.

→ Interpretação e Produção de Textos. Semana de Metodologia. Seminário Provincial Sagrado Coração de Jesus, Marília, São Paulo, de 02 a 06 de 1998. 32 horas.

→ Literatura e oralidade: a dinâmica discursiva dos gêneros orais. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, Universidade Estadual Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, de 22 a 24 de outubro de 1997, 4 horas.

→ O que é Redação? Diálogos: Primeiros Passos, Biblioteca Mário de Andrade, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, de 15 a 25 de setembro de 1997, 15 horas.

→ Gêneros Literários. I° FEIRA INTERAMERICANA DO LIVRO, Secretaria da Cultura do Paraná, Curitiba, 23 a 25 de outubro de 1997, 9 horas.

→ Topografia dos textos escritos e procedimentos hipertextuais
XI ENAPP - Encontro Nacional de Professores de Português, Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 25 a 29 de outubro de 1996, 12 horas.

→ Bakhtin e sua estética da criação verbal. VII SEMANA DE LETRAS DA UFMS, Campo Grande, de 14 a 18 de outubro de 1996, 24 horas.

→ Compreendendo a leitura no jogo dos gêneros - Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, janeiro de 1996, 16 horas.

→ O heróis nas histórias de aventura - Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha. São Paulo, agosto de 1995; março de 1996; 16 horas.

→ O ensino de literatura no 20. grau: historiografia ou leitura do texto literário? Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, Natal, outubro de 1996, 40 horas.

→ Língua escrita na pré-escola. SESI-Minas, Belo Horizonte, outubro, 1994, 32 horas.

→ A Formação do leitor e o processo de produção de textos escritos. Centro de Estudos da Escola da Vila, São Paulo, julho de 1993, 32 horas.

5. Em Curso de Educação à distância

→ Curso para Televisão Educativa - CURSO LIVRE DE ATUALIZAÇÃO DO

CONHECIMENTO - Língua Portuguesa. Treinamento para Professores dos CIEPS. Secretaria de Assuntos Extraordinários do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992. Programa transmitido em cadeia nacional pela TV MANCHETE, no horário EDUCAÇÃO PELA TEVÊ.

6. Ensino Médio

Professora Doutora em Regime de Dedicção Exclusiva - Escola Técnica Federal de São Paulo. Rua Pedro Vicente, 625, São Paulo. Admitida através de Concurso Público de Provas e Títulos a 15 de dezembro de 1989. Solicitação de Aposentadoria Proporcional, publicada no DOU a 04 de abril de 1997.

Professora de Português do Colégio Palmares (20. grau), Rua Pedroso de Moraes, 1341, São Paulo. De 1987 a 1988.

Professora de Português do LOGOS - Escola de 10. e 20. graus, Av. REbouças, 2659, São Paulo. 1986.

Professora de Português da MÓBILE - Escola Prática de Estudos Elementares, Rua Pintassilgo 66, São Paulo. De 1983 a 1985.

Professora de Português do Colégio Pinheiros, Rua Cunha Gago, 331, São Paulo. De 1978 a 1984.

Professora de Português da E.M.P.G. Des. Joaquim Cândido de Azevedo Marques, Rua da Paz , 1359, São Paulo. 1979.

**Programas de Cursos ministrados em
Pós-Graduação**

PEPG em Comunicação e Semiótica PUC-SP

PPG em Linguística – FFLCH-USP

PEPG EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA – PUCSP

Disciplina: Semiótica da Cultura: Semiosfera e o campo conceitual da semiótica da cultura

2º semestre 2004

quinta-feira, das 14 às 17h

Profa. Irene Machado

Ementa

O conceito de cultura como texto abriu um caminho para o desenvolvimento de um novo domínio de idéias científicas em torno do qual se constituiu a semiótica sistêmica. Segundo essa abordagem, não é a cultura o objeto privilegiado de estudo, mas seus sistemas de signos. Com isso, trata-se de compreender não apenas as relações mas, sobretudo, as conexões entre os diversos sistemas, com ênfase na dinamicidade e continuidade do espaço semiótico.

A proposta desse curso é travar um contato com esse campo teórico que privilegiou o estudo da comunicação como problema semiótico de base e que definiu os sistemas da cultura como sistemas modelizantes. Com isso, espera-se chegar à compreensão dos textos culturais como estruturas pensantes formadoras da semiosfera. Além das discussões teóricas, o curso prevê encaminhamentos para análise crítica de sistemas semióticos vinculados ao objeto de pesquisa do aluno.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico* (trad. M.C.V.Raposo). Lisboa: Estampa; 1978.

_____. *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukmann). Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOTMAN, Jurij M. & USPENSKIJ, Boris A. *Tipologia della cultura* (trad. Manila Barbato e outros). Milano: Bompiani, 1973.

_____. *Travaux sur les systèmes de signes. École de Tartu* (trad. Anne Zouboff). Bruxelles: Complexe, 1976.

LOTMAN, I.; USPENSKII, B.; IVANOV, V. *Ensaio de Semiótica Soviética* (trad. Salvato T. Meneses). Lisboa: Novo Horizonte, 1981.

LUCID, Daniel P. (org.). *Soviet Semiotics. An Anthology*. The Johns Hopkins University Press, 1977.

MACHADO, Irene (2003). *Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscú para os estudos da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial.

NAVARRO, Desidério. *La Semiosfera*. (3 vols.). Madrid: Cátedra, 1998.

SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Programa das aulas

1. Apresentação: Funcionamento da disciplina: apresentação do programa, da bibliografia, dos objetos de análise e das atividades de avaliação.

Importância do conceito de texto e linguagem no pensamento semiótico russo.

2. Cultura como experimentação: vanguardas e tradição.

Bibliografia:

“Teoria formalista da linguagem poética”, Kristina Pomorska.

“Linguística e poética”, Roman Jakobson.

3. Cultura visual e a prática semiótica russa.

Bibliografia:

“A arte como procedimento”, Viktor Chklóvski.

“Object, Space, Culture: Introduction”, Alla Efimova e Lev Manovich

“The Plastic Revolution”, Magdalena Dobrovski

4. Texto artístico e os sistemas modelizantes da cultura.

Bibliografia:

“Introdução” e “Arte como linguagem”, Iúri Lótman

“Sobre o problema da tipologia da cultura”, Iúri Lótman.

“Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas modelizantes”, AA Zalizniák e outros.

5. Mecanismo semiótico da cultura: transformação da informação em texto.

Bibliografia:

“Sobre o mecanismo semiótico da cultura”, Iúri Lótman e Bóris Uspiênski.

“Teses para uma análise semiótica da cultura”, V. Ivanov e outros.

“Sobre o mecanismo semiótico da cultura”, Roland Posner

6. Cultura como texto: a memória como programa de ação.

Bibliografia:

“La semiótica de la cultura y el concepto de texto”, Iúri Lótman.

“El texto y el poliglotismo de la cultura”, Iúri Lótman.

“El texto en el texto”, Iúri Lótman.

“The concept of text in cultural semiotics”, Göran Sonesson.

7. Sobre a análise de alguns sistemas modelizantes da cultura: diálogo entre códigos culturais e sistemas de signos.

Bibliografia:

7.1. “Mito, Nome, Cultura”, Iúri Lótman e Boris Uspiênski; “Literatura e mitologia”, Iúri Lótman e Zara Mintz.

7.2. “Sobre a estrutura dos signos no cinema”, “Semiotica do cinema”, Iúri Lótman; “El lugar Del arte cinematográfico em el mecanismo de la cultura”; “Sobre el language Del dibujo animado”, Iúri Lótman

7.3. “A arquitetura em el contexto de la cultura”; “El ensemble artístico como espacio de la vida cotidiana”, I. Lótman

7.4. “Semiótica da cena”; “El lenguaje teatral y la pintura”, I. Lótman; “O cenário, o espaço e o tempo no teatro popular”, P.G. Bogatiriév

7.5. "El retrato"; "La naturaleza muerta em la perspectiva de la semiótica", I. Lótman; "(Y)Ermolaeva", S. Eisenstein.

7.6. "Per l'analisi semiótica delle antiche icone russe", Boris Uspiênski;
"Elementos estruturais comuns às diferentes formas de arte", Boris Uspienski

8. O conceito de semiosfera: semiose e espaço semiótico.

Bibliografia:

"Acerca de la semiosfera"; "Discontinuo y continuo"; "Assimetria e diálogo", Iúri Lótman.

Cronograma das aulas: 16 semanas

Agosto: 5, 12, 19, 26

Setembro: 9, 16, 23, 30

Outubro: 7, 14, 21, 28

Novembro: 4, 11, 18, 25

Avaliação:

1. Resenha crítica e exposição oral de um dos temas do item 7.
2. Monografia: aplicação de um dos temas teóricos ao objeto da pesquisa individual: entrega no dia previsto pelo calendário da universidade.

Frequência: O curso é presencial e respeitará a porcentagem de faltas estabelecida pela universidade: o aluno terá direito a apenas duas faltas.

Referências

CHKLÓVSKI, Viktor (1976). A arte como procedimento. In *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo.

EFIMOVA, Allá e MANÓVCH, Lev (1993). *Tekstura. Russian on Visual Culture*. The University of Chicago Press.

JAKOBSON, Roman (1971). *Linguística e comunicação* (trad. Isidoro Blinkstein). São Paulo: Perspectiva.

LÓTMAN, Iuri (1978). *A estrutura do texto artístico* (trad. M. Carmo V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.

LOTMAN, Iuri (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (vol 1) (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.

LOTMAN, I.; USPENSKI, B.; IVANOV, V. (1981). *Ensaio de semiótica soviética* (trad. V. Navas e S. T. Menezes). Lisboa: Horizontes.

LOTMAN, Yuri M. (1999). *Cultura y explosion. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social* (trad. D. Muscheti). Barcelona: Gedisa.

MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial.

POMORSKA, Krystyna (1972). *Formalismo e futurismo. A teoria formalista russa e seu ambiente poético* (trad. Sebastião Uchoa Leite). São Paulo: Perspectiva.

SCHNAIDERMAN, Boris (org.) (1979). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva.

SONESSON, Göran (1998). "The concept of text in cultural semiotics".

Σημειωτική. Sign Systems Studies nº 26, 1998. Tartu: Tartu University Press.

PEPG EM Comunicação e Semiótica – 1 SEMESTRE DE 2004.

Disciplina de Doutorado: **Design da comunicação: quando os gêneros e formatos são a mensagem.**

Área de Concentração: **Signo e Significação nas Mídias**

Linha de Pesquisa: **Fundamentos Conceituais da Comunicação e da Semiótica**

Profa. Irene Machado

Ementa

A investigação sobre os formatos como *design* da comunicação se orienta pela idéia de que a organização das mensagens nas mídias contemporâneas não podem prescindir dos ambientes em que, não apenas as mensagens mas o conjunto da informação, são agenciados. Nesses ambientes as fontes, os suportes tecnológicos que as configuram, os códigos empregados e os modos de dimensionamento espaço-temporal são decisivos para a formatação das mensagens. Aqui o formato se apresenta como uma organização discursiva que, distanciada da consagrada noção dos gêneros, não a elimina mas situa-se no processo da expansão dos gêneros e também da própria informação. O formato evidencia soluções comunicacionais projetadas tanto para vencer limitações como para atender novas demandas. Por isso é *design* em contexto: tanto as mensagens modificam o contexto quanto são modificadas por este.

O curso destina-se aos alunos cujas pesquisas estão voltadas para estudo de linguagem de produtos das mídias audiovisuais, digitais, das linguagens do entretenimento, dos ambientes de confluência de codificações variadas e, sobretudo, para quem está interessado em contribuir para o encaminhamento dos estudos sobre a epistemologia da comunicação em função de problemas emergências da cultura contemporânea.

Bibliografia básica:

- BAKHTIN, M.M. (1986). *Speech Genres and other Late Essays* (trad. Vern W. McGee). Austin, University of Texas Press.
- BETTETINI, Gianfranco & FUMAGALLI, Armando (1998). *Lo que queda de los medios. Ideas para una ética de la comunicacion*. La Crujia.
- COHEN, R. (1988). "Do Postmodern Genres Exist?" *Postmodern Genres* (ed. by Marjorie Perloff). University of Oklahoma Press.
- DARLEY, Andrew (2002). *Cultura visual digital. Espectáculo y nuevos géneros en los medios de comunicación* (trad. Enrique H. Pérez e Francisco L. Martín). Barcelona: Paidós.
- DOWNING, John H. (2002). *Mídia radical. Rebelião nas comunicações e movimentos sociais* (trad. Silvana Vieira). São Paulo: SENAC.
- EVERETT, Anna & CALDWELL, John T. (eds.) (2003). *New Media. Theories and Practices of Digitextuality*. New York and London: Routledge.
- FLUSSER, Vilém (1992). On the term Design. *ArtForum* 30 (7): 19-20.
- GIBSON, James J. (1986). *The Ecological Approach to Visual Perception*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- HAUSER, Marc D. (1996). Synopsis of the Argument. *The Evolution of Communication*. Cambridge: The MIT Press.
- HAUSER, M.D. & KONISHI, M. (Eds.) (1999). *The Design of Animal Communication*. Cambridge: Bradford/MIT Press.
- MACHADO, Arlindo (2000). *El paisaje mediático. Sobre el desafío de las poéticas tecnológicas*. Buenos Aires: Libros del Rojas.
- MACHADO, Irene (2002). Gêneros no contexto digital. *Interlab. Labirintos do pensamento contemporâneo* (Lucia Leão, org.). São Paulo: Fapesp/Iluminuras.
- MACHADO, Irene & PEREIRA, Mirna Feitoza (2003). *Design da comunicação no jornalismo de guerra*. Belo Horizonte, INTERCOM.
- VILCHES, Lorenzo (2001). *La migración digital*. Barcelona: Gedisa.

Programa

PRIMEIRA PARTE: GARIMPAGEM TEÓRICA

0. Aspectos gerais da disciplina: funcionamento e metas. Considerações sobre a bibliografia e propostas de trabalhos e *papers* (de preferência em forma de ensaio).

I. Do diagrama espacial ao *design* da comunicação.

1. Mensagem centrada no código vs. mensagem construída em discurso: o papel dos gêneros.
2. Expansão dos códigos e das linguagens da comunicação mediada e transposição de teorias.

II. Explorando novos territórios culturais.

3. A emergência da prosa e a prosificação da cultura.
4. Ah, se não fosse McLuhan!!!: a prosa do mundo não seria comunicação, os meios que as veiculam não seriam mensagens e os ambientes não seriam espaços semióticos.

III. Bases do pensamento ecológico: contribuições de uma ciência subversiva. Informação e significação na berlinda.

5. Constituição dos nichos semióticos: conexão e diálogo entre sistemas convergentes e divergentes.
6. Gêneros, mídias e a livre circulação de signos.

IV. O signo informático na paisagem das mídias: a semiose das mediações.

7. Cultura de mídias.
8. A conspiração dos meios e o movimento migratório.

V. O *design* da comunicação em contextos.

9. O espetáculo na cultura prosaica: o entretenimento como sistema de signos.
10. O *design* de espaços de comunicação e transmutação de signos.

SEGUNDA PARTE: METODOLOGIA DE ANÁLISE PARA A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS

VI. *Design* de formatos na perspectiva da arqueologia das mídias.

Roteiro Bibliográfico

PRIMEIRA PARTE: GARIMPAGEM TEÓRICA

I. Do diagrama espacial ao *design* da comunicação.

1. Mensagem centrada no código vs. mensagem construída em discurso: o papel dos gêneros.

Arte Poética, Aristóteles.

BAKHTIN, Mikhail (1992). "Os gêneros do discurso". In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

DERRIDA, Jacques (1992). "The Law of Genre". In: *Acts of Literature*. New York: Routledge.

FISHELOV, David (1993). "Analogies, Theories, and the Concept of Genre". In: *Metaphors of Genre. The Role of Analogies in Genre Theory*. The Pennsylvania State University Press.

TODOROV, Tzvetan (1970). *Os gêneros do discurso* (trad. Ana M. Leite). Lisboa: Edições 70.

2. Expansão dos códigos e das linguagens da comunicação mediada e transposição da teoria.

ALTMAN, Rick (1999). *Film/Genre*. London: British Film Institute.

BARBOSA FILHO, André (2003). *Gêneros radiofônicos. Os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas.

(*)¹ EVERETT, Anna (2003). "Digitextuality and click theory: theses on convergence media in the digital age" In *Theories and Practices of Digitextuality* (Anna Everett & John T. Caldwell eds.). New York: Routledge.

MACHADO, Arlindo (2000). *A televisão levada a sério*. São Paulo: Senac.

(*) MACHADO, Irene A. (2002). "Gêneros no contexto digital". In: *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo* (Lucia Leão, org.). São Paulo: Fapesp; Iluminuras.

LAUREL, Brenda (1991). *Computer as Theatre*. New York: Addison-Wesley Publishing Company.

MELO, José Marques de (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

MURRAY, Janet H. (1997). *Hamlet on the Holodeck. The Future of Narrative in Cyberspace*. Cambridge: MIT Press.

Symposium. Ciências, Humanidades, Letras. Recife, ano 5, n. 1, jan.-jun. 2001.

II. Explorando novos territórios culturais.

3. A emergência da prosa e a prosificação da cultura.

(*) KITTAY, Jeffrey & GODZICH, Wlad (1987). "The Prosaic World". *The Emergence of Prose*. Minneapolis University Press.

BAKHTIN, Mikhail (1987). Apresentação do problema. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Universidade de Brasília.

MACHADO, Irene A. (1995). O romance e a prosificação da cultura. O romance e a voz. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago.

4. Ah, se não fosse McLuhan: a prosa do mundo não seria comunicação e os meios que as veiculam não seriam mensagens.

(*) McLUHAN, Eric & Zingrone, Frank (orgs.) (1998). McLuhan oral. Entrevista de Playboy. *McLuhan: escritos essenciais*. Madrid: Paidós.

¹ As indicações com asterisco constam da pasta 734 no xerox do Centro Acadêmico da Comfil.

(*) Genosko, Gary (1999). "Massage and Semiurgy". *McLuhan and Baudrillard. The Masters of Implosion*. London: Rutledge.

III. Bases do pensamento ecológico: contribuições de uma ciência subversiva. Informação e significação na berlinda.

5. Constituição dos nichos semióticos: conexão e diálogo entre sistemas convergentes e divergentes.

BOUISSAC, Paul (1995). "Informação versus significação: da ecologia como utopia semiótica à evolução cósmica como entropia". *Comunicação na era pós-moderna* (Mônica Rector e Eduardo Neiva, orgs.). Rio de Janeiro: Vozes.

FULLER, Buckminster (1970). *Inexorable Evolution and Human Ecology*. YOUNGBLOOD, Gene (1970). *The Expanded Cinema*. London: Studio Vista.

(*) GIBSON, James J. (1986). "The Theory of Affordances". *Ecological approach to Visual Perception*. London: Lawrence Erlbaum Associates.

(*) VOLLI, Ugo (1989). "Factoides y mnemos: por una ecología semiótica". *Videoculturas de fin de siglo*. Madrid: Cátedra.

6. Gêneros, mídias e a livre circulação de signos.

(*) BARRETO, Jorge Lima (1995). *Música & Mass Media*. Porto: Hugin.

(*) COHEN, Ralph (1991). "Do Postmodern Genres Exist?" *Radical Artifice. Writing Poetry in the Age of Media* (Marjorie Perloff, org.). The University of Chicago Press.

KAC, Eduardo (1995). "Aspectos da estética das telecomunicações". *Comunicação na era pós-moderna* (Mônica Rector e Eduardo Neiva, orgs.). Rio de Janeiro: Vozes.

STEIMBERG, Oscar (1993). *Semiótica de los medios masivos. El pasaje a los medios de los géneros populares*. Buenos Aires: Atuel.

IV. O signo informático na paisagem das mídias: a semiose das mediações.

7. Cultura de mídias.

CONTRERAS, Fernando R. (1998). "El signo informatico". *El cibernundo. Dialéctica del discurso informático*. Sevilla: Alfar.

(*) MACHADO, Irene (2003). "As mídias e seus precursores". *Significação*. São Paulo: Anablume.

(*) SANTAELLA, Lúcia (2003). "Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.

8. A conspiração dos meios e o movimento migratório.

DOWNING, John D.H. (2002). *Mídia radical. Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais* (Parte II). São Paulo: Senac.

LEMOS, André (2002). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.

MACHADO, Arlindo (2000). *El paisaje mediático. Sobre el desafío de las poéticas tecnológicas*. Buenos Aires: Libros del Rojas.

VILCHES, Lorenzo (2001). *La migración digital*. Barcelona: Gedisa.

V. O design da comunicação em contextos.

9. O espetáculo na cultura prosaica: o entretenimento como sistema da cultura.

(*) BETTETINE, Gianfranco (1989). Por un establecimiento semio-pragmático del concepto de simulación. *Videoculturas de fin de siglo*. Madrid: Cátedra.

- (*) BECHELLONI, Giovanni (1989). *Televisión-Espectáculo o televisión-narración? Videoculturas de fin de siglo*. Madrid: Cátedra.
- (*) DARLEY, Andrew (2002). *Genealogia y tradición: el espectáculo mecanizado. El declive de la narración: el nuevo cine de espectáculo y el vídeo musical. Cultura visual digital. Espectáculo y nuevos géneros en los medios de comunicación*. Barcelona: Paidós.
- (*) YOUNGBLOOD, Gene (1970). *The Audience and the Myth of Entertainment. The Expanded Cinema*. London: Studio Vista.

SEGUNDA PARTE: METODOLOGIA DE ANÁLISE E FORMULAÇÃO CONCEITUAL

10. *Design* de formatos na perspectiva da arqueologia das mídias e da cibersemiótica.

- ANCESCHIA, Giovanni (1995). *Design eidomático. Videoculturas de fin de siglo*. Madrid: Cátedra.
- BACK, Les et al (1999). "Reading the Writing on the Wall. Graffiti in the Racialized City". In *Soundbite Culture. The Death of Discourse in a Wired World* (David Slayden & Rita Kirk Whillock, eds.). London: Sage.
- BALOGH, Ana Maria (2002). *O discurso ficcional na tv*. São Paulo: Edusp.
- (*) DE KERKHOVE, Derrick (1997). *Design: a pele da cultura. A pele da cultura*. Lisboa: Relógio D'Água.
- DE PABLOS, José Manuel (1999). *Infoperiodismo. El periodista como creador de infografía*. Madrid: Síntesis.
- DEL VILLAR, Rafael (1997). *Trayectos en semiótica filmico/televisiva. Cine, video-clip, publicidad, publicidad política, video educativo y cultura audiovisual*. Santiago: Dolmen.
- ELSAESSERA, T. et al. (1994). *Writing for the Medium. Television in Transition*. Amsterdam University Press.
- GREINER, Christine & KATZ, Helena (2001). "Corpo e processo de comunicação". *Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos*, vol. 3, n. 2.
- HERBECK, Dale (1999). "Democratic Delusions". In *Soundbite Culture. The Death of Discourse in a Wired World* (David Slayden & Rita Kirk Whillock, eds.). London: Sage.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio (1999). *Olhar periférico*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- _____ (2003). *Design em espaços*. São Paulo: Rosari.
- MACHADO, Irene (2003). "Infojornalismo: uma mídia expandida". *Revista Fronteiras. Estudos Midiáticos*, junho, 2003.
- MANOVICH, Lev (2001). *"What is cinema?" The Language of New Media*. MIT Press.
- _____ (2003). *The Poetics of Augmented Space*. EVERETT, Anna (2003). *Theories and Practices of Digitextuality* (Anna Everett & John T. Caldwell eds.).
- PAZ, Carolina Rodrigues (2003). "A cultura Blog: questões introdutórias". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.
- PEREIRA, Mirna Feitoza (2003). "Ecologia comunicacional da relação da criança com o entretenimento". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 20, abril, 2003.
- PIGNATARI, Decio (1988). "O paleolhar da televisão". In *O Olhar* (Adauto Novaes, org.). São Paulo: Cia das Letras.
- _____ (1986). *Signagem da televisão*. São Paulo: Brasiliense.
- ROCHA, Paula Jung (2003). "Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade". *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, n. 22, dez. 2003.
- VIANNA, Hermano (2003). "A música paralela". *Mais! Folha de S. Paulo*, 12 de outubro de 2003.
- _____ (2003). "O jogo da vida". *Mais! Folha de S. Paulo*, 18 de janeiro de 2004.
- (*) YOUNGBLOOD, Gene (1970). *Synaesthetic Cinema: The End of Drama. The Expanded Cinema*. London: Studio Vista.

PEPG EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA – PUCSP

Disciplina: Semiótica da Cultura - 1º semestre 2003

terças-ferias, das 14 às 17h

Profa. Irene Machado

Ementa

Com o objetivo de problematizar o tratamento da comunicação como problema semiótico e das produções culturais como sistemas de signos, esse curso pretende discutir o campo conceitual da semiótica russa com vistas à análise de objetos de pesquisa do interesse dos alunos. Trataremos, portanto,

1. do dialogismo, do estranhamento e da carnavalização como dispositivos de organização prosaica da cultura;
2. do princípio de tradução e transferência, da mediação e da recodificação como mecanismos de modelização dos sistemas culturais;
3. da tradução da informação em texto como base complexificadora de sistemas audiovisuais, eletrônico-digitais e das linguagens da comunicação mediada;
4. da memória como programa e como banco de dados;
5. da liminaridade e da migração dos códigos culturais na constituição da semiosfera;
6. da semiose como fenômeno explosivo e como manifestação da mente da cultura.

Para isso serão examinados e contextualizados sistemas culturais, procedimentos relacionais das novas e velhas mídias.

Bibliografia básica

HOME PAGE Semiótica russa.

<http://www.pucsp/~cos-puc/cultura/index.html>

BAKHTIN, Milhail (1982). *Estética de la creacion verbal*. México: Siglo XXI.

_____ (1986). *A poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense.

_____ (1988). *A cultura popular da Idade Média e do Renascimento. O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Unesp.

_____. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*, São Paulo: n. 4, 2002.

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico* (trad. M.C.V.Raposo). Lisboa: Estampa: 1978.

_____. *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukmann). Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOTMAN, I.; USPENSKII, B.; IVANOV, V. *Ensaio de Semiótica Soviética* (trad. Salvato T. Meneses). Lisboa: Novo Horizonte, 1981.

MACHADO, Irene (1989). *Analogia do dissimilar. Bakhtin e o formalismo russo*. São Paulo: Perspectiva.

_____. (2002). *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial.

_____. (1995). *O romance e a voz. A prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (2001). *Liminalidad e intervalo: la semiosis de los espacios culturales. Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*.

_____. (2002). *Projections: Semiotics of Culture in Brazil. Sign Systems Studies* n° 30. Tartu: Tartu University Press.

NAVARRO, Desidério. *La Semiosfera*. Madrid: Cátedra, 1998 (3 vols.).

SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SODRÉ, Muniz (2002). *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes.

WEBER, M.H. et al (orgs.) (2002). *Tensões e objetos da pesquisa em comunicação*. Porto Alegre: Sulina; Compós.

Programa das aulas

Apresentação: Funcionamento da disciplina: apresentação do programa, da bibliografia, dos objetos de análise e das atividades de avaliação.

Tema 1: Semiótica russa em três tempos. Discussão do 1º tempo: o princípio da linguagem poética; teoria do estranhamento; processos de intervenção na cultura.

Bibliografia:

“A arte como procedimento”, Viktor Chklóvski [5].

“Teoria formalista da linguagem poética”, Kristina Pomorska [16].

“Lingüística e poética”, Roman Jakobson [6].

Semiótica aplicada: Análise da poesia de Vladímir Maiakóvski de Viélimir Khliébnikov; da fotografia de Aleksánder Ródtchenko.

Tema 2: Semiótica antes da Semiótica: cultura como experimentação de linguagens. O princípio de transferência: o ícone russo e o construtivismo.

Bibliografia:

“Comunicação na poesia de vanguarda”, Haroldo de Campos [4].

“Alpha and Omega. From Icon-Painting to Malevich”, Tat’jana Vilibachova [22].

Semiótica aplicada: Análises do ícone russo e da obra de Tátlin. Apresentação do vídeo: “The Great Utopia. The Russian Avant-Garde, 1915-1932”.

Tema 3: Dispositivos semióticos da cultura: organização prosaica dos sistemas de signos e códigos culturais. A perspectiva do dialogismo e da carnavalização da linguagem.

Bibliografia:

“Apresentação do problema”, Mikhail Bakhtin [1].

“Particularidades das obras de Dostoiévski do ponto de vista de sua composição”, Mikhail Bakhtin [3].

“Los apuntes de 1970-1971”, Mikhail Bakhtin [2].

Semiótica aplicada: Análise do filme *Ivan, o Terrível*, de Sierguêi Eisenstein.

Tema 4: Uma escola e uma disciplina para os estudos da semiótica e da cultura. Semiose e modelização: a estruturalidade da linguagem e o princípio da montagem no cinema. Alfabetização semiótica.

Bibliografia:

“Introdução”, Iúri Lótman [7].

“Sobre o problema da tipologia da cultura”, Iúri Lótman [19].

“Um projeto semiótico para os estudos da cultura”, Irene Machado [14].

Semiótica aplicada: Análise do cinema de Dziga Viértov.

Tema 5: Mecanismo semiótico da cultura: transformação da informação em texto. Princípios da semiótica sistêmica: semiose e interconexão; tradução e recodificação.

Bibliografia:

“Sobre o mecanismo semiótico da cultura”, Iúri Lótman e Bóris Uspiénski [10].

“Teses para uma análise semiótica da cultura”, V. Ivanov e outros [14].

Semiótica aplicada: Análise do filme *Andrei Rublióv*, de Andrei Tarkóvski.

Tema 6: Cultura como texto: a memória como programa e como banco de dados. A invenção dos precursores na “grande temporalidade” da cultura.

Bibliografia:

“La semiótica de la cultura y el concepto de texto”, Iúri Lótman [8].

“El texto y el poliglotismo de la cultura”, Iúri Lótman [8].

“El texto en el texto”, Iúri Lótman [8].

“The concept of text in cultural semiotics”, Göran Sonesson [21].

Semiótica aplicada: Análises do cinematismo.

Tema 7: A cronotopia do espaço semiótico: a liminaridade e a migração dos códigos culturais na constituição da semiosfera.

Bibliografia:

“Acerca de la semiosfera”, Iúri Lótman [8].

“Lotman’s semiosphere and why it is not a seamless web”, I. Portis-Winner [17]

“Liminalidad e intervalo: la semiosis de los espacios culturales”, Irene Machado [15].

Semiótica aplicada: Análises do infojornalismo.

Tema 8: Aspectos da infosemiose da comunicação mediada: semiodiversidade da cultura planetária, processos de explosão e a criação dos ambientes comunicacionais.

Bibliografia:

“Processi esplosivi”, Iúri Lótman [11].

“Strutura pensanti”, Iúri Lótman [11].

“Scienza e tecnica”, Iúri Lótman [11].

“El progreso gradual”, Iúri Lótman [12].

“Discontinuo y continuo”, Iúri Lótman [12].

“La interseccion semántica como explosion de sentido”, Iúri Lótman [12].

“La lógica de la explosión”, Iúri Lótman [12].

“El momento de la imprevisibilidad”, Iúri Lótman [12].

“Estructuras internas e influencias externas”, Iúri Lótman [12].

“Em defesa da semiodiversidade”, Antonio Risério [18].

“Arte e Mídia: aproximações e distinções”, Arlindo Machado [13].

“O *ethos* midiaticizado”, Muniz Sodré [20].

Semiótica aplicada: Análise da artemídia.

Observação: Haverá a possibilidade de apresentação de pesquisas individuais dos alunos que se dispuserem a realizar um seminário que será agendado com antecedência.

Cronograma das aulas: 16 semanas

Fevereiro: 17 – 24

Março: 11 – 18 – 25

Abril: 1 – 8 – 15 – 22 – 29

Maior: 6 – 13 – 20 – 27

Junho: 10 – 17

Avaliação:

1. Resenha crítica de um dos temas apresentados: entrega dia 24 de junho.
2. Monografia: aplicação de um dos temas teóricos ao objeto da pesquisa individual: entrega no dia previsto pelo calendário da universidade.

Frequência: O curso é presencial e respeitará a porcentagem de faltas estabelecida pela universidade: o aluno terá direito a apenas duas faltas.

Referências Bibliográficas

- [1] BAKHTIN, Mikhail (1987). Apresentação do problema. In *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (trad. brasileira de Yara Frateschi Vieira). São Paulo: HUCITEC; Brasília: Universidade de Brasília.
- [2] _____ (1982). Los apuntes de 1970-1971. In *Estética de la creación verbal* (trad. Tatiana Bubnova). Mexico: Siglo Veintiuno.
- [3] _____ (1981). Particularidades das obras de Dostoiévski do ponto de vista de sua composição. In *Problemas da poética de Dostoiévski* (trad. Paulo Bezerra).
- [4] CAMPOS, Haroldo de (1969). *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Perspectiva.
- [5] CHKLÓVSKI, Viktor (1976). A arte como procedimento. In *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo.
- [6] JAKOBSON, Roman (1971). *Lingüística e comunicação* (trad. Isidoro Blinkstein). São Paulo: Perspectiva.
- [7] LÓTMAN, Iuri (1978). *A estrutura do texto artístico* (trad. M. Carmo V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.
- [8] LOTMAN, Iuri (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (vol 1) (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- [9] LOTMAN, Iuri (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio* (vol. 2) (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- [10] LOTMAN, I.; USPENSKI, B.; IVANOV, V. (1981). *Ensaio de semiótica soviética* (trad. V. Navas e S. T. Menezes). Lisboa: Horizontes.
- [11] LOTMAN, Jurij M. (1994). *Cercare la strada. Modelli della cultura* (trad. N. Marcialis). Venezia: Marcilio.
- [12] LOTMAN, Yuri M. (1999). *Cultura y explosion. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social* (trad. D. Muscheti). Barcelona: Gedisa.
- [13] MACHADO, Arlindo (2002). Arte e mídia: aproximações e distinções. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: Educ, nº 3.
- [14] MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscú para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- [15] MACHADO, Irene (2001). Liminalidad e intervalo: la semiosis de los espacios culturales. *Signa. Revista de la Asociación Española de Semiótica*.
- [16] POMORSKA, Krystyna (1972). *Formalismo e futurismo. A teoria formalista russa e seu ambiente poético* (trad. Sebastião Uchoa Leite). São Paulo: Perspectiva.
- [17] PORTIS-WINNER, Irene (1994). *Semiotics of Culture. The Strange Intruder*". Bochum: Brockmeyer.
- [18] RISÉRIO, Antonio (1995). Em defesa da semiodiversidade. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: Educ, nº 3, pp. 19-26.
- [19] SCHNAIDERMAN, Boris (org.) (1979). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva.
- [20] SODRÉ, Muniz (2002). *Antropológica do espelho. Uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes.
- [21] SONESSON, Göran (1998). "The concept of text in cultural semiotics". *Σημειωτική. Sign Systems Studies* nº 26, 1998. Tartu: Tartu University Press.
- [22] VILINBACHOVA, Tat'jana (2000). *Kazimir Malevich e le sacre icone russe* (Giorgio Cortenova e Evgenija Petrova, orgs.). Milano: Electa.

COS/PUC-SP - Programa de Disciplina

Módulo: 1

Disciplina: Elaboração de projetos

Área de Concentração: Signo e significação nas mídias

Linha de Pesquisa: Fundamentos teóricos da comunicação e da semiótica

Professor: Irene Machado

Semestre: 2º 2002

Horário: das 9:00 às 12:00h

Créditos: 3

Carga Horária: 225 horas

Ementa:

Existe um movimento que pode ser considerado como um encaminhamento natural da pesquisa científica. Geralmente o tema surge de uma inquietação, se desenvolve a partir do que não se sabe e procura responder ao que se gostaria de saber. Com isso, a pesquisa acompanha o processo do pensamento em seu deslocamento (da dúvida à crença) e de sua transformação em complexidade. Esse é um dos pressupostos teóricos desse curso que propõe colocar os pesquisadores em contato com as atividades fundamentais da elaboração de um projeto científico (seja dissertação de mestrado ou tese de doutorado). Para isso, pretende encaminhar os tópicos teóricos e as atividades práticas pelo que se segue.

1. Discussão das questões elementares que orientam a atividade cognoscível na pesquisa científica:
 - 1.1. Dúvida e incerteza como matrizes dialogantes da ciência.
 - 1.2. Interpretante e semiose como traço fundante da epistemologia da ciência.
 - 1.3. A dinâmica dos campos científicos e os novos modos de ver o mundo.
 - 1.4. A contribuição da semiótica como um modo de fazer ciência: abdução, imaginação científica e a semiótica dos processos de representação.
 - 1.5. A nova racionalidade e a metáfora da nova aliança como interpretação do conhecimento em metamorfose.
2. Elaboração do projeto:
 - 2.1. Roteiro e seqüencialização das etapas fundamentais do projeto.
 - 2.2. Inserção nas linhas de pesquisa e áreas de concentração.
 - 2.3. Especificidades do projeto para a dissertação de mestrado e para a tese de doutorado.
3. Textualização: o ensaio e a construção de um possível discurso para a pesquisa científica.

Objetivos:

Discussão dos aspectos fundamentais da atividade cognoscível para a produção de pensamento em função do objeto de pesquisa.

Compreensão da dinâmica da pesquisa científica hoje.

Inserção da pesquisa na área do conhecimento onde se insere o Programa.

Reflexão e encaminhamento da semiótica para o fazer científico.

Discernimento das etapas da elaboração do projeto tendo em vista as especificidades da dissertação de mestrado e da tese de doutorado.

Encaminhamento das formas discursivas possíveis para a construção do discurso científico.

Metodologia:

Discussão de textos teóricos.

Discussão de estratégias com vistas à elaboração do projeto.

Apresentação de projetos.

Simpósio para apresentação de ensaios sobre o tema central do projeto.

Relatos dos trabalhos apresentados.

Avaliação:

Leitura de textos.

Participação em debates.

Produção escrita.

Relato.

Programação das 16 aulas com as respectivas datas e bibliografias:

1. 31/07/ – Conversa com alunos sobre suas intenções de projeto. Apresentação do programa, das estratégias de trabalho e comentário sobre a bibliografia.
2. 07/08 – Discussão dos temas: Dúvida e incerteza como matrizes dialogantes da ciência. Interpretante e semiose como traços fundantes da epistemologia da ciência.
FLUSSER, Vilém (1999). *A dívida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
MORIN, Edgard (1999). Por uma reforma do pensamento. *O pensar complexo*. Rio de Janeiro: Garamond.
PEIRCE, Ch. Sanders (1975). Como tornar claras as nossas idéias. *Semiótica e filosofia* (org. Octanny S. da Mota e Leônidas Hegenberg). São Paulo: Cultrix.
_____. (1975). A fixação das crenças. *Semiótica e filosofia* (cit.).
3. 14/08 – Discussão do tema: A contribuição da semiótica como um modo de fazer ciência: abdução, imaginação científica e a semiótica dos processos de representação.
PEIRCE, Ch. Sanders (1980). Três tipos de raciocínio. *Escritos coligidos* (trad. e sel. Armando M. D'Oliveira). São Paulo: Abril Cultural.
_____. (1980). Questões sobre certas faculdades reivindicadas para o homem. *Escritos coligidos* (cit.).

4. 21/08 – Discussão dos temas: A nova racionalidade e a metáfora da nova aliança como interpretação do conhecimento em metamorfose. A dinâmica dos campos científicos em função dos novos modos de ver o mundo.
 FLUSSER, Vilém (1998). Criação científica e artística. *Ficções filosóficas*. São Paulo: Edusp, pp. 171-176.
 PRIGOGINE, Ilya (1996). *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza* (trad. Roberto L. Ferreira). São Paulo: Editora UNESP, pp. 9-15.
 PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle (1997). *A nova aliança: metamorfose da ciência* (trad. Miguel Faria e Maria J.M. Trincheira). Brasília: UnB.
5. 11/09 – Apresentação dos temas e dos objetos de pesquisa pelos alunos.
6. 18/09 – Inserção dos temas nas linhas de pesquisa e áreas de concentração do Programa.
 Áreas de concentração e linhas de pesquisa em Comunicação e Semiótica.
 CNPq. *A pesquisa no Brasil. Perfil das áreas do conhecimento. Humanidades* (vol. 3). Brasília.
7. 25/09 – Especificidades do projeto para a dissertação de mestrado e para a tese de doutorado.
8. 02/10 – Apresentação e discussão do resumo, da apresentação e do objeto da pesquisa.
9. 09/10 – Apresentação e discussão da justificativa e das hipóteses.
10. 16/10 – Apresentação e discussão da justificativa e das hipóteses.
11. 23/10 – Apresentação e discussão dos fundamentos teóricos e da metodologia.
12. 30/10 – Apresentação e discussão dos fundamentos teóricos e da metodologia.
13. 06/11 – Discussão de normas de referencialização bibliográfica.
 ABNT. *Informação e documentação. Referências. Elaboração* (NBR 6023). Rio de Janeiro: 2000.
 SEVERINO, Antonio Joaquim (2000) (21ed). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
14. 13/11 – Análise do ensaio e da construção de um possível discurso para a pesquisa científica.
 FLUSSER, Vilém. *Ensaio. Ficções filosóficas*. São Paulo: Edusp, pp. 93-97.
 MATTONI, Silvio (2001). *El ensayo. La crítica de la cultura en Adorno. La irrupcion de la subjetividad en el saber*. Córdoba: Epoke.
15. 20/11 – Apresentação do pré-projeto.
16. 27/11 – Apresentação do pré-projeto.

Bibliografia adicional:

- ABREU Jr., Laerthe (1996). *O cenário epistemológico da complexidade*. Piracicaba: Unimep.
- BUNGE, Mario (1976). *La investigación científica*. Barcelona: Ariel.
- BROCKMAN, John (1995). Introduction: The Emerging Third Culture. *The Third Culture*. New York: Touchstone Book.
- HOLTON, Geraíd (1998). *A cultura científica e os seus inimigos* (trad. Fernando H. Passos). Lisboa: Gradiva.
- KUHN, Thomas (1975). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- LATOUR, Bruno (1995). *La science en action*. Paris: Gallimard.
- MOLES, Abraham (1995). *As ciências do impreciso* (trad. Pedro Barbosa). Porto: Afrontamento.
- MORIN, Edgard (1991). *Introdução ao pensamento complexo* (trad. Dulce Matos). Lisboa: Instituto Piaget.
- _____ (1999). *O método 3. O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (1999). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.
- SILVEIRA, Lauro Barbosa da (2001). Semiose: Diálogo e Linguagem. *Galáxia Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: Educ.
- SNOW, C.P. (1993). *The Two Culture*. Cambridge University Press.
- SOKAL, Alan & BRICMONT, Jean (1999). *Imposturas intelectuais* (trad. Max Altman). Rio de Janeiro: Record.
- STENGERS, Isabelle (1995). *L'invention des sciences modernes*. Paris: Flammarion.

Temas
Ementas
Textos básicos
Referências complementares

- 1. Semiótica da recepção: comunicação como design e evolução como semiose.**
Trata-se de discutir o conceito de comunicação como um projeto que não considera espécies ou meios determinados mas um amplo classe de fenômenos cujo inter-relacionamento depende de assimetrias e heterogeneidades. O papel do design na interação dos sistemas naturais, artificiais, secundários de comunicação.

HAUSER, Marc D. (1996). *The Evolution of Communication*. Cambridge: The MIT Press.
SEBEOK, Thomas A. (1997). Comunicação. In *Comunicação na era pós-moderna* (Monica Rector e Eduardo Neiva orgs.). Rio de Janeiro: Vozes.

- 2. A arqueologia dos estudos sobre os signos como uma conexão possível.**
Dentre os antigos, linguagem e os signos em geral são invariavelmente discutidos como fenômenos comunicacionais, da literatura, das artes, da medicina, da reflexão interior. Contudo, tanto podem constituir objeto de estudo da retórica quanto da semiótica ou da investigação filosófica, como se pode verificar em Platão, Aristóteles e Santo Agostinho.

MANETTI, Giovanni (1993). *Theories of the Sign in Classical Antiquity* (trad. C. Richardson). Indiana University Press.

- 3. Por um conceito ecológico de informação, comunicação, significação.**
Embora não se questione o conceito de informação como um dinamismo de transferência, é preciso considerar que classe de fenômenos compõe essas passagens. Até que ponto é possível colocar as diferenças em interação?

BATESON, Gregory (1972). Forma, sustancia y diferencia. *Pasos hacia una ecologia de la mente* (trad. Ramón Alcaide). Buenos Aires-México: Carlos Lohlé.
_____ (1991). Epistemologia y ecologia. *Una unidade sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente* (trad. Alcira Bixio). Madrid: Gedisa.

- 4. Transdisciplinaridade e as bases ecológicas da epistemologia da comunicação.**
Compreender a comunicação como um sistema auto-organizativo significa alcançar as interações transversalizadas entre diferentes sistemas do cosmos dialógico. Os rumos dessa compreensão foram dados pela semiótica, cibernética, teoria dos sistemas, teorias da informação e da comunicação e seus desdobramentos como biossemiótica e ecossemiótica.

4.1. UEXKÜLL, Thure von (1989). Jakob von Uexküll Umwelt-Theory. *The Semiotic Web 1989* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

4.2. NOTH, Winfried (1998). Ecossemiotics. *Sign Systems Studies* nº 26, 1998, p. 332-343. Tartu: Tartu University Press.

5. Os fundamentos da cibersemiótica para os estudos da comunicação.

I- SEMINÁRIO AVANÇADO DE COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA. *Fundamentos biocognitivos da comunicação: biossemiótica e semiótica cognitiva*. São Paulo, 1998.

Biosemiotics and the foundation of Cybersemiotics, Soren Brier, p. 55

Cybersemiotics: a Systemic Vision, Jorge Albuquerque Vieira, p. 79

BALE, Lawrence S. (1995). Gregory Bateson, Cybernetics, and the Social/behavioral Sciences. *Cybernetics & Human Knowing. A Journal of Second Order Cybernetics & Cyber-Semiotics*. Aalborg, vol. 3, n. 1, pp.27-45.

6. Transdisciplinaridade e complexidade na abordagem da comunicação.

Quais os aspectos fundamentais do conhecimento transdisciplinar que podem contribuir para o mapeamento e uma possível sistematização (em aberto) do objeto da comunicação?

ABREU Jr., L. *Conhecimento Transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidade*. Piracicaba, Unimep, 1996.

MORIN, Edgar (1991). *Introdução ao pensamento complexo* (trad. Dulce Matos). Lisboa: Instituto Piaget.

_____ (1996). *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Biblioteca Universitária.

7. Mediações e as transcódificações semióticas na cultura.

Antes mesmo que as mídias propagadas pelo processamento digital alcançassem o status de que desfrutam hoje, meios de comunicação eletrônicos, como o cinema, deram mostras de sua atividade mediadora com códigos culturais. Em que medida esses meios constituem, igualmente, uma arqueologia para o conhecimento dessas novas mídias?

MANOVICH, Lev (2001). *The Language of New Media*. Massachusetts-London: The MIT Press.

What is New Media? pp. 18-61

The Interface, pp. 62-115

MARTIN-BARBERO, Jesús (2000). Comunicação e mediações culturais. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan-jun, pp. 151-162.

Referências complementares

BIOCCA, Frank (1990). Semiotics and Mass Communication Research: Key Intersections. *The Semiotic Web* 1989 (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

EISENSTEIN, S.M. (1980). "El Grego et le cinéma". *Cineimatisme: peinture et cinema* (org. François Albera). Bruxelles: Complexes.

VERTOV, Dziga (1984). *Kino-Eye. The writings of Dziga Vertov* (ed. by Annette Michelson). Berkeley: University of California Press.

SONESSON, Göran (1997). The Multimедiation of the Lifeworld. *Semiotics of the Media: state of the art, projects, and perspectives* (Winfried Noth, ed.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

8. Ecologia semiótica e variedade de semioses.

Uma vez que a diversidade de signos e o processo de sua reprodução em escala infinita são fundadores do pensamento ecológico, é preciso considerá-los como síntese da abordagem sistêmica da comunicação como também de sua evolução, particularmente considerando os sistemas codificados da comunicação em sua configuração visual, sonoro, cinética.

CARPENTER, Edmund & McLUHAN (1980). *Revolução na comunicação* (trad. Álvaro Cabra).

Comunicação tátil, Lawrence K. Frank, p. 21

Chinês e comunicação, Ray L. Birdwhistell, p. 76

Espaço acústico, Edmund Carpenter e Marshal McLuhan, p. 87

Codificações lineares e não-lineares da realidade, Dorothy Lee, p. 166

UEXKÜLL, Thure von (1992). Varieties of Semiosis. *The Semiotic Web 1991* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

SILVEIRA, Lauro B. (2001). Semiose: diálogos e linguagem. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, n. 1, pp. 75-109.

Referências complementares

CECCATTY, Max de. *Comunicações celulares e comunicações humanas* (Trad. João Paz). Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

FLUSSER, Vilém (1994). *Los gestos. Fenomenología y comunicación* (trad. Claudio Gancho). Barcelona: Herder.

KERCKHOVE, Derrick (1997). *The Skin of Culture. Investigating the New Electronic Reality*. London: Kogan Page.

9. Por uma visão ecológica do processamento semiótico: o caso das máquinas semióticas e das tecnologias da representação.

Considerando que comunicação é um processo que organiza diferentes sistemas, a grande questão que se coloca diz respeito à natureza, o caráter e o modo de semiose processadas no mundo tecnológico. Todas as máquinas produzem signos? Todas as tecnologias geram representações?

COOPER, Robert (1993). Technologies of representation. *Tracing the Semiotic Boundaries of Politics* (ed. by Pertti Ahonen). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

MEUNIER, Jean-Guy (1990). Semiotic Primitives and Symbolic Machines. *The Semiotic Web* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

NÓTH, Winfried (2001). Máquinas semióticas (trad. Irene Machado). *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, n. 1,

10. Semiosfera, diversidades e os rumos da semiótica global na civilização planetária.

Do mesmo modo como defendemos a biodiversidade para preservar a diversidade das espécies biológicas, é preciso reconsiderar a diversidade semiótica não apenas no ambiente social mas sobretudo no lugar específico da produção de signos: a semiosfera. Compreender esse espaço que está além da biosfera é a tarefa imprescindível nesse momento em que se alardeia os prejuízos da comunicação planetária e da tecnocultura.

LOTMAN, Iuri (1985). *La Semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (trad. S. Salvestroni). Venezia, Marsilio.

KULL, Kalevi (1998). Semiotic Ecology: different natures in the semiosphere. *Sign Systems Studies* n° 26, 1998, p. 344-369. Tartu: Tartu University Press.

Referências complementares

HOFFMEYER, Jesper. *Signs of Meaning in the Universe*. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

KOCH, Walter A. (ed.) (1986). ' ' Cultural Sciences and Natural Sciences: prospects for a Transdisciplinary Future' '. *Evolutionary Cultural Semiotics*. Bochum: Brockmeyer.

SEBEOK, Thomas A (1991). *A Sign is just a Sign. La Semiotica Globale* (trad. S. Petrilli). Milano: Spirali.

LOTMAN, Y. (1990). *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukman). Indiana University Press.

Transdisciplinaridade no estudo da comunicação

Epistemologia

ABREU Jr., L. *Conhecimento Transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidade*. Piracicaba, Unimep, 1996.

BATESON, Gregory (1972). Forma, sustancia y diferencia. *Pasos hacia una ecología de la mente* (trad. Ramón Alcalde). Buenos Aires – México: Carlos Lohlé.

_____ (1991). Epistemologia y ecología. *Una unidad sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente* (trad. Alcira Bixio). Madrid: Gedisa.

ECO, Umberto (1997). *Kant y el ornitorrinco*. Barcelona: Lumen.

_____ (1975). *Trattato di semiotica generale*. Bompiani: Milan.

GREIMAS, J.A. & COURTÉS, J. (1983). *Dicionário de semiótica* (trad. A. Dias Lima e outros). São Paulo: Cultrix.

KOCH, Walter A. (ed.) (1986). "Cultural Sciences and Natural Sciences: prospects for a Transdisciplinary Future". *Evolutionary Cultural Semiotics*. Bochum: Brockmeyer.

KULL, Kalevi (1998). Semiotic Ecology: different natures in the semiosphere. *Sign Systems Studies* n° 26, 1998, p. 344-369. Tartu: Tartu University Press.

MANETTI, Giovanni (1993). *Theories of the Sign in Classical Antiquity* (trad. C. Richardson). Indiana University Press.

MOLES, Abraham (1995). *As ciências do impreciso* (trad. Pedro Barbosa). Porto: Afrontamento.

MORIN, Edgar (1991). *Introdução ao pensamento complexo* (trad. Dulce Matos). Lisboa: Instituto Piaget.

_____ (1996). *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Biblioteca Universitária.

NOTH, Winfried (1998). Ecosemiotics. *Sign Systems Studies* n° 26, 1998, p. 332-343. Tartu: Tartu University Press.

_____ (1995). *Handbook of Semiotics*. Indiana University Press.

PEIRCE, Charles Sanders (1966). *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Harvard University Press.

SEBEEK, Thomas A (1991). *A Sign is just a Sign. La Semiotica Globale* (trad. S. Petrilli). Milano: Spirali.

Variedade de semioses

CARPENTER, Edmund & McLUHAN (1980). *Revolução na comunicação* (trad. Álvaro Cabra).

Comunicação tátil, Lawrence K. Frank, p. 21

Cinese e comunicação, Ray L. Birdwhistell, p. 76

Espaço acústico, Edmund Carpenter e Marshal McLuhan, p. 87

Codificações lineares e não-lineares da realidade, Dorothy Lee, p. 166

CECCATTY, Max de. *Comunicações celulares e comunicações humanas* (Trad. João Paz). Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

CSÁNYI, Vilmos (1992). *The Brain's Models and Communication. Biosemiotics. The Semiotic Web 1991* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

FLUSSER, Vilém (1994). *Los gestos. Fenomenología y comunicación* (trad. Claudio Gancho). Barcelona: Herder.

GARDNER, Howard (1994). *Estruturas da mente. A teoria das inteligências múltiplas* (trad. Sandra Costa). Porto Alegre: Artes Médicas.

JAKOBSON, Roman (1990). "Brain and Language". *On Language* (ed. bay L.R. Waugh & M.M-Burston). Cambridge: Harvard University Press.

_____ (1971). *Lingüística e comunicação* (trad. I. Blinkstein e José P. Paes). S.P., Cultrix.

KERCKHOVE, Derrick (1997). *The Skin of Culture. Investigating the New Electronic Reality*. London: Kogan Page.

KERSENBOOM, Saskia (1995). *Word, Sound, Image. The Life of the Tamil Text*. Oxford: Berg Publishers.

McLUHAN, Marshall (1977). *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico* (trad. Leônidas G. de Carvalho e Anísio Teixeira). São Paulo: Nacional.

_____ (1971). *Os meios de comunicação como extensões do homem* (trad. Décio Pignatari). São Paulo: Cultrix.

NÖTH, Winfried (2001). Máquinas semióticas (trad. Irene Machado). *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, n. 1,

SEBEOK, Thomas A. (1997). Comunicação. In *Comunicação na era pós-moderna* (Monica Rector e Eduardo Neiva orgs.). Rio de Janeiro: Vozes.

SILVEIRA, Lauro B. (2001). Semiose: diálogos e linguagem. *Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura*. São Paulo: EDUC; Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, n. 1, pp. 75-109.

STEWART, John (1995). *Language as Articulate Contact: Toward A Post-Semiotic Philosophy of Communication*. Albany: State University Press of New York.

UEXKÜLL, Thure von (1992). Varieties of Semiosis. *The Semiotic Web 1991* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

Campos de intersecção

Antropossemiótica
Biossemiótica
Cibernética
Cibersemiótica
Ciências Cognitivas
Ecossemiótica
Filosofia da linguagem
Semiótica das mídias
Semiótica da cultura
Teoria da Informação

Iº SEMINÁRIO AVANÇADO DE COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA. *Fundamentos biocognitivos da comunicação: biossemiótica e semiótica cognitiva*. São Paulo, 1998.

Biosemiotics and the foundation of Cybersemiotics, Soren Brier, p. 55

Infosemiotics, Solomon Marcus, p. 73

Cybersemiotics: a Systemic Vision, Jorge Albuquerque Vieira, p. 79

BALE, Lawrence S. (1995). Gregory Bateson, Cybernetics, and the Social/behavioral Sciences. *Cybernetics & Human Knowing. A journal of Second Order Cybernetics & Cyber-Semiotics*. Aalborg, vol. 3, n. 1, pp.27-45.

BIOCCA, Frank (1990). Semiotics and Mass Communication Research: Key Intersections. *The Semiotic Web 1989* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

DEELY, John (1991). Modeling anthroposemiosis. *On Semiotic Modeling* (M Anderson & F. Merrel, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

DEELY, John; WILLIAMS, Brooke; KRUSE, Felicia (eds.) (1986). *Frontiers in Semiotics*. Bloomington: Indiana University Press.

- ECO, Umberto (1984). *Semiotics and the Philosophy of Language*. Indiana University Press.
- HARRISON, Bernard (1979). *An Introduction to the Philosophy of Language*. London: MacMillan Press.
- HAUSER, Marc D. (1996). *The Evolution of Communication*. Cambridge: The MIT Press.
- LOTMAN, Iuri (1985). *La Semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (trad. S. Salvestroni). Venezia, Marsilio.
- _____ (1990). *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukman). Indiana University Press.
- LOTMAN, I. e outros (1971). *Ensaio de semiótica soviética* (trad. V. Navas e S.T. de Menezes). Lisboa, Horizonte.
- LOTMAN, Jurij M. & USPENSKIJ, Boris A (1973). *Ricerche Semiotiche. Nuove tendenze Delle scienze umane nell'URSS* (trad. Clara Strada Janovic e outros). Torino, Giulio Einaudi.
- LUSSATO, Bruno (1991). *Informação, comunicação e sistemas* (trad. Ana Scoval). Lisboa: Dinalivro.
- MANDELKER, Amy. *Bakhtin in Contexts. Across the Disciplines*. Northwestern University Press, 1995.
- MARTIN-BARBERO, Jesús (2000). Comunicação e mediações culturais. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan-jun, pp. 151-162.
- MEUNIER, Jean-Guy (1990). Semiotic Primitives and Symbolic Machines. *The Semiotic Web* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.
- SILVESTRI, Adriana & BLANCK, Guillermo (1993). *Bajtín y Vigotski: La organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos.
- SONESSON, Göran (1997). The Multimmediation of the Lifeworld. *Semiotics of the Media: state of the art, projects, and perspectives* (Winfried Noth, ed.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.
- TAVARES, Julio C. de Souza (2000). O olhar etnográfico e a pesquisa em comunicação: o trabalho de campo, as clínicas evocativas e os fluxos cognitivos. *Contracampo: Revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação*. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2º semestre, 2000, pp. 67-87.

UEXKÜLL, Thure von (1989). Jakob von Uexküll Umwelt-Theory. *The Semiotic Web 1989* (Th. A. Sebeok & J. Umiker-Sebeok, eds.). Berlin-New York: Mouton de Gruyter.

Volohinov, Valentin (1986). *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard University Press.

WERTSCH, James (ed.) (1985). *Culture, Communication and Cognition. Vygotskian Perspectives*. Cambridge University Press.

WIENER, Norbert (1993). *Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos* (trad. José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix.

Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

Semiótica da Cultura: a perspectiva da Semiótica Sistemática

Irene Machado

3ª. feira das 14 às 17

EMENTA

O conceito de cultura como texto abriu um caminho para o desenvolvimento de um novo domínio de idéias científicas em torno do qual se constituiu a semiótica sistemática. Segundo essa abordagem, não é a cultura o objeto privilegiado de estudo, mas seus sistemas de signos. A proposta desse curso é travar um contato com esse campo teórico que privilegiou o estudo da comunicação como problema semiótico de base e que definiu os sistemas da cultura como sistemas modelizantes. Com isso, espera-se chegar à compreensão dos textos culturais como estruturas pensantes formadoras da semiosfera.

Além das discussões teóricas, o curso prevê encaminhamentos para análise crítica de sistemas semióticos vinculados ao objeto de pesquisa do aluno.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

HOME PAGE Semiótica russa:

<http://www.pucsp/~cos-puc/cultura/index.html>

LOTMAN, I. *A estrutura do texto artístico* (trad. M.C.V.Raposo). Lisboa: Estampa, 1978.

_____. *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukmann). Bloomington: Indiana University Press, 1990.

LOTMAN, Jurij M. & USPENSKIJ, Boris A. *Tipologia della cultura* (trad. Manila Barbato e outros). Milano: Bompiani, 1973.

_____. *Travaux sur les systèmes de signes. École de Tartu* (trad. Anne Zouboff). Bruxelles: Complexe, 1976.

LOTMAN, I.; USPENSKIJ, B.; IVANOV, V. *Ensaio de Semiótica Soviética* (trad. Salvato T. Meneses). Lisboa: Novo Horizonte, 1981.

LUCID, Daniel P. (org.). *Soviet Semiotics. An Anthology*. The Johns Hopkins University Press, 1977.

NAVARRO, Desidério. *La Semiosfera*. (3 vols.). Madrid: Cátedra, 1998.

✶ SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

USPENSKIJ, B.A.; IVANOV, V.V.; TOPOROV, V.N.; PJATIGORSKIJ, A M.; LOTMAN, Ju.M. *Theses on the Semiotic Study of Cultures (As applied to Slavic Texts)*. University of Tartu, Department of Semiotics. Tartu Semiotics Library, nº 1, 1998. (e-mail: <semiotics@ut.ee>)

PROGRAMA

1. Campo conceitual

- 1.1. O que é um *texto*? Perspectivas lingüística e antro-po-semiótica.
- 1.2. Conceito de texto nas ciências da linguagem: o legado de Roland Barthes e de Mikhail Bakhtin.

2. Estatuto semiótico do texto

- 2.1. Enunciação – linguagem – semiiose – codificação – estrutura – limite – significação.

3. *Texto* como novo domínio de idéias científicas: a semiótica sistêmica.

- 3.1. Linhas gerais das propostas da Escola de Tártu-Moscou.
- 3.2. Semiótica da cultura como disciplina para os estudos sobre os sistemas de signos. Os fundamentos da teoria da informação e da cibernética.
- 3.3. Mundo como texto: dimensão mitológica.
- 3.4. Arte como texto da cultura, como linguagem, meio de comunicação e sistema modelizante.
- 3.5. Cultura como texto: a modelização do mundo e a heteroglossia da cultura a partir dos códigos culturais.
- 3.6. Comunicação como problema semiótico: informação, codificação, recodificação, significação, controle.
- 3.7. Mecanismo semiótico da cultura: tradução da informação em texto.
- 3.8. O papel da memória nas transmissões: tradução da tradição como programa para o reprocessamento dos sistemas semióticos.
- 3.9. Tipologia da cultura e os universais da cultura: a constituição do intelecto coletivo e da estrutura pensante.
- 3.10. Textualidade semiótica da cultura: artefatos, instrumentos, códigos, ferramentas, suportes e máquinas semióticas.
- 3.11. Semiosfera: a dinâmica dos sistemas de signos na constituição do espaço semiótico.
- 3.12. A semioidiversidade e explosão da cultura: a radicalidade dos sistemas semióticos.

4. Análise semiótica de textos culturais:

- 4.1. caracterização da linguagem
- 4.2. seqüencialização dos signos no tempo e no espaço
- 4.3. configuração enquanto sistema modelizante
- 4.4. dialogia entre os textos na cultura.

TEXTOS PARA LEITURA E RESENHAS

Conceito de texto

- “Da obra ao texto”, Roland Barthes [2]
- “Texto”, Cesare Segre [19]
- “O problema do texto”, Mikhail Bakhtin [1]
- “Arte como linguagem”, Iuri Lotman [8]
- “O conceito de texto e a estética simbolista”, G. Mink [11]

A abordagem semiótica da cultura

- “Mito, nome, cultura”, Lotman e Uspenski [11]
- “A cibernética na história”, N. Wiener [20]
- “The Role of Semiotics in the Cybernetics study of Man”, V. Ivanov [14]
- “Comunicação”, Thomas Sebeok [16]
- “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, C. Geertz [4]
- “Cultural semiotics and culture”, Peter Torop [23]
- “What is culture?”, Roland Posner [6]
- “O homem e as máquinas”, Lucia Santaella [3]
- “O mecanismo semiótico da cultura”, Roland Posner [16]

Sistemas modelizantes

- “Theses on the Semiotic Study of Cultures”, B.A. Uspenski e outros [5]
- “Sobre o problema da tipologia da cultura”, I. Lotman [18]
- “Text and Function”, Lotman & Piatigorski [14]
- “Sobre o mecanismo semiótico da cultura”, Iuri Lotman [11]
- “Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas semióticos modelizantes”, A. Zalizniák e outros [18]
- “Introduzione”, Iuri Lotman e Boris Uspiênski [7]
- “Como entender el modelo del mundo en la semiótica”, S. Zolkiewski [21]

Cultura como texto

- “La semiótica de la cultura y el concepto de texto”, Iuri Lotman [9]
- “El texto y el poliglotismo de la cultura”, Iuri Lotman [9]
- “El texto en el texto”, Iuri Lotman [9]
- “The concept of text in cultural semiotics”, Göran Sonesson [22]

Semiosfera

- “Cerebro - texto - cultura - inteligencia artificial”, Iuri Lotman [10]
- “Acerca de la semiosfera”, Iuri Lotman [9]
- “Lotman's semiosphere and why it is not a seamless web”, I. Portis-Winner [15]

Explosão da semiodiversidade

- “Processi esplosivi”, Iuri Lotman [12]
“Strutura pensanti”, Iuri Lotman [12]
“Scienza e tecnica”, Iuri Lotman [12]
“El progresso gradual”, Iuri Lotman [13]
“Discontinuo y continuo”, Iuri Lotman [13]
“La interseccion semántica como explosion de sentido”, I. Lotman [13]
“La lógica de la explosión”, Iuri Lotman [13]
“El momento de la imprevisibilidad”, Iuri Lotman [13]
“Estructuras internas e influencias externas”, Iuri Lotman [13]
“Em defesa da semiodiversidade”, Antonio Risério [17]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- OK [1] Bakhtin, Mikhail (1992). *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
OK [2] Barthes, Roland (1984). *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.
OK [3] Domingues, Diana (1997). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Unesp.
F [4] Geertz, Clifford (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
[5] Ivanov, V.V. e outros (1998). *Theses on the Semiotic Study of Cultures*. Tartu Semiotics Library.
[6] Koch, Walter (Ed.) (1989). *The Nature of Culture*. Bochum: Brockmeyer.
[7] Lotman, Ju. & Uspenskij, Boris (orgs.) (1973). Introdução. *Ricerche Semiotiche. Nuove tendenze delle scienze umane nell'URSS*. Torino: Einaudi.
E [8] Lotman, Iuri (1978). *A estrutura do texto artístico* (trad. M.Carmo V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.
[9] _____ (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto* (vol 1) (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
[10] _____ (1998). *La semiosfera. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio* (vol. 2) (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
E [11] Lotman, I.; Uspenskii, B.; Ivanov, V. (1981). *Ensaio de semiótica soviética* (trad. V. Navas e S. T. Menezes). Lisboa: Horizontes.
[12] Lotman, Jurij M. (1994). *Cercare la strada. Modelli della cultura* (trad. N. Marcialis). Venezia: Marcilio.
[13] Lotman, Yuri M. (1999). *Cultura y explosion. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social* (trad. D. Muscheti). Barcelona: Gedisa.
[14] Lucid, Daniel P. (Ed.) (1977). *Soviet Semiotics. An Anthology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
[15] Portis-Winner, Irene (1994). *Semiotics of Culture. The Strange Intruder*¹. Bochum: Brockmeyer.
OK [16] Rector, Mônica & Neiva, Eduardo (orgs.) (1995). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes.
[17] Risério, Antonio (2000). *A via Vico e outros escritos*. Salvador: Oiti.
OK [18] Schnaiderman, Boris (org.) (1979). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva.
OK [19] Segre, Cesare (1989). *Enciclopédia Einaudi. Literatura – Texto*. Lisboa: Casa da Moeda.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

Módulo 2 (P.E. 2.1)

Disciplina: Códigos Intersemióticos - Seminário de Pesquisa Aplicada

Tema: Gêneros na comunicação impressa, audiovisual e eletrônico-digital

Professora: Irene Machado

Semestre: 1º/2000

Horário: 4ª feira, das 14às 17h

Créditos: 3

Carga horária: 225 horas

Ementa: Um dos aspectos fundamentais da engenharia da linguagem é a compreensão de sua textualidade. Esse é um dos eixos que orientou o desenvolvimento da lingüística nesse século. Até que ponto elementos dessa engenharia contaminam e organizam a linguagem da comunicação não-verbal que naturalmente adquiriu o estatuto de texto? Como os gêneros são recodificados e atualizados por diferentes meios? Perguntas como essas sustentam investigações sobre os gêneros do discurso produzido pela combinação de meios. Trata-se de uma contrapartida à noção de gênero como classe e à idéia da morte do discurso no mundo "plugado" pela comunicação eletrônico-digital.

A proposta desse curso é se aproximar dessa investigação no sentido de compreender a textualidade da comunicação contemporânea em sua configuração sistêmica. Para isso, além de uma revisão das teorias dos gêneros (fundadas na voz e na *littera*), propõe-se uma análise da engenharia da linguagem em meios impressos, audiovisuais e eletrônico-digitais. Espera-se discutir a noção de gênero discursivo como instrumento para a análise textual dos sistemas de signos da cultura, não apenas na produção como também nos processos de recepção e de recodificação das mensagens.

Bibliografia básica:

- BAKHTIN, M.M. (1986). *Speech Genres and other Late Essays* (trad. Vern W. McGee). Austin, University of Texas Press.
- BETTETINI, Gianfranco (1996). *La conversacion audiovisual. Problemas de la enunciación fílmica-televisiva* (trad. V. Ponce). Madrid, Catedra.
- BROWN, John Seely & DUGUIT, Paul (1994). "Borderline Issue: Social and Material Aspects of Design". *Human-Computer Interaction*, vol. 9, pp. 3-36.
- COHEN, R. (1988). "Do Postmodern Genres Exist?" *Postmodern Genres* (ed. by Marjorie Perloff). University of Oklahoma Press.
- ENCICLOPÉDIA EINAUDI (1989). *Literatura-Texto*. Porto, Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Vol. 17.
- IGLESIAS SANTOS, Montserrat (org.) (1999). *Teoría de los polisistemas*. Madrid, Arco/Libros.
- NUNBERG, Geoffrey (1996). Les langues des sciences dans le discours électronique. *Sciences et langues en Europe* (R. Chartier & P. Corsi, eds.). Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- RISÉRIO, Antonio (1998). *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado.
- SLAYDEN, D. & WHILLOCK, R.K. (1999). *Soundbite Culture. The Death of Discourse in a Wired World*. London, Sage Publications.
- SILVERSTEIN, M. & URBAN, Greg (eds.) (1996). *Natural Histories of Discourse*. The University of Chicago Press. ...
- VERÓN, Eliseo (1996). *La semiosis social. Fragmentos de una teoría de la discursividad*. Barcelona, Gedisa.

Programa:

1. Gêneros como instrumento crítico da semiótica aplicada ao estudo da organização das mensagens na cultura.
 - *Texto Introdutório do Curso*
2. O campo conceitual dos gêneros: gêneros como discurso (*speech acts*); como espécies biológicas; como famílias; como instituições.
 - *Arte Poética*, Aristóteles.
 - "Analogies, Theories, and the Concept of Genre". In: *Metaphors of Genre. The Role of Analogies in Genre Theory*, David Fishelov*.
3. Gêneros na perspectiva mimética: *genus X species*; a tríade aristotélica; voz como meio para a representação narrativa.
 - "The Law of Genre". In: *Acts of Literature*, Jacques Derrida*.
 - "Formas de tempo e de cronotopo no romance (Ensaio de poética histórica). "O romance grego". In: *Questões de literatura e de estética*, Mikhail Bakhtin.
4. Gêneros na perspectiva histórico-evolutiva: continuidade, deslocamento e assimilação dinâmica.
 - "Littérature médiévale et théorie des genres", Hans Robert Jauss*. In: *Theories des genres*.
 - *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. (Apresentação do problema), Mikhail Bakhtin.
5. Gêneros na perspectiva dialógica: processo combinatório e as dimensões discursivas da linguagem: a aventura das idéias.
 - "Particularidades das obras de Dostoiévski do ponto de vista do gênero e de sua composição". In: *Problemas da poética de Dostoiévski*, Mikhail Bakhtin.
 - "Why Dialogues? Plato's Serious Play", Rosemary Desjardins*. In: *Platonics Writings. Platonic Readings*, Charles L. Griswold (ed.).
6. Emergência da prosa: mundo prosaico e prosificação da cultura. Texto & gêneros: como os discursos se organizam nas esferas públicas de uso dos signos.
 - "The Prosaic World". In: *The Emergence of Prose*, Jeffrey Kittay & Wlad Godzich*.
 - "Os gêneros do discurso". In: *Estética da criação verbal*, Mikhail Bakhtin.
7. Mapeamento dos gêneros na comunicação contemporânea: mídias comunicacionais como gêneros.
 - *Análise aplicada das teorias*.

* Os textos indicados com asterisco estarão disponíveis na pasta xerox.

8. Gêneros e mídias: contaminação, complementaridade e hibridismo nas formas de comunicação.
 - "Do Postmodern Genres Exist?", Ralph Cohen*. In: *Postmodern Genres*, Marjorie Perloff.
 - "Rush Hour. Stylistic Features of a Russian Interview Program", Lara Ryazanova*. *Orality, Literacy and Modern Media*, Dietrich Scheunemann (ed.).
 - *Teoría de los polisistemas*, Montserrat Iglesias Santos (org.)*.
9. Gêneros e os estudos da recepção: processos de recodificação das mensagens.
 - *La conversation audiovisual*, Gianfranco Bettetini.
 - *A opinião no jornalismo brasileiro*, José Marques Melo.
10. O conceito de gêneros digitais a partir da expansão dos sistemas de escrita. Hipertexto: sistema de escrita, modalidade discursiva ou gênero digital? Existe discurso no mundo "plugado"?
 - "Digital Genres and the New Burden of Fixity", S. Yates & T. Sumner*.
 - "Internet and Public Discourse", Phil Agre. In: *First Monday*.
 - *Soundbite Culture. The Death of Discourse in a Wired World*, D. Slayden & R.K. Whillock*.
 - *Internet et Après?*, Dominique Wolton*.
11. Comunicação on-line: gêneros do discurso científico, informativo e organizacional. Documentos oficiais, publicidade, revistas eletrônicas (particularmente as acadêmicas) e jornal on-line.
 - "The Social Life of Documents", John Seely Brown & Paul Duguit. In: *First Monday*.
 - *First Monday. Peer-Reviewed Journal on the Internet*.
 - *PostmodernCulture*.
 - *Observatório de Imprensa*.
12. Ciber-gêneros e comunidades virtuais: a interatividade das narrativas digitais e on-line. O destino do narrador oral. As implicações do conceito de gênero no *design* dos softwares.
 - "Dialogical Thinking in the Digital Era: Paradoxes of Cyberculture*".
 - *Social Interaction on the Net: Virtual Community as Participatory Genre*, Thomas Erickson.
13. Semiótica aplicada: análise de casos das comunicações institucionais.
14. Semiótica aplicada: análise de casos da mídia impressa.
15. Semiótica aplicada: análise de casos da mídia audiovisual.
16. Semiótica aplicada: análise de casos da mídia eletrônico-digital.
17. Organização dos resultados.

Fichamentos (Textos obrigatórios):

The Law of Genres, Jacques Derrida - entrega: 15 de março

Os gêneros do discurso, Mikhail Bakhtin - entrega: 05 de abril

Do Postmodern Genres Exist?, Ralph Cohen - entrega: 03 de maio

Dia 07 de junho: entrega do fichamento de um texto teórico da bibliografia a ser escolhido segundo os interesses da pesquisa do aluno.

Objetivos:

Valorizar os gêneros como mecanismos semióticos dos textos da cultura.

Entender a organicidade das mensagens no processo de produção, recepção e recodificação.

Mapear os gêneros da comunicação contemporânea não através de classes mas de sistemas complementares.

Propor encaminhamento para a análise dos processos comunicacionais na cultura planetária.

Metodologia

O curso será desenvolvido com alternância de blocos:

1. de debate teórico
2. de mapeamento dos gêneros
3. de análise dos sistemas correlacionados

Avaliação:

1. Resenha crítica dos textos teóricos: 20% da nota
2. Seminário aplicado: análise de casos: 30% da nota
3. Monografia final: 50% da nota

Bibliografia complementar:

BAIRON, Sérgio (1995). "O discurso do hipertexto". *Multimídia*. São Paulo, Global.

BAKHTIN, Mikhail (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Universidade de Brasília.

_____. (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

_____. (1988). *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec; Unesp.

_____. (1992). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

BROWN, John Seely & DUGUIT, Paul (1994). "Borderline Issue: Social and Material Aspects of Design". *Human-Computer Interaction*, vol 9, pp. 3-36.

_____. (1996). "Keep It Simple". *Bringing Design to Software* (Terry Winograd, org.). Addison-Wesley.

DERRIDA, Jacques (1992). *Acts of Literature*. New York: Routledge.

- FISHELOV, David (1993). *Metaphors of Genre. The Role of Analogies in Genre Theory*. The Pennsylvania State University Press.
- GENETTE, Gérard e outros (1978). *Théorie des genres*. Paris: Seuil.
- GILSTER, Paul (1997). *Digital Literacy*. New York: John Wiley & Sons.
- GRISWOLD Jr., Charles L (ed.) (1988). *Platonic Writings. Platonic Readings*. New York: Routledge.
- KITTAY, Jeffrey & GODZICH, Wlad (1987). *The Emergence of Prose*. Minneapolis University Press.
- LANDOW, George P. (1992). *Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. The Johns Hopkins University Press.
- LAUREL, Brenda (1991). *Computer as Theatre*. New York: Addison-Wesley Publishing Company.
- MACHADO, Arlindo (1999). "Pode-se falar em gêneros na televisão?". *Revista FAMECOS: mídia, cultura, tecnologia*. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS - n° 10: 142-158, jun. 1999.
- MACHADO, Irene (1996b). "Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin". *Lingua e Literatura*, n. 22, pp. 89-105.
- _____. "Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica". Palestra proferida na Semana de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. CEFET, Curitiba, 1999.
- _____. "Gêneros no contexto digital" (no prelo).
- _____. (1995). *O romance e a voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1996c). "Os gêneros e as ciência dialógica do texto". *Diálogos com Bakhtin* (Carlos Faraco e outros, orgs.). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- MELO, José Marques de (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- MURRAY, Janet H. (1997). *Hamlet on the Holodeck. The Future of Narrative in Cyberspace*. Cambridge: MIT Press.
- PEEK, Robin & NEWBY, Gregory(eds.) (1996). *Scholarly Publishing. The Electronic Frontier*. Cambridge: The MIT Press.
- PERLOFF, Marjorie (1991). *Radical Artifice. Writing Poetry in the Age of Media*. The University of Chicago Press.
- RISÉRIO, Antonio (1998). *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado.
- SÁNCHEZ-MESA MARTÍNEZ, Domingo (1999). "Dialogical Thinking in the Digital Era: Paradoxes of Cyberculture". *Dialogism. An International Journal of Bakhtin Studies*. N. 3, pp.104-131.
- SCHEUNEMANN, Dietrich (1996). *Orality. Literacy and Modern Media*. Columbia: Camden .
- TODOROV, Tzvetan (1970). *Os gêneros do discurso* (trad. Ana M. Leite). Lisboa: Edições 70.
- TOMASULA, Steve (1998). "Bytes and Zeitgeist. Digitizing the Cultural Landscape". *Leonardo. Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology*. Vol. 31, No. 5: 337-344.
- TRAUB, Charles H. & LIPKIN, Jonathan (1998). "If We Are Digital. Crossing Boundaries". *Leonardo. Journal of the International Society for the Arts, Sciences and Technology*. Vol. 31, No. 5: 363-366.
- TUMAN, Myron C. (1992). *World Perfect. Literacy in the Computer Age*. University of Pittsburgh Press.
- WILSON, Edward O. (1999). "Dos genes à cultura". *A unidade do conhecimento consilência* (trad. Ivo Korytowski). Rio de Janeiro: Campus.
- WOLTON, Dominique (1999). *Internet et après?*. Paris: Flammarion.

Fontes na web:

CHANDLER, Daniel (1997). *An Introduction to Genre Theory*.
<http://www.aber.ac.uk/~dgc/intgenre.html>

ERICKSON, Thomas (1996). "Social Interaction on the Net: Virtual Community as Participatory Genre". *Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Sciences*, January, 6-10, 1996, Maui, Hawaii.

http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html

_____ (1998). "Genre Theory as a Tool for Analyzing Network-Mediated Interaction: The Case of the Collective Limericks".

http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/Genre.chi98.html

KNIGHT, Deborah (1997). *Making Sense of Genre*.

http://www.hanover.edu/philos/film/vol_02/knight/html

MACHADO, Irene. "Impacto ou explosão? Cultura tecnológica e metáfora balística".

<http://www.itaucultural.org>.

_____. "Intervalo: caminhos para a crítica das linguagens interagentes". *Rumos Literatura e Crítica*.

<http://www.itaucultural.org>.

Revistas

Digital Documents Track. Hawaii International Conference on Systems Sciences.

<http://www.hicss.hawaii.edu/>

First Monday. Peer-Reviewed Journal on the Internet. <http://www.firstmonday.dk/>

Postmodern Cultures. <http://www.jefferson.village.virginia.edu/>

Hipertexto. <http://www.facom.ufba.br/>

Observatório de Imprensa. <http://www2.uol.com.br/>

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA - PUC-SP
Disciplina: CÓDIGOS E GESTÕES CULTURAIS 1º Sem 1998
Duração: 15 semanas
Profa. Dra. Irene Machado

PROGRAMA

1. Cultura e gestão
 - 1.1. Sistemas de signos e gestões culturais do conhecimento
 - 1.2. Evolução e expansão dos sistemas de escrita
 - 1.3. Culturas da escrita e suportes tecnológicos
 - 1.4. Interfaces da palavra mediada: o exemplo dos *talking drums*, *talked books*, *talking shows*
 - 1.5. Códigos culturais e suas fronteiras
 - 1.6. Encadeamento de códigos
 - 1.7. Cruzamento de meios
 - 1.8. Migração de códigos e meios nas redes de mídias
 - 1.9. Jornal como mídia convergente dos sistemas de escrita: sistema impresso, sistema áudio-visual, sistema digital e *on-line*
2. Cultura e explosão
 - 2.1. Realinhamento das gestões culturais
 - 2.2. Semiodiversidade. Semiosfera. Hibridismo
 - 2.3. Fronteiras na cultura das mídias
3. Cultura e o processo de transmissão
 - 3.1. Gêneros e organização semiótica das mensagens
 - 3.2. O princípio combinatório dos gêneros nas mídias (palavra-som-imagem-movimento)
 - 3.3. Prosificação da Cultura
 - 3.4. Prosaica e o dinamismo dos gêneros na cultura
 - 3.5. O fenômeno da miscigenação, contaminação, bivocalidade nos gêneros discursivos
 - 3.6. Gêneros do jornal e do jornalismo
 - 3.7. O discurso dentro do discurso: gêneros discursivos em gêneros jornalísticos.
Artigo, Resenha, Ensaio
4. Ciência & Mídia: gestão cultural e modelização semiótica
 - 4.1. Informação como conhecimento
 - 4.2. Dialogia e rebaixamento grotesco na cultura
 - 4.3. A prosa científica: literaturidade *versus* cientificidade
 - 4.4. A teoria das "duas culturas"
 - 4.5. A vulgarização do discurso científico como fenômeno dialógico
 - 4.6. Mecanismos textuais e modelizações semióticas
 - 4.7. A emergência da "terceira cultura"
 - 4.8. O jornalismo científico

CRONOGRAMA

1^a Preliminares: Semiótica *aplicada* aos sistemas de signos da cultura.

2^a Códigos e gestões culturais do conhecimento: do *sensorium* da palavra ao sensorialismo eletrônico. A palavra entre o som e a imagem.

> "The Word and the Sensorium". ONG, Walter J. (1967). *The Presence of the Word. Some Prolegomena for Cultural and Religious History*.

> "Oral versus Literate Listening". KERCKHOVE, Derrick de (1997). *The Skin of Culture. Investigating the New Electronic Reality*.

> "Palavra, imagem&enigmas". SANTAELLA, Lucia (1992-3). *Revista USP*, n16.

3^a Cruzamentos na cultura: cultura letrada e cultura eletrônica oral.

Análise comparativa: Os exemplos dos *talking drums, talking books, talking shows*.

> "Media Transformation: The Talked Book". ONG, Walter J. (1977). *Interfaces of the Word. Studies in the Evolution of Consciousness and Culture*.

> "African Talking Drums". ONG, Walter J. (1977), cit.

> "The Changing Face of Common Intercourse: Talk Poetry, Talk Show, and the Scene of Writing". PERLOFF, Marjorie (1991). *Radical Artifice. Writing Poetry in the Age of Media*.

4^a Culturas da escrita: sistemas de escrita e suportes tecnológicos.

Seminário: Sistemas de escrita e gestões do jornal impresso.

> "Transformations of the Word". ONG, Walter J. (1967), cit.

> "Culturas das mídias". SANTAELLA, Lúcia (1996). *Cultura das mídias*.

> "Recuperação da escrita". SANTAELLA, Lúcia (1999). *Atrator Estranho*.

5^a Códigos culturais e suas fronteiras: a escrita da imagem e do movimento.

Exibição e discussão do vídeo:

Resenha jornalística.

> *Revista USP. Dossiê Palavra-Imagem*. n. 16, 1992-3.

> "Analogue and Digital Mindframes. New Trends in Computing". KERCKHOVE, D. cit.

6^a Cultura e explosão: semiosfera e semiodiversidade.

Seminário: Palavra e imagem: gêneros do jornal e do jornalismo como representações da semiosfera.

> *La Semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. LOTMAN, J. M. (1985)

7^a Cultura e explosão: **Mesa-redonda: Impacto ou explosão? Semiodiversidade ou determinação? Cultura e evolução: a memória não-hereditária e/ou intelecto coletivo?**

Redação de um artigo para comunicação

> "The Global Semiosphere". HOFFMEYER, Jesper (1997).

<http://www.molbio.ku.d...esper/Semiosphere.html>

> "Cultura Tecnológica & O Corpo Biocibernético" (1998).

<http://www.pucsp.br/~cos-puc/interlab/santaell/index.htm>

> "Processi esplosivi". LOTMAN, I. (1994). *Cercare la strada. Modelli della cultura*.

> "Il laboratorio della imprevedibilità". LOTMAN, Jurij M. (1994), cit.

8^a A prosificação da cultura e os gêneros das transmissões.

- > "Os gêneros do discurso". BAKHTIN, Mikhail (1992). *Estética da criação verbal*
- > "O romance e a prosificação da cultura". MACHADO, Irene A. (1995). *O romance e a voz. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*.
- > "Particularidades das obras de Dostoiévski do ponto de vista do gênero e de sua composição. BAKHTIN, Mikhail M. (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski*.

9^a Os gêneros discursivos na mídia impressa e áudio-visual.

Análise: O talking show de José Américo Pessanha no programa Ética, TV Cultura.

10^a Cultura e fronteiras: as fronteiras entre cultura literária e científica.

- > *La Semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti*. LOTMAN, J. M. (1985)
- > SNOW, C.P. (1993). *The two cultures*.
- > "Dos Genes à Cultura". WILSON, Edward O (1999). *A unidade do conhecimento. Consciência*.

11^a Ciência & Mídia - aspectos da comunicação no jornalismo científico: a interação tradução e bivalocidade discursivas.

- > "O discurso no romance", BAKHTIN, M. (1988). *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*.
- > "Identity and Social Relations in Media Texts". FAIRCLOUGH, Norman (1995). *Media Discourse*.
- > "Semiótica e o estudo das mídias". NÖTH, Winfred (1996). *Face*, vol.5., n. 1.

12^a Ciência & Mídia - a vulgarização do conhecimento científico. Aspectos dialógicos do rebaixamento grotesco na cultura.

- > JACOBI, Daniel (1987). *Textes et images de la vulgarisation scientifique*.
- > "Introdução. Apresentação do problema". BAKHTIN, Mikhail M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais*.

13^a Ciência & Mídia - conhecimento e informação: da função crítica (fundada no mecanismo irônico) à função cognitiva (fundada no princípio da complementaridade).

- > "Mundos variáveis, modelizações semióticas". MERRELL, Floyd & ANDERSON, Myrdene. *Face*, vol. 3. n.1.

14^a Comunicação científica e a modelização semiótica: a emergência da "terceira cultura".

- > "The Emerging third Culture". BROCKMAN, John. *The third Culture* (1995).

15^a Encontro das gestões culturais do conhecimento.

Análise do romance: The Cambridge Quintet. A Work of Scientific Speculation de John L. Casti (1998).

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail (1992). *Estética da criação verbal* (trad. M.E.G. Gomes). São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (1981). *Problemas da poética de Dostoiévski* (trad. Paulo Bezerra). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____ (1988). *Questões de Literatura e de Estética. A teoria do romance* (trad. A F. Bernardini e outros). São Paulo, HUCITEC; UNESP.
- BIOCCA, Frank (1990). "Semiotics and mass communication research". SEBEOK, Th. A & UMIKER-SEBEOK, Jean (eds.). *The Semiotic Web*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- BLONSKY, Marshall (ed.) (1985). *On Signs*. The Johns Hopkins University Press.
- BROCKMAN, John (1995). *The Third Culture*. New York: Touchstone Book.
- BURKETT, Warren (1990). *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia* (trad. A Trânsito). Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- CASTI, John L. (1998). *The Cambridge Quintet. A Work of Scientific Speculation*. Massachusetts, Helix Books.
- FAIRCLOUGH, Norman (1995). *Media Discourse*. London: Edward Arnold.
- GARDNER, Howard (1982). *Art, Minds & Brain. A Cognitive Approach to Creativity*. New York, Basic Books.
- HOFFMEYER, Jesper (1997). "The Global Semiosphere".
<http://www.molbio.ku.d...esper/Semiosphere.html>
- JACOBI, Daniel (1987). *Textes et images de la vulgarisation scientifique*. Paris: Peter Lang.
- KERCKHOVE, Derrick (1997). *The Skin of Culture. Investigating the New Electronic Reality*. London: Kogan Page.
- KERSENBOOM, Saskia (1995). *Word, Sound, Image. The Life of the Tamil Text*. Oxford: Berg Publishers.
- LOTMAN, J. M. (1985). *La Semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (trad. S. Salvestroni). Venezia, Marsilio.
- _____ (1994). *Cercare la strada. Modelli della cultura*. Venezia, Marsilio.
- _____ (1990). *The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture* (trad. Ann Shukman). Indiana University Press.
- MACHADO, Arlindo (1995). "As comunicações sob o impacto da informática". *Comunicação e Educação*, ano 1, n. 2, jan.abr., pp. 14-20.
- _____ (1998). "Televisão: a questão do repertório. Um panorama crítico sobre o universo cultural e estético da televisão". *Imagens*, n. 8, maio-ago. Editora da UNICAMP.
- MACHADO, Irene A. (1995). *O romance e a voz. A prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago.
- MALINOWSKY, Bronislaw (1944). *A Scientific Theory of Culture and other essays*. The University of North Carolina Press.
- MELO, José Marques (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- MERREL, Floyd & ANDERSEN, Myrdene (1990). "Mundos variáveis, modelizações semióticas". *Face. Revista de Semiótica e Comunicação*, vol. 3, n. 1, jan.jun. 1990.
- MEZAN, Renato (1998). *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- NÖTH, Winfried (1996). "Semiótica e o estudo das mídias". *Face. Revista de Semiótica e Comunicação*, vol. 5, n. 1, jan.jun. 1996.
- _____ (ed.) (1997). *Semiotics of the Media*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- NOVAES, Adauto (1991). *Rede Imaginária. Televisão e democracia*. São Paulo: Cia das Letras.
- ONG, Walter J. (1977). *Interfaces of the Word. Studies in the Evolution of Consciousness and Culture*. Cornell University Press.
- _____ (1967). *The Presence of the Word. Some Prolegomena for Cultural and Religious History*. University of Minnesota Press.

PERLOFF, Marjorie (1991). *Radical Artifice. Writing Poetry in the Age of Media*. The University of Chicago Press.

PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle (1988). *Entre o tempo e a eternidade* (trad. F. Fernandes e J.C. Fernandes). Lisboa: Gradiva.

Revista USP. Dossiê Palavra-Imagem. n. 16, 1992-3.

SANTAELLA, Lúcia (1998). "Cultura tecnológica & o corpo biocibernético".

<http://www.pucsp.br/~cos-puc/interlab/santaell/index.htm>

_____. (1996). "Culturas das mídias". *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento.

_____. (1992-3). "Imagem, palavra & enigmas". *Revista USP*, n. 16.

_____. (1999). "Recuperação da escrita". *Atrator Estranho*. Ano V, n. 36, janeiro de 1999.

SEBEOK, Thomas A (1991). *A Sign is just a Sign. La Semiotica Globale* (trad. S. Petrilli). Milano: Spirali.

SNOW, Charles P. (1993). *The Two Cultures*. Cambridge University Press.

TUBAU: Iván (1993). *Periodismo oral. Hablar y escribir para radio y televisión*. Barcelona, Paidós.

WEINER, Norbert (1993). *Cibernética e sociedade. O uso humano de seres humanos* (trad. José Paulo Paes). São Paulo, Cultrix.

WILSON, Edward O (1999). *A unidade do conhecimento. Consciência. Seria a ciência capaz de explicar tudo?* (trad. Ivo Korytowski). Rio de Janeiro: Campus.

METODOLOGIA

1. O curso será desenvolvido sob forma de discussão e análises, ou, seminários. Para isso as teorias e conceitos que servirão de instrumentos para as análises serão discutidos através de questões que serão apresentadas previamente ao grupo.
2. Problemas teóricos que exigem confrontos diversificados serão debatidos em nossa Lista de Discussão CultCode. Todos os alunos deverão passar pela discussão *on-line*.
3. Programas televisuais ou videográficos e audições serão eventos-aula, ou seja, inseridos num contexto de discussão. Não serão oferecidos fora dessa situação.

AVALIAÇÃO

1. Participação na lista de discussão: 10% da nota
2. Participação em seminários: 15% da nota
3. Produção escrita: Resenha crítica e Artigo: 25% da nota
4. Ensaio: monografia final 50% da nota

Março 1999



PRO-REITORIA
DE
POS-GRADUAÇÃO

CÂMARA CURRICULAR DO CoPGr

FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE DISCIPLINAS

SIGLA DA DISCIPLINA: _____ SIGLA DO DEP.: _____

NOME DA DISCIPLINA: A ANÁLISE DO DISCURSO E A TEORIA DO TEXTO SEGUN-
DO M. BAKHTIN - CONTRIBUIÇÕES PARA A TEXTUALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA.

ÁREA: Linguística Textual

Nº DA ÁREA: _____

VALIDADE INICIAL (Ano/Semestre): _____

Nº DE CRÉDITOS: _____ : - Aulas Teóricas: 8
- Aulas Práticas,
Seminários e Outros: 4
- Horas de Estudo: _____

DURAÇÃO EM SEMANAS: 12

DOCENTE RESPONSÁVEL: NOME E NÚMERO USP

- Irene A. Machado
- _____
- _____

Caso o docente já seja credenciado na área, indicar a data da aprovação do mesmo pelo CoPGr:
____/____/____

CUSTOS REAIS DA DISCIPLINA: _____
(Apresentar, se pertinente, orçamento previsto para o exercício, em folha anexa)

PROGRAMA

- OBJETIVOS: Considerando a projeção que as teorias do texto têm
apresentado no campo dos estudos da linguagem, o objetivo imediato
é a ampliação e aprimoramento dos estudos das idéias de M. Bakhtin.
Para isso, o curso toma a noção de texto como unidade diversificada
e complexa, no sentido de levar o aluno a transpor as propostas de
Bakhtin para sua prática textual, seja na realização da pesquisa
acadêmica, seja na atividade de ensino, seja na prática de constru-
ção de textos na vida profissional.



- JUSTIFICATIVA: Já em suas primeiras reflexões teóricas, nas primeiras décadas desse século, Bakhtin insistia na idéia de valorização do texto como objeto privilegiado de estudo em ciências humanas. O texto como representação discursiva e estética. Os discursos no texto não só representam, eles são objetos de representação. Tal postura justifica uma maior aproximação de seu sistema teórico-prático. Também interessa aplicar Bakhtin na análise de práticas sociais da linguagem, marcadas pela expansão de procedimentos construtivos e pelo diálogo de linguagens. Operando no cruzamento de várias disciplinas, filosofia da linguagem, antropologia, estética, semiótica, Bakhtin desenvolve instrumentos de análise - como os gêneros discursivos - adequados para o estudo desse universo em expansão. Um exemplo é a implicação das idéias bakhtinianas para a construção de teorias di-

- CONTEÚDO:

1. Enunciação e gêneros discursivos: metalinguística e plurilinguismo
2. Radicalidade do dialorismo como ciência das relações. Estratificação interna das linguagens em línguas e dialetos. Heteroglossia.
3. A teoria do discurso citado: apropriação polêmica do discurso.
4. Diálogo como gênero discursivo: circuito da responsabilidade, combinatória dos gêneros e construção de redes hipertextuais.
5. Paródia como transgressão discursiva: formação estilística.
6. Uma retórica materialista: o discurso entre as fronteiras do verbal e do não-verbal (entoação e tato: speech act X speech tact).
7. O discurso grotesco: a ótica do rebaixamento e a política textual de abertura em relação às diferenças discursivas.
8. Teatralidade das representações discursivas: excedente de visão, princípio de extraposição e lei do posicionamento.
9. Arquitetônica como estrutura discursiva do pensamento e do sentido
10. Voz e corpo no texto: a prosaica e os limites da representação do homem e de sua linguagem. Da prosa científica e da estética.
11. Ficcionalidade das vozes discursivas: skaz como interface da escrita e como representação dos gêneros discursivos da oralidade.
12. Formações discursivas do imaginário: diálogo interior e o processo de aquisição e expansão da linguagem. Do texto ao hipertexto.



BIBLIOGRAFIA: específica

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais. S.P., Hucitec, 1987.

. Problemas da poética de Dostoiévski. R.J. Imago, 1981.

. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. S.P. Hucitec, UNESP, 1988.

. Art and Answerability: early Philosophical works by M.M. Bakhtin (ed. Vadim Liapunov and K. R. Brostron). Austin, 1998.

. Speech genres and other late Essays (ed. M. Holquist and Caryl Emerson). Austin, Texas Press, 1986.

. Toward a Philosophy of the Act. (ed. V. Liapunov and M. Holquist). Austin, Texas Press, 1993.

BAKHTIN, M.M. & MEDVEDEV, P.N. The Formal Method in Literary Scholarship: a Critical introduction to Sociological Poetics. Baltimore & London, Johns Hopkins, 1978.

BARROS, D.J.P & FIORIN, J.L. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin. S.P. EDUSP, 1994.

FARACO, CA. e outros. Uma introdução a Bakhtin. Curitiba, Hatier, 1988.

HOLQUIST, M. Dialogism: Bakhtin and his world. N.Y. Routledge, 1990.

MACHADO, I.A. O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin. R.J. Imago, 1995.

SCHNAIDERMAN, B. Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin. S.P. Duas Cidades, 1983.

OBSERVAÇÕES: (continuação da Justificativa)

dático-culturais de construção do hipertexto eletrônico. A justificativa maior desse curso é a possibilidade de servir-se do dialogismo bakhtiniano para compreender os produtos culturais brasileiros em sua constituição textual singular e em sua relação com as culturas do mundo. O texto cultural brasileiro como objeto privilegiado de estudo segundo as formulações de M. Bakhtin.

(continuação da Bibliografia)

STAM, R. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. Ática, 1992.

VOLOSINOV, V.N. Marxism and the Philosophy of Language. Cambridge, Harvard Press, 1993.

Programa de Cursos Ministrados em:

Graduação

Formação de Docentes

**Programa de Cursos Ministrados em
Graduação**

Língua Portuguesa para Curso de:

Comunicação Social

Letras

Programação

1. Introdução ao discurso publicitário:
 - 1.1. caráter signífico do texto publicitário
2. Articulação da linguagem e sua dimensão logotécnica:
 - 2.1. nível morfo-semântico:
 - 2.1.1. neologia
 - 2.1.2. alienação lingüística e/ou uso de palavras niveladas
 - 2.2. nível sintático:
 - 2.2.1. discurso paratático
 - 2.2.2. uso do artigo, preposição, adjetivo, verbo
 - 2.3. nível estilístico:
 - 2.3.1. níveis articulatórios da comunicação: funções da linguagem
 - 2.3.2. linguagem poética e linguagem publicitária:
 - a) função estética na publicidade
 - b) retórica do signo publicitário: verbal e visual
 - c) publicidade e pop art
3. Tipologia do discurso no texto publicitário:
 - 3.1. discurso descritivo:
 - 3.1.1. descrição conceitual ou convencional
 - 3.1.2. descrição indicial
 - 3.1.3. descrição analógica ou sensorial
 - 3.2. discurso narrativo.
 - 3.3. discurso dissertativo:
 - 3.3.1. constituintes lingüísticos
 - 3.3.2. tipologia do discurso dissertativo:
 - a) hipotético
 - b) indutivo
 - c) dedutivo

Bibliografia básica obrigatória:

1. Jean Baudrillard, "A publicidade", em O sistema dos objetos, SP, Perspectiva.
2. Umberto Eco, A estrutura ausente, SP, Perspectiva.
3. Roland Barthes, Mitologias, SP, Difusão européia do livro, 1972.

Avaliação:

- Trabalhos individuais (peso 3)
- Trabalhos em grupo (peso 3)
- Produção escrita individual (peso 4)

Guarado
1984

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA -- IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 -- CEP -- 04043

São Paulo -- São Paulo

III -- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução ao discurso publicitário:
 - 1.1. caráter sógnico do texto publicitário.
2. Articulação da linguagem e sua dimensão logotécnica:
 - 2.1. nível morfo-semântico:
 - 2.1.1. neologia
 - 2.1.2. alienação lingüística e/ou uso de palavras niveladas
 - 2.2. nível sintático:
 - 2.2.1. discurso paratático
 - 2.2.2. uso do artigo, preposição, adjetivo, verbo
 - 2.3. nível estilístico:
 - 2.3.1. níveis articulatórios da comunicação: funções da linguagem
 - 2.3.2. linguagem poética e linguagem publicitária:
 - a) função estética na publicidade
 - b) retórica do signo publicitário: verbal e visual
 - c) publicidade e pop art
3. Tipologia do discurso no texto publicitário:
 - 3.1. discurso descritivo:
 - 3.1.1. descrição conceitual ou convencional
 - 3.1.2. descrição indicial
 - 3.1.3. descrição analógica ou sensorial
 - 3.2. discurso narrativo.
 - 3.3. discurso dissertativo:
 - 3.3.1. constituintes lingüísticos
 - 3.3.2. tipologia do discurso dissertativo:
 - a) hipotético
 - b) indutivo ou silogístico
 - c) dedutivo.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto N.º 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: Letras

PERÍODO: 2º

DISCIPLINA: Língua Portuguesa II

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 4 horas/aula.

DEPARTAMENTO: Letras clássicas e vernáculas

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Maria Célia

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ: Irene A. Machado

DATA: 2º semestre de 19 84

I – OBJETIVOS GERAIS

Levar o aluno ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da competência linguística.

II – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Desenvolver habilidades envolvidas nos processos de leitura e redação.

Exercitar técnicas de construção de textos variados.

Iniciar a reflexão da problemática referente ~~xxx~~ à língua.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA - IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 - CEP - 04043

São Paulo - São Paulo

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A PRODUÇÃO DE MENSAGENS ESCRITAS.

1. Leis da teoria da informação:
 - 1.1. quantidade/probabilidade/economia
 - 1.2. redundância
2. Linguagem e comunicação:
 - 2.1. definições: língua, linguagem, signo, código, discurso, texto
 - 2.2. níveis de linguagem: linguagem escrita e falada:
 - 2.2.1. complexo semântico e lexical
 - 2.2.2. vocabulário
 - 2.2.3. entonação
 - 2.2.4. sintaxe
 - 2.2.5. pontuação
 - 2.2.6. a fala na escrita
 - 2.2.7. retórica do discurso
3. Tipologia das mensagens escritas de acordo com as funções da linguagem:
 - 3.1. mensagem referencial:
 - 3.1.1. informe
 - 3.1.2. resenha
 - 3.1.3. descrição
 - 3.1.4. resumos
 - 3.1.5. referências bibliográficas
 - 3.2. mensagem e facilitação:
 - 3.2.1. questão da legibilidade
 - 3.2.2. adaptação: reescritura de textos
 - 3.3. mensagem e expressividade:
 - 3.3.1. carta
 - 3.3.2. resenha crítica
 - 3.4. a mensagem e o outro:
 - 3.4.1. textos informativos
 - 3.4.2. redação comercial
 - 3.5. mensagem e metalinguagem:
 - 3.5.1. dialogia entre códigos
 - 3.5.2. processos de decodificação: análise, explicação, comentário
 - 3.6. valorização da mensagem:
 - 3.6.1. recursos rítmicos, sonoros e tropológicos.

LÍNGUA PORTUGUESA II - 2º SEMESTRE 1984

Quachado

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: Letras

PERÍODO: 3º

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 4 horas/aula.

DEPARTAMENTO: Letras Clássicas e Vernáculas

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Maria Célia Leonel

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ: Irene A. Machado

DATA: 1º semestre de 19 86

I – OBJETIVOS GERAIS

Fornecer ao aluno instrumental teórico para a análise da língua enquanto processo de interação dos indivíduos socialmente organizados.

Levar o aluno a descobrir na língua um sistema dinâmico cujas regras lingüísticas ~~sejam~~ sejam fruto das variações espaço-temporais.

Levar o aluno a perceber na evolução da língua, os mecanismos da evolução dos atos de fala historicamente determinados.

II – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir a dicotomia existente no relacionamento língua falada/ língua escrita.

Estabelecer relações entre evolução dos procedimentos internos da língua e mudanças e variações dos comportamentos lingüísticos.

Assimilar os mecanismos específicos responsáveis pela evolução e constituição lexical da língua portuguesa.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA -- IUP

Reconhecido pelo Decreto N.º 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 -- CEP -- 04043

São Paulo -- São Paulo

III -- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Gramática Histórica: definição e método de estudo
2. Linguagem, Língua, Dialeto
3. Origem das línguas românicas:
 - 3.1. colonização romana
 - 3.2. latim clássico e latim vulgar
 - 3.3. quadro das línguas românicas
4. História da Língua Portuguesa:
 - 4.1. história da Península Ibérica
 - 4.2. épocas históricas da Língua Portuguesa
 - 4.3. formação do vocabulário português
 - 4.4. português arcaico e português moderno
 - 4.5. história da ortografia portuguesa
5. Desenvolvimento lingüístico:
 - 5.1. Fonético:
 - 5.1.1. Fonética Descritiva:
 - a) produção do som:
 - . aparelho fonador; mecanismo do som; qualidade do som;
 - fases de articulação do som
 - b) som-fonema-letra
 - c) classificação dos fonemas:
 - . estudos fonético das vogais
 - estudo fonético das consoantes
 - 5.1.2. Fonética Histórica:
 - a) Prosódia
 - b) Vocalismo
 - c) Consonantismo
 - d) Leis Fonéticas
 - e) Estrutura silábica
 - f) Metaplasmos: aumento, subtração, permuta, transposição
 - 5.2. Morfológico:
 - 5.2.1. Categorias nominais e sua expressão
 - 5.2.2. Estrutura flexional do nome
 - 5.2.3. Morfologia Pronominal
 - 5.2.4. Advérbio
 - 5.2.5. O sistema verbal do latim ao português
 - 5.2.6. Conectores
 - 5.3. Sintático:
 - 5.3.1. subordinação X coordenação
6. Constituição do léxico português:
 - 6.1. algumas noções: raiz, radical, tema, afixos, desinência
 - 6.2. processos de ampliação e renovação lexicais:
 - 6.2.1. Derivação
 - 6.2.2. Composição
 - 6.2.3. Parassíntese
 - 6.2.4. Onomatopéia
 - 6.3. Formas divergentes e convergentes
 - 6.4. Arcaísmos e neologismos
7. Particularidades do português do Brasil

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

VI – BIBLIOGRAFIA

Ismael Lima Coutinho, Gramática Histórica, RJ, Livr. Acadêmica, 1974.

J. Mattoso Câmara, História e estrutura da Língua Portuguesa, RJ, Padrão, 1975.

Erich Auerbach, "Origens das línguas românicas", em Introdução aos estudos literários, SP, Cultrix, 1972.

Manuel Said Ali, Gramática Histórica da Língua Portuguesa, SP, Melhoramentos.

Antenor Nascentes, Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, Rio, 1932.

José Leite de Vasconcelos, Textos arcaicos, Lisboa, 1922.

São Paulo, de de 19

Ass. Professor Responsável

Ass. Professor que ministrará
a disciplina

I. Programação

1. Gramática Histórica: definição e método de estudo
2. Linguagem, Língua, Dialeto
3. Origem das línguas românicas:
 - 3.1. colonização romana
 - 3.2. latim clássico e latim vulgar
 - 3.3. quadro das línguas românicas
4. História da Língua Portuguesa:
 - 4.1. história da Península Ibérica
 - 4.2. épocas históricas da Língua Portuguesa
 - 4.3. formação do vocabulário português
 - 4.4. português arcaico e português moderno
 - 4.5. história da ortografia portuguesa
5. Desenvolvimento lingüístico:
 - 5.1. Fonético:
 - 5.1.1. Fonética Descritiva:
 - a) produção do som:
 - . aparelho fonador
 - . mecanismo do som
 - . qualidades do som
 - . fases de articulação do som
 - b) som - fonema - letra
 - c) classificação dos fonemas:
 - . estudo fonético das vogais:
 - . classificação das vogais
 - . ponto de articulação
 - . intensidade
 - . timbre
 - . encontros vocálicos
 - . estudo fonético das consoantes:
 - . modo de articulação
 - . ponto de articulação
 - . papel das cordas vocais
 - . encontros consonantais e dígrafos
 - 5.1.2. Fonética Histórica:
 - a) Prosódia
 - b) Vocalismo
 - c) Consonantismo
 - d) Leis Fonéticas
 - e) Estruturas silábicas
 - f) Metaplasmos:
 - . por aumento
 - . por subtração
 - . por permuta
 - . por transposição
 - 5.2. Morfológico:
 - 5.2.1. Categorias nominais e sua expressão
 - 5.2.2. Estrutura flexional do nome
 - 5.2.3. Morfologia Pronominal
 - 5.2.4. Advérbio

5.2.5. O sistema verbal do latim ao português

5.2.6. Conectores

5.3. Sintático:

5.3.1. Subordinação X Coordenação

6. Constituição do léxico português:

6.1. algumas noções: raiz, radical, tema, afixos, desinência

6.2. Processos de ampliação e renovação lexical:

6.2.1. Derivação: própria, imprópria, regressiva

6.2.2. Composição: prefixação, justaposição, aglutinação

6.2.3. Parassintetismo

6.2.4. Onomatopéias

6.3. Formas divergentes e convergentes

6.4. Arcaísmos e neologismos

7. Particularidades do português do Brasil

II. Bibliografia básica:

Ismael de Lima Coutinho, Gramática Histórica, RJ, Livr. Acadêmica.

J. Mattoso Camara Jr., História e estrutura da Língua Portuguesa, RJ, Padrão.

III. Sistema de Avaliação

1. Produção em grupo: 40% da nota (=4,0)

2. Produção individual: 60% da nota (=6,0)

Programação / 2º semestre 1985

ASPECTOS ESTILÍSTICOS DA PRODUÇÃO DE TEXTOS: FUNÇÕES DA LINGUAGEM.

I. Linguagem e Comunicação:

1. Teoria da Informação: quantidade/probabilidade/economia/redundância
2. Teoria da Comunicação:
 - 2.1. Funções da Linguagem

II. Tipologia das mensagens escritas de acordo com as funções da linguagem:

1. Mensagem Referencial:

- 1.1. Descrição
- 1.2. Resumo
- 1.3. Monografia:
 - 1.3.1. Tema-Problema-Tese do trabalho
 - 1.3.2. Levantamento bibliográfico
 - 1.3.3. Leitura e documentação
 - 1.3.4. Construção lógica do trabalho
 - 1.3.5. Aspectos técnicos da redação
 - 1.3.5.1. Página de rosto
 - 1.3.5.2. Sumário
 - 1.3.5.3. Notas
 - 1.3.5.4. Citações
 - 1.3.5.5. Bibliografia

2. Mensagem e Facilitação:

- 2.1. Adaptação
- 2.2. Leitura, análise e interpretação de textos:
 - 2.2.1. Análise textual
 - 2.2.2. Análise temática

3. Mensagem e Expressividade:

- 3.1. Resenha crítica:
 - 3.1.1. Discurso dissertativo-argumentativo
 - 3.1.2. Reelaboração da mensagem com base na reflexão pessoal

4. Mensagem e o outro:

- 4.1. Análise interpretativa

5. Mensagem e Metalinguagem:

- 5.1. Dialogia entre códigos
- 5.2. Processos de decodificação

6. Valorização da Mensagem:

- 6.1. Definição lingüística de Estilo
- 6.2. O contexto estilístico
- 6.3. Critérios para a análise do estilo
- 6.4. Morfologia e estilo
- 6.5. Sintaxe e estilo
- 6.6. Análise do estilo literário

Bibliografia básica

Francis Vanoye, Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita, SP, Martins Fontes.

Antônio J. Severino, Metodologia do trabalho científico, Sp, Cortez.

Nils Erik Enkvist e outros, Lingüística e estilo, SP, Cultrix.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA - IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 - CEP - 04043

São Paulo - São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: Letras

PERÍODO: 5º

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 4 horas/aula.

DEPARTAMENTO: Letras Clássicas e Vernáculas

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Maria Célia Leonel

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ: Irene A. Machado

DATA: 1º semestre de 19 86

I - OBJETIVOS GERAIS

Fornecer ao aluno instrumental teórico para a análise da língua enquanto processo de interação dos indivíduos socialmente organizados.

Levar o aluno a descobrir na língua um sistema dinâmico cujas regras lingüísticas sejam fruto das variações espaço-temporais.

Levar o aluno a perceber na evolução da língua, os mecanismos da evolução dos atos de fala historicamente determinados.

II - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir a dicotomia existente no relacionamento língua falada/língua escrita.

Estabelecer relações entre evolução dos procedimentos internos da língua e mudanças e variações dos comportamentos lingüísticos.

Assimilar os mecanismos específicos responsáveis pela evolução e constituição lexical da língua portuguesa.

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Gramática Histórica: definição e método de estudo
2. Linguagem, Língua, Dialeto
3. Origem das línguas românicas:
 - 3.1. colonização romana
 - 3.2. latim clássico e latim vulgar
 - 3.3. quadro das línguas românicas
4. História da Língua Portuguesa:
 - 4.1. história da Península Ibérica
 - 4.2. épocas históricas da Língua Portuguesa
 - 4.3. formação do vocabulário português
 - 4.4. português arcaico e português moderno
 - 4.5. história da ortografia portuguesa
5. Desenvolvimento lingüístico:
 - 5.1. Fonético:
 - 5.1.1. Fonética Descritiva:
 - a) produção do som:
 - . aparelho fonador; mecanismo do som; qualidade do som; fases de articulação do som
 - b) som-fonema-letra
 - c) classificação dos fonemas:
 - . estudo fonético das vogais
 - . estudo fonético das consoantes
 - 5.1.2. Fonética Histórica:
 - a) Prosódia
 - b) Vocalismo
 - c) Consonantismo
 - d) Leis Fonéticas
 - e) Estrutura silábica
 - f) Metaplasmos: aumento, subtração, permuta, transposição
 - 5.2. Morfológico:
 - 5.2.1. Categorias nominais e sua expressão
 - 5.2.2. Estrutura flexional do nome
 - 5.2.3. Morfologia Pronominal
 - 5.2.4. Advérbio
 - 5.2.5. O sistema verbal do latim ao português
 - 5.2.6. Conectores
 - 5.3. Sintático:
 - 5.3.1. subordinação X coordenação
6. Constituição do léxico português:
 - 6.1. algumas noções: raiz, radical, tema, afixos, desinência
 - 6.2. processos de ampliação e renovação lexical:
 - 6.2.1. Derivação
 - 6.2.2. Composição
 - 6.2.3. Parassíntese
 - 6.2.4. Onomatopéia
 - 6.3. Formas divergentes e convergentes
 - 6.4. Arcaísmos e neologismos
7. Particularidades do português do Brasil

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

VI – BIBLIOGRAFIA

Ismael Lima Coutinho, Gramática Histórica, RJ, Livr. Acadêmica, 1974.

J. Bettoso Câmara Jr., História e estrutura da Língua Portuguesa, RJ, Padrão, 1975.

Erich Auerbach, "Origens das línguas românicas", em Introdução aos estudos literários, SP, Cultrix, 1972.

Manuel Said Ali, Gramática Histórica da Língua Portuguesa, SP, Melhoramentos.

Antenor Nascentes, Dicionário etimológico da Língua Portuguesa, Rio, 1932.

José Leite de Vasconcelos, Textos arcaicos, Lisboa, 1922.

São Paulo, 13 de fevereiro de 1986

Ass. Professor Responsável

184.

Ass. Professor que ministrará
a disciplina

**Programa de Cursos Ministrados em
Graduação**

Literatura Portuguesa para Curso de:

Letras

Programação / 2º semestre 1985

1. Cronologia dos Movimentos literários da Literatura Portuguesa.
2. Era Medieval:
 - 2.1. Poesia Trovadoresca:
 - 2.1.1. Versificação medieval
 - 2.1.2. Cantigas de amor
 - 2.1.3. Cantigas de amigo
 - 2.1.4. Cantigas de escárnio e mal-dizer
 - 2.2. O teatro popular de Gil Vicente.
3. Era Clássica:
 - 3.1. Renascimento
 - 3.2. Poesia Clássica:
 - 3.2.1. Arte como imitação
 - 3.2.2. Sá de Miranda e a renovação do verso português
 - 3.3. A lírica camoniana medieval:
 - 3.3.1. Redondilhas
 - 3.3.2. Filosofia platônica das idéias: teoria das reminiscências
 - 3.4. O soneto camoniano:
 - 3.4.1. Racionalização do sentimento amoroso
 - 3.4.2. Silogismo como forma de expressão das contradições amorosas
 - 3.4.3. Dualismo: síntese do conflito camoniano
 - 3.4.4. A modernidade de Camões
 - 3.5. A épica camoniana.
4. Romantismo Português:
 - 4.1. O romance romântico português
5. A Escola Realista do Séc. XIX:
 - 5.1. Arte realista como síntese da Ciência e Filosofia
 - 5.2. A Escola Coimbra ou a Escola Nova:
 - 5.2.1. Questão Coimbra
 - 5.2.2. Poesia filosófica de Antero de Quental
 - 5.2.3. Poesia do cotidiano de Cesário Verde
 - 5.3. Eça de Queirós e o Realismo:
 - 5.3.1. Teoria do romance experimental
 - 5.3.2. O romance como forma de arte de combate

Bibliografia básica

- Luís de Camões, Lírica (org. de Massaud Moisés), SP, Cultrix.
Júlio Dinis, As pupilas do Senhor Reitor, SP, Ática.
Camilo Castelo Branco, Amor de perdição, SP, Ática.
Alexandre Herculano, Eurico Presbítero, SP, Ática.
Eça de Queirós, O Primo Basílio, SP, Ática.
_____, O crime do Pe. Amaro.
_____, A Relíquia.
_____, A cidade e as serras.
Gil Vicente, Obras-primas do teatro vicentino, (org. Segismundo Spina),
SP, Difusão Europeia do Livro.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA - IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 - CEP - 04043

São Paulo - São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: **Letras**

PERÍODO: **3º**

DISCIPLINA: **Literatura Portuguesa I**

CARGA HORÁRIA SEMANAL: **4** horas/aula.

DEPARTAMENTO: **Letras Clássicas e Vernáculas**

PROFESSOR RESPONSÁVEL: **Irene A. Machado**

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ: **Irene A. Machado**

DATA: **1º** semestre de 19 **86**

I - OBJETIVOS GERAIS

Fornecer ao ~~xxx~~ aluno condições para a leitura e interpretação de textos poéticos no contexto da produção portuguesa.

Levar o aluno ao estabelecimento de correlações entre as produções poéticas de diferentes épocas.

II - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Possibilitar ao aluno condições para:

- a leitura e compreensão dos procedimentos lingüísticos da arte literária de uma época;
- correlacionar aspectos temáticos aos aspectos composicionais propriamente ditos;
- entender a literatura como construção de sentido.

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A poesia portuguesa: estrutura e evolução

1. Cronologia dos movimentos da Literatura Portuguesa
2. Poesia Trovadoresca: cantigas de amor, cantigas de amigo, de escárnio e mal-dizer.
3. O teatro popular de Gil Vicente: fundamentos estéticos do teatro vicentino no período Humanista.
4. Poesia clássica: Aspectos da arte renascentista; Sá de Miranda e a renovação do verso português; a Lírica Camoniana; a Épica camoniana; a
5. A poesia romântica de Almeida Garret.
6. A poesia realista: arte realista como síntese da ciência e filosofia; aspectos históricos da Questão Coimbrã; Cesário Verde e Antero Quental.
7. Poesia simbolista: manifestos; impressionismo literário; poesia e sinestesia; Camilo Pessanha e Eugénio de Castro.
8. Poesia modernista: as vanguardas europeias do início do século; a vanguarda portuguesa; a poética de Fernando Pessoa; teorias poéticas de Fernando Pessoa; a poesia heteronímica de Alberto Casero; Ricardo Reis e Álvaro de Campos.

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA - IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 - CEP - 04043

São Paulo - São Paulo

VI - BIBLIOGRAFIA

- MOISÉS, Massaud, A literatura portuguesa, SP, Cultrix.
- SARAIVA, Antonio José, História da literatura portuguesa, Lisboa.
- VICENTE, Gil, Obras primas do teatro vicentino (org. de S. Spina), SP, Difusão européia do livro.
- CAMÕES, Luís de, Lírica (org. Massaud Noisós), SP, Cultrix.
- MENDES, João, Literatura Portuguesa, 3 vols., Lisboa, Verbo.
- MOISÉS, Massaud, A literatura portuguesa através de textos, SP, Cultrix.
- TELLES, Gilberto Mendonça, Vanguarda européia e modernismo brasileiro, Betrópolis, Vozes.
- COELHO, Jacinto do Prado, Diversidade e unidade em Fernando Pessoa, SP, EDUSP.
- SIMÕES, João Gaspar, Heteropsicografia de Fernando Pessoa, Porto, Inova.
- LIND, G. R., Teoria poética de Fernando Pessoa, Porto, Inova.
- NUNES, Benedito, "Os outros de Fernando Pessoa", ~~20x~~ em O dorso do tigre, SP, ~~Cultrix~~ Perspectiva.
- PESSOA, Fernando, Obra Poética, RJ, José Aguillar.
- PESSOA, Fernando, Páginas íntimas e de auto-interpretação, Lisboa.

São Paulo, de de 19

Ass. Professor Responsável

189.

Ass. Professor que ministrará
a disciplina

A POESIA PORTUGUESA

I. Conteúdo Programático

1. Diacronia dos Estilos na Literatura Portuguesa
2. **Poesia Trovadoresca:**
 - 2.1. Aspectos da arte medieval:
 - 2.1.1. teocentrismo
 - 2.1.2. platonismo amoroso
 - 2.1.3. tecnicismo
 - 2.2. Aspectos estruturais da linguagem poética:
 - 2.2.1. versificação medieval
 - 2.3. Gêneros poéticos:
 - 2.3.1. cantigas de amor
 - 2.3.2. cantigas de amigo
 - 2.3.3. cantigas de escárnio e mal-dizer
3. **Humanismo Português:**
 - 3.1. Aspectos da arte como imitação
 - 3.2. O teatro popular de Gil Vicente:
 - 3.2.1. Aspectos estruturais da linguagem dramática
 - 3.2.2. Fundamentos estéticos do teatro vicentino
4. **Poesia Clássica:**
 - 4.1. Aspectos da arte renascentista:
 - 4.1.1. antropocentrismo
 - 4.1.2. racionalismo
 - 4.1.3. mimetismo
 - 4.2. Sá de Miranda e a renovação do verso português:
 - 4.2.1. medida velha X medida nova
 - 4.3. Camões: lirismo e epopéia:
 - 4.3.1. redondilhas: lirismo medieval e racionalismo
 - 4.3.2. soneto e o rigor clássico de composição:
 - . racionalização do sentimento amoroso
 - . silogismo como forma de expressão das contradições amorosas
 - . platonismo amoroso X lógica aristotélica
 - . síntese do conflito camoniano
 - . modernidade de Camões
 - 4.3.3. A épica camoniana
5. **Poesia Romântica de Almeida Garrett:**
 - 5.1. Aspectos da arte romântica:
 - 5.1.1. egocentrismo
 - 5.1.2. sentimentalismo
 - 5.1.3. linguagem emotiva
6. **Poesia Realista:**
 - 6.1. Arte realista: síntese entre ciência e filosofia
 - 6.2. A escola Coimbra ou Escola Nova:
 - 6.2.1. Questão Coimbra
 - 6.2.2. Poesia metafísica de Antero de Quental
 - 6.2.3. Poesia do cotidiano de Cesário Verde
7. **Poesia Simbolista:**
 - 7.1. Impressionismo literário
 - 7.2. Poesia e sinestesia: Camilo Pessanha e Eugênio de Castro

8. Poesia Modernista:

- 8.1. Vanguardas européias do início do século:
 - 8.1.1. Futurismo italiano
 - 8.1.2. Dadaísmo
 - 8.1.3. Surrealismo
 - 8.1.4. Cubismo
- 8.2. Vanguarda portuguesa:
 - 8.2.1. Saudosismo de Teixeira de Pascoaes
 - 8.2.2. A aventura de Orpheu:
 - . manifestos de Almada Negreiros e Álvaro de Campos
 - . as novas estéticas portuguesas: Paulismo, Sensacionismo, Interseccionismo
 - 8.2.3. Geração "Presença": José Régio e Miguel Torga
 - 8.2.4. Surrealismo: Mário Cesariny de Vasconcelos
- 8.3. A poética de Fernando Pessoa:
 - 8.3.1. FP e a Nova Poesia Portuguesa
 - 8.3.2. FP e a criação heteronímica
 - 8.3.3. A poesia de FP ortônimo:
 - . o símbolo ou o ocultamento das coisas
 - . o sentir e o pensar
 - . poesia programática
 - 8.3.4. A poesia de Alberto Caeiro:
 - . poesia das sensações puras
 - . o ver e o pensar
 - 8.3.5. A poesia de Ricardo Reis:
 - . aspectos da poesia neoclássica
 - . epicurismo e estoicismo
 - 8.3.6. A poesia de Álvaro de Campos:
 - . aspectos da poesia futurista
 - . sensacionismo
 - . ceticismo racionalista

2. Bibliografia básica obrigatória:

- Massaud Moisés, A literatura portuguesa através de textos, SP, Cultrix.
- Gil Vicente, Obras-primas do teatro vicentino (org. S. Spina), SP, Difusão Européia do Livro.
- Luís de Camões, Lírica (org. Massaud Moisés), SP, Cultrix.
- Fernando Pessoa, Obra Poética, Rio de Janeiro, José Aguillar.
- _____, Obra Completa (vários volumes), Lisboa, Ática.
- _____, O Eu profundo e os outros Eus, RJ, Nova Fronteira.

3. Sistema de Avaliação:

- 1. Produção individual: 70% da nota (=7,0)
- 2. Produção em grupo: 30% da nota (=3,0)

Agosto 1986

I. Programação

1. Simbolismo português:

- 1.1. Manifestos
- 1.2. Impressionismo literário
- 1.3. Poesia e sinestesia: Camilo Pessanha e Eugênio de Castro

2. Poesia modernista:

2.1. Vanguardas europeias do início do século:

- 2.1.1. Futurismo
- 2.1.2. Dadaísmo
- 2.1.3. Surrealismo
- 2.1.4. Cubismo

2.2. Vanguarda portuguesa:

- 2.2.1. Saudosismo de Teixeira de Pascoaes
- 2.2.2. Orfismo
- 2.2.3. Manifestos de Almada Negreiros e Álvaro de Campos
- 2.2.4. As novas estéticas portuguesas:
 - . paulismo
 - . interseccionismo
 - . sensacionismo

2.3. A poética de Fernando Pessoa:

- 2.3.1. Teorias poéticas de Fernando Pessoa e a criação dos heterônimos
- 2.3.2. Fernando Pessoa ortônimo:
 - . o símbolo ou o ocultamento das coisas
 - . o sentir e o pensar
 - . poesia programática
- 2.3.3. Alberto Caeiro:
 - . poesia das sensações puras
 - . o ver e o pensar
- 2.3.4. Ricardo Reis:
 - . aspectos da poesia neoclássica
 - . epicurismo e estoicismo
- 2.3.5. Álvaro de Campos:
 - . aspectos da poesia futurista
 - . sensacionismo
 - . ceticismo racionalista

2.4. A estética do Orpheu e a prosa poética de Mário Sá-Carneiro:

- 2.4.1. Aspectos da poética de Sá-Carneiro
- 2.4.2. Sá-Carneiro e a literatura fantástica:
 - . aspectos do fantástico enquanto gênero literário
 - . análise de novelas e narrativa

II. Bibliografia básica:

Fernando Pessoa, Obra poética, Rio de Janeiro, José Aguillar.

Mário de Sá-Carneiro, A confissão de Lúcio (narrativa), Lisboa, Ática
Céu em fogo (novelas), Lisboa, Ática.

III. Sistema de Avaliação:

- 1. Produção em grupo: 40% da nota (=4,0)
- 2. Produção individual (inclusive provas): 60% da nota (=6,0)

I. Programação

A prosa literária portuguesa

1. Aspectos gerais da arte narrativa:
 - 1.1. Elementos estruturais do universo diegético
 - 1.2. O romance enquanto gênero primordial de narrativa
 - 1.3. Evolução do romance português no contexto europeu
2. O Romance Romântico:
 - 2.1. A literatura romântica do séc. XIX
 - 2.2. Romance histórico; Novela passional; Crônica social
3. O Romance Realista:
 - 3.1. A escola realista do séc. XIX
 - 3.2. O romance naturalista: teoria do romance experimental
 - 3.3. O romance como arte de combate: Eça de Queirós
4. O Romance Moderno:
 - 4.1. Aspectos estruturais da narrativa moderna:
 - 4.1.1. ponto de vista narrativo
 - 4.1.2. tempo psicológico
 - 4.1.3. fragmentação do discurso
 - 4.1.4. rarefação do enredo
 - 4.2. O romance e a estética da vanguarda do Orpheu
 - 4.3. A narrativa fantástica
 - 4.4. O neo-realismo literário:
 - 4.4.1. engajamento e reflexo artístico da realidade
 - 4.4.2. reencontro da realidade perdida na memória
 - 4.4.3. psicologismo e analitismo existencial

II. Romances a serem analisados pelos grupos de seminários:

O BOBO, Alexandre Herculano
AMOR DE PERDIÇÃO, Camilo Castelo Branco
AMOR DE SALVAÇÃO, Camilo Castelo Branco
AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, Júlio Dinis
O PRIMO BASILIO, Eça de Queirós
O CRIME DO PE. AMARO, Eça de Queirós
A CIDADE E AS SERRAS, Eça de Queirós
A ILUSTRE CASA DE RAMIRES, Eça de Queirós
NOME DE GUERRA, Almada Negreiros
A CONFISSÃO DE LÚCIO, Mário de Sá-Carneiro
GAIBÉUS, Alves Redol
UMA ABELHA NA CHUVA, Carlos de Oliveira
APARIÇÃO, Vergílio Ferreira

III. Textos teóricos de apoio (para fichamento individual):

- W. Benjamin, "O Narrador: observações acerca da obra de Nicolau Leskow", em Os Pensadores, SP, Abril Cultural, 1980, pp.57-74.
- Erich Auerbach, "O Romantismo", em Introdução aos estudos literários, SP, Cultrix, 1972, pp.227-235.
- E. Zola, "O romance experimental" (adapt. e trad. Irene A. Machado), em Oeuvres critiques, Paris, Bibliothèque Charpentier, 1906, tome 1º, pp. 111-126.
- Eça de Queirós, "Idealismo e Realismo", em Eça de Queirós: seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios por Benjamin Abdala Jr., SP, Abril Educação (Literatura Comentada), 1980, pp. 15-16.
- Anatol Rozenfeld, "Reflexões sobre o romance moderno", em Texto/Contexto, SP, Perspectiva, 1973, pp. 75-97.

- T. Todorov, "A narrativa fantástica", em As estruturas narrativas, SP, Perspectiva, 1969, pp. 147-166.
- T. Adorno, "Posição do narrador no romance contemporâneo", em Os pensadores, SP, Abril Cultural, 1980, pp.269-273.

III. Bibliografia auxiliar

Massaud Moisés, A literatura portuguesa, SP, Cultrix.

Massaud Moisés, A literatura portuguesa através de Textos, SP.

Antonio José Saraiva, História da literatura portuguesa.

Erich Auerbach, "A meia marrom", em Mímeses, SP, Perspectiva, pp. 459-485.

IV. Avaliação

1. Seminários (grupo): 3,0
2. Fichamentos (individual): 1,0 cada um (total 7)
3. Prova (individual): 7,0
4. Média Final: nota de fichamentos + nota de provas (:2) + seminários

Juachado
1988

A prosa literária portuguesa

Programa

I. O romance romântico

1. romance histórico
2. novela passional
3. crônica social

II. O romance realista

1. o romance naturalista e a teoria do romance experimental
2. o romance como arte de combate

III. O romance moderno

1. o discurso fragmentário e o tempo psicológico
2. a narrativa fantástica
3. o neo-realismo literário

Seminários

1. A ação narrativa em O bobo de Alexandre Herculano.
2. O Bobo (A. H.) e o romance histórico português.
3. Frei Luís e Souza, Almeida Garrett, e o renascimento da tragédia.
4. Amor de Perdição, Camilo Castelo Branco, e a novela passional.
5. Discurso e foco narrativo em Amor de Perdição.
6. A doida do candal, Camilo C.B., caracterização teática e dos heróis.
7. (Idem): a atuação do narrador e as tendências do séc. XIX.
8. As pupilas do senhor reitor, Júlio Dinis: caract. da ação e personagens.
9. (Idem): elaboração do discurso e foco narrativo.
10. O crime do Pe. Amaro, Eça de Queirós: determinação social e condição humana.
11. (Idem): romance experimental e romance de tese.
12. O primo Basílio, Eça,: a fatalidade das condições sociais.
13. (Idem): narrador como porta-voz do projeto queirosiano.
14. A Ilustre casa de Ramires, Eça: recuperação do romance histórico.
15. (Idem): romance metalinguístico.

Verificação de Leitura

1. Erich Auerbach, "O romantismo", em Introdução aos estudos literários.
2. Emile Zola, "O romance experimental".
3. T. Todorov, "A narrativa fantástica", em As estruturas narrativas.
4. A. Rosenfeld, "Reflexões sobre o romance moderno", em Texto/Contexto.
5. Mário de Sá-Carneiro, A confissão de Lúcio, novela.
6. Vergílio Ferreira, Aparição, romance.
7. Alves Redol, Gaibéus, capítulo de um romance.

Avaliação: Seminário: 3,0
VL: 1,0
Prova: 7,0

Média Final: seminários (:20 + provas (:2)

e VL (soma)

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: Letras

PERÍODO: 4º

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa II

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 horas/aula.

DEPARTAMENTO: Letras clássicas e vernáculas

PROFESSOR RESPONSÁVEL: Irene A. Machado

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ: Irene A. Machado

DATA: 1º semestre de 19 87

I – OBJETIVOS GERAIS

Fornecer ao aluno condições de análise da arte narrativa portuguesa através dos estilos de época.

Levar o aluno ao estabelecimento de correlações entre produções poéticas de diferentes épocas e espaços.

II – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Fornecer ao aluno:

- . instrumentos de análise da arte narrativa;
- . condições de realizar leituras intertextuais entre textos literários ou entre textos literários e teóricos;
- . sistematizar as características da estrutura temático-composicional dos romances estudados.

III - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A PROSA LITERÁRIA PORTUGUESA

1. Aspectos gerais da arte narrativa:
 - 1.1. Elementos estruturais do universo diegético
 - 1.2. O romance enquanto gênero primordial de narrativa
 - 1.3. Evolução do romance português no contexto europeu
2. O Romance Romântico:
 - 2.1. Aspectos da literatura romântica do séc. XIX
 - 2.2. Romance histórico
 - 2.3. Novela passional
 - 2.4. Crônica social
3. O Romance Realista:
 - 3.1. Aspectos da literatura realista do séc. XIX
 - 3.2. O romance naturalista
 - 3.3. Teoria do romance experimental de E. Zola
 - 3.4. O romance como arte de combate:
 - 3.4.1. Eça de Queirós e o estatuto do narrador naturalista
 - 3.4.2. Discurso e intertextualidade
4. O Romance Moderno:
 - 4.1. Aspectos gerais da narrativa moderna:
 - 4.1.1. ponto de vista narrativo
 - 4.1.2. tempo psicológico
 - 4.1.3. fragmentação do discurso
 - 4.2. O romance e a estética da vanguarda do Orpheu
 - 4.3. A narrativa fantástica
 - 4.4. O neo-realismo literário:
 - 4.4.1. engajamento e reflexo artístico da realidade
 - 4.4.2. reencontro da realidade perdida na memória
 - 4.4.3. psicologismo e analitismo existencial

Juachado

VI -- BIBLIOGRAFIA

Bibliografia básica obrigatória:

1. Romances:

O BOBO, Alexandre Herculano
 AMOR DE PERDIÇÃO, Camilo Castelo Branco
 A BRASILEIRA DE PRAZINS, Camilo Castelo Branco
 AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, Júlio Dinis
 O PRIMO BASÍLIO, Eça de Queirós
 O CRIME DO PADRE AMARO, Eça de Queirós
 A CIDADE E AS SERRAS, Eça de Queirós
 A ILUSTRE CASA DE RAMIRES, Eça de Queirós
 A CONFISSÃO DE LÚCIO, Mário de Sá-Carneiro
 "Eu - próprio o outro", em CÉU EM FOGO, Mário de Sá-Carneiro
 NOME DE GUERRA, Almada Negreiros
 GAIBÉUS, Alves Redol
 UMA ABELHA NA CHUVA, Carlos de Oliveira
 APARIÇÃO, Vergílio Ferreira

2. Textos teóricos:

W. Benjamin, "O Narrador? observações acerca da obra de Nicolau Leskow", em Os Pensadores, SP, Abril Cultural, 1980, pp. 57-74.
 Erich Auerbach, "O Romantismo", em Introdução aos estudos literários, SP, Cultrix, 1972, pp. 227-235.
 E. Zola, "O romance experimental" (adapt. e trad. Irene A. Machado), em Oeuvres critiques, Paris, Bibliothèque Charpentier, 1906, tome 1º, pp. 111-126.
 Eça de Queirós, "Idealismo e Realismo", em Eça de Queirós: seleção de textos, notas, estudo biográfico, histórico e crítico e exercícios por Benjamin Abdala Jr., SP, Abril Educação, 1980, pp. 13-16.
 Anatol Rosenfeld, "Reflexões sobre o romance moderno", em Texto/Contexto, SP, Perspectiva, 1973, pp. 75-97.
 T. Todorov, "A narrativa fantástica", em As estruturas narrativas, SP, Perspectiva, 1969, pp. 147-166.
 T. Adorno, "Posição do narrador no romance contemporâneo", em Os Pensadores, SP, Abril Cultural, 1980, pp. 269-273.

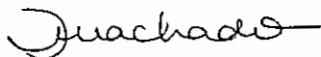
Bibliografia auxiliar

Massaud Moisés, A literatura portuguesa, Sp, Cultrix.

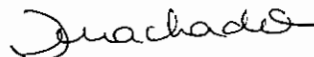
Massaud, Moisés, A literatura portuguesa através de textos, SP, Cultrix.

Antônio José Saraiva, História da literatura portuguesa.

São Paulo, ... 3. de ... fevereiro ... de 1987



Ass. Professor Responsável



Ass. Professor que ministrará
a disciplina

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA – IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 – CEP – 04043

São Paulo – São Paulo

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E PLANEJAMENTO DIDÁTICO

CURSO: Letras

PERÍODO: 3º

DISCIPLINA: Literatura Portuguesa I

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 4 horas/aula.

DEPARTAMENTO:

Letras clássicas e vernáculas

PROFESSOR RESPONSÁVEL:

PROFESSOR QUE MINISTRARÁ:

Irene A. Machado

DATA: 2º semestre de 19

84

I – OBJETIVOS GERAIS

Fornecer ao aluno uma visão sincrônica e diacrônica do fenômeno literário.

Levar o aluno a perceber o texto literário enquanto organização de linguagem.

Fornecer ao aluno instrumentos teóricos para o exercício crítico de textos literários.

Fornecer ao aluno instrumentos de análise no contexto do gênero.

Levar o aluno à percepção dos motivos temáticos e composicionais do texto.

Estabelecer um contato com o universo crítico e de criação.

II – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levar o aluno a pesquisar e analisar a poesia e prosa portuguesas na relação diacrônico-sincrônico, detectando os níveis de transformação do texto literário.

Mostrar ao aluno a necessidade de diferenciação das posturas críticas ante o objeto poético, respeitando-se o universo da produção cultural com o qual a obra dialoga.

Perceber os vínculos trans-temporais próprios do fenômeno literário.

III -- CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

A poesia portuguesa: estrutura e evolução

1. Cronologia dos movimentos da literatura portuguesa
2. Poesia Trovadoresca:
 - 2.1. Aspectos da arte medieval: teocentrismo, ~~xxx~~ platonismo, técnicos
 - 2.2. Aspectos estruturais da linguagem poética
 - 2.3. Versificação medieval
 - 2.4. Gêneros poéticos: cantigas de amor; de amigo; de escárnio e mal
3. O teatro popular de Gil Vicente:
 - 3.1. Humanismo português
 - 3.2. Aspectos estruturais da linguagem dramática
 - 3.3. Fundamentos estéticos do teatro vicentino:
 - 3.3.1. cenografia versus literariedade
 - 3.3.2. gêneros dramáticos: autos, farsa, mistério, alegoria
4. Poesia Clássica:
 - 4.1. Aspectos da arte renascentista: antropocentrismo, racionalismo, mimetismo
 - 4.2. Sá de Miranda e a renovação do verso português
 - 4.3. A lírica camoniana:
 - 4.3.1. redondilhas: lirismo medieval e racionalismo
 - 4.3.2. soneto
 - 4.4. A épica camoniana
5. A poesia romântica de Almeida Garrett:
 - 5.1. Aspectos da arte romântica
6. Poesia realista:
 - 6.1. Arte realista: síntese entre ciência e filosofia
 - 6.2. A escola Coimbra ou Escola Nova: Cesário Verde e Antero de Quental
7. Poesia Simbolista: Camilo Pessanha e Eugênio de Castro
8. Poesia Modernista:
 - 8.1. Vanguardas européias do início do século: Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, Cubismo
 - 8.2. Vanguarda portuguesa:
 - 8.2.1. Saudosismo de Teixeira de Pascoaes
 - 8.2.2. Orfismo
 - 8.2.3. Manifesto de Almada Negreiros e Álvaro de Campos
 - 8.2.4. As novas ~~em~~éticas portuguesas: paulismo, interseccionismo, sensacionismo
 - 8.3. A poesia de Fernando Pessoa:
 - 8.3.1. Teorias poéticas de Fernando Pessoa e a criação dos heterônimos
 - 8.3.2. Fernando Pessoa ortônimo
 - 8.3.3. Alberto Caeiro
 - 8.3.4. Ricardo Reis
 - 8.3.5. Álvaro de Campos

LITERATURA PORTUGUESA I, 1º SEMESTRE, 1984.

Quachado

INSTITUTO UNIFICADO PAULISTA - IUP

Reconhecido pelo Decreto Nº 77.546, de 04, publicado no D.O.U. de 05/05/76

Rua Luís Goes, 2211 - CEP - 04043

São Paulo - São Paulo

VI - BIBLIOGRAFIA

- Massaud Moisés, A literatura portuguesa, SP, Cultrix.
- Antonio José Saraiva, História da literatura portuguesa, Lisboa.
- Gil Vicente, Obras primas do teatro vicentino (org. S. Spina), SP, Difusão europeia do livro.
- Luís de Camões, Lírica, (org. Massaud Moisés), SP., Cultrix.
- Massaud Moisés, A literatura portuguesa através de textos, SP, Cultrix.
- Gilberto Mendonça Telles, Vanguarda européia e modernismo brasileiro, Petrópolis, Vozes.
- Jacinto Prado Coelho, Diversidade e unidade em Fernando Pessoa, SP, EDUSP
- G. R. Lind, Teoria poética de Fernando Pessoa, Porto, Inova.
- Benedito Nunes, "Os outros de Fernando Pessoa", em O dorso do tigre, SP, SP, Perspectiva.
- Fernando Pessoa, Obra Poética, RJ, Nova Aguillar.
- Fernando Pessoa, Páginas íntimas e de auto-interpretação.

São Paulo, de de 19

Ass. Professor Responsável

200.

Ass. Professor que ministrará
a disciplina

Programa de Cursos Ministrados: Especialização e Formação de Docentes

Curso de Especialização em Literatura – PUC-SP/COGEAE

Curso de Especialização e Formação de Docentes – Instituto Pedagógico Brasil-Alemanha – SP

Centro de Estudos da Escola da Vila – Formação de Professores de Primeiro Grau

Curso de Aperfeiçoamento para Docentes de Segundo Grau – Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte

Curso de Aperfeiçoamento para Docentes do Curso de Letras – Universidade de Mato Grosso do Sul

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO - PUCSP
Rua Ministro Godói, 967 - Perdizes - CEP 05015-000 - São Paulo - SP

Literatura

Especialização

IMPRESSO

202.

O objetivo do curso é aprofundar o estudo literário, de forma teórica e prática, estabelecendo relações mais amplas entre a literatura e outras manifestações artísticas e culturais.

É dirigido a professores de Literatura em geral e a bacharéis e/ou licenciados em Letras ou áreas afins.

Disciplinas

Módulo I

Teoria Literária
Semiótica Literária
Crítica Literária
Literatura Comparada

Módulo II

Literatura Brasileira
Literatura Portuguesa
Literatura Latino-Americana
Literatura Infanto-Juvenil

Módulo III

Prática do Ensino Superior em Literatura
Didática para o Ensino Superior
Metodologia do Trabalho Científico

Módulo IV

Núcleo de Pesquisa - Monografia

Coordenação

Fernando Segolin
Maria Rosa Duarte de Oliveira

Entrevista

(agendar com antecedência)
Dias 07 e 08 de março/95

Documentos para a entrevista

Carta de próprio punho justificando o interesse pelo curso, xerox do diploma de graduação e curriculum vitae

Módulo I

18/03 a 24/06/95 - das 8h30 às 17h30

SABADOS

Promoção

Faculdade de Comunicação e Filosofia -
COMFIL - PUCSP
Departamento de Arte - PUCSP

Informações e Inscrições

COGEAE - PUCSP

Rua Ministro Godói, 967 - Perdizes

873.3155

Vagas Limitadas

Carga horária

388 horas divididas em 4 módulos semestrais

Realização sujeita ao número mínimo de inscrições.

Curso de Especialização em Literatura - PUC/COGEAE

Disciplina: Literatura Comparada - Profa. Dra. Irene A. Machado

1. Definição do curso

Dialogismo e os temas da Poética Histórica no estudo de Literatura Comparada

O curso, pensado para tratar do estudo da literatura comparada, tem um caráter teórico-prático. Depois de situar algumas linhas teóricas, o curso centraliza a abordagem de Mikhail Bakhtin, tornada, assim, fonte dos instrumentos teóricos para a análise crítica.

2. Objetivos

O objetivo imediato é traçar as linhas básicas do estudo comparatista em literatura fundado na tradição do gênero. Não se trata de estabelecer relações entre autores ou obras individuais, buscando as influências de uns sobre os outros, mas de buscar relações entre autores e obras na tradição do gênero. Para isso recorremos, basicamente, aos estudos de Poética Histórica formulados por M. Bakhtin que, através da teoria do dialogismo, abriram não um leque de possibilidades no campo dos estudos comparados de literatura como forneceram instrumentos teórico para a análise literária através de conceitos como, dentre outros, dialogia interna, estilização, paródia.

Espera-se, com isso, que os alunos consigam efetuar análises de textos literários através dos conceitos apresentados, atendendo à orientação teórico-prática do curso.

3. Programa

2.1. Aspectos conceituais

2.2. Literatura como sistema de signos

2.3. Comparatismo no horizonte da leitura

2.4. Dialogismo como ciência de múltiplas correlações

2.5. Intertextualidade e processos de composição

2.6. Aspectos da cosmovisão dialógica da linguagem: estilização, paródia, *skaz*

2.7. Gêneros no processo de carnavalização da linguagem

2.8. A bivocalidade discursiva e o campo conceitual da polifonia

4. Bibliografia de estudo

4.1. Textos para fichamento

BAKHTIN, M.M. Particularidades do gênero... (cap. 4). Em: *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981.

_____. O discurso em Dostoiévski. (cap. 5) (cit.)

_____. O discurso no romance (cap. I e II). Em: *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo, HUCITECA/UNESP, 1988.

_____. Resposta à Revista "Nov Myr". Em: *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

4.2. Textos para complementação teórica

BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do Intervalo*. São Paulo, Iluminuras, 1990.

BARTHES, Roland. *Da leitura. O rumor da língua*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BORGES, Jorge Luis. *Kafka e sus precursores. Outras inquisiciones. Obras completas*. Buenos Aires, EMECE, 1974.

_____. Pierre Menard autor de Quixote. *Ficções*. São Paulo, Círculo do livro.

BLOOM, Harold. *Angústia da Influência*. Rio de Janeiro, Imago.

CARVALHAL, Tania F. *A literatura comparada*. São Paulo, Ática (Princípios, n.58).

ELIOT, T.S. *Tradição e talento individual*. Em: *Antologia de crítica literária*. Rio de Janeiro, Lidaó, 1968.

FIORIN, José Luiz. *Polifonia textual e discursiva*. Em: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo, EDUSP, 1994.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1972.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

MACHADO, Irene A. *O dialogismo. O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

MOISES, Leyla-Perrone. *Crítica e intertextualidade. Texto, Crítica, Escrita*. São paulo, Ática.

MONEGAL, Emir R. *Borges: uma poética da leitura*. São Paulo, Perspectiva, 1980.

PAES, José Paulo. *Transleituras*. São Paulo, Ática, 1995.

SANTAELLA, Lucia. *O estado da questão. A assinatura das coisas*. Rio de Janeiro, Imago.

TINIANOV, Iuri. *Da evolução literária*. Em: *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre, Globo, 1977.

5. Avaliação

5.1. Fichamento dos textos (4.1.): 20% da nota

5.2. Análise de obra literária a partir do instrumental teórico estudado (texto da escolha do aluno)

5.3. Critério de avaliação: assimilação teórica e pertinência da aplicação no texto escolhido para análise (80% da nota).

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSO EM LITERATURA - COGEAE PUCSP

Disciplina: **TEORIA LITERÁRIA (MÓDULO I - BÁSICO)**

Tema da aula: **A PALAVRA COMO OBJETO DE EXERCÍCIO TEÓRICO-CRIATIVO**

Profa. responsável: Irene A. Machado

Data: 8 de abril de 1995

I. CONTEÚDO

1. A poética Clássica

- * A Arte poética: o conceito de *mimesis* em Platão e Aristóteles. Mimese e representação
- * A teoria dos gêneros poéticos e a representação das vozes na poesia

2. O renascimento da Poética e a ressurreição da palavra

- * Da floresta de signos à palavra enquanto tal: o Simbolismo como escola poética
- * A Poética à luz do Construtivismo e do Cubo-Futurismo russo

3. O Princípio da Linguagem Poética

- * O objeto da ciência literária: Literatura e Literariedade (*literaturnost*)
- * Linguagem prática e linguagem poética
- * Elementos da percepção estética: estranhamento (*ostranienie*) e a lei do automatismo
- * A construção e os procedimentos poéticos (*prim*)
- * O conceito de dominante

4. Uma Poética da Prosa

- * A construção do enredo: fábula e trama
- * A seqüência narrativa e a construção do tempo
- * Gêneros da prosa literária
- * A construção da oralidade narrativa

II. BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

ARISTÓTELES, *Da Arte Poética*. Rio de Janeiro, EDIOURO, s/d.

BAKHTIN, M.M. *O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo, HUCITEC/UNESP, 1988.

BARTHES, Roland. *Existe uma escritura poética? O grau zero da escritura*. São Paulo, Cultrix, 1971.

BENNETT, Tony. *Formalism & Marxism*. London and New York, Methen, 1979.

CAMPOS, Haroldo de. *Maiakóvski e o Construtivismo*. MAIAKÓVSKI, Vladimir. *Poemas* (trad. Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos). São Paulo, Perspectiva, 1982.

_____. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

_____. *O texto como produção (Maiakóvski). A operação do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1976.

CHKLOVSKI, Victor. *Sur la théorie de la prose*. Lausanne, L'Age d'Homme, 1973.

_____. *The resurrection of the word*. 20th Century Studies: Russian Formalism, December, 1972.

CONIO, Gerard (org.). *Le Formalisme et le Futurisme russes devant le Marxisme*. Lausanne, L'Age d'Homme, 1975.

- ERLICH, Victor. **Russian Formalism**. New Haven and London University Press, 1981.
- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1972.
- _____. *La dominante*. **Questions de Poétique**. Paris, Seuil, 1973.
- _____. **Seis lições sobre o som e o sentido**. São Paulo, Moraes, 1977.
- JIRMUNSKI, V. *As tarefas da Poética*. **Teoria da Literatura em suas fontes** (org. Luis da Costa Lima). Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- MACHADO, Irene A. **Analogia do dissimilar: Bakhtin e o Formalismo Russo**. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- MIEDVIÉDIEV, P.N./BAKHTIN, M.M. **The Formal Method in Literary Scholarship: a Critical Introduction to Sociological Poetics**. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 1978.
- PLATÃO. **A República: Livro III**. Porto Alegre, Globo.
- POMORSKA, Krystina. **Formalismo e Futurismo**. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PROPP, V.I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1984.
- RIPPELINO, A.M. **Maiakóvski e o teatro de vanguarda**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- SCHNAIDERMAN, Boris. **A Poética de Maiakóvski**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- _____. *Frutos do Método Formal*. **O Estado de S. Paulo (Suplemento Literário)**, 3 de março de 1962.
- _____. *Informalmente, o Formalismo*. **Folha de S. Paulo (Folhetim)**, 17 de junho de 1984.
- SANTAELLA, Lúcia. *As aparições do belo*. **Estética: de Platão a Peirce**. São Paulo, Experimento, 1994.
- TINIANOV, I. **O problema da linguagem poética**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.
- TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- TOLEDO, Dionísio O. (org). **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre, Globo, 1971.
- TROTSKI, Leon. *La escuela formalista de poesia y el marxismo*. **Literatura y revolución**. Paris, Ruedo Iberico, 1969.

III. AVALIAÇÃO

Temas

1. Discussão teórica de um dos temas relacionados com a Poética e o Formalismo Russo.
2. Discussão do texto **Monólogo**, de Novalis, dentro do contexto teórico apresentado.
3. Análise de um conto segundo a abordagem formalista (seguir análise realizada a partir do conto **O retrato oval** de E. Allan Poe). Sugestão: conto **A fronha bordada**, Dalton Trevisan.
4. Análise de uma obra criativa (poema, fotografia, artes plásticas, anúncio publicitário, filme, criação em vídeo, escultura ou qualquer outra de interesse do aluno) aplicando conceitos da Poética e do Formalismo Russo. (Anexar texto ou sinopse de esclarecimento sobre a obra escolhida.)

Obs. Lembramos que o aluno deverá entregar **apenas um trabalho** para a disciplina de Teoria Literária, escolhendo o assunto de seu interesse apresentado durante as três aulas. O trabalho individual deve ser entregue no dia 20 de junho de 1995, no COGEAE com o nome do professor a quem o trabalho se destina.

Irene A. Machado



INSTITUTO PEDAGÓGICO BRASIL - ALEMANHA
INSTITUT FÜR LEHRERAUS- UND FORTBILDUNG

Certificado

Certificamos para os devidos fins que o Sr. / a Sra.

DRA. IRENE MACHADO

ministrou o seminário

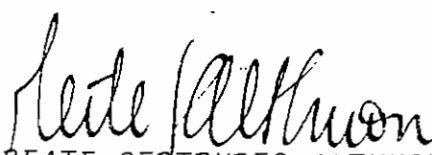
LPs-1e

OS HERÓIS NAS HISTÓRIAS DE AVENTURA

Área: LÍNGUA PORTUGUESA
Local: IPBA
Data(s): 02/03 9.00 - 17.00 horas
Orgão emissor: 03 - 1948

de nossa programação de 1996.

São Paulo, 02 de março de 1996


BEATE GERTRUDES ALTHUN
Diretora
MEC Reg. - Nº 23257



207.

MATEMÁTICA

CEMs-3e

ESTUDO DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE 1º A 4ª SÉRIES DO 1º GRAU.

Eliane Reame de Souza
Mestre em Educação / Ensino da Matemática - FE / USP

Identificar a metodologia de RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS como parte integrante do planejamento de Matemática; Discutir a necessidade de mudança de postura do professor e demais implicações pedagógicas através de

- desenvolvimento e aplicação de estratégias para resolução de problemas;
- formulação de problemas a partir de situações cotidianas
- verificação e interpretação de resultados;
- generalização de soluções e estratégias para situações de problemas novos

Público-Alvo:

Professores de Matemática de 1º a 4ª séries do 1º Grau

Data / Horário / Valor:

26/08 - 09:00 às 17:00h. R\$ 46,00

CEMs-8

O ENSINO DA GEOMETRIA DE 1º A 4ª SÉRIES DO 1º GRAU

Eliane Reame de Souza
Mestre em Educação / Ensino da Matemática - FE / USP

Análise crítica dos aspectos que caracterizam o ensino de Geometria e sua vinculação com números e medidas; Apresentação de fundamentos teóricos e metodologia de resolução de problemas, uso de jogos e materiais manipulativos.

Público-Alvo:

Professores de Matemática de 1º a 4ª séries do 1º Grau

Data / Horário / Valor:

16/09 - 09:00 às 17:00h. R\$ 46,00

CEMs-9

O ENSINO DA GEOMETRIA DE 5ª A 8ª SÉRIES DO 1º GRAU

Eliane Reame de Souza
Mestre em Educação / Ensino da Matemática - FE / USP

Análise crítica dos aspectos que caracterizam o ensino de Geometria e sua vinculação com números e medidas; Apresentação de fundamentos teóricos e metodológicos para o ensino de Geometria através da Metodologia de Resolução de Problemas, uso de jogos e materiais manipulativos

Público-Alvo:

Professores de Matemática de 5ª a 8ª séries do 1º Grau

Data / Horário / Valor:

28/10 - 09:00 às 17:00h. R\$ 46,00

GEOGRAFIA

CSGs-2

A NOVA ORDEM MUNDIAL

Dr. Nelson Bacic Olic - USP

- 1 Política internacional: novas tendências
- 2 A dissolução do Leste Europeu.
- 3 As mudanças na China
- 4 O Brasil na nova ordem mundial (perspectivas de integração regional-MERCOSUL).

Público-Alvo:

Professores de Geografia e História do 1º e 2º Graus

Data / Horário / Valor:

29 e 30/08 - 09:00 às 17:00h. R\$ 92,00

PEDAGOGIA

PEDs-1c

REUNIÃO DE PAIS:

-SOFRIMENTO OU PRAZER ?

Beate Althaus - IPBA

- 1 Simbolicização para a questão "sofrimento" ou "prazer"
- 2 Presentamento de paradigmas;
- 3 Crítica do professor diante da realidade
- 4 A linguagem utilizada
- 5 Proposta de práticas para instrumentalização do professor
- 6 Apresentação de alternativas de planejamento.
- 7 Elaboração de diferentes tipos de reunião

Público-Alvo:

Professores e Coordenadores de Pré-Escola e séries iniciais do 1º Grau.

Data / Horário / Valor:

01/09 - 14:00 às 17:00h. e 02/09 - 09:00 às 12:00h. R\$ 54,00
22/09 - 14:00 às 17:00h e 23/09 - 09:00 às 12:00h.

HISTÓRIA

CSHs-4

HISTÓRIA E MÚSICA POPULAR:

-O POVO NA REPÚBLICA

Geri Rosa Duarte - Mestre em História / PUC

- 1 Cultura popular e cultura erudita: o conceito "circulanda"
- 2 Folclore, música erudita e música popular.
- 3 O rural e o urbano. Tradição e modernidade.
- 4 O sinfonia e a constituição das imagens populares na república: o malandro e o trabalhador.

Público-Alvo:

Profes de História, Música e Estudos Sociais do 1º e 2º Graus.

Data / Horário / Valor:

24/06 - 14:30 às 17:00h.
25 e 26/08 - 09:00 às 17:00h. R\$ 103,25

INFORMÁTICA

EDVs-5

CABRI GÉOMZAETRE

Maria Otília Nimim - Colegio Visconde de Porto Seguro / SP

1. Funções para criação de objetos elementares: ponto, reta, triângulo, círculo.
2. Funções para construções básicas
3. Possibilidade para trabalhar com construções
4. Aplicações as 8ª séries do 1º Grau e 2º Grau, na demonstração de teoremas.

Público-Alvo:

Professores de Matemática, Física e Desenho Técnico que possuam conhecimentos básicos em informática.

Data / Horário / Valor:

25/08 - 14:30 às 17:00h.
26/08 - 09:00 às 17:00h. R\$ 57,25

CONFERÊNCIAS

EM BREVE, MAIORES INFORMAÇÕES !

***SOCIEDADE DO CONHECIMENTO**

Prof. Dr. Landislu Lovjoi - 14/08 - 19:00 às 22:30h.

***INFORMÁTICA E EDUCAÇÃO**

Prof. Dr. Fernando J. de Almeida - 11/09 - 19:00 às 22:30h.

***POLÍTICA NACIONAL, ESTADUAL E MUNICIPAL DA INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO - Apresentação, depoimento, relatório.**

Felipe F. Nabholz e Maria Auxiliadora - 25/09 - 19:00 às 22:30h.

***IMPLICAÇÕES SOCIO-ECONÔMICAS DO USO DE INFORMÁTICA NA SOCIEDADE**

Prof. Dr. Paulo Fekhtman - 16/10 - 19:00 às 22:30h.

***ESCOLA DO FUTURO**

Prof. Dr. Fredric Michael Lito - 06/11 - 19:00 às 22:30h.

LÍNGUA PORTUGUESA

LPS-2e

ALFABETIZAÇÃO COMO AVANÇAR ?

Maira Rodrigues de Freitas - Colegio Humboldt / SP

Pré-Requisito:

Os participantes deverão ter conhecimento da teoria construtivista-interacionista e/ou ter participado do curso "A relação da criança com o mundo da escrita", além de ler o livro "Com todas as letras" de Emilia Ferreira.

Conteúdo:

1. Discussão do livro "Com todas as letras".
2. Análise de textos produzidos por crianças.
3. Análise de diversos portadores de texto e suas características linguísticas.
4. Respostas em grupos a questões referentes a cada um dos roteiros dentro das tipologias textuais e posterior elaboração de atividades.

Público-Alvo:

Professores de Pré-Escola e das séries iniciais do 1º Grau

Data / Horário / Valor:

22/09 - 18:00 às 22:00h.
23/09 - 09:00 às 17:00h. R\$ 64,00



INSTITUTO PEDAGÓGICO BRASIL - ALEMANHA
INSTITUT FÜR LEHRERAUS- UND FORTBILDUNG

Certificado

Certificamos para os devidos fins que o Sr. / a Sra.

IRENE MACHADO

ministrou o seminário

LPs-3e

OS HEROIS NAS HISTORIAS DE AVENTURA

Área: LÍNGUA PORTUGUESA
Local: IPBA
Data(s): 22/09 : 08 - 17.00 horas
23/09 : 08 - 17.00 horas
Carga horária: 16 HORAS

de nossa programação de 1995.

São Paulo, 23 de setembro de 1995


BEATE GERTRUDES ALTHUON

Directora
M30 - Reg. - Nº 23257



209.

LPs-7e

SEMINÁRIO

ORTOGRAFIA - O QUE FAZER COM OS ERROS?

Maria-Joã de Nobrega - IPBASP

- O sistema gráfico-fonético do português;
- Tipologia de erros;
- Análise dos erros ortográficos em produções escritas infantis;
- Alternativas metodológicas para um trabalho cognitivo com a ortografia.

Público-Alvo:

Professores de Língua Portuguesa das séries Iniciais do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

19 e 20/04; 03 e 04/05/96, às sextas-feiras, das 18 às 22h e aos sábados, das 9 às 17h

R\$ 208,00

Almoço incluso aos sábados

CSHs-3e

SEMINÁRIO

O TEATRO NA HISTÓRIA

Geni Rosa Duarte - IPBASP

O teatro como documento e o teatro como método. Este seminário tem como objetivo incorporar o teatro no ensino da História, numa perspectiva: enquanto documento, o que possibilita uma leitura interpretativa sobre a sua produção, e enquanto "metodologia", isto é, como forma de expressão no ambiente escolar para discussão de questões em sala de aula. Haverá necessidade, de que os participantes façam uma leitura prévia de peças teatrais.

Público-Alvo:

Professores de História, Geografia, Educação - professores de 1ª a 4ª séries do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

30/03 e 20/04/96, aos sábados, das 9 às 17h

R\$ 147,00

Almoço incluso

CSHs-1

SEMINÁRIO

ARTE/HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR

Geni R. Duarte e Dra. Ms. Antonieta Z. P. Vilela - IPBASP

A arte no Império: a documentação do outro; a arte e a construção da nacionalidade; o modernismo e a busca da identidade nacionais.

Público-Alvo:

Professores de História, Educação Artística e professores de 1ª a 4ª séries do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

16/03, 11/05, 15/06 e 10/08/96, aos sábados, das 14 às 17h

R\$ 117,00

CSHs-2e

SEMINÁRIO

HISTÓRIA E MPB: OS ANOS REBELDES

Geni Rosa Duarte - IPBASP

Abordagem das transformações culturais da década de 60/70, através das produções da MPB. É difícil para o professor assumir alguns posicionamentos com relação a períodos mais recentes da nossa História, ou por desconhecimento, ou por tê-los vivido a partir de um referencial que o impede de trabalhar com conflitos e contradições. Por outro lado, é significativo que muitos jovens, muitos de nossos alunos, estejam hoje redescobrimdo movimentos como a bossa nova, ou compositores como Chico Buarque e Caetano Veloso. O objetivo do seminário é subsidiar o professor para recuperar a historicidade dessas produções, possibilitando a partir delas a abordagem de questões, como permanência/mudança, formas de dominação e resistência, entre outras.

Público-Alvo:

Professores de História, Educação Artística, Estudos Sociais e de 1ª a 4ª séries do 1º grau. Se houver interesse, professores de Língua Portuguesa.

Data/Horário/Valor:

09 e 23/03/96, aos sábados, das 9 às 17h

R\$ 147,00

Almoço incluso

CSHg-1

GRUPO DE ESTUDOS

A HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA CONSTRUTIVISTA

Geni Rosa Duarte - IPBASP

A temática geral a ser discutida no decorrer do ano será sugerida no final deste semestre, tendo em vista as necessidades detectadas pelo/lo grupo. O objetivo não é "aprender" a trabalhar com a História, mas constituir propostas, socializar experiências, na perspectiva, de que todo conhecimento histórico também é uma construção. Portanto, a um aprofundamento teórico das questões propostas, correspondendo propostas de trabalho, e sua avaliação, após a discussão de sua implementação na sala de aula.

Público-Alvo:

Professores de História de 1º e 2º graus e professores de Estudos Sociais de 1ª a 4ª séries do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

23 e 24/02; 15 e 16/03; 10 e 11/05; 14 e 15/06; 09 e 10/08; 04 e 05/10/96, às sextas-feira, das 14:30 às 16:45h e aos sábados, das 9 às 17h

R\$ 394,00

Almoço incluso aos sábados

INFORMAÇÕES GERAIS

INSCRIÇÕES

As inscrições deverão ser feitas com antecedência e só serão concluídas mediante o pagamento.

PAGAMENTO

O pagamento poderá ser feito pessoalmente, pelo correio ou por depósito bancário.

DESCONTOS

Os descontos variam entre 5 e 15% no pagamento à vista e, dependendo da atividade, é possível um parcelamento em até seis vezes.

ALOJAMENTO

O alojamento deverá ser reservado com antecedência.



CADASTRO

Para você que ainda não recebe a programação do IPBA em casa ou na instituição onde leciona, entre em contato conosco e passe seus dados para correspondência.

CONSULTE-NOS!



INSTITUTO PEDAGÓGICO

BRASIL - ALEMÂNHA

Institut für Lehreraus- und Fortbildung

ASSOCIAÇÃO INTERESCOLAR PARA TREINAMENTO E APERFEIÇOAMENTO DE PROFESSORES

Rua Cardoso de Almeida, 881 - Perdizes

São Paulo - SP - 05013-001

Tel: (011) 262-82-88 - Fax: (011) 262-89-06

IMPRESSO

Ms-2

SEMINÁRIO

**BRINCADEIRAS DE RODA,
JOGOS E DANÇAS FOLCLÓRICAS**

Maílla Bona Gehring - Escola UTT/ASP

Durante a prática na escola não há tempo para refletir, discutir com o outro. Por isto o professor de Música necessita deste espaço/tempo para trocar com o outro, para reabastecer-se de idéias e repertórios e principalmente para questionar, duvidar, indagar, errar e enfim, buscar novos caminhos junto aos colegas que falam... escutam... e decodificam a sua linguagem.

- Brincadeiras de roda, jogos e danças folclóricas do repertório nacional e internacional;
- Aplicabilidades;
- Sua contribuição na educação musical e na formação global do indivíduo.

Público-Alvo:

Professores de diferentes áreas que tenham interesse em musicalização, professores de pré-escola e do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

30/03/96, R\$ 76,00
sábado, das 9 às 17h Almoço incluso

Mig-1

GRUPO DE ESTUDOS

**EDUCAÇÃO MUSICAL:
PRÁTICAS E POSSIBILIDADES**

Maílla Bona Gehring - Escola UTT/ASP

O trabalho está organizado por temáticas e atividades específicas para cada encontro. Alguns encontros estarão abertos para participantes que não fazem parte regularmente deste grupo de estudos. Desta forma visamos gerar um maior intercâmbio entre professores de Música e professores de outras áreas, favorecendo ao grupo o exercício de multiplicador.

- Improvisação vocal e instrumental;
- A improvisação como ponto de partida no trabalho musical;
- Improvisação melódica a partir de palavras e poemas;
- Improvisação de formas de acompanhamento;
- Registro e notação musical;
- Sua função na Educação Musical;
- Notação tradicional e registros não convencionais;
- Avaliação em Educação Musical, função e significado da avaliação e critérios de avaliação na Educação Musical.

Público-Alvo:

Professores de Música, professores de outras áreas que trabalhem com Música, demais interessados em Educação Musical.

Data/Horário/Valor:

30/03; 04/05; 01/06; 03/08; R\$ 436,00
14/08 e 26/10/96, Almoço incluso
aos sábados, das 9 às 17h

LPs-8

SEMINÁRIO

ELEMENTOS DE GRAMÁTICA DO TEXTO

Maria José do Nóbrega - IPBA/ASP

- Confronto das diversas concepções de gramática;
- A ortografia sob a ótica da morfologia;
- Vocabulário e interferência lexical;
- Paradigmas flexionais: o verbo e o nome;
- Relações gramaticais e esquemas relacionais;
- Categorias sintáticas;
- Construções de coordenação e subordinação;
- Anáfora e co-referência;
- Análise de textos que explorem a funcionalidade dos elementos linguísticos analisados na produção de sentido.

Público-Alvo:

Professores de Língua Portuguesa das séries iniciais do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

16, 23 e 30/04; 07, 14, 21 e 28/05; R\$ 383,00
04, 11 e 18/06; 06, 13, 20 e 27/08; 03, 10, 17 e
24/09; 01 e 08/10/96, às terças-feiras, das 15 às 17h

LPs-1e

SEMINÁRIO

**OS HERÓIS NAS
HISTÓRIAS DE AVENTURA**

Dra. Irene Machado - Escola Técnica Federal/ISP

Estudo dos personagens heróicos e das aventuras que se transformaram em características fundamentais dos atuais gêneros narrativos, como os seres lendários e mitológicos que estão na origem das narrativas. Estudo dos aventureiros e das aventuras, das novelas de cavalaria, dos seres mágicos, dos anti-heróis e dos heróis do raciocínio.

Público-Alvo:

Professores de Língua Portuguesa.

Data/Horário/Valor:

02/03/96, R\$ 76,00
sábado, das 9 às 17h Almoço incluso

LPs-3e

SEMINÁRIO

**A RELAÇÃO DA CRIANÇA COM
O MUNDO DA ESCRITA
(Alfabetização - I)**

Janice Carneiro - Colégio Humboldt/SP

Pretende-se oferecer ao professor a possibilidade de refletir a respeito da construção da escrita da criança a partir dos pressupostos construtivistas da teoria de Emilia Ferreiro e Ana Teberoski.

Público-Alvo:

Professores de pré-escola e das séries iniciais do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

16 e 23/03/96, R\$ 147,00
aos sábados, das 9 às 17h Almoço incluso

LPs-6e

SEMINÁRIO

**AVANÇOS POSSÍVEIS
(Alfabetização - II)**

Janice Carneiro - Colégio Humboldt/SP

- Análise de textos produzidos pelas crianças;
- Análise das características linguísticas de diversos tipos de texto: narrativo, jornalístico e poético;
- Discussão do livro "Com todas as letras".

Pré-Requisito:

Leitura do livro "Com todas as letras", de Emilia Ferreiro.

Público-Alvo:

Professores de pré-escola e das séries iniciais do 1º grau.

Data/Horário/Valor:

13 e 20/04/96, R\$ 147,00
aos sábados, das 9 às 17h Almoço incluso

LPs-2

SEMINÁRIO

CRIANÇAS FAZENDO POESIAS

Rosane Palm Pamplona - Escola Waldorf/SP

- O poema como ponto de partida sensibilizando o imaginário interno;
- Poesia a partir de um conto de tradição oral;
- Ha-Kais; atividades lúdicas;
- A importância da re-escritura - como interferir no texto do aluno.

Público-Alvo:

Professores de Língua, Arte-Educadores, Psicopedagogos e quaisquer interessados no trabalho com poesia.

Data/Horário/Valor:

04, 11, 18 e 25/03/96, R\$ 117,00
às segundas-feiras, das 14:30 às 17:30h

LPs-4e

SEMINÁRIO

LÍNGUA PORTUGUESA NO 2º GRAU: OESAIOS

Dra. Maria Bernadete Marques Abaure, Dra. Maria Luiza Marques Abaure e Dr. Francisco Antonio Furlan - UNICAMP-Campina/SP

- A Literatura e os textos ficcionais;
- A Literatura e os textos poéticos;
- A elaboração de um projeto de narração, dissertação e argumentação;
- A interferência do professor no texto do aluno;
- A análise gramatical: investigando as formas estruturais;
- Variação linguística.

Público-Alvo:

Professores de Língua Portuguesa do 2º grau.

Data/Horário/Valor:

29 e 30/03; 12 e 13/04/96, R\$ 310,00
às sextas-feiras e Almoço incluso
aos sábados, das 9 às 17h

AVALIAÇÃO QUALITATIVA REFERENTE AO SEMINÁRIO:

Lps3-e Os heróis nas histórias de aventura

8. CRÍTICAS E/OU SUGESTÕES À ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA:

- ⇒ Excelente.
- ⇒ A organização do curso deveria providenciar uma pasta arquivo para os textos. De resto, pareceu-me bem organizado. A idéia do almoço coletivo também foi boa, pois ajudou no entrosamento do grupo.
- ⇒ Uma pasta de elástico.
- ⇒ Se possível ampliar o tempo de duração do curso.
- ⇒ Providenciar para os próximos cursos uma pasta de elástico, seria por demais desejável.
- ⇒ Seria bom haver uma pasta com caneta para o arquivo de material oferecido durante o curso.
- ⇒ Não tenho nada a criticar. Acho que foi tudo muito bem organizado.

9. REGISTRO DOS ASPECTOS MAIS SIGNIFICATIVOS DO SEMINÁRIO:

- ⇒ Os aspectos mais significativos foram a coerência do tema com a disposição dos assuntos tratados, bem como os elementos ilustrativos, ou seja, os elementos como textos etc que foram trazidos
- ⇒ A releitura de uma aplicação de textos clássicos em séries iniciais do 1º Grau.
- ⇒ A possibilidade de reencontrar textos conhecidos e vê-los sob nova ótica.
- ⇒ Levar o aluno a refletir sobre o que se tem hoje como heróis está relacionado com o mundo dos mitos e dos cavaleiros medievais e levá-lo a perceber as relações que existem no discurso narrativo, mesmo que não sejam lógicas, mas ao se juntarem dão clareza principalmente no que diz respeito ao herói detetive
- ⇒ O herói foi analisado em diferentes momentos da literatura, permitindo apreender suas características comuns.
- ⇒ Atendeu às expectativas quanto ao conteúdo e sua possibilidade de aplicação na sala de aula
- ⇒ A preocupação com a formação literária do aluno de 1º e 2º Grau, visando o resgate da cultura do herói.
- ⇒ Para mim o mais significativo é que vi possibilidade em adaptar desde a história dos deuses na mitologia até os detetives para a pré-escola.

10. Outras observações:

- ⇒ Providenciar uma continuação do curso de modo a detalhar melhor os itens propostos para este curso.
- ⇒ Seria interessante uma abordagem da literatura brasileira também.

Centro de Estudos da Escola da Vila

Oficina: Compreendendo a leitura no jogo de gêneros

Profa.: Irene A. Machado

Dias: 26 e 27 de janeiro de 1996

Plano de Curso

1. Objetivos

Destinadas a discutir estratégias de leitura de textos literários e suas relações com textos não literários numa fase posterior ao aprendizado da leitura, as oficinas foram pensadas com o objetivo de:

- * entender a relação entre a caracterização lúdica da leitura e a construção de significados;
- * ativar o debate de idéias pela construção da compreensão;
- * rever criticamente os roteiros de leitura e a proposta de análise literária que eles pressupõem;
- * estabelecer as distinções entre leitura e análise literária.
- * promover a noção de leitura como jogo de idéias.

2. Estratégias

A leitura tomada como objeto de trabalho fornece nossa principal estratégia: a leitura em voz alta. Como o objetivo é, dentre outros, o jogo das idéias, vamos considerar a possibilidade de os gêneros literários e discursivos ativarem formas de compreensão. Estamos diante de diferentes estratégias:

- * leitura em voz alta: estratégia de explicitação do objeto;
- * leitura dos gêneros: estratégia de compreensão dos textos-leitura.

3. Conteúdo

- * Aspectos das teorias sobre a leitura: a construção dos significados, da compreensão ativa, da leitura.

- * Distinção entre análise e leitura.
- * Revisão dos roteiros de leitura.
- * Os gêneros como formas de ficcionalização da palavra.
- * Gêneros: poesia, épica, ficção científica, alegoria, fantástico, policial, aventura, sentimental, formação, grotesco.
- * *Leitura e intertextualidade.*

4. Textos a serem utilizados

Os textos que serão objetos de análise incluem autores clássicos e contemporâneos que escreveram à luz dos gêneros relacionados acima, escolhidos em função dos interesses dos alunos pré ou já adolescentes.

5. Bibliografia imediata

Leitura: teoria e prática. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

Leitura: perspectiva interdisciplinares (Regina Zilberman & Ezequiel T. da Silva, orgs.). São Paulo, Ática, 1991.

MACHADO, Irene A. *Literatura e redação: gêneros literários e a tradição oral.* São paulo, Scipione, 1994.

_____. *O romance a a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin.* Rio de Janeiro, Imago, 1995.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento.* SCampinas, Pontes, 1987.

TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana. *Más allá de la alfabetización.* Buenos Aires, Santillana, S.A., 1995.

The reader in the text: essays on audience and interpretation. Princeton University Press, 1980.

Irene A. Machado

dezembro 1995

O currículo da Escola da Vila se organiza em ciclos de acordo com a idade e as condições de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. As conquistas mais importantes do período escolar ocorrem num processo que não respeita os limites das séries ou ano letivo. Um ciclo é uma unidade temporal definida pela organização do ensino, com planejamento específico e sistema de avaliação que considera ritmos individuais distintos. O programa FÉRIAS JANEIRO/96 oferece diversos cursos que contemplam aspectos específicos do trabalho em cada ciclo; as oficinas acordam com suas peculiaridades, enfocam temas que transcendem, em alguns casos, essa divisão por ciclos".

OFICINAS - 26 E 27/01 - (SEXTA E SÁBADO) - 9 ÀS 16:30 hs

PALESTRAS

COMPREENDENDO A LEITURA NO JOGO DE GÊNEROS

Despertar o interesse pela leitura depende da clareza dos objetivos que se tem em relação a ela. Não se trata de descobrir conteúdos geniais ou temas oportunos, mas de encontrar entradas que, nesta oficina, serão dadas pelo estudo de gêneros.

Esta oficina é dirigida a professores de 3ª e 4ª séries e aos que lecionam L.P. Portuguesa e Literatura, de 5ª à 8ª séries.

Irene Machado - professora de Literatura e Lingüística na PUC, USP e Esc. Técnica Federal e autora de diversas livros.

HISTÓRIA: "UMA VIAGEM A TEMPOS E LUGARES NUNCA D'ANTES VISITADOS"

Oportunizará uma discussão sobre as diferentes possibilidades de trabalho na área de história com crianças do pré à 2ª. série, através da elaboração de projetos interdisciplinares. Os conteúdos da área serão abordados de forma a colocar as crianças no papel de historiadoras, permitindo-lhes conhecer parte do universo histórico.

Eliane Mingues - Escola da Vila

ARTES: PRODUÇÃO E REFLEXÃO I

A proposta desta oficina é a de promover a reflexão do educador sobre o ensino das artes visuais, podendo colocar na prática seus conhecimentos e entrar em contato com o trabalho da Escola da Vila. Destina-se a professores de Educação Infantil

Marisa Szpigel - Escola da Vila

ARTES: PRODUÇÃO E REFLEXÃO II

Esta oficina tem a mesma proposta de Produzir e Refletir I, diferenciando-se apenas quanto ao público-alvo que, aqui, são os professores de 1ª à 4ª séries

Yara Carmona e Valéria Pimentel - Escola da Vila

O CONCEITO DE HOMEM E HUMANIDADE

Esta oficina destina-se a todo educador/professor e técnicas ligados às áreas de recursos humanos e capacitação profissional interessadas em conhecer e debater uma proposta de abordagem educacional a partir de uma visão de homem, sociedade e cultura, calcada no binômio homem-trabalho e apresentada em dois segmentos: (1) - a espécie humana: sua existência garantida pelo TRABALHO CRIATIVO; e (2) - a entrada da homem na História - contrapondo-se à pré-história - O TRABALHO ALIENADO.

Benauro Roberto de Oliveira - Colégio Fernando Pessoa

INTERVENÇÕES DO PROFESSOR NO PROCESSO INICIAL DA ALFABETIZAÇÃO

Esta oficina destina-se a professores de crianças de 3 a 7 anos. Pretende discutir o papel do professor no processo de alfabetização. Serão apresentadas diferentes formas de intervenção (escolha do repertório literário, planejamento de orientações didáticas na relação com a leitura e escrita, propostas para lidar com a heterogeneidade dos grupos e formas de contribuir para os avanços dos alunos a cada momento desse processo).

Ana Cláudia Racha e Maria Penha Brant - Escola da Vila

CORREÇÃO OU REVISÃO! EIS A QUESTÃO

Visa analisar a correção e a revisão enquanto práticas pedagógicas distintas e suas funções e consequências no processo de aprendizagem da língua escrita.

Sonia Barreira - Escola da Vila

PERCEPÇÃO E ALFABETIZAÇÃO MUSICAL

Esta oficina se propõe a apresentar técnicas de aquisição da linguagem musical a partir de uma prática com canções. É dirigida a professores de pré-escola à 4ª séries do primeiro grau que queiram se preparar para o ensino de música em atividades curriculares e extra-curriculares.

Ricardo Breim e Hermelino Mantovani Neder (autores do PAM - Projeto Alfabetização Musical) da Secretaria de Educação

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Histórica e fundamento educação ambiental na escolar e as principais perspectivas de sua

Marcos Reigota - residente Suíça, é consultor da Internacional de Condições da Natureza e da Ação de Meio Ambiente de 1973/1 (terça-feira) 17 às 19:30 hs

EDUCAÇÃO E CIDADANIA: A TAREFA DO EDUCADOR

- Análise qualitativa e quantitativa da conjuntura da educação no Brasil;
- Reflexão sobre os fatores escolares causadores da exclusão escolar;
- necessidade de mudar o quadro.

Mário Sérgio Cortela - Secretário de Educação do Estado de São Paulo no governo Erasmir de Góes, é filósofo com mestrado em Educação pela PUC 25/01 (quinta-feira) 17 às 19:30 hs

EVENTO ESPECIAL

EDUCAÇÃO ESPECIAL: A INTEGRAÇÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS DE EDUCAÇÃO EM CLASSES COMUNS

Através de leituras, debates e relatos de experiências, pretende-se abordar o tema que abrange o papel de uma prática que vise à integração das crianças com necessidades especiais de educação e a postura dos professores nos diferentes momentos de atuação junto a seus alunos.

Coordenação: Vania - Escola da Vila 27/01 (sábado) às 16:30 hs



CURSOS

25 a 28 de julho (segunda a quinta)

Horário: das 9:00 às 16:00 horas

- A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ALFABETIZAÇÃO**
Aborda as várias possibilidades de trabalho em sala de aula com diferentes tipos de textos como material didático no processo de alfabetização, além de outros materiais de apoio elaborados pelo professor.
* *Lucinha Magalhães (Escola da Vila)*
- CINDERELA, ROBIN WOOD, ULISSES: O APRENDIZADO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PRÉ-ESCOLA**
O curso pretende discutir a presença dos textos literários no processo de alfabetização e as situações de aprendizagem decorrentes desta opção metodológica de trabalho.
* *Paula Stella (Escola da Vila)*
- PROJETOS INTERDISCIPLINARES - PRODUÇÃO DE TEXTOS NAS ÁREAS DE CIÊNCIAS E HISTÓRIA**
O curso abordará as questões didáticas referentes à interdisciplinaridade nas áreas de Língua Portuguesa, História e Ciências, dando ênfase ao ensino da leitura e escrita de textos informativos, especialmente para crianças de 3ª e 4ª séries.
* *Maria Ivone V. Domingues (Escola da Vila)*
- RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NO ENSINO PRIMÁRIO**
Baseado em pesquisas e materiais instrucionais desenvolvidos pela equipe do CEM, o curso abordará a resolução de problemas com enfoque na problematização de situações e na exploração da formulação de problemas por alunos e professores.
* *Maria Amabile Mansutti (CEM - Centro de Educação Matemática)*
* *Dulce Satiko Onaga (CEM - Centro de Educação Matemática)*
- * **A FORMAÇÃO DO LEITOR E O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS**
O curso aborda a leitura de diferentes textos literários como instrumento para a produção textual. Discute a questão da linguagem oral e escrita, propondo uma outra abordagem que considera os aspectos discursivos presentes nos textos.
* *Irene Machado (Escola Técnica Federal - SP)*
- DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA**
O curso pretende abordar as vicissitudes do mundo interno infantil e proporcionar uma oportunidade para discussão de questões suscitadas a partir dos temas apresentados. Serão consideradas, principalmente, as concepções de Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Winnicott e Thomas Verly.
* *Nélio Sacramento (Sociedade Brasileira de Psicanálise - SP)*
- ESCOLARIDADE DE 3 A 6 ANOS**
O curso tratará da estrutura curricular, das orientações didáticas e planejamento em uma proposta para escolaridade infantil, baseada na função sócio-cultural da escola e em uma visão construtivista das relações de ensino-aprendizagem.
* *Coordenação: Zélia Cavalcanti Lima (Escola da Vila)*
* *Professores: Ana Cláudia Rocha, Fernanda Flores, Marisa Szpigel, Penha Brant e Rita Oliveira (Escola da Vila)*
- ESTRATÉGIAS DE LEITURA**
O curso visa a discussão e análise de diversas propostas para ensino de leitura após a alfabetização. Essas propostas estão baseadas numa concepção da compreensão de textos como um processo interacional ativo de seleção e interpretação do material escrito, que pode ser modelado para o aluno - leitor iniciante - mediante o ensino de estratégias de leitura e o desenvolvimento da linguagem.
* *Angela Kielman (UNICAMP)*
- TEATRO: TEORIA E PRÁTICA NA SALA DE AULA**
Através dos vários elementos estéticos e didáticos, o curso abordará situações de jogos cênicos que tenham como objetivo o desenvolvimento de estratégias para o trabalho de arte-educação.
* *Sérgio Ferrara (Escola da Vila)*
- MOVIMENTOS EXPRESSIVOS E MOVIMENTOS CONSTRUTIVOS -**

29 e 30
Horário

O P
DA
Através
reflex
1ª a 4ª
*

A C
JOB
Apres
escrit
*

BIC
TR
Esta
difer
conh
*

OR
Visa
básic
foco
*

O J
TR
A olin
três
o esp
*

OF
1ª
*

PE
SIC
A olin
dedo
as ex
*

BR
ED
Com
infã
*

IM
A olin
form
litera
post

São Paulo, 31 de agosto de 1995.

Para: Profa. Magda Nery - Gabinete do Diretor da ETFRN
Fax: 084-2214005

De: Profa. Irene A. Machado - ETFSP
Fax: 011-2611459

Assunto: Programa para o Curso: **O ensino de literatura no 2o. grau: historiografia ou leitura do texto literário?** - Convênio CEFET/MG-ETFRN, promovido pela Coordenadoria de Comunicação e Expressão, Prof. João Batista de Moraes Neto.

Programa do curso

1. O texto literário como unidade de ensino e objeto do conhecimento.

Conceito de texto segundo Roland Barthes, Mikhail Bakhtin, M.A.K. Halliday. O texto como rede. O texto-leitura. A combinatória dos gêneros discursivos. A dialogia interna da linguagem. O processo de expansão da linguagem.

2. Teoria dos gêneros: a Poética ante a constituição da Prosaica.

A teoria clássica de Platão e Aristóteles. O processo de prosificação da cultura. A tipologia da prosa. Os gêneros prosaicos e a desconstrução épica.

3. A narrativa e a grande aventura da linguagem.

A narrativa e as gestões culturais do conhecimento: oralidade, escritura, imagem visual, mídia eletrônica. A mistura dos gêneros: mitologia-cordel-quadrinhos-filme-desenhos-*games*- cavalaria-contos-romances, etc.

4. A lenda e a leitura da cultura.

Origens lendárias de manifestações culturais. A lenda como gênero literário e discursivo. A importância da lenda na literatura brasileira e na textualidade contemporânea.

5. O processo paródico de construção do romance.

O processo de estilização e apropriação dos gêneros. A combinatória dos gêneros como fenômeno estético. A heteroglóssia.

6. O romance e os processos de representação da voz.

O discurso dentro do discurso e a dimensão polifônica. A tensão entre a fala e a escritura. A romancização dos gêneros orais (casos, provérbios, aforismos, etc.).

7. A representação do homem e de sua linguagem.

O herói como um homem de idéias (ideólogo). A representação do discurso das idéias. O romance de tese. O romance de formação. O romance experimental.

8. A alegoria e o mundo fabular.

A representação alegórica. Ficção e história; história e discurso. As sagas e a representação da história. As imagens da linguagem.

9. O romance-reportagem e a crônica do cotidiano.


A representação do tempo na literatura. Os cronotopos do romance. Tempo da experiência e tempo da memória.

10. O humor e a sátira na representação.

O riso levado a sério. O herói e sua linguagem na cultura do riso. As inversões paródicas. A carnavalização da linguagem. A ótica do rebaixamento. Aspectos da imagem grotesca.

Textos literários para análise

A morte e a morte de Quincas Berro Dágua, Jorge Amado
Amar verbo intransitivo, Mário de Andrade
Alexandre e outro heróis, Graciliano Ramos
Ana Terra, Érico Veríssimo
Brás. Bexiga e Barra Funda, Antônio de Alcântara Machado
Capitães da Areia, Jorge Amado
Campo Geral, Guimarães Rosa
Demanda do Santo Graal
Divina Incredula, Juo Bananere
Dom Casmurro, Machado de Assis
Dom Quixote, Cervantes
Gato malhado e andorinha sinhá, Jorge Amado
Galáxias, Haroldo de Campos
Grande sertão: veredas, Guimarães Rosa
Incidente em Antares, Érico Veríssimo
Iracema, José de Alencar
Macunaíma, Mário de Andrade
Memórias de um sargento de milícias, Manuel Antônio de Almeida
Memórias sentimentais de João Miramar, Oswald de Andrade
Menino do engenho, José Lins do Rego
O cavaleiro inexistente, Italo Calvino
O coronel e o lobisomem, J. Cândido de Carvalho
O cortiço, Aluísio Azevedo
O homem do subsolo, F. Dostoiévski
O soldado jogador, Leandro Gomes de Barros
Odisséia, Homero
Os doze trabalhos de Hércules, Monteiro Lobato
Quincas Borba, Machado de Assis
Sagarana, Guimarães Rosa
São Bernardo, Graciliano Ramos
Sombra de reis barbudos, José J. Veiga
Tristão e Isolda
Vidas Secas, Graciliano Ramos


Irene A. Machado

São Paulo, 06 de outubro de 1995.

Para: Profa. Maria Leda Pinto - Depto. de Letras
Fax: 787-2160

De: Profa. Irene A. Machado
Fax: (011)261-1459

Assunto: curso sobre Mikhail Bakhtin

Cara Profa. Leda,

Conforme combinamos por telefone, estou enviando os dados referentes ao curso previsto para novembro. Já inclui uma bibliografia indicativa.

Título do curso: Decifrando as representações dialógicas da linguagem através dos conceitos de Mikhail Bakhtin.

Conteúdo:

1. As imagens da linguagem na representação das idéias: o signo ideológico, o processo de interação discursiva e o ideograma. As representações dialógicas da oralidade na escritura.
2. O dialogismo como ciência das relações; as relações discursivas: discurso citado e combinatórias dos gêneros literários e discursivos.
3. Procedimentos dialógicos do texto literário: paródia, estilização, *skaz*, polifonia e carnavalização da linguagem.

Textos indicativos básicos:

BAKHTIN, Mikhail. "O discurso no romance", **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo, UNESP/HUCITEC, 1988.

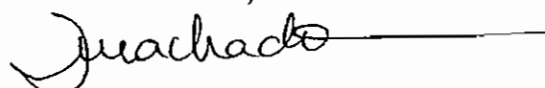
_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.

_____. "Os gêneros do discurso", **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

MACHADO, Irene A. "O dialogismo", **O romance e a voz**. Rio de Janeiro, Imago, 1995.

Espero que atenda às necessidades dos alunos e do Curso.

Sinceramente,



Programa

1. Texto-Discurso

- 1.1. Limites conceituais
- 1.2. O texto na esfera dos signos
- 1.3. Texto filosófico e texto científico
- 1.4. Metodologia do trabalho filosófico-científico: o texto como objeto de investigação

2. Leitura como produção textual

- 2.1. Produção de signos, de significações, de sentidos
- 2.2. Análise - Interpretação - Explicação - Explicitação - Comentário

3. Produção da leitura

- 3.1. Anotações
- 3.2. Fichamento e escritura notacional
- 3.3. Tradução e recodificação
- 3.4. Glossário

4. Estrutura do texto dissertativo

- 4.1. O conceito e a definição
- 4.2. Dispositivos da textualidade: elementos de coesão
- 4.3. Paráfrases conceituais
- 4.4. Citação - Intertextualidade
- 4.5. Resumo

5. Processos de composição textual: a argumentação

- 5.1. Arquitetura da argumentação
- 5.2. A contra-argumentação
- 5.3. Gêneros discursivos: diálogo, polêmica
- 5.4. O discurso persuasivo e procedimentos composicionais:
alegoria, mito, fábula: metáfora e metonímia

6. Produtos textuais

6.1. Resenha crítica

Bibliografia básica

- ARISTÓTELES. Arte retórica. Arte poética. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
- BAKHTIN, Mikhail. "O conceito de texto"; "Os gêneros discursivos". Estética da criação verbal (Trad. M.E.G.G. Pereira). São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, Severino A.M. & AMARAL, Emília. Escrever é desvendar o mundo. Campinas, Papirus, 1992.
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. Manual de expressão oral & escrita. Petrópolis, Vozes, 1985.
- COSSUTA, F. Elementos para a leitura de textos filosóficos (Trad. A. N. Begnami e outros). São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- GARCIA, Othon. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro, FGV, 1967.
- FOLSCHEID, D. & WUNENBURGER, J. J. Metodologia filosófica. (Trad. Paulo Lopes). São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- LOPES, Edward. Metáfora: da retórica à semiótica. São Paulo, Atual, 1986.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação (Trad. José P. Paes & I Blikstein). São Paulo, Cultrix, 1971.
- MACHADO, Irene A. Literatura e Redação: gêneros literários e tradição oral. São Paulo, Scipione, 1994.
- _____. "Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin." Revista Língua e Literatura, n. 21, 1996 (Depto. de Letras, Universidade de São Paulo).
- PEIRCE, Ch. S. "Três tipos de raciocínio". Semiótica (Trad. J. Teixeira Coelho). São Paulo, Perspectiva, 1977, pp. 211-225.
- PERELMAN, C. "Argumentação"; "Analogia e metáfora". Oral/Escreto-Argumentação. Enciclopédia EINAUDI, vol 11, Lisboa, Casa da Moeda, 1986.
- PLATÃO & FIORIN. Lições de texto: leitura e redação. São Paulo, Ática, 1996.
- VANOYE, Francis. Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita (Trad. C. Saboia e outros). São Paulo, Martins Fontes, 1982.

Secretaria Municipal de Cultura
Núcleo de Literatura e Criação Literária
Oficina: Texto e textualidade
Profa. Dra. Irene A. Machado

- 1.** O ritmo na escrita: entoação, pausas, eufonia, pontuação.
 - ◆ *Slogans*, manchetes, versos e provérbios.

- 2.** Gramaticalidade da língua: organização lógica das frases, encadeamento dos períodos, estrutura dos parágrafos. O sistema coesivo: conexão e pontuação.
 - ◆ Comunicados.

- 3.** O texto como produto de textualidades.
 - ◆ Anúncios e notícias.

- 4.** Gêneros textuais e funções da linguagem na escrita.
 - ◆ Textos expositivos, relatório.

- 5.** A tradução textual das percepções. A organização do ponto de vista descritivo, a referencialidade e os núcleos conceituais.
 - ◆ Descrição conceitual.

- 6.** A articulação dos conceitos: a construção de um problema e o encadeamento das idéias.
 - ◆ Artigo, ensaio.

- 7.** Oralidade e escritura: impregnações, confrontos e fronteiras.
 - ◆ Contos, crônicas.

- 8.** Lógica da argumentação: argumentos e contra-argumentos; análise e conclusão; avaliação e julgamento.
 - ◆ Resenha crítica e parecer.

Secretaria Municipal de Cultura
Oficina de Criação Literária: textos e escritas na comunicação.
Profa. Dra. Irene Machado

EMENTA

Uma das exigências fundamentais do mundo contemporâneo é a capacidade de produzir mensagens através de linguagens escritas. Nesse mundo, tudo é escrito e muitas são as escritas. Nele palavra, cada vez mais, torna-se recurso poderoso de comunicação, sem o qual torna-se impossível conquistar outras linguagens. Criar situações em que se possa promover exercícios sobre a produção de textos, conhecimento da gramaticalidade da língua e do funcionamento do sistema comunicativo é uma forma de não perder a capacidade de intervenção comunicativa. Tal é a tarefa que se pretende atingir nessa oficina.

CONTEÚDO

- 1.** Criando ritmos na escrita: entoação, pausa, pontuação.
- 2.** Organizando estruturas lingüísticas segundo a gramaticalidade.
- 3.** Competências textuais na comunicação escrita: gêneros literários e discursivos.
- 4.** Oralidade e escritura: impregnações, confrontos, fronteiras.
- 5.** Características dos textos informativos.
- 6.** Traduzindo percepções: organização do ponto de vista descritivo.
- 7.** A organização do tempo: ação e aventura na narrativa.
- 8.** Articulando conceitos e idéias: a lógica da argumentação e do julgamento.

Secretaria Municipal de Cultura
Diálogo Primeiros Passos: Documentos Oficiais
Profa. Dra. Irene Machado

Conteúdo

1. Sistema lingüístico da língua portuguesa: estrutura e gramaticalidade.
2. Natureza da comunicação oficial: importância do código e dos procedimentos de recodificação. Níveis e funções da linguagem.
3. Tipologia textual e gêneros discursivos dos documentos oficiais. Escrita de documentos em tempo de comunicação digital.
4. Padrão lingüístico das mensagens em função referencial: informes, memorandos, atas, ofícios, carta, regulamento, regimento, descrição técnica e gêneros derivados.
5. Expressão do juízo, argumentação e persuasão em pareceres e exposições de motivos.
6. A convergência dos vários gêneros discursivos no relatório técnico-administrativo.

Bibliografia

- BELTRÃO, Odacir. *Correspondência, Linguagem & Comunicação: oficial, comercial, bancária, particular*. São Paulo: Atlas, 1975.
- CAMPESTRINA, Hildebrando. *Como redigir ementas*. São Paulo: Saraiva.
- CESCA, G. Gimenez. *Escrita na empresa*. São Paulo: Sumus.
- CINTRA, M.M. e outros. *Português instrumental para a área de ciências contábeis*. São Paulo: Atlas, 1995.
- CORACINI, M.J. (org.). *Ensino instrumental de línguas*. São Paulo: EDUC, 1987.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 1972.
- KASPARY, Adalberto. *Redação oficial: normas e modelos*. Porto Alegre: Edita, 1975.
- MARTINS, Dilea S. & ZILBERKNOP, Lúbia. *Português instrumental*. Porto Alegre: Saga-Luzzato, 1997.
- MEDEIROS, João Bosco. *Correspondência. Técnicas de comunicação criativa*. São Paulo: Atlas, 1999.
- NEY, João Luiz. *Prontuário de redação oficial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- SILVA, Felisberto. *Como redigir Requerimentos, ofícios, portarias*. São Paulo: Nobel.

Esta obra não pode
ser emprestada

D. DAD - ECA

01.02.2006

Classificação:

M392